



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CULTURAL

VANESSA DANTAS EVARISTO

**A cerâmica de barro, a arqueologia e o sertanejo potiguar:
o caso do sítio arqueológico Santa Clara 02, São Fernando, RN**

CACHOEIRA-BAHIA
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB)
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS (CAHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CULTURAL (PPGAP)

VANESSA DANTAS EVARISTO

**A cerâmica de barro, a arqueologia e o sertanejo potiguar:
o caso do sítio arqueológico Santa Clara 02, São Fernando, RN**

Texto para a Defesa de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito final e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural.

Concentração: Arqueologia.

Linha 1: Populações, ambientes e culturas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sarah de Barros Viana
Hissa

CACHOEIRA-BAHIA
2025

E92c

Evaristo, Vanessa Dantas.

A cerâmica de barro, a arqueologia e o sertanejo potiguar: o caso do sítio arqueológico Santa Clara 02, São Fernando, RN. / Vanessa Dantas Evaristo. Cachoeira, BA, 2025.
214f.:il.: color.

Orientadora: Profa. Dra. Sarah de Barros Viana Hissa.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, 2025.

1. Arqueologia histórica. 2. Cerâmica. 3. Estudos interescalares I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 930.1

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB

Responsável pela Elaboração – Liliam Góes Lima (Bibliotecária – CRB-5/ 1905)
(Os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)


VANESSA DANTAS EVARISTO

**A cerâmica de barro, a arqueologia e o sertanejo potiguar:
o caso do sítio arqueológico Santa Clara 02, São Fernando, RN**


Texto de Defesa de Mestrado, realizado sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Sarah de Barros Viana Hissa, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap), do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito para obtenção do título de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural, na concentração: Arqueologia, linha 1: Populações, ambientes e culturas.

Cachoeira, 17 de fevereiro de 2025.


FOLHA DE APROVAÇÃO

Documento assinado digitalmente
 **SARAH DE BARROS VIANA HISSA**
Data: 20/02/2025 15:12:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Sarah de Barros Viana Hissa (Orientadora)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Documento assinado digitalmente
 **CARLOS ALBERTO SANTOS COSTA**
Data: 18/02/2025 14:08:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Alberto Santos Costa (Membro Interno)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Documento assinado digitalmente
 **SILVANA ZUSE**
Data: 19/02/2025 15:25:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Silvana Suze (Membro Externo)
Universidade Federal de Rondônia

Dedico a minha mãe (Wanderlania), ao meu
irmão (Luiz) e ao meu padrinho (João).

AGRADECIMENTOS

Aos professores que compõem o Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural – PPGAP, pelas aulas e reflexões de suma importância para o desenrolar da pesquisa.

Ao professor Luiz Pacheco pelo tempo dedicado a oficina de louça e cerâmica, pelas conversas, indicações de leitura e pela amizade ao longo do primeiro semestre de 2023.

A Sarah por sua amizade e orientação. Obrigada por seu coração-casa, professora! A senhora foi um grande presente enquanto orientadora e enquanto amiga. Sua amizade iluminou e aqueceu meus dias. Observa-la enquanto profissional também permitiu-me aprender muito. A senhora é uma mulher muito forte e inteligente.

A Maria Eduarda Soares (Dudinha) por sua amizade e companheirismo ao longo de toda a trajetória do mestrado. Aprendi muito graças a você e amadureci devido ao nosso convívio. Você é uma mulher incrível. Muitíssimo obrigado. Sem você eu provavelmente nunca teria coragem de sair da minha zona de conforto.

Ao professor Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva pelo apoio logístico, financeiro e teórico de parte da pesquisa e também ao Laboratório de Arqueologia do Seridó – LAS e sua equipe.

A Diógenes por sua amizade: pelas longas conversas, palavras de apoio e por expressar sua opinião sincera em relação a qualidade do texto. Além disso, pela realização dos desenhos das formas com base em fragmentos de bordas. Por isso, agradeço também a Maria Eduarda Araújo.

A Carlos e Silvana pelo aceite da avaliação e valiosas correções e sugestões.

A minha família, que com seu apoio permitiu/permite que eu pudesse/possa me dedicar aos estudos.

A Brisa, que mesmo não me conhecendo foi de suma importância para a mudança para outro estado, recebeu-me em sua casa e me ofereceu boas lembranças e risadas. Obrigada por seu grande coração.

A Capes pelo financiamento, sem o qual não teria sido possível realizar esse trabalho.

RESUMO

O sítio arqueológico Santa Clara 02 está situado no município de São Fernando, interior do estado do Rio Grande do Norte em uma área conhecida como Seridó. Essa espacialidade possui uma formação histórica associada com o catolicismo e a prática econômica da pecuária, fator que vai desencadear a formação de uma identidade particular para o espaço. Nessa pesquisa utilizaremos as cerâmicas de barro como ponto de conexão entre as pessoas e o espaço seridoense. Identificaremos e descreveremos a variabilidade formal presente na coleção cerâmica do sítio arqueológico Santa Clara 02, pensando a possível existência de um estilo tecnológico que se apresentaria como forma de expressão dessa identidade. Para isso, realizamos a análise macroscópica do material cerâmico do referido sítio e revisão bibliográfica de trabalhos que abordaram a cerâmica de barro do Seridó desde sítios arqueológicos de cronologias pré-coloniais até sítios de cronologia histórica.

Palavras-chave: arqueologia histórica, variabilidade cerâmica, estudos interescares, identidade regional, sertanejo.

ABSTRACT

The Santa Clara 02 archaeological site is located in the municipality of São Fernando, in the interior of the Rio Grande do Norte state, in an area known as Seridó. This spatiality has a historical background associated with Catholicism and livestock farming, a factor that will trigger the formation of a particular regional identity. In this research, we will discuss how archaeological pottery was a point of connection between people and the Seridó identity region. We will describe and analyze the formal variability in the ceramic collection of the Santa Clara 02 archaeological site, discussing the possible existence of a technological style that would present itself as a form of identity expression. To this end, we carried out a macroscopic analysis of the ceramic material from the aforementioned site and a bibliographical review of studies addressing Seridó clay ceramics from archaeological sites dating from pre-colonial to historical sites.

Key words: historical archaeology, ceramic variability, interscalar studies, regional identity, backcountry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Municípios do Rio Grande do Norte.....	17
Figura 2: Localização do sítio arqueológico.	18
Figura 3: Quantidades de material arqueológico.....	19
Figura 4: Alinhamento de materiais e caixa de água.....	21
Figura 5: Vestígios do alicerce e do piso da casa.	21
Figura 6: Voçorocas próximas a área de escavação em ampla superfície.....	22
Figura 7: Dispersão do material arqueológico.	24
Figura 8: Mapa hipsométrico do Santa Clara 02.....	25
Figura 9: Intervenções realizadas no Santa Clara 02.	27
Figura 10: Área de escavação em superfície ampla.	28
Figura 11: Sobreposição de camadas no perfil.....	29
Figura 12: Trincheira em porção mais baixa do terreno.....	30
Figura 13: Vista área da paisagem do sítio. Fonte: Hcoutinho (2024).	32
Figura 14: Sítios cerâmicos no Seridó.....	81
Figura 15: Grupos de motivos decorativos, Aldeia da Serra de Macaguá I.	89
Figura 16: Exemplos de motivos decorativos, Aldeia da Serra de Macaguá I.	92
Figura 17: Classe, proveniente de sítios cerâmicos.....	98
Figura 18: Técnica de produção, proveniente de sítios cerâmicos.	99
Figura 19: Antiplástico, proveniente de sítios cerâmicos.....	100
Figura 20: Queima, proveniente de sítios cerâmicos.	100
Figura 21: Tratamentos de superfície, proveniente de sítios cerâmicos.....	101
Figura 22: Técnica de decoração plástica, proveniente de sítios cerâmicos.	102
Figura 23: Decorações de fragmentos cerâmicos dos sítios arqueológicos considerados aqui como contexto regional do sítio Santa Clara 02.....	103
Figura 24: Técnica de decoração cromática, proveniente de sítios cerâmicos.....	104
Figura 25: Formas hipotéticas, proveniente de sítios cerâmicos.....	104
Figura 26: Formas estimadas de vasilhas dos sítios arqueológicos considerados aqui como contexto regional do sítio Santa Clara 02.....	106
Figura 27: Ficha de análise Santa Clara 02.	113
Figura 28: Posição da cor no núcleo da cerâmica.	115
Figura 29: Motivos decorativos observados no sítio arqueológico Santa Clara 02.	118
Figura 30: Tipos de borda.....	123
Figura 31: Tipo de lábio	123
Figura 32: Tipo de base.	124
Figura 33: Tipo de corpo.	124
Figura 34: Quantitativo do material analisado, proveniente da escavação.....	126
Figura 35: Quantitativo de material por nível artificial, proveniente da escavação.	127
Figura 36: Parte do objeto identificada, proveniente da escavação.....	128
Figura 37: Base, proveniente da escavação.....	129
Figura 38: Tampa a esquerda e cachimbo a direita, proveniente da escavação.....	129
Figura 39: Técnica de produção identificada, proveniente da escavação.....	130
Figura 40: Antiplástico, proveniente de escavação.	131
Figura 41: Composição do antiplástico, proveniente de escavação.	132
Figura 42: Antiplástico, proveniente de escavação.	132
Figura 43: Queima, proveniente de escavação.....	133

Figura 44: Variação de cor do núcleo, proveniente de escavação.	134
Figura 45: Cor da cerâmica, proveniente de escavação.	135
Figura 46: Coloração da cerâmica, proveniente de escavação.	135
Figura 47: Estado de conservação, proveniente de escavação.	136
Figura 48: Marcas de produção, proveniente de escavação.	137
Figura 49: Estrias de alisamento em ambas as faces, proveniente de escavação.	137
Figura 50: Marcas de uso, proveniente de escavação.	138
Figura 51: Fragmentos com marcas de uso, proveniente de escavação.	139
Figura 52: Contabilidade de tratamentos de superfície, proveniente de escavação.	139
Figura 53: Tratamentos de superfície, proveniente de escavação.	141
Figura 54: Técnica de decoração plástica, proveniente de escavação.	142
Figura 55: Relação motivo decorativo e nível artificial.	143
Figura 56: Motivos decorativos, proveniente de escavação.	144
Figura 57: Tipo de apêndice, proveniente de escavação.	147
Figura 58: Variações nos tipos de apêndice, proveniente de escavação.	147
Figura 59: Forma da borda, proveniente de escavação.	148
Figura 60: Inclinação da borda, proveniente de escavação.	149
Figura 61: Espessamento da borda, proveniente de escavação.	149
Figura 62: Forma da borda, proveniente de escavação.	150
Figura 63: Borda com características particulares, proveniente de escavação.	151
Figura 64: Tipo de lábio, escavação.	151
Figura 65: Tipos de lábio, escavação.	152
Figura 66: Linha no lábio, proveniente de escavação.	153
Figura 67: Diâmetro de borda, proveniente de escavação.	153
Figura 68: Comprimento, proveniente de escavação.	154
Figura 69: Largura, proveniente de escavação.	155
Figura 70: Espessura, proveniente de escavação.	156
Figura 71: Tipo de objeto, proveniente de coleta de superfície.	157
Figura 72: Antiplástico, proveniente de coleta de superfície.	158
Figura 73: Coloração da cerâmica, coleta de superfície.	158
Figura 74: Marcas de produção, proveniente de coleta de superfície.	159
Figura 75: Tratamento de superfície, proveniente de coleta de superfície.	160
Figura 76: Técnica de decoração plástica, proveniente de coleta de superfície.	161
Figura 77: Motivo decorativo, proveniente de coleta de superfície.	162
Figura 78: Tipo de apêndice, proveniente de coleta de superfície.	163
Figura 79: Tipo de borda, proveniente de coleta de superfície.	163
Figura 80: Tipo de lábio, proveniente de coleta de superfície.	164
Figura 81: Técnica de produção x Técnica de decoração plástica.	166
Figura 82: Técnica de produção x Coloração da cerâmica.	167
Figura 83: Forma do fragmento SC02.03485.	169
Figura 84: Forma do fragmento SC02.03489.	170
Figura 85: Forma do fragmento SC02.03803.	171
Figura 86: Forma do fragmento SC02.11823.	172
Figura 87: Forma do fragmento SC02.12049.	173
Figura 88: Forma do fragmento SC02.12050.	174
Figura 89: Forma do fragmento SC02. 12246.	175
Figura 90: Forma do fragmento SC02.12351.	176
Figura 91: Forma do fragmento SC02.12837.	177

Figura 92: Forma do fragmento SC02.12885.....	178
Figura 93: Forma do fragmento SC02.13275.....	179
Figura 94: Forma do fragmento SC02.13492.....	180
Figura 95: Forma do fragmento SC02.13499.....	181
Figura 96: Técnica de decoração plástica x Coloração da cerâmica.	183
Figura 97: Parte do objeto x Técnica de decoração plástica.	184
Figura 98: Tipo de lábio x Tipo de borda.	185
Figura 99: Diário de Natal (1980).	195

SUMÁRIO

Introdução	13
1. Contextos da pesquisa.....	16
1.1 O sítio arqueológico: descrições básicas e a pesquisa de campo	16
1.2 O Sertão do Seridó: contexto histórico-cultural.....	31
1.3 As identidades sertanejas.....	42
2. A cerâmica de barro e a pesquisa arqueológica.....	57
2.1 Tentativas de conceituação para a cerâmica de barro na arqueologia brasileira	57
2.2 Por que as coisas variam?	63
2.3 Conceitos de estilo para a arqueologia	74
2.4 As cerâmicas de barro no Seridó.....	79
3. Métodos, resultados e discussões.....	111
3.1 Questões de método de análise cerâmica	111
3.2 As cerâmicas do sítio Santa Clara 02, em São Fernando	125
3.3 Atributos de análise cruzados	164
3.4 Hipóteses para a existência da variabilidade identificada.....	187
Considerações finais.....	197
Referências bibliográficas.....	202

Introdução

Para entender uma pesquisa é importante também conhecer a trajetória do pesquisador. Começamos por esse ponto. Minha relação com a arqueologia não se deu de forma direta. Fazer arqueologia esteve uma vez nos meus planos de infância, encantada com as informações sobre uma escavação presentes em um livro didático, e se distanciou do meu horizonte à medida que fui crescendo. A história, por outro lado, sempre me apaixonou e foi através dela que cheguei à arqueologia. Através da graduação em história conheci o Laboratório de Arqueologia do Seridó – LAS/UFRN, do qual participei durante a graduação reavivando meu sonho de infância. A combinação entre essas duas áreas em minha vida acadêmica me ajudou a perceber que a minha realidade e a história também poderiam ser objeto de estudo. Que a história dos livros didáticos não era apenas do outro, que não estava tão distante de mim, mais especificamente da história da minha região.

Enquanto bolsista do LAS, tive a oportunidade de aprender muitas coisas sobre a arqueologia, tanto teóricas quanto metodológicas. Conheci com o olhar diferenciado, diversas classes de material que antes para mim não passavam de lixo. Assim foi com a cerâmica de barro; materialidade mais predominante nos sítios arqueológicos da região, sobre a qual eu sempre tive mais interesse. No ano de 2022, pude participar do trabalho de licenciamento ambiental da Barragem de Oiticica. Durante as atividades o sítio arqueológico Santa Clara 02, localizado atualmente no município de São Fernando, foi explorado. Desde o trabalho de campo o sítio foi caracterizado como de grande potencialidade pela equipe de pesquisa. Na época da curadoria em laboratório eu estava pensando na possibilidade de fazer um processo seletivo de mestrado.

O referido sítio está localizado na área rural do município. Caracterizado como multicomponencial, apresenta um horizonte de ocupação histórico associado aos restos de uma estrutura de casa com grande quantidade de material doméstico (faianças portuguesas, faiança fina, porcelana, grés, cerâmicas utilitárias, metais, ossos) e um horizonte de ocupação pré-colonial com material lítico, lascado e polido. Possivelmente trata-se de uma casa de fazenda dos muitos exemplos que se distribuíam no território da região do Seridó.

O coordenador do laboratório, o professor Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva, então me sugeriu trabalhar com as cerâmicas do Santa Clara 02, mais especificamente pensando a variabilidade desse material, uma vez que a análise

preliminar mostrava diferenças entre os fragmentos. Nesse sentido, montamos um projeto com a seguinte problemática: existe variabilidade formal no conjunto de cerâmicas utilitárias históricas do sítio arqueológico Santa Clara 02? Qual(is) o(s) seu(s) sentido(s)? A hipótese para essa presença, identificada a partir de análises preliminares, foi a de que a variabilidade teria funcionado como uma forma de expressão do sertanejo através de características próprias de produção da cerâmica.

No final de 2022 recebi a notícia da aprovação no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que iniciei no ano de 2023. Inserida no programa pude aprimorar meus objetivos e estabelecer os caminhos a trilhar para a execução da pesquisa junto com meus professores e com minha orientadora.

Nosso objetivo geral foi compreender as características presentes nas cerâmicas de barro do sítio arqueológico Santa Clara 02, analisar tecnicamente esse material, correlacionando-o com o ambiente e com as pessoas. Já os objetivos específicos foram: evidenciar a cadeia operatória, mais especificamente os aspectos de produção e uso, das cerâmicas de barro do sítio Santa Clara 02; descrever o perfil técnico dentro do conjunto artefactual de cerâmicas utilitárias históricas do sítio arqueológico Santa Clara 02 e explicar o(s) sentido (s) da variabilidade percebida no conjunto de cerâmicas de barro do sítio Santa Clara 02. Dividimos a dissertação em três capítulos, partindo de uma orientação macro para micro, em que tentamos cumprir esses objetivos.

O primeiro capítulo intitulado *Contextos da pesquisa* traz informações acerca do sítio arqueológico, da região do Seridó, espaço caracterizado como sertão e sua formação histórica e sobre o sertanejo potiguar, destacando suas particularidades. É predominantemente descritivo, objetivando apresentar aspectos importantes que são necessários para entender o restante do trabalho.

No segundo capítulo, intitulado *A cerâmica de barro e a pesquisa arqueológica*, trazemos algumas nomenclaturas utilizadas para classificar a cerâmica histórica na arqueologia brasileira, discutindo também os problemas associados. Seguimos apresentando os principais conceitos utilizados na pesquisa. Finalizamos com uma revisão de trabalhos realizados no Seridó que tinham a cerâmica de barro como objeto de estudo.

O terceiro e último capítulo está intitulado como *Métodos, resultados e discussões*. Começamos pela apresentação de nossas escolhas metodológicas e dos atributos elencados na ficha de análise. Tendo feito isso, apresentamos os resultados da análise do material de escavação. Por último, pensamos em juntar os dados da análise com os dados de contextos buscando entender a coleção de cerâmicas abordadas nesse trabalho.

Este trabalho foi executado em 24 meses. Nos primeiros 12 meses cumprimos os créditos das disciplinas do mestrado, cujas discussões ajudaram a traçar reflexões acerca da arqueologia e do patrimônio cultural. Como esse primeiro momento aconteceu em um estado diferente (Bahia) de onde estava o material de pesquisa (Rio Grande do Norte), só conseguimos de fato aplicar as reflexões a partir do 13º mês, o que dificultou o andamento das atividades. Então, nos organizamos de forma a trabalhar naquilo que era possível: reunir bibliografias para construir os aportes teóricos e metodológicos e fazer o planejamento para os meses 13 a 24.

Já nos referidos meses, realizamos as ações práticas sobre o material, não deixando de procurar bibliografias para amparar nossas ideias e colocá-las no trabalho final. Entre as atividades estão: análise qualitativa e quantitativa, produção de fotografias, desenhos de decorações e formas e mapas.

Em relação aos aprendizados, o processo de conhecer outros contextos arqueológicos no mestrado me ajudou a pensar o seridó por outras óticas, além da de historiadora e moradora. Além disso, entender o potencial da arqueologia para tornar conhecidas histórias de diferentes grupos como os sertanejos do Seridó.

Entre as dificuldades que podem ser mencionadas estão a fragmentação do material arqueológico. Os fragmentos muito pequenos que impedem uma leitura mais ampla e alguns tipos de análise. Outro aspecto que pode ser mencionado é a falta de uma reflexão acerca do contexto arqueológico da região do Seridó em uma perspectiva de longa duração, pois o que existe são trabalhos isolados sobre sítios e vestígios arqueológicos que parecem não se conectar.

1. Contextos da pesquisa

O contexto em que se encontra o artefato ajuda o arqueólogo a fazer inferências acerca de seu significado. Apesar de ser estático, um objeto encontrado em um contexto específico permite um direcionamento no processo interpretativo, uma vez que traz aproximações com seus possíveis usos no passado a partir do estudo do registro arqueológico (Hodder, 1994).

O registro arqueológico diz respeito a restos materiais distribuídos espacialmente pela área do sítio arqueológico. O trabalho do arqueólogo consiste, entre outras coisas, em analisar essa informação, que é por natureza estática, e está localizada temporalmente no presente, para entender a dinâmica da vida no passado. As inquietações que os arqueólogos colocam sobre o registro arqueológico também se localizam no presente, não são questionamentos que perduram do passado. O método de interpretação da arqueologia passa por imaginar como se estabelece a dinâmica cotidiana, por exemplo como se dão as ações humanas e os processos que deixaram aquele registro material da forma que ele se expressa no contexto atual. Para isso é preciso acumular conhecimento sobre a relação entre comportamento e cultura material e estabelecer maneiras de comprovar as hipóteses levantadas (Binford, 1988).

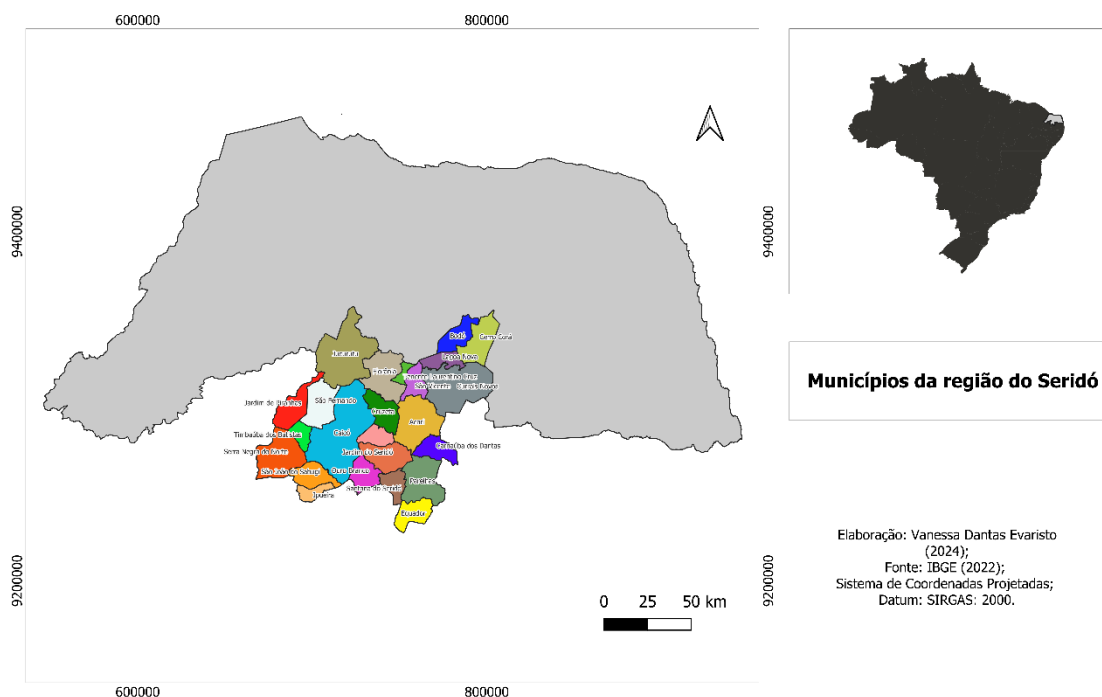
1.1 O sítio arqueológico: descrições básicas e a pesquisa de campo

O contexto a ser estudado no âmbito dessa pesquisa corresponde ao sítio arqueológico Santa Clara 02, localizado atualmente em uma propriedade privada na zona rural do município de São Fernando (Figura 2), na região do interior do estado do Rio Grande do Norte, em uma área chamada de Sertão, Seridó ou Sertão do Seridó (Figura 1). Trata-se de um sítio encontrado e trabalhado durante as atividades de licenciamento ambiental relacionadas à Barragem de Oiticica¹. Os trâmites desse licenciamento acontecem desde o ano de 2013 e trabalhos relacionados ainda estão em andamento no ano de 2024. Essa barragem utiliza os recursos da Bacia Hidrográfica do Rio Piranhas e foi pensada de forma a regularizar o acesso a água, fornecer recursos para a irrigação,

¹ Empreendedor responsável: Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH) do estado do Rio Grande do Norte.

gerar energia elétrica e possibilitar o desenvolvimento de práticas de lazer e recreação. As atividades de licenciamento realizadas no ano de 2022 identificaram 23 sítios arqueológicos localizados na área diretamente afetada nos territórios dos municípios de São Fernando, Jardim de Piranhas e Jucurutu (Hcoutinho, 2022b).

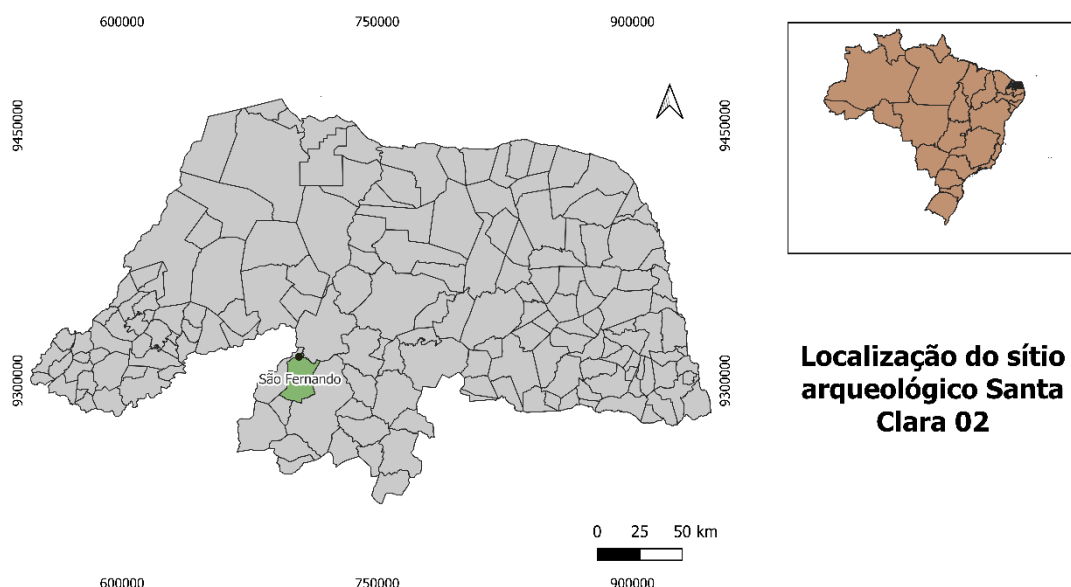
Figura 1: Municípios do Rio Grande do Norte.



Fonte: elaboração própria (2024).

O sítio arqueológico Santa Clara 02 é multicomponencial, com um horizonte de ocupação histórico associado a um contexto doméstico e um horizonte de ocupação pré-colonial com líticos lascados e polidos. Em relação ao primeiro, a estrutura da casa, mais especificamente seu piso de adobe, pode ser observado, assim como material construtivo e outros tipos de material arqueológico. Quanto ao segundo caso, foram identificados núcleos, lascas, instrumentos, percutores e uma peça polida.

Figura 2: Localização do sítio arqueológico.



Elaboração: Vanessa Dantas Evaristo (2024); Sistema de Coordenadas Projetadas; Datum: SIRGAS (2000).

Fonte: Elaboração própria (2024).

No ano de 2024 a equipe do Laboratório de Arqueologia do Seridó voltou ao sítio arqueológico e teve a oportunidade de conversar com um antigo morador do local. Francisco Faustino dos Santos, pertencente a uma das primeiras famílias que habitou o sítio, afirmou que antes de seu bisavô chegar e estabelecer moradia, a área era habitada por três padres que, segundo a história local, enterraram ouro. Esse ouro teria sido roubado por cangaceiros. O nome do familiar que primeiro chegou ao local e construiu a casa em 1801 foi Francisco Borges dos Santos. Esse teria vindo do Ceará. A estrutura daquela ainda se encontra no local. Antes da chegada desse indivíduo, o sítio já tinha outra casa (Francisco Faustino dos Santos, comunicação pessoal, 2024).

As *coisas esquecidas* de James Deetz consistem na fonte primária para a arqueologia em seus estudos sobre o passado. Conceitualmente, diz respeito a aspectos tangíveis produzidos pelos seres humanos, ou seja, a dimensão material da cultura. Sobre a relação entre arqueologia e cultura material, Tania Andrade Lima (2011, p. 12) pontua “[...] Se, por um lado, Arqueologia é o estudo da cultura material, por outro, os estudos de cultura material transcendem a prática arqueológica.” Esse conceito vai assumir

diferentes significados com o surgimento das diferentes correntes teóricas que marcam a trajetória da arqueologia. Porém, segundo Lima (2011), um aspecto comumente aceito acerca do papel da cultura material é que:

[...] é produzida para desempenhar um papel ativo, é usada tanto para afirmar identidades quanto para dissimulá-las, para promover mudança social, marcar diferenças sociais, reforçar a dominação e reafirmar resistências, negociar posições, demarcar fronteiras sociais e assim por diante (Lima, 2011, p. 21).

O sítio arqueológico Santa Clara 02 apresenta grande diversidade de materiais arqueológicos entre os quais ressaltam-se artefatos líticos, faianças finas e portuguesas, grés, porcelanas, cerâmicas de barro, vidros, metais e vestígios de arqueofauna; materiais que podem ser associados ao campo doméstico. A Figura 3 corresponde a contabilidade da campanha realizada em 2022 que permitiu a formação da coleção aqui trabalhada. As cerâmicas de barro, recebem o foco nesta pesquisa, onde o objetivo geral é analisar tecnicamente esse material, correlacionando-o com o ambiente e com as pessoas.

Figura 3: Quantidades de material arqueológico.

CONTABILIDADE DE COLETA DE SUPERFÍCIE 01										
Tipo de Material										
Faiança	Faiança Fina	Porcelana	Grés	Vidro	Cerâmica	Construtivo	Metal	Ósseo	Lítico	Total de Material
625	2801	92	146	618	3704	3	50	55	852	8946
CONTABILIDADE DE COLETA DE SUPERFÍCIE 02										
Tipo de Material										
Faiança	Faiança Fina	Porcelana	Grés	Vidro	Cerâmica	Construtivo	Metal	Ósseo	Lítico	Total de Material
2	30		4	6	13		8	1	42	106
CONTABILIDADE DO MATERIAL DE ESCAVAÇÃO										
Tipo de Material										
Faiança	Faiança Fina	Porcelana	Grés	Vidro	Cerâmica	Construtivo	Metal	Ósseo	Lítico	Total de Material
28	126	1	5	11	972	0	8	706	96	1953

Fonte: Hcoutinho (2022).

No ano de 2024 foram realizadas novas campanhas de atividade arqueológica no sítio pela equipe do Laboratório de Arqueologia do Seridó, entre os quais coleta de superfície, escavação, coleta de solo, de material para datação, contato com a comunidade etc. Além do conteúdo da conversa com o morador local, o referido laboratório nos forneceu a informação acerca da datação absoluta de um fragmento de cerâmica a partir do método da luminescência que retornou o resultado de 260 +/- 27 anos. Fazendo uma relação com o sítio é possível pensar sua ocupação por volta do ano de 1764, ou seja,

século XVIII (Datação, Comércio e Prestação de Serviços LTDA. Relatório de ensaio. São Paulo, 2024, p. 1-3).

Para entender como se forma o registro arqueológico é importante considerar como se relacionam atividades e elementos dentro de um contexto de um sistema cultural. Michael Schiffer (1990) pontua uma relação entre a distribuição espacial dos vestígios arqueológicos e o lugar em que foram utilizados em atividades do cotidiano. Segundo esse autor, os elementos podem ser de natureza durável e não durável. Os elementos duráveis dentro de um contexto sistêmico passam pelo seguinte fluxo de processos: obtenção de matéria prima, manufatura, uso, manutenção e descarte. Além desses, para algumas situações é necessário incluir as atividades de armazenamento e transporte. Já os elementos não duráveis incluem: obtenção, preparação, consumo e descarte. Vale destacar que nem sempre os vestígios seguem uma via linear ou passam por todos os processos quando inseridos em um sistema. Ainda, Schiffer (1990) propõe que existem localizações específicas, que podem ser gerais, singulares ou totais, na área do sítio arqueológico para cada processo passado por um elemento inserido no contexto sistêmico. Quando se pensa nas diversas relações entre elementos, processos e localizações, percebe-se a composição de um quadro de muita complexidade em cada sistema. Os vestígios são descartados, geralmente quando se encerra sua vida útil. Após o descarte, o elemento deixa de fazer parte do contexto sistêmico e passa a fazer parte do arqueológico. Nessa condição, afirma-se que ele está na “lixeira” (Schiffer, 1990).

No caso do Santa Clara 02, a maior quantidade de vestígios arqueológicos se apresenta próximo das bases do que supomos ser uma casa, pela natureza do material associado, que é de caráter doméstico. Próxima a essa estrutura maior, foi recentemente construída uma caixa de água. Além da base maior e da caixa de água foi encontrado também um forno (Hcoutinho, 2022a). Na Figura 4 observamos a caixa de água ao fundo e em primeiro plano um alinhamento de materiais pertencentes a estrutura maior. Não foram feitas fotos do forno na campanha de 2022, mas em conversa com morador local, no ano de 2024 soube-se que tratava-se de um forno destinado a produção de telhas e tijolos e que era recente construído pela família do mesmo. Nesse momento a água da barragem já havia coberto essa estrutura. Vale destacar que os vestígios da casa localizam-se na parte mais alta do terreno, como era de costume posicionar as antigas casas de fazenda do Seridó.

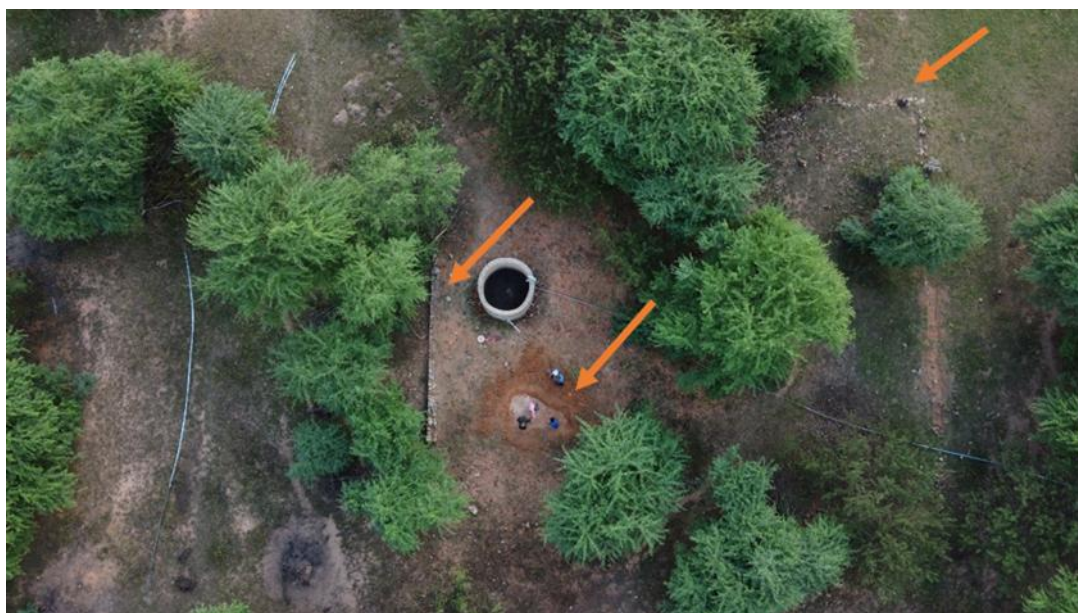
Figura 4: Alinhamento de materiais e caixa de água.



Fonte: Hcoutinho (2022).

Na Figura 5 podemos observar de forma superior os restos do alicerce da casa, a caixa de água e o piso evidenciado na campanha realizada em 2024.

Figura 5: Vestígios do alicerce e do piso da casa.



Fonte: Hcoutinho (2024).

Quando os vestígios estão situados no contexto arqueológico, é necessário refletir até que ponto se pode considerar que se distribuem no presente nos locais em que foram utilizados e descartados no passado. Essa disposição espacial que os descartes podem apresentar dividem-se em lixeira de fato, lixeira primária ou lixeira secundária (Schiffer, 1990). A lixeira secundária corresponde a situação em que o elemento não é descartado em seu lugar de uso. Acreditamos que tal situação pode se aplicar ao caso do Santa Clara 02, uma vez que a maior quantidade de material concentrado no sítio arqueológico localiza-se próximo à maior estrutura identificada. Outro aspecto que pode ser destacado acerca da disposição é a presença de fogueiras e carvão junto da maior concentração de material arqueológico.

Processos pós-deposicionais são eventos que afetam os vestígios quando eles já não pertencem mais ao sistema cultural, ou seja, quando não estão mais sendo utilizados. Esses processos podem acontecer de formas naturais, desencadeados pela natureza ou antrópicas, desencadeadas pela ação humana (Renfrew; Bahn, 2000). O sítio arqueológico Santa Clara 02 é impactado com os dois tipos. Os processos pós-deposicionais naturais mais proeminentes são a ação das chuvas, que causam voçorocas no solo (Figura 6) e o transporte de material e decorrentes da passagem de animais; os antrópicos, por sua vez são a circulação e uso do espaço para plantio, construções e uso do pasto para o gado. Esses fatores influenciam a mobilidade dos artefatos e das camadas (Hcoutinho, 2022a). Dessa forma, optamos por não inserir discussões em relação a nossa temática pensando a diacronia. Elas serão feitas, considerando o possível revolvimento das camadas, em artigo posterior.

Figura 6: Voçorocas próximas a área de escavação em ampla superfície.



Fonte: Hcoutinho (2024).

Depois de caracterizar o sítio arqueológico apresentaremos aspectos metodológicos ligados à sua identificação e exploração. No exercício de trabalhos arqueológicos de campo que objetivam encontrar sítios arqueológicos, a sequência de atividades geralmente começa com a prospecção. Depois, tendo identificado o sítio arqueológico, realiza-se a coleta de superfície e, posteriormente, as escavações. Lembramos que no caso do Santa Clara 02 esses métodos foram realizados no âmbito do licenciamento ambiental de forma que não foram direcionados para responder às perguntas dessa pesquisa.

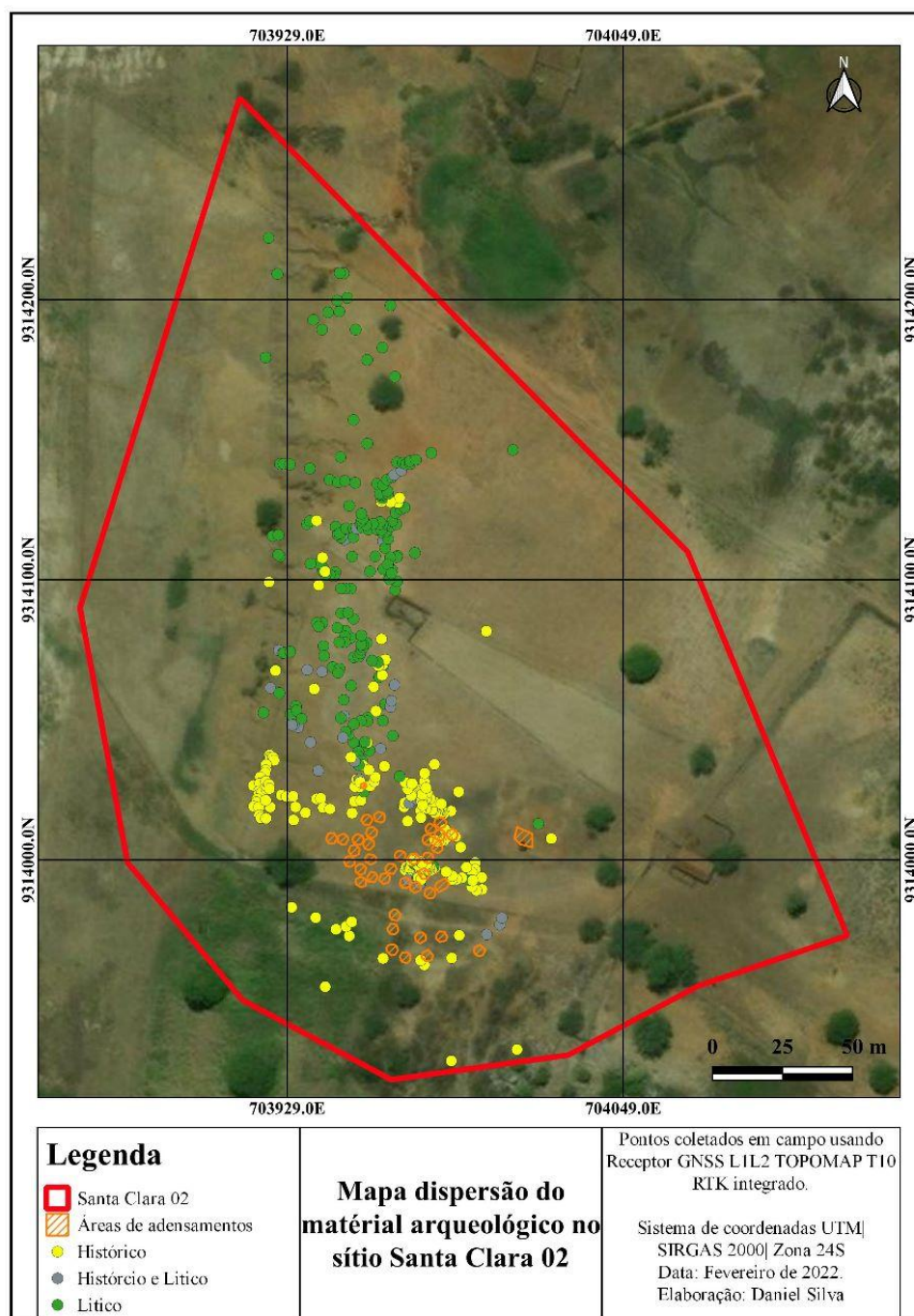
A prospecção é um método arqueológico muito popular, mais barato, mais rápido e menos destrutivo que a escavação. Seu objetivo principal é identificar se há sítio arqueológico em dada área, mas pode responder também onde estão esses sítios e quais as suas características. A execução é pensada a partir do conceito de sítio arqueológico do arqueólogo. Domingo, Burke e Smith (2015) definem este como locais que conservam vestígios da atividade humana.

No caso do licenciamento ambiental da Barragem de Oiticica, o método de prospecção utilizado para encontrar o sítio Santa Clara 02 e os demais sítios arqueológicos e para identificar o tipo de material arqueológico na área do empreendimento foi a varredura de superfície na área, que foi dividida em quadrantes que seriam percorridos pelos membros da equipe considerando uma distância mínima entre eles. As coordenadas UTM dos percursos lineares foram estabelecidos anteriormente em laboratório e os pesquisadores utilizaram o aparelho de GPS para segui-las. A distância estabelecida foi de 50 metros. Além dos percursos lineares, foram feitos também percursos laterais (Arqueorocha, 2019).

A coleta de superfície – ou coleta de bens arqueológicos móveis – é feita de forma sistemática sobre toda a poligonal do sítio arqueológico. As estratégias utilizadas variam de acordo com cada sítio arqueológico, com o nível de visibilidade e com a densidade e a variedade de artefatos. É muito importante, durante a realização desta, considerar o registro da localização de onde os materiais se dispõem. Especificamente no Santa Clara 02, isso foi feito utilizando um aparelho topográfico, de forma a registrar a dispersão do material com precisão (Figura 7). Outras informações que podem ser coletadas através desse método são a localização, a altimetria (Figura 8), a relação de classes de materiais

e o tipo de material arqueológico identificado na área do sítio arqueológico (Hcoutinho, 2022a).

Figura 7: Dispersão do material arqueológico.



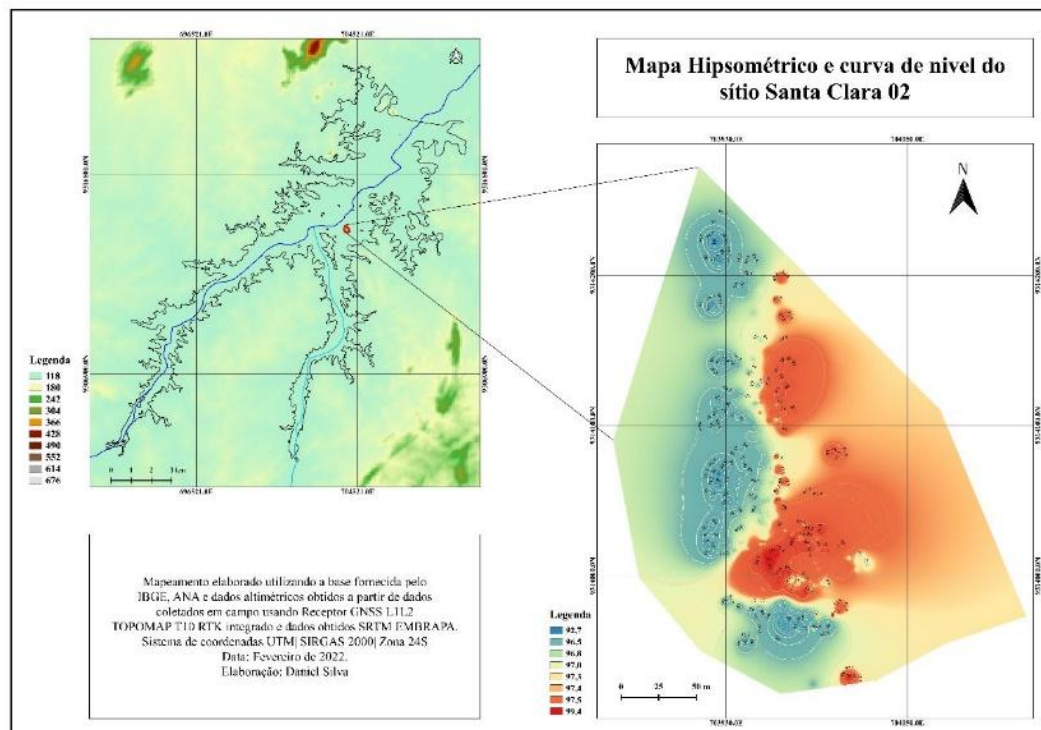
Fonte: Hcoutinho (2022).

O material arqueológico do Santa Clara 02 se apresenta de forma concentrada, adensada ou isolada. Em relação à disposição destacamos os artefatos históricos; líticos;

e históricos e lítico juntos. Além disso, observamos a presença de adensamentos de materiais em algumas partes do terreno que estão próximas entre si. Percebemos uma grande concentração de vestígios móveis em uma parte da área próxima à possível estrutura de casa, aspecto que foi levado em consideração na escolha do local das intervenções em subsuperfície. Em menor medida estão os casos de material arqueológico isolado.

Devido as características mencionadas foi utilizada a estratégia do adensamento com raio de dois metros para a realização da coleta de superfície. Dessa forma, durante o caminhar pela área do sítio foram colocadas bandeiras nos locais onde se encontrou material e depois as bandeiras foram recolhidas. As coordenadas foram então marcadas, utilizando o GPS RTK (Real Time Kinematics, ou, Posicionamento Cinemático em Tempo Real) e o material arqueológico recebeu uma etiqueta, sendo também já acondicionado em sacos plásticos. O material foi também georreferenciado através da utilização de um aparelho GPS Geodésico RTK – Topomap, modelo T10 (Hcoutinho, 2022a).

Figura 8: Mapa hipsométrico do Santa Clara 02.



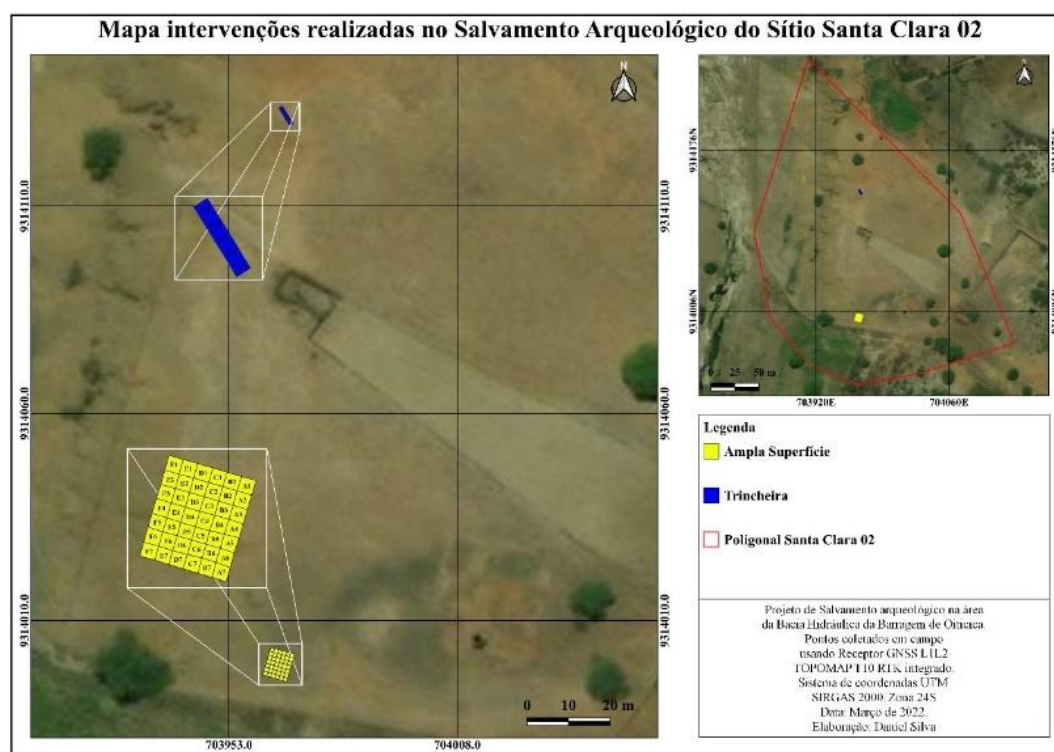
Em relação à altimetria do terreno, tem-se uma variação de altitude. Essa característica implica no comportamento de disposição do material arqueológico, que desce da área mais alta para as áreas mais baixas, por fatores naturais e/ou antrópicos. A área de escavação em ampla superfície foi posicionada na parte mais alta, enquanto a área de escavação em trincheira foi colocada na parte mais baixa do terreno.

Quanto a escavação, no Santa Clara 02, utilizou-se o método por níveis artificiais de 10 centímetros, estando o ponto Z² atribuído à 20 centímetros. As intervenções arqueológicas (Figura 9) foram organizadas a partir de uma área de escavação em superfície ampla de 6X7 metros e de uma área de escavação em trincheira de 5X1 metros, com quadrículas identificadas de forma alfanumérica. A demarcação dessa área foi feita com base no Teorema de Pitágoras³. Além dos registros fotográficos, escritos e desenhados a escavação foi acompanhada a partir do GPS Geodésico RTK. Trabalhar em níveis permitiu fazer uma associação lógica entre a informação vertical (nível) e horizontal (quadrícula). Tudo isso foi registrado no caderno de campo a cada nível juntamente com informações sobre coloração e compactação do solo, posição e variação nas classes de artefatos (Hcoutinho, 2022b).

² Ponto fixo, com altura pré-estabelecida em centímetros que serve como orientação topográfica para nivelar igualmente toda a área.

³ Utilizando a fórmula ($A^2+B^2 = C^2$), encontrou-se a diagonal da área, pois seja ela quadrada ou retangular, vai ser formada por um triângulo retângulo.

Figura 9: Intervenções realizadas no Santa Clara 02.



Fonte: Hcoutinho (2022).

A área de escavação em superfície ampla (Figura 10) foi estabelecida no local devido a uma topografia mais acentuada e à cor do solo mais escura (o que poderia indicar ação antrópica); pela concentração dos materiais arqueológicos; e pela proximidade em relação as três estruturas arqueológicas identificadas. Essa área de escavação chegou a um metro de profundidade.

Figura 10: Área de escavação em superfície ampla.



Fonte: Hcoutinho (2022).

Na Figura 11 podemos observar a sobreposição de camadas em um perfil de uma quadrícula situada na área de escavação por ampla superfície. As cerâmicas foram encontradas desde o nível um (0-10 centímetros) até 80 centímetros (nível 8) no piso das quadrículas e no perfil de uma quadrícula que chegou a 90 centímetros. A maior profundidade da escavação foi de um metro (100 centímetros).

Figura 11: Sobreposição de camadas no perfil.



Fonte: Hcoutinho (2022).

A área de escavação por trincheira (Figura 12), por sua vez, foi colocada em uma parte mais baixa do terreno e em um lugar onde o solo possuía cor alaranjada, o que no contexto dos outros sítios da Barragem associou-se a presença de matéria prima e líticos. Essa área de escavação chegou a 30 centímetros de profundidade, em que foram coletados 15 vestígios arqueológicos, sendo a maioria líticos, mais apareceram também uma cerâmica e uma faiança (Hcoutinho, 2022b).

Figura 12: Trincheira em porção mais baixa do terreno.



Fonte: Hcoutinho (2022).

Trabalharemos quantitativamente apenas o material advindo da área de escavação em superfície ampla, devido a quantidade e a possibilidade de relacioná-lo com os níveis. De forma qualitativa o material proveniente da coleta de superfície e pela baixa quantidade, não trabalharemos os que vieram da trincheira. Outras intervenções arqueológicas foram realizadas no sítio no ano de 2024, mas não trabalharemos o material coletado na referida pesquisa. Após apresentarmos o sítio arqueológico e a classe de material arqueológico estudada, passaremos a discutir o contexto histórico-cultural que os envolve.

1.2 O Sertão do Seridó: contexto histórico-cultural

A paisagem cultural não corresponde a um mero plano de fundo na história das pessoas e das sociedades. Por ser modificada e construída a partir dos interesses em vigência, ela diz muito sobre o contexto, como um cenário da ação humana (Mcguire, 2008). Ao se pensar o impacto que a paisagem tem sobre a vida humana, por exemplo, é possível considerar uma perspectiva geográfica e uma perspectiva social.

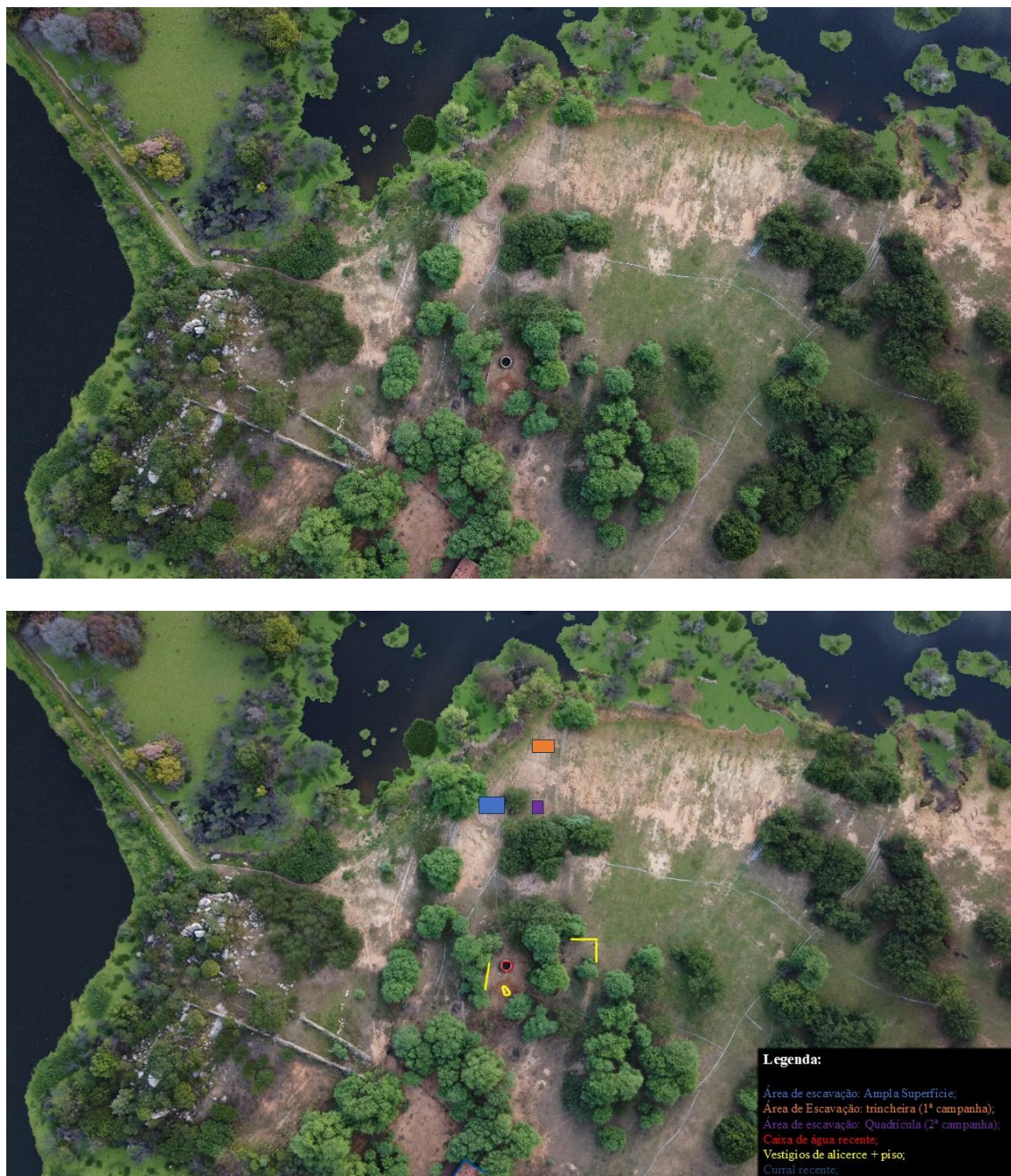
O sítio Santa Clara 02 está disposto a céu aberto. Alguns elementos que compõe a paisagem desse ou de suas proximidades são: um braço do Rio Piranhas; vegetação do tipo caatinga, com presença de árvores de tamanho mediano para pequeno, além de arbustos e gramíneas; o terreno corresponde a uma área de terraço, variando de áreas de alta, média e baixa vertente; três estruturas, sendo uma maior e duas menores; cercas e porteiras; estradas; um distrito chamado de Barra de Santana⁴ e outros sítios arqueológicos⁵ (Hcoutinho, 2022). Assim, aquilo que conecta essa paisagem e a percepção que se tem dela são os vestígios arqueológicos, uma vez que esses ali foram utilizados no passado.

Na Figura 13 observamos alguns elementos entre os descritos: especificidades do terreno, da vegetação, estruturas descritas na legenda, o posicionamento das intervenções arqueológicas realizadas em 2022 e 2024 e marcas do uso do terreno como cercas e porteiras. É importante mencionar que essa imagem aérea foi feita no mês de junho de 2024, após o subimento das águas da Barragem de Oiticica, então parte da área do sítio já estava coberta pela água. Além disso, foi feita em período de chuvas, que modifica o cenário em relação aos meses de estiagem.

⁴ O referido distrito ficava a aproximadamente 53 km de Caicó, mas foi transferido para outro lugar.

⁵ Barra 03; Santa Clara 01; Oiticica 14; Ramada 02; Besta Braba 01; Besta Braba 02; Boa Vista; Pé de Jurema; Pé de Oiticica; Ramada 01; São Jerônimo.

Figura 13: Vista área da paisagem do sítio. Fonte: Hcoutinho (2024).



Legenda: Área de escavação: Ampla superfície; Área de escavação: Trincheira (1ª campanha); Área de escavação: Quadrícula (2ª campanha); Caixa de água recente; Vestígios de alicerce + piso; Curral recente.

Entendemos aquela paisagem como vivida, formada a partir da relação entre as pessoas e os lugares. O conceito de paisagem também se associa com o de identidade e pertencimento, de forma que “[...] Quando as pessoas pensam em identidades, sociais, culturais ou individuais, elas inelutavelmente as associam a um cenário, as imaginam e

as sentem localizadas” (Tilley, 2014, p. 50). Lembramos dessas associações conceituais para o Sertão do Seridó, onde está inserido o referido sítio arqueológico.

O conceito de paisagem tornou-se de extrema importância para a elaboração de interpretações em arqueologia, entre outras coisas, porque em sua dimensão subliminar, consiste em um testemunho das relações estabelecidas entre artefatos, sistemas e o meio ambiente. Podemos citar diferentes abordagens, como por exemplo a do pós-processualismo, da arqueologia cognitiva, dos estudos de ecologia histórica, da arqueologia colaborativa indígena, da arqueologia patrimonial, da arqueologia da repressão etc. (Strauss, 2021). Considerando esses aspectos, falaremos sobre o conceito de Sertão que relaciona-se com a paisagem.

O conceito de Sertão assumiu diferentes significados (Almeida, 2022), sendo eles positivos ou negativos, entre os quais está a associação com uma categoria espacial ou sociocultural, atribuídos por diversas ciências ao longo do tempo. Quando se pensa na História do Brasil, mais especificamente no Período Colonial (1530-1822), o termo sertão corresponde a um conceito chave, principalmente quando se fala da região Nordeste (Neves, 2003).

Sertão teria se originado de uma palavra africana cujo significado corresponde a interior, longe do mar. Ao chegar em Portugal, o termo teria seu significado associado ao de deserto grande (“desertão”), que de forma contraída transformar-se-ia em sertão. Outra atribuição etimológica é com a palavra latina desertanu, sendo também o significado associado a ideia de lugar no interior do país, despovoado e distante do litoral (Neves, 2003).

Sobre o uso do termo ainda em Portugal, Janaína Amado (1995) pontua:

Talvez desde o século XII, com certeza desde o XIV, os portugueses empregavam a palavra, grafando-a “sertão” ou “certão”, para referir-se a áreas situadas dentro de Portugal, porém distantes de Lisboa (Cortesão, 1958:28). A partir do século XV, usaram-na também para nomear espaços vastos, interiores, situados dentro das possessões recém-conquistadas ou contíguos a elas, sobre os quais pouco ou nada sabiam: “Para além de Ceuta, até onde alcançam as vistas, estendem-se os sertões ...”, escreveu, em 1534, Garcia de Resende (Amado, 1995, p. 147).

Durante a intensificação da ocupação e povoamento português para o interior da colônia portuguesa entre o século XVII e XVIII, o sertão foi definido como espaço da alteridade, onde vivia o outro, sendo esse o indígena, caboclo, vaqueiro etc. No século XIX, são empregados dois outros significados: o primeiro associa o sertão a ideia de

semiárido; o segundo, por sua vez, relaciona o conceito a economia e a sociabilidade (Neves, 2003).

Como categoria cultural, o sertão tem inspirado entre outras obras, a escrita regionalista da qual falaremos posteriormente pensando a região do Seridó. Entre outras artes, essa forma cultural foi responsável por construir o senso comum em torno das especificidades culturais desse espaço. É necessário destacar que trata-se de um conceito variável, que depende entre outras coisas da posição de quem fala, podendo ser aplicado a áreas com características diversas e mesmo antagônicas por exemplo o Sertão de Guimarães Rosa ou o Sertão de Euclides da Cunha (Amado, 1995).

Ainda sobre o conceito, Antonio Moraes (2003) pontua:

Na verdade, o sertão não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares. Trata-se de um símbolo imposto – em certos contextos históricos – a determinadas condições locais, que acaba por atuar como um qualificativo local básico no processo de sua valoração. Enfim, o sertão não é uma materialidade da superfície terrestre, mas uma realidade simbólica: uma ideologia geográfica. Trata-se de um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes neste processo. O objeto empírico desta qualificação varia espacialmente, assim como variam as áreas sobre as quais incide tal denominação. Em todos os casos, trata-se da construção de uma imagem, à qual se associam valores culturais geralmente – mas não necessariamente – negativos, os quais introduzem objetivos práticos de ocupação ou reocupação dos espaços enfocados. Nesse sentido, a adjetivação sertaneja expressa uma forma preliminar de apropriação simbólica de um dado lugar (Moraes, 2003, p. 3).

O sertão aqui trabalhado consiste no Seridó do Estado do Rio Grande do Norte, mais especificamente localizado na porção centro-meridional, abrangendo uma superfície de aproximadamente 17,27% da área total do estado do Rio Grande do Norte. Sua cartografia abrange na atualidade 24 municípios historicamente associados a Caicó, que foi o primeiro município. Algumas características geográficas marcantes nessa espacialidade são a semiaridez, a vegetação de caatinga, os solos pedregosos e os rios temporários (Morais, 2005). Considerando esse sertão particular, passemos a discussão sobre a formação histórica do espaço dando mais um passo no entendimento do contexto em que se insere o sítio arqueológico Santa Clara 02 e as cerâmicas de barro nele presentes.

A Capitania do Rio Grande, composta por 100 léguas de terra que iam da Bahia da Traição (limite sul) ao Rio Jaguaripe (limite norte) foi instituída após a criação do sistema de capitanias hereditárias por Dom João III, no ano de 1532. Tais terras foram

doadas aos donatários João de Barros e Aires da Cunha através da documentação específica chamada de carta de doação e floral. No ano de 1535, o segundo realizou uma expedição, juntamente com os filhos do primeiro, que fracassou em decorrência da resistência dos indígenas Potiguares que já ocupavam as terras, aliados aos franceses. Outra expedição foi realizada em 1555, fracassando novamente, o que fez com que a capitania continuasse abandonada pelo projeto colonizador português. Com a morte de Aires da Cunha em 1535 e de João de Barros em 1570, a capitania deixou de ser hereditária e passou a ser da coroa. O quadro de abandono facilitou a invasão das terras e o saque por outros reinos estrangeiros, como os franceses (Bezerra, 2005).

Após a instituição do Governo Geral (1549-1572), como tentativa de centralizar o governo da colônia e a união das coroas ibéricas (1580-1640) a ocupação e povoamento da capitania voltou a ser tema de interesse. Nos anos de 1596 e 1597 foram encaminhadas ao governador geral Dom Francisco de Souza e aos capitães mores de Pernambuco (Feliciano Coelho) e Paraíba (Mascarenhas Homem) duas cartas régias determinando o domínio das terras do Rio Grande, a fundação de uma povoação (futura cidade de Natal) e a construção de um forte (futuro Forte dos Reis Magos). Após a realização de uma terceira expedição, os franceses foram expulsos das terras, os indígenas rebelados foram contidos e a povoação e o forte fundados respectivamente nos anos de 1599 e 1598. O processo de povoamento começou a ocorrer lentamente em fins do século XVI e se consolidou apenas no XVIII, sendo esses eventos primordiais. No início do século XVII o sistema administrativo da capitania do Rio Grande estava se estabelecendo (Alencar, 2017). Nesse século ocorre ainda a invasão da colônia portuguesa pelos holandeses (Lyra, 2008), evento que afeta as terras da referida capitania. Expedições foram realizadas em 1631 e 1633 objetivando conquistar aquelas terras. A última alcançou sucesso dando início ao período de dominação holandesa no Rio Grande, que perdurou até 1654. Após a expulsão dos holandeses a capitania teve altos índices de destruição (Bezerra, 2005). Acerca das vias de ocupação das terras Muirakytan Macêdo (2012) pontua:

A conquista do Oeste nordestino fez-se percorrendo duas vias: pelos sertões de dentro e pelos sertões de fora. O interior do Rio Grande do Norte foi ocupado, em sua maior extensão, a partir desta última rota, originária de Pernambuco e Paraíba. Da Bahia, seguindo o, rio São Francisco abaixo, partiam as levadas de vaqueiros e gado que povoariam as partes mais orientais do que hoje chamamos Nordeste; percorriam os sertões de dentro, rotas mais afastadas do litoral (Macêdo, 2012, p. 32).

Na antiga capitania do Rio Grande, principalmente duas atividades econômicas se destacaram, sendo elas a açucareira e a pecuarista. Uma não convivia bem com a outra,

uma vez que se faziam necessárias grande quantidade de terras para a plantação da cana de açúcar, como também água e que o gado não poderia estar perto do plantio. Assim, o cultivo do açúcar passou a acontecer no litoral⁶, surgindo em 1604 o primeiro engenho, enquanto a prática pecuária foi levada ao interior. Entretanto, essa expansão do projeto colonizador para o sertão não se deu de forma pacífica, pois o mesmo já se encontrava povoado por populações nativas. O contato gerou um conflito bélico chamado pela historiografia de Guerra dos Bárbaros (Puntoni, 2002) ou Confederação dos Cariris⁷ (1680-1720). Envolveu, entre outras, as capitanias do Rio Grande, Ceará, Pernambuco e Paraíba. Motivada sobretudo pela expansão da pecuária para o interior, terras povoadas por indígenas e pela escravização deles para uso como mão de obra na agricultura (Eloise da Silva, 2019).

Os trabalhos de Helder Alexandre Medeiros de Macedo e Fátima Martins Lopes trazem abordagens muito importantes acerca da Guerra dos Bárbaros que contrapõe a historiografia tradicional. O primeiro questiona a partir da genealogia, o apagamento dos indígenas da história do Seridó após o referido evento. A segunda, por sua vez, trabalha o papel dos indígenas como sujeitos ativos no processo de colonização da capitania do Rio Grande, para além do aspecto militar.

No interior da antiga capitania se encontrava a Ribeira do Seridó, que compunha as terras da região que seria nomeada no futuro como Seridó. Sobre o conceito Helder Macedo (2013) afirma:

O Seridó historicamente construído engloba os municípios de Caicó, Acari, Jardim do Seridó, Serra Negra do Norte, Currais Novos, Florânia, Parelhas, Jucurutu, Jardim de Piranhas, São João do Sabugi, Ouro Branco, Cruzeta, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, São Vicente, São Fernando, Equador, Santana do Seridó, São José do Seridó, Timbaúba dos Batistas, Lagoa Nova, Ipueira e Tenente Laurentino Cruz. Adotar essa territorialização do Seridó significa aperceber-se da história da região, uma vez que o mapa traçado com esses 23 municípios responde a prerrogativas de natureza política, econômica e cultural. Em outras palavras, dar a precedência a Caicó enquanto primeira municipalidade da região – com o título de Vila Nova do Príncipe – e de onde surgiram os demais municípios é reafirmar os processos de estruturação e reestruturação desse território ao longo do tempo. [...] (Macedo, 2013, p. 35).

⁶ Segundo Diniz, Medeiros e Oliveira (2015) mesmo o litoral não alcançou um desenvolvimento comparado a outras partes do atual Nordeste, devido, entre outras coisas a características naturais. Por outro lado, condições naturais garantiriam o sucesso da atividade pecuarista.

⁷ Reconhece-se atualmente as problemáticas em torno do uso de tal nomenclatura, entre as quais estão o eurocentrismo, a homogeneização das etnias indígenas, dos locais e dos momentos em que ocorreram a guerra etc.

Ribeira e Freguesia foram formas coloniais de cartografar o espaço na capitania do Rio Grande no período colonial aplicadas pelo projeto colonizador português. A primeira antecede a segunda. Nas margens de quatro rios que compunham o território, formando as Ribeiras do Espinharas, do Piranhas, do Sabugi e do Acauã⁸ foram erguidos templos católicos e casas de fazenda, motivados pelo avanço da pecuária, dando origem a manchas populacionais. As margens do Seridó, foi erguida no ano de 1695 a capela de Santa Ana, do Piranhas em 1710 foi erguida a capela dedicada à Nossa Senhora dos Aflitos, do Espinharas em 1735 foi erguida a capela de Nossa Senhora do Ó e do Acauã em 1738 foi erguida a Capela dedicada à Nossa Senhora da Guia. Uma dessas manchas, mais especificamente a Povoação de Caicó foi escolhida para sediar a freguesia de Nossa Senhora de Santana, também chamada de Freguesia do Seridó (Macedo, 2008).

No Seridó a guerra foi mais intensa na região do Acauã. No ano de 1687 chegaram as tropas sob o comando do coronel Antônio Albuquerque da Câmara. Ao que se somaram grupos vindos das capitanias de Pernambuco e Paraíba. Em decorrência do conflito foi construída na Ribeira do Acauã a Casa Forte do Cuó, estrutura destinada a proteger os colonos dos ataques indígenas. Aqueles que auxiliaram na guerra receberam sesmarias em seu fim. Em 1692 ocorreu a solicitação da fundação do arraial do Acauã que foi atendida em 1700 (Soares, 2013). Em 1735 seria fundada a povoação atualmente conhecida como Caicó, a principal cidade da atual região do Seridó. A ela se seguiram a fundação de outros núcleos populacionais que seriam municípios atuais, como Acari, Florânia, Jardim do Seridó, Jucurutu, Parelhas, Currais Novos etc. (Bezerra, 2005).

O atual município de São Fernando foi fundado no ano de 1872, sendo caracterizado como povoado. Dos anos de 1886 até 1953 foi chamado de Distrito da Paz. Em 1953 tornou-se vila associada a Caicó e de 1954 até 1958 figurou como distrito administrativo. Em dezembro deste mesmo ano desmembrou-se de Caicó tornando-se município de São Fernando (IBGE, 2023). Considerando a história do Brasil, a municipalidade de São Fernando remete ao Período Republicano (1889-dias atuais). Isso torna a história do município muito posterior a do sítio arqueológico Santa Clara 02 de forma que consideraremos a relação desse com a Ribeira do Seridó.

A Guerra dos Bárbaros é pontuada na historiografia como uma das principais razões para o extermínio indígena. Em fins do século XVII e inícios do XVIII, se

⁸ O Acauã é um afluente do Rio Seridó.

intensifica a ocupação através do sistema de sesmarias, ou repovoamento através do qual os colonos requisitavam terras ao Rei, devendo atender algumas prerrogativas, entre as quais a finalidade econômica do uso da terra. Os colonos que repovoaram o Seridó vinham inicialmente das capitanias da Paraíba e Pernambuco. No século XVIII, 70% das sesmarias requisitadas relacionavam-se com a atividade de pecuária e lavoura. Os currais de gado eram acompanhados de fazendas, estabelecidas nos locais onde futuramente ficariam as cidades. Tal situação econômica desencadeia segundo Tatiane Eloise da Silva (2019):

Ademais, instituída a posse da terra e construídos os currais, avolumaram-se as pessoas e as demandas pelo poder espiritual e secular. Atendendo as necessidades de ordem eclesiásticas, a Ribeira do Seridó sediou em 1748 a criação da Freguesia da Gloriosa Senhora Sant'Ana, unidade administrativa de natureza eclesiástica, após desmembramento da Freguesia do Piancó, precedendo, historicamente, as estruturas político administrativas da Vila Nova do Príncipe, instituída em 1788, com a primeira Câmara Municipal da ribeira (Eloise da Silva, 2019, p.186).

É necessário destacar que os limites entre as capitanias do Rio Grande e Paraíba eram difíceis de serem definidos, acerca disso Macedo (2008) pontua:

Piancó designava a ribeira de mesmo nome, tributária da Ribeira do Piranhas, no território da Capitania da Paraíba. No Piancó funcionava, desde a última década do século XVII, o Arraial das Piranhas. Neste encontravam-se reduzidos os índios Pega por intermédio do capitão-mor das Piranhas e Piancó, Teodósio de Oliveira Ledo – o mesmo que era co-proprietário de sesmaria no rio Espinharas. Posteriormente, em 1701, foi erigido um pequeno templo no arraial, de qual não se tem mais vestígios. Sucedeu-se a construção de novo templo, a Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, iniciada em 1719 e concluída em 1721. A conclusão dessa matriz gerou a Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó. Embora não saibamos com exatidão os seus marcos delimitatórios e tampouco conheçamos seu ato de criação, supomos que deveria abarcar as Ribeiras das Piranhas e de Piancó com seus afluentes – incluindo a do Seridó –, dados os limites entre as Capitanias do Rio Grande e Paraíba serem tênues o bastante para que as possessões de uma avançassem sobre a outra e vice-versa (Macedo, 2008, p. 11).

A Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó foi desmembrada da Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso em 1748 pelo padre Manuel Machado Freire, seguindo ordens do ano de 1747 dadas pelo Bispo de Pernambuco Dom Frei Luís de Santa Teresa. A fundação dessa freguesia se soma ao avanço do projeto de ocupação junto da pecuária e das lavouras (Macedo, 2008).

Acerca do povoamento na região do Seridó, Macêdo (2012) afirma:

O povoamento do Seridó, partindo de Pernambuco e Paraíba, principalmente de Olinda, Igarapé e Goiana adentrou-se pelos sertões, seguindo basicamente duas vias: de leste para Oeste, pelo Boqueirão de Parelhas e do Sul para o Norte pela Borborema, proveniente da Bahia, atingindo o sertão do Piancó, a ribeira

do Piranhas e por fim o Seridó. Achado um sítio de criar gados, poderia o criador ou vaqueiro montar a fazenda para depois requerer a sesmaria. Ali "introduzia os seus gados levantando um rancho e uma caçara, primeiros estágios do uso da terra, tal sítio já caracterizada sua finalidade econômica, passava a ter a denominação de fazenda". Não era necessário um 'montante significativo de capital a ser investido, uma semente de gado — um touro e três vacas -, bastava para o começo (Macêdo, 2012, p. 41).

No ano de 1695 foi construído próximo a Casa Forte do Cuó uma capela dedicada à Nossa Senhora de Santana. Tal fato estimulou a fixação daqueles que frequentaram a ribeira durante a guerra. Com a construção das casas em torno da capela fundou-se um arraial por volta de 1700, pelo fazendeiro Manuel de Souza Forte. Isso atendeu os desejos do Senado da Câmara da cidade de Natal e consequente ao repovoamento das terras. No ano de 1735 o arraial foi elevado a povoação e em 1788 tornou-se vila (Macedo, 2013). Acerca das características administrativas da antiga capitania, que por muito tempo foi subordinada a Pernambuco Francisco Duarte (2021) pontua:

É importante citar que a partir de 1701, o Rio Grande, deixa de ficar sob o controle direto de Salvador e passa a ligar-se militarmente a Pernambuco e juridicamente à Ouvidoria da Paraíba, na suposição de que uma maior proximidade dos controles administrativos traria mais sucesso à administração da paupérrima capitania. Ocorre que se os camarários tinham uma relativa facilidade para aplicarem a lei no litoral e regiões circunvizinhas, nos sertões era muito mais complicado, o que fazia com que os fazendeiros exercem esse poder (Duarte, 2021, p. 58).

Além de gado, eram também criados e comercializados cordeiros, cabritos, cabras, ovelhas, cavalos, éguas, poldros e poldras. O comércio se estendia também para os couros salgados e as solas. Após essa estruturação, Eloise da Silva (2019) destaca a influência dos homens bons:

Implantadas as bases da estrutura econômica, social e política, os “homens bons”, ou seja, àqueles que costumavam andar sob o regimento, assumiram as rédeas do poder local, decidindo sobre as eleições para Conselho da Câmara dos Vereadores, indicando nomes para os postos de comando das Ordenanças, exercendo a justiça local e deliberando sobre questões do dia-a-dia, como a construção de obras públicas, preços, remuneração de diferentes ofícios e etc. Eram eles os responsáveis por representarem o interesse da Coroa perante os colonos e vice-versa (Eloise da Silva, 2019, p.186).

Em relação ao patrimônio material daqueles que viviam na Ribeira do Seridó, a partir do estudo dos inventários Macêdo (2017) afirma:

Percebemos que a tríade terra-escravo-gado respondia por 79% de todo o patrimônio inventariado. Nos 56 inventários pesquisados todos eram de alguma forma, ligados à pecuária, mas 16 não possuíam nenhum tipo de bem imóvel, terra, por exemplo. Dentre estes, 10 possuíam escravos e gado. Podemos levantar duas hipóteses: seriam vaqueiros que amealharam gados como produto da “sorte” (o pagamento em gado) e possuíam escravaria ou eram rendeiros sem terras. Como em suas dívidas não havia referências a arrendamentos, há uma maior probabilidade de que seriam vaqueiros que

criavam seus rebanhos em pastos dos seus patrões, pois mesmo que já tivessem doado todas as terras em vida a seus filhos, elas apareceriam como patrimônio cedido em dote, e não foi o caso (Macêdo, 2017, p. 21).

Os inventários de moradores locais também permitem afirmar que a economia não se restringia ao autoconsumo e autossuficiência, pois se estabeleciam relações que superavam os limites da ribeira. O comércio entre regiões coloniais, como por exemplo Pernambuco, Paraíba, Rio Grande e Ceará, foi mais expressivo que entre a sede da capitania e o interior. O comércio nos limites da ribeira se estabelecia da seguinte maneira: os criadores vendiam seu gado nas feiras e já nelas compravam produtos para a subsistência e que pudessem ser comercializados em seu local de origem. Nos caminhos até as feiras se formavam-se “pousadas para o gado”, em torno das quais viviam pessoas que comprovam o gado que não podia prosseguir e vendiam produtos por eles elaborados. Esse sistema funcionou até a Grande Seca (1790-1793), evento que diminuiu os rebanhos e consequente os produtos associados a pecuária. A partir da década de 1790 a produção agrícola e o algodão assumem grande importância econômica. Sobre a cotonicultura Macêdo (2017) afirma:

Pelos dados documentais é certo que no início do século XIX, nas terras da Vila do Príncipe, Ribeira do Seridó, havia excedente de algodão suficiente para ser exportado. O preço mínimo por arroba já se equiparava ao valor dos bois vendidos na freguesia. Não sabemos o montante da produção de ambos para exportação, pois os documentos pesquisados, infelizmente, não revelaram o balanço comercial da vila. Podemos, todavia, perceber que existia mercado para compra de algodão em caroço. Plumas e grãos beneficiados, talvez, pelos comerciantes ou pelos próprios fazendeiros que os compravam, ainda brutos, de sitiantes menores, rendeiros, escravos e agregados, indivíduos cujo tempo dedicado a outras atividades impossibilitava-lhes o custoso trabalho de descaroçamento manual, ou mesmo não tinham condições financeiras para possuir o engenho para tal fim (Macêdo, 2017, p.25).

A cotonicultura conectou a economia sertaneja ao mercado inter-regional, se apresentando como uma nova fonte de renda em um momento de crise. O algodão não modificava a situação com as demais culturas de subsistência e seguia a mesma lógica de distribuição do gado. As mercadorias eram distribuídas a partir de tropas de burros, mulas e cavalos e ação dos tropeiros-mascates. Sobre isso, Nathália Diniz (2008) pontua:

No fim do século XIX, a província do Rio Grande do Norte continuou dependendo da mesma economia – a pecuária, mesmo ela tendo se mostrado no período uma economia frágil e de difícil desenvolvimento nos sertões, não recebendo os devidos recursos para conviver com as constantes intempéries. Tentou-se também a cultura do algodão na região, que por algumas décadas gerou lucro satisfatório. Porém, a falta de estradas e ferrovias, e o não melhoramento do porto de Natal, bem como o vínculo de “dependência” com Pernambuco, entre outros fatores, não possibilitou o progresso almejado pelos potiguares. Trabalhou essa população, em sua maioria, nos sertões da província, em terras secas, desprovidas de qualquer facilidade. E foi nessas

condições que se criaram os seridoenses sustentaram com muito trabalho sua família, à base do gado e do algodão (Diniz, 2008, p. 65).

Os eventos políticos e econômicos influenciam o tipo de sociedade que se formou na Ribeira do Seridó, compondo-se de indígenas remanescentes das guerras, brancos e negros envolvidos direta ou indiretamente com o projeto colonizador. Acerca disso, Macêdo (2009) afirma:

Certamente que por se localizar em um espaço elaborado, entre outras determinâncias, pela pecuária no semi-árido da América portuguesa, a sociedade seridoense guardou características próprias neste processo histórico. Seu universo simbólico, cultura material e práticas sociais foram construídas a partir das circunstâncias que a terra e o trabalho ofereceram, pelas experiências ali encontradas, trazidas de outros espaços tanto geográficos quanto sociais e reordenadas no território das fazendas e vilas (Macêdo, 2009, p.3).

Acerca da composição demográfica da sociedade seridoense entre os anos de 1788 a 1811, Macedo (2011) pontua:

O contato com essa obra induziu-nos a explorar os documentos paroquiais da Freguesia do Seridó, que, analisados sob a perspectiva metodológica da demografia histórica, tomando como amostra os livros de batizado (1803-1806), casamento (1788- 1809) e enterro (1788-1811) mais antigos e disponíveis no acervo, permitiram-nos aduzir que a composição demográfica da freguesia era muito mais mestiça do que a historiografia regional expusera em suas obras: brancos (portugueses e luso-brasilícos), negros (africanos de várias nações/procedências e crioulos, escravos e forros), pardos (escravos e forros), índios e mestiços nasceram, casaram, morreram e tiveram suas vivências cruzadas no território banhado pelo rio Seridó e afluentes no período em apreço. A quantidade de população expressamente declarada como originária do Reino – ou descendente dessa – encontrada nos registros paroquiais foi muito pequena, em relação à imagem que os historiadores regionais haviam asseverado em suas obras: a de uma primazia demográfica de portugueses na formação genealógica da Freguesia do Seridó (Macedo, 2011, p. 17).

A documentação histórica paroquial permite discutir o contato na forma do casamento, maneira de se integrar a sociedade e a região, entre os já mencionados grupos sociais. Destacam-se casamentos entre colonos e mulheres locais, entre escravos e entre indígenas. É necessário considerar que esse quadro cobre apenas os indivíduos que praticavam a religião católica e certamente não abrange todas as relações que podem ter se desenvolvido. O livro de batismo, outro tipo de documentação paroquial permite caracterizar a colonização da Ribeira do Seridó como predominantemente masculina, uma vez que a grande maioria das pessoas batizadas pertenciam ao sexo masculino (Santos; Ojima, 2012). Acerca do número de escravos no Seridó Macêdo (2012) pontua:

A predominância do escravo nos sertões não tangenciou nem de perto o contingente mobilizado na lavoura da cana, por razões evidentes: o preço elevado dos escravos - que inviabilizaria a empresa a natureza do campear -

problemática para um controle ostensivo do cativo e a necessidade de pouca mão de obra - um vaqueiro para 250 reses (Macêdo, 2012, p. 45).

Ainda em relação ao casamento na região do Seridó, mais especificamente entre pessoas etnicamente diferentes Silva (2022) afirma:

Outro aspecto do matrimônio, no período colonial, será o seu poder de estabelecer alianças entre famílias, pelas quais eram mantidos ou multiplicados os patrimônios particulares e, no mesmo movimento, poderiam ser conservadas as linhagens, nesse caso gerando parentesco por consanguinidade ou afinidades, capazes de possibilitar uma maior visibilidade e interação social entre as famílias nem sempre da mesma condição. Os casamentos desiguais, sobretudo do ponto de vista étnico, não eram vistos com bons olhos, principalmente pelos parentes próximos que não hesitavam em recorrer à autoridade dos governadores para anular esse tipo de união (SILVA, M. B. N. d., 1984, p. 143) (Silva, 2022, p. 108).

O vaqueiro foi importante figura da sociedade pecuarista seridoense, assim como o fazendeiro, os moradores e os escravos. Até aproximadamente 1720 as condições no Seridó não permitiam a fixação de famílias, sendo aqueles trabalhadores, foragidos, “caboclos” e negros as pessoas que se fixavam nas terras. Alguns dos principais sobrenomes de famílias que se estabelecem nesse período e que perduram até hoje na região são Araújo, Dantas, Azevedo Maia, Batista, Medeiros, Lopes Galvão, Bezerra de Menezes, Fernandes Pimenta, Pereira Monteiro e Nóbrega (Diniz, 2008). Acerca das famílias estabelecidas na ribeira, Macedo (2013) pontua:

A valorização do passado lusitano dos conquistadores que desbravaram o sertão, por meio do enaltecimento da memória dos fundadores das fazendas de gado e, portanto, das estirpes tradicionais, foi assunto recorrente na historiografia regional que foi produzida sobre o Seridó a partir da primeira metade do século XX. Essas publicações, escritas por pesquisadores e eruditos da própria região do Seridó – ou que se debruçaram sobre seu passado –, nos legaram, de maneira geral, uma imagem de que as principais famílias da ribeira tinham, predominantemente, componentes de origem portuguesa em sua estrutura. Uma tradição que é frequente entre esses estudos é a de traçar um elo entre as famílias que povoaram as ribeiras do sertão do Rio Grande e os seus descendentes – incluindo os autores –, fazendo alusões às famílias que colonizaram a região (Macedo, 2013, p. 69).

Entretanto, as fontes documentais apontam para outra realidade mais complexa com outros sujeitos interagindo no processo de formação daquele espaço através da pecuária, das lavouras, casas de fazenda e do exercício da fé. Acreditamos que a trajetória histórica da região tenha influenciado a construção de uma identidade seridoense, com a qual estariam associados o sítio arqueológico Santa Clara 02 e as suas cerâmicas de barro.

1.3 As identidades sertanejas

Após entendermos a formação histórica da região atualmente conhecida como Seridó e pontuarmos a consideração desse espaço enquanto um sertão, tentaremos, a partir de textos da historiografia local, de autores que viveram entre os séculos XIX e XXI e escreveram sobre o Sertão do Seridó entre os séculos XVII e XIX, perceber o que diferencia e particulariza o Sertão do Seridó, se seria possível falar em identidade sertaneja seridoense. Destacamos que alguns desses textos são datados, sendo necessário considerar quem é o autor e quando ele escreve. Acerca do regionalismo seridoense Macêdo (2012) afirma:

Embora acreditando que seja precipitado falarmos num caminho de mão única em direção à homogeneização do espaço, há um traço tendencial preocupante que se afirma apontando para esse foco. Diante disso, o estudo do regionalismo - o estudo da expressão de um lugar particular - pode estar fadado a tornar-se um anacronismo ocioso ou ser oportunidade real para, a partir dos dizeres regionais, atentarmos para as formas de sobrevivência da noção de um espaço diferenciado. [...] (Macêdo, 2012, p. 19).

Outra autora que pensa esse regionalismo em particular é Moraes (2020):

No Rio Grande do Norte, o termo Seridó é mais que a designação de um dado espaço; tornou-se referencial de uma identidade espacial com forte conteúdo histórico-cultural. Neste sentido, a região se configura a partir da evocação de certa personalidade, tecida no enredo de sua trajetória de formação, estruturação e reestruturação. A designação de seridoenses para os habitantes do lugar se manifesta tanto entre aqueles que assim se reconhecem, como entre os outros que assim os reconhecem (Moraes, 2020, p.18).

Considerando esses aspectos, passemos as descrições feitas pelos autores. Macêdo (2012) considera que o Seridó apresenta um conjunto de características políticas, econômicas e sociais que o compõem como um lugar diferenciado. Ele observa desde fins do século XVII, quando a atividade pecuarista territorializa e cartografa o espaço em vilas e freguesias, até o século XIX, quando o Seridó é construído enquanto conceito e o seridoense recebe uma fisionomia particular dada pelas elites. O autor destaca que a construção da identidade seridoense através do discurso, cuja base de expressão foi a região, não se fez deslocada da realidade, mas atendeu aos interesses de um pequeno grupo da elite local. Dentro do recorte anteriormente mencionado, esse discurso vai se alterando de forma a considerar a relação do homem, com o meio ambiente e com os símbolos em diferentes momentos. Em relação aos produtores do discurso regionalista (Macêdo, 2012) afirma:

A geração formada em Recife foi quem constituiu a elite intelectual e política quando o Seridó despontou na produção cotonicultora do Estado. Foi a Faculdade de Direito de Recife que forneceu parte dos saberes que sustentaram o discurso regionalista dessa elite, prefigurando o Seridó com os dispositivos cientificistas adquiridos em seus estudos jurídicos (Macêdo, 2012, p. 147).

Ressaltamos que o grupo inicial produtor do discurso regionalista seridoense pertencia a uma elite e produziu um discurso escrito a partir de um caráter memorialístico e autobiográfico, ou seja, escreveram a partir de suas lembranças e de sua realidade de vivência do Sertão do Seridó. Entretanto, essa realidade não correspondia a uma totalidade e deixou algumas lacunas, como a história de mulheres seridoenses e outros grupos como indígenas e negros.

Adentrando nas particularidades sertanejas, Mácedo (2012) e Faria (1980) destacam que um elemento comum a passagem de cada ano para o sertanejo seridoense é a espera pelo inverno. Moraes (2020) pontua que a ocorrência ou não das chuvas influencia todos os aspectos da vida sertaneja. Tal expectativa desencadeou a formação de um conhecimento acerca dos sinais da natureza. Segundo os autores, esse conhecimento perpassa de geração em geração. O sinal é chamado geralmente de “experiência”, podendo se apresentar das mais diferentes formas. Como exemplo de experiência positiva para um bom ano de inverno, podemos mencionar a presença de ninhos de maribondos dentro das casas. Isso significaria que os insetos estão procurando abrigo para se proteger da chuva vindoura. Na região essas previsões são confrontadas com os dados da meteorologia, mas recebem o maior crédito. A chuva – da presença e da falta – causa uma grande modificação na paisagem, que na primeira metade do ano se apresenta muito verdejante, enquanto na segunda, torna-se cinza. Tal característica natural desencadeia uma das versões do discurso regionalista que considera o Seridó como espaço de provação humana.

As chuvas se distribuem ao longo de 4 meses do ano e quando ocorrem em quantidade considerável, modificam a paisagem de cinza para verde, formando o que é conhecido como “babugem”. Quando não, a situação era remediada com a abertura de poços e cacimbas cuja água muitas vezes era salobra e turva. Os açudes surgiram apenas posteriormente, mas estão presentes em muitas partes do território. Essa água reservada precisava ser transportada para ser utilizada, o que era feito utilizando o jumento e a cerâmica local, através da quartinha, do pote e da jarra (Faria, 1980).

Quando o cenário é de boa quantidade de chuvas, Faria (1980) destacou a prática de colher e debulhar o feijão feita a partir da ajuda dos vizinhos, o que acabava se tornando um evento social. Existia o hábito de armazenar os alimentos colhidos, que não estragassem, para o período de poucas chuvas. A esse fato se associa a valorização de depósitos e vasilhames de plástico ou metal e o conhecimento acerca das melhores

técnicas de preservação. Além das técnicas de preservação de alimentos, os sertanejos dominavam o conhecimento de técnicas de plantio em períodos de seca, por exemplo a de vazante.

Em relação a paisagem, o terreno apresenta uma variação de altura, estando a altitude média marcada em 700 metros nas áreas mais altas, sobre isso Azevedo (2007) afirma:

Logo, há uma distinção cultural entre o sertanejo serrano ou “serrista” como este é chamado – que corresponde àquele dos chapadões e escarpas, ou, das “chãs das serras” como é mais conhecida essa área na região –, e o sertanejo do “sertão”, das áreas mais baixas da depressão sertaneja (Azevedo, 2007, p. 61).

Não ignoramos as diferenças em relação a vivência do Sertão do Seridó nas serras, mas focaremos sobretudo nas áreas mais baixas. Algumas das espécies vegetativas que compõe a paisagem da região são o angico, a jurema e o pau-d’arco. O autor destaca além dos usos comuns, a aplicação dessas e outras plantas na farmacologia popular, através de chás, compressas, infusões e lambedores que para além das rezas eram buscadas como fonte de cura para doenças.

As serras apresentariam altitude de aproximadamente 250 metros. Os solos, por sua vez são caracteristicamente castigados pela erosão dos ventos e das chuvas. Quanto as serras que marcam o mapa do Seridó, Faria (1980) afirma:

Ao Norte, pela Serra de Santana, que descamba para o NO, na do Pará Velho e do Tapuio. A Leste, na Chapada da Borborema, pelos contrafortes das serras do Feiticeiro, Apertada Hora e do Doutor. Os limites com o Estado da Paraíba começam a ser traçados a NO, no espinhaço da Serra do João do Vale, descendo emparelhado com o Rio Piranhas até Ipueiras, onde ele penetra no Rio Grande do Norte. Daí pelo lombo da Serra da Salamandra, até as nascentes do Riacho Caiçara (PB) e em linha reta, já ao Oeste, até pegar a Serra das Melancias. Depois pela Serra do Poção e mais adiante, na dos Quintos - para subir pela Serra da Carneira, do Chapéu e Vermelha - onde emenda novamente com a Serra do Doutor. São os marcos que mais ferem a vista ao espiarmos o mapa (Faria, 1980, p. 177).

O autor argumenta ainda que existia maior quantidade de animais na região e que possivelmente a prática da caça levou a extinção de algumas espécies. As serras, por se tratar de espaços pouco explorados, funcionaram como refúgios para flora e fauna sertaneja. Destaca ainda a presença das cercas de pedra, de arame ou madeira, além dos açudes como elementos componentes da paisagem. A vegetação é principalmente do tipo cactácea e xerófila disposta em solos rasos e pedregosos.

Azevedo (2007) também pensa o espaço seridoense como lugar de diferenciação e em seu texto descreve elementos do que ele chama de “identidade socioterritorial”. O

autor inicia destacando a caatinga e a sua fauna e flora características, bem como as condições climáticas locais e como devido a isso, os seres vivos que ocupam esse espaço adquirem resistência.

A personalidade da pessoa sertaneja também receberia influência das características naturais da região. Aquela precisaria de um temperamento firme e enérgico para sobreviver a um meio ambiente de condições severas. Essas condições contribuiriam para a formação de um conjunto de valores, como bom caráter, respeito aos costumes e a honra. Tais características foram vistas ora como qualidades, ora como defeitos. No que o ajuda a sobreviver, a rigidez do sertanejo foi entendida como positiva. Quando o apego às tradições supostamente impediu o progresso da região, a rigidez de caráter foi vista como algo negativo (Macêdo, 2012).

Ainda em relação a personalidade da pessoa sertaneja, Lamartine (1965) aponta para a hospitalidade sertaneja, desde as pessoas mais ricas até as mais pobres, particularidade que fazia com que os donos de fazenda mantivessem uma fogueira acesa e uma pessoa buzinando em frente à casa, objetivando atrair os possíveis viajantes e a demorar a surgirem hotéis ou pousadas ao longo das terras.

Luís da Câmara Cascudo aborda aspectos da vida cotidiana do interior do estado do Rio Grande do Norte, em sua obra *Viajando o Sertão*, publicada pela primeira vez em 1934. Caracteriza os sertanejos como possuidores de força e obstinação. Além disso, destaca a permanência de aspectos ligados aos colonizadores portugueses, como por exemplo o vocabulário, em decorrência da distância dos lugares com maior fluxo de pessoas, como o litoral. O português falado naquele lugar seria uma permanência do português do século XVI, ademais, quanto a fala, menciona o hábito de utilizar o plural. Segundo Cascudo (2012) a fala sertaneja é repleta de simplicidade e sinceridade, geralmente acompanhada de sarcasmo.

Morais (2020) chama atenção para os saberes e fazeres da região, aspecto relacionado ao capital social, que gerariam produtos qualitativamente associados a marca Seridó. Essa carregaria arte, tradição e inovação e estaria diretamente associada com a identidade seridoense. Sobre isso a autora afirma:

Considerando a região em seu caráter particular, observa-se que na conjunção das instâncias cultural, econômica e política do Seridó se forja uma identidade permeada de valores que se fundam na positividade. Decerto que nesta valoração positiva do saber-fazer regional reside a identificação e o reconhecimento do diferencial qualitativo em relação aos produtos

seridoenses, ratificando a influência dos elementos culturais no processo de desenvolvimento (Morais, 2020, p. 486).

A ideia de saber-fazer nos é cara para entender as cerâmicas de barro do sítio arqueológico Santa Clara 02. Acreditamos que a variabilidade formal percebida nas mesmas pode ser o resultado de uma expressão sertaneja, baseada em um saber-fazer cerâmico, ou seja, de um conhecimento que pode recuar no tempo na forma de herança ou estar associado a aspectos econômicos das populações produtoras.

Azevedo (2007) também pontua o saber-fazer como uma característica particular do seridoense:

Muitos sertanejos desconhecem o seu próprio potencial criativo e inventivo, o qual pode se constituir num instrumento básico de emancipação social. Isso pode ser percebido através do elevado número de objetos, produtos e itens, símbolos da cultura regional gerados artesanalmente, os quais fazem parte do cotidiano das pessoas, mas que apresentam baixo valor comercial e pouco conhecimento e reconhecimento, seja no nível da culinária e da alimentação, seja no nível do artesanato para decoração e/ou utilidades domésticas (Azevedo, 2007, p. 73).

O autor afirma que os artesãos e artesãs seridoenses geralmente são pessoas que não frequentaram a escola e aprenderam seu ofício a partir da observação e do teste, através de uma capacidade de criação e observação excepcionais. O bordado produzido no Seridó é um caso de artesanato que alcança conhecimento internacional. Utilizando o exemplo dos trabalhos com argila o autor afirma:

[...] Tradição deixada pelos indígenas – antes, bastante forte na região; hoje, preservada em alguns dos seus aspectos. Muitos dos instrumentos de trabalho e utensílios domésticos são gerados a partir dessa atividade, cuja matéria-prima essencial é a argila. Dela, faz(ia)-se o pote, a panela, a chaleira, o prato, a xícara, a bilha, o alguidar, a bacia, a leiteira, objetos de decoração, enfim, uma diversidade de itens e utensílios domésticos, todos caprichosamente lapidados e moldados, essencialmente úteis no cotidiano sertanejo. Os mesmos variam na forma e no tamanho a depender da necessidade e do gosto do freguês, uma vez que muitos são feitos por encomenda (Azevedo, 2007, p. 104).

Um exemplo de ceramista local é Raimunda Cícero da Conceição (1933-2018). Ela nasceu na cidade de Bananeiras na Paraíba, mas mudou-se para Caicó quando tinha apenas 9 meses e lá viveu durante grande parte de sua vida. Suas cerâmicas tornaram-se matéria do Jornal do Brasil (JB) na década de 1970 pela originalidade e alcançaram lugares como São Paulo, França, Estados Unidos e Itália.

O algodão é um elemento importante do discurso regionalista e, mesmo atualmente (década de 20 do século XXI), quando o produto não é mais produzido pela economia seridoense, ele continua sendo um símbolo escolhido para representação. O

criatório, em contrapartida, é recuperado apenas relativamente à origem do Seridó, apesar de ainda ser praticado. Segundo Lamartine (1965) a criação de animais era mais praticada que a plantação, atividade econômica de menor expressão. Isso se pode justificar uma vez que são atividades econômicas de momentos políticos distintos. A cotonicultura inseriu a região no cenário externo não só de forma econômica, mas também política (Macêdo, 2012). Símbolos relativos à essa atividade econômica estão presentes nas bandeiras de municípios e nomeando cidades, como por exemplo “Ouro Branco”.

Faria (2009) em seu livro *Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte* aborda a história de uma espacialidade e de uma identidade a partir da materialidade do ferro. Esse material era utilizado para marcar a posse dos animais a um dono de uma propriedade através de um sinal específico. Tal ação era chamada de assinar. Inicialmente consistia em cortar as orelhas dos animais em um padrão específico e posteriormente passou a acontecer por meio da marcação, formando o que o autor chama de “heráldica sertaneja”. O emblema era gravado não só no couro dos animais, mas em outras partes da propriedade e passava a remeter a um criador particular. Faria (2009) destaca que os vaqueiros chegavam a conhecer não só a ferragem do gado da fazenda que cuidavam, mas também das propriedades vizinhas de forma que o símbolo remetia a genealogia, hábitos, nomes e idades. Além do proprietário, o símbolo informava também sobre a ribeira ou freguesia onde se localizava a propriedade. A Ribeira do Seridó tinha por símbolo um “S”. Os emblemas podiam passar de geração em geração, formando uma marca tradicional que poderia informar acerca da formação dos sertões. Os padrões podiam ser compostos por desenhos, símbolos, números e letras. Sendo a atividade econômica pecuarista intrinsecamente associada com a história de repovoamento do interior do Rio Grande do Norte, a reflexão trazida por Faria (2009) é de extrema importância. Sobre isso, o autor pontua:

Não carece se imaginar muito para calcular o que deve ter sido usado primeiro: a marca ou a ribeira? Ora, a precisão de saber o "esse é meu e aquele é seu" deve ter nascido na família, no grupo ou na tribo, ainda nos começos da história da criação dos bichos. E eles deviam gizar suas marcas em qualquer parte mais visível, tanto de um lado como do outro do corpo do animal (Faria, 2009, p. 41).

O trabalho foi também apontado como elemento característico da sociedade seridoense. Acerca da rotina Moraes (2020) pontua:

A rotina de trabalho começava no alvorecer do dia com a tirada do leite nos currais, onde se travava as primeiras conversas, contava-se causos (anedotas) e bebia-se leite cru (tirado direto do peito da vaca); depois, fazer o corte do

capim, alimentar o rebanho, encaminhar o gado para matar a sede no açude ou no poço do rio e, finalmente, a sua dispersão no pasto. Nesse entremeio, um olhar sobre a lavoura: semeadura, aguação, poda, colheita. À tarde, buscava-se o gado nas pastagens para recolhimento aos currais e se fazia outra tirada de leite (Morais, 2020, p. 192).

A vida foi classificada como simples em relação a moradia, a alimentação, a vestimenta e o trabalho. Sobre isso, Moraes (2020) afirma:

Ante uma organização espacial historicamente alicerçada na superação de dificuldades, a convivência com a escassez implicou em certa concepção de riqueza. Ricos eram aqueles que possuíam fazendas e tudo que isso encerrava – terras, gado e poder. Esses atributos, uma vez conquistados, eram repassados aos descendentes como herança familiar, por vezes ampliada em função dos casamentos arranjados pelos pais dos noivos, em que as escolhas geralmente envolviam as famílias ilustres. Eram comuns as núpcias intra-familiares fortalecendo o entrelaçamento genealógico (Morais, 2020, p. 190).

O fazendeiro, geralmente escolhido entre os homens bons, fidalgos, agricultores ou criadores de Portugal, é apontado como o fundador da família sertaneja, passando a ocupar o papel de pai de família. Lamartine (1965) destaca o caráter patriarcal das mesmas, onde os membros dedicavam um respeito tradicional ao pai da família. Alguns desses alcançaram grande prestígio, sendo vistos como figuras símbolo de honestidade, da ordem, de princípios e dos bons costumes. Ainda em relação a família, o autor destaca os casamentos entre parentes, fato que faz com que se perdurem sobrenomes desde a colonização.

Quanto à cozinha, Cascudo (2012) aponta para um acanhamento do sertanejo diante de pessoas que não compartilham sua cultura, substituindo itens característicos de sua alimentação como a coalhada, carne de sol, costelas de carneiro, pirão, milho cozido, feijão verde e mugunzá nas refeições, quando acompanhados de visitas. Assim, desconsiderando a importância das comidas que permitem-lhe adquirir a resistência física em prol de comidas associadas com um melhor status.

Lamartine (p.33, 1965) afirma que existia uma cozinha particular para a produção do queijo e nos meses de inverno esse era produzido juntamente com a manteiga. Os sertanejos levavam uma vida “simples, sóbria, farta e saudável”, segundo o autor. Sua alimentação era também classificada como “simples”, mas “abundante e substancial”. Alguns componentes da alimentação eram os bolos caseiros nos dias de festa, leite, café, batata doce, cuscuz, queijo, tapioca, carne de sol, arroz, mungunzá, jerimum, feijão, rapadura, farinha, umbuzada, melão, melancia, pinha, coalhada etc. Aos domingos, quando a casa costumava ficar repleta de visitas, ofertavam-se grande fartura de

alimentos. Segundo o autor, esse cardápio ainda se faz presente na mesa de muitas famílias.

Em relação a comida, a paçoca é apontada por Faria (1980) como uma permanência até a atualidade que teria sido adotada a partir da observação dos indígenas. O queijo do tipo manteiga e do tipo coalho e a manteiga são apontados como produtos tradicionais que são associados a região do Seridó. Enquanto a rapadura, o jerimum e a batata doce são elencados como apreciados pelos sertanejos. Quanto à sobremesa, destaca o chouriço e as goiabadas industrializadas ou “doce-de-lata”.

Segundo Moraes (2020) a alimentação sertaneja era caracterizada como farta e rica. Eram realizadas 4 refeições. Alguns dos alimentos que compõe a mesa sertaneja são: cuscuz de milho, com leite de gado ou de coco, sequilhos, bolos, tarecos, batatas, beijos, tapioca, café, feijão com mocotó, feijão macassar com torresmo, batata-doce, arroz de leite, carne-de-sol, coalhada adoçada com rapadura, leite com batata, xerém, jerimum, mungunzá ou cuscuz. Eram também consumidos animais advindos da caça e da pesca e raízes de vegetais.

Em relação a alimentação Azevedo (2007) destaca como pratos regionais: paçoca de carne-de-sol, manteiga da terra, cheiro verde, carne-de-sol, carnes de aves e animais silvestres, peixes de água doce, panelada, buchada de carneiro, mocotó bovino, pirão, carnes de carneiro, bode, porco, guiné, peru e galinha caipira, feijão verde, feijão-macassar, fava, arroz de leite, batata-doce, cuscuz, munguzá, xerém, fubá, canjica, pamonha, angu, milho cozido e assado, queijos de coalho e de manteiga, coalhada, doces, biscoitos, bolachas, nata, manteiga, umbuzada, tapioca, cocada, fubá, rapadura e chouriço.

Quanto as manifestações culturais não destacam particularidade na dança, mas, em relação à música, os historiadores pontuam o caso dos violeiros ou cantadores, que cantam músicas improvisadas. A prática da vaquejada é também mencionada pelos autores. Além disso, a feira livre, que acontece uma vez por semana nas cidades e se constituem, além de um momento de consumo, também um momento de sociabilidade (Azevedo, 2007; Cascudo, 2012; Moraes, 2020). Outros elementos característicos são a vaquejada, o couro e o leite, entretanto o Azevedo (2007) destaca que na atualidade esses foram adaptados para novos significados.

A arquitetura (Diniz, 2008), elemento cultural que marca a ocupação humana da paisagem é também uma característica marcante da região do Seridó potiguar, estando diretamente associada com a atividade econômica pecuarista que desencadeou o processo de interiorização da capitania. Estabeleceu-se uma relação entre o espaço, sertão potiguar e a necessidade de adaptabilidade, entre outras coisas ao clima, a paisagem e ao ambiente rural, que desencadeou um tipo específico de habitação, chamado de casas de fazenda. Sobre isso, F. Araújo e J. Miguel (2008) pontuam que:

As casas de fazenda do mundo rural brasileiro representam ainda a formação econômica do local ao se ligarem aos grupos que controlavam e transformavam os sertões em locais de criação de gado ou plantação de cana-de-açúcar, café ou outro produto agrícola. São a expressão do poder político e da ocupação humana em forma de habitação. No nordeste brasileiro, em sua marcha expansionista, a ocupação portuguesa foi obrigada a adaptar-se ao inclemente clima e a ferocidade defensiva dos autóctones. Nesse sentido as casas de fazenda se transformavam em reduto e moradia (Araújo; Miguel, 2008, p. 45).

No atual estado do RN, as fazendas de gado e os engenhos de açúcar consistiam em expressões arquitetônicas importantes da zona rural da capitania. A produção açucareira iniciada no século XVI permitiu a estruturação do território nos moldes europeus: engenhos, cidades, vilas, fortalezas, portos. Os engenhos eram compostos por: a casa-grande, a senzala, a capela e a casa de engenho. As casas de fazenda (séculos XVII-XVIII), por sua vez, consistiam em expressão do poder político e da ocupação humana. Em seu entorno se dispunham os currais, oficinas, depósitos, as residências dos moradores etc. Na região do Seridó potiguar, especificamente as primeiras se fizeram presentes, podendo ser chamadas de vernaculares. Araújo e Miguel (2008) afirmam:

Na segunda metade do século XVII, a ocupação das terras pela pecuária se estendeu até as ribeiras dos rios mais distantes alcançando as terras da ribeira do rio Piranhas, na capitania da Paraíba, área que hoje algumas partes pertencem ao Rio Grande do Norte; havendo crescimento de atividades produtivas, principalmente a fabricação de açúcar e a criação de gado. Em face do isolamento, das dificuldades de abastecimento e de comunicação as fazendas de gado, assim como os engenhos de açúcar também funcionavam como autarquias. Nelas além da casa-grande e dos currais, distinguiam-se instalações para diversas atividades, como oficinas, depósitos e as residências dos moradores, dispostas, muitas vezes, de modo a formar um terreiro, como em muitos engenhos de açúcar (Araújo; Miguel, 2008, p. 48).

Essas estruturas arquitetônicas transmitem a ideia de proteção e acolhimento, que junto do mobiliário e dos utensílios fazem parte da história, identidade e costumes do sertanejo potiguar. São, entretanto, negligenciadas uma vez que não possuem o mesmo apelo que as grandes edificações do litoral nordestino (Borges, 2016).

A fazenda era construída na parte mais alta do terreno, de forma que os ventos pudessem ser aproveitados e a melhor vista fosse garantida, de forma que a proteção fosse facilitada. Essas construções diferiam dos casarões do açúcar e o mobiliário era também de muita simplicidade (Lamartine, 1965; Faria, 1980).

A fazenda concentrava a maioria das atividades cotidianas e as vilas e cidades atuavam como centro da vida política e social. As casas de fazenda eram marcos característicos da paisagem. Possuíam grandes alpendres onde se armavam as redes e oratórios em seu interior. Em suas proximidades se construía capelas e se distribuía casas menores onde ficavam os moradores, geralmente trabalhadores do fazendeiro. Muitas cidades da região tiveram em sua origem uma capela. Essa atraía a construção de casas em seu entorno. Era comum que com o evoluir da povoação o santo a quem a capela foi destinada se tornasse o padroeiro da cidade e recebesse uma celebração anual (Morais, 2020).

A religião cristã e os padres ocuparam na sociedade sertaneja um importante espaço, sendo esses geralmente conhecidos e bem tratados por todos. O autor destaca a baixa adesão ao que ele chama de “macumba” e espiritismo. Um momento festivo muito popular nos sertões é a festa da (o) padroeira (o), mas também o São João, as festas de fim de ano e as festas do Rosário. Quanto as crendices, destaca a mula sem cabeça, a caipora, o lobisomem e as almas de outro mundo. Além disso, os rezadores eram figuras populares no tratamento de problemas de saúde e para proteção (Lamartine, 1965).

A religiosidade local tem uma expressão em maior escala do cristianismo e em menor escala, de outras religiões como as de matriz afro, protestante e espírita. Além disso, assume um caráter messiânico através de personalidades que entre outras coisas seriam capazes de saber sobre as chuvas, proteger contra os rigores do clima e da prática política, caracterizada pela formação de oligarquias e pelo coronelismo. A força da religião se expressa ainda na formação de muitos dos municípios, que possuem eventos religiosos associados à sua origem. As festividades mais conhecidas estão associadas com a religiosidade, na forma da festa de (a) padroeiro (a) (Azevedo, 2007).

A estrutura familiar, os costumes domésticos e a religiosidade são características ressaltadas por Moraes (2020) na sociedade seridoense. A autora destaca também a estratificação, considerando-a diferente da tipicamente gerada pelo capitalismo e as relações entre patrão e trabalhador. Em um contexto em que a atividade econômica

pecuarista teve muito tempo de influência estabeleceu-se uma ideia de compadrio. Essa adaptação dos ideais do capitalismo se dava também na composição do patrimônio, uma vez que, segundo a autora, geralmente o fazendeiro pensava em possuir uma grande quantidade de terras e de gado, para deixar de herança a seus familiares (Moraes, 2020). Como símbolos de poder da sociedade seridoense até o século XX segundo Azevedo (2007) estavam o gado a terra.

Em meados do século XIX, as famílias com mais condições contratavam mestres-escolas para ensinar as suas crianças sobre a leitura, a escrita, a contagem e o catecismo cristão. Fato que também se devia a distância das escolas em relação as fazendas. A continuidade dos estudos se dava geralmente no Seminário de Olinda e na Faculdade de Direito do Recife, espaços com os quais historicamente aconteceram relações comerciais. Ao retornar essa elite rural passava a influenciar o contexto político e cultural da região e do estado do RN (Moraes, 2020).

Moraes (2020) aponta no âmbito da política, a estratégia utilizada por alguns candidatos de se colocarem como representantes da região, se apropriando de elementos característicos do Sertão do Seridó e da personalidade sertaneja e associando-os com sua imagem, na construção de um personagem. Uma outra característica da política na região do Seridó é a manutenção das mesmas figuras como candidatos, muitas vezes associados as famílias que povoaram a região.

Aqui trazemos aspectos característicos que são pontuados por diferentes autores em diferentes momentos da história do Seridó, entre o século XVII e XIX. Podemos observar que alguns deles se repetem no discurso regionalista, sendo difícil situar temporalmente o elemento no passado ou no presente. A partir disso, pensamos se tratar de elementos persistentes de uma identidade. Não em um aspecto homogêneo (Santos, 2020), tradicional ou congelado, mas em um processo de reapropriação de elementos particulares que sobrevivem ao longo do tempo. Talvez o cenário descrito não seja familiar para algumas classes de seridoenses, mas sobretudo para aqueles indivíduos das classes mais baixas esse Seridó ainda é uma realidade.

Observamos que os autores trazidos para essa discussão concordam em vários pontos. Entendem que a identidade do sertanejo seridoense é formada pelos seguintes elementos culturais: alimentação, religiosidade, atividade produtiva econômica, a relação com os de fora (hospitalidade etc.), a relação com o meio, a organização familiar, as

crenças, o conhecimento popular e o saber-fazer, as músicas de viola e a vaquejada, a pesca e a caça, a açudagem, a arquitetura, a forma de fazer política etc. Essas características falam de um sujeito que se constrói sobretudo na relação com o ambiente em que vive. Fala de uma identidade que se fragmenta e se remonta em torno dos aspectos listados. Um exemplo disso, aconteceu no inverno do ano de 2024 em que diversos reservatórios vieram a transbordar, ou “sangrar” como se fala no seridó potiguar, causando comemorações em forma de celebração religiosa, de festas e de visitas em massa aos locais. Para as demais pessoas, a cheia de um reservatório não representava nada, mas para aqueles era um grande motivo de alegria. Atualmente o acesso a água não é tão difícil como no passado, mas a relação com esse recurso natural é algo muito marcante para os seridoenses.

Já considerando pesquisas arqueológicas que dialogam com o tema em discussão, Rafael Souza (2015) chama atenção para a criação de uma história única, vinculada à pobreza, sobre a região Nordeste do Brasil, falando mais especificamente do Sertão do Ceará, Pernambuco e Piauí durante o século XX. Junto a isso destaca as ideias de homogeneização cultural do sertão, relacionadas a adoção dos bens advindos do contexto industrial, moderno e urbano, a influência da globalização e da sociedade do consumo.

Apesar do autor não abordar o nosso sertão específico, compartilhamos de sua ideia para entender nossa espacialidade, uma vez que o Sertão do Seridó apresenta uma lógica particular dentro do contexto econômico mundial, estando conectado com as mudanças, mas não recebendo-as pacificamente. Isso pode ser exemplificado relacionando-se ao Santa Clara 02, por exemplo na coexistência e persistência de cerâmicas de barro, com materiais que podiam ser empregados para as mesmas funções como a faiança fina e o vidro. Sobre isso, Francisco Gomes (2020) afirma:

A análise do consumo não pode por isso partir de uma concepção normativa da cultura. É certo que existem quadros sociais e culturais de partida, articulados em torno de regimes de valor específicos, que condicionam à partida as fórmulas e os padrões de consumo (Terrail, 1995: 194 -195); contudo, o que a investigação recente do consumo demonstrou é que existe uma margem importante para variações e desvios dentro desses quadros socioculturais e desses regimes de valor, isto é, para o desenvolvimento por parte de sectores concretos de uma dada sociedade de estratégias de consumo particulares que permitem e potenciam a transformação social (Gomes, 2020, p. 230).

Uma ideia que pode ser aplicada também para o caso do Sertão do Seridó é o conceito de subcapitalização, pensado pelo Luís Symanski para sítios históricos do Ceará do século XIX:

Esta autonomia material, por sua vez, também estava muito provavelmente relacionada à subcapitalização desses grupos domésticos da região, caracterizados, como anteriormente referido, como pequenos proprietários rurais, com economia baseada na agricultura de subsistência, criação de pequenos rebanhos, e prestação de serviços diversificados aos grandes proprietários rurais. Em uma economia subcapitalizada, em que o capital está centralizado nas mãos de um pequeno grupo (os grandes proprietários rurais), há uma tendência para que a massa da população desenvolva determinados mecanismos para a obtenção dos itens de consumo necessários para o seu cotidiano, dentre os quais destaca-se o desenvolvimento de um sistema de trocas dos bens de produção local em um determinado centro. Este centro será o locus de circulação do capital e das commodities de produção local e regional. Para o caso do sertão do Nordeste este locus foi e continua a ser a feira (Symanski, 2008, p. 84).

A partir da análise da cultura material dos dois sítios por ele estudados e diante da prevalência do que ele chama de cerâmicas de produção local-regional, Symanski (2008) conclui:

A cerâmica de produção local-regional, portanto, ainda que tivesse um valor econômico inferior ao das louças importadas, manteve um valor social muito superior ao daquelas, representando os laços, obrigações, deveres, e reciprocidade que deviam ser mantidos pelos grupos domésticos que compunham essa sociedade para garantirem a sua sobrevivência em um meio natural e social muitas vezes imprevisível, no qual a ameaça de secas de proporções catastróficas, de coronéis tiranos, e de bandidos impiedosos era uma constante. Dessa forma, a cerâmica local-regional foi uma expressão material da identidade sertaneja e dos laços sociais vinculados a essa identidade (Symanski, 2008, p. 93).

Acerca do valor atribuído aos objetos é necessário entender o conceito de regimes de valor, explicado por Gomes (2020) como:

[...] sistemas culturalmente específicos de valor que ordenam os elementos de cultura material não apenas em função das suas propriedades e do seu custo social de produção/aquisição, mas também em função de interpretações social e culturalmente partilhadas sobre o significado desses objectos (Gomes, 2020, p. 229).

Nós partilhamos das lógicas apresentadas nesses trabalhos, pois pensamos que no Seridó do RN a cerâmica de barro, apesar de ter sido um produto de valor econômico baixo, apresenta um valor social alto. O consumo dessa materialidade juntamente com outras que poderiam ser utilizadas para a mesma função pode caracterizar uma estratégia de consumo particular, em que a cerâmica de barro fosse empregada como elemento material de expressão de identidade. No caso do Seridó, assim como outros no Brasil, as cerâmicas de barro não eram consideradas como patrimônio a ser destacado nos inventários, mas nos sítios arqueológicos históricos estudados correspondem geralmente a materialidade mais predominante. Sobre os estudos relacionando cultura material e consumo, Gomes (2020) afirma:

Michael Dietler, em particular, assinala quatro aspectos ou escalas fundamentais de análise que devem combinar -se para obter uma correcta aferição das estratégias de consumo a partir do registo arqueológico: 1) o contexto específico do consumo; 2) as associações dos objectos consumidos entre si e com outros elementos de cultura material; 3) a representatividade intra - e inter -sítio dos objectos consumidos; e 4) a distribuição espacial geral dos objectos consumidos numa dada área de estudo (Gomes, 2020, p. 231).

A globalização é um fenómeno de macro escala atrelado ao consumo de bens, que desencadeou uma integração mundial em torno do capitalismo. Ao trabalhar com a microescala a arqueologia deve preocupar-se em perceber como essas influências penetram na vida cotidiana das pessoas. Pode-se perguntar, por exemplo como se estabelece a relação entre os produtos locais e os externos (Souza, 2015).

Considerando a dinamicidade da cultura, acreditamos em um diálogo entre as formas de consumo externas e locais, abrindo possibilidades de escolha para a população. Isso põe em xeque a ideia de homogenização e universalização comumente defendidas, uma vez que as influências culturais chegam e são interpretadas de formas diversas. Além disso, é preciso entender o consumidor como ser ativo, que pode se relacionar de formas particulares com os produtos que consome, por exemplo reutilizá-los para outras funcionalidades. Sobre esse aspecto, Souza (2015) pontua:

A globalização emerge como um processo incompleto, não finalizado, cujos contornos são formatados por práticas sociais e culturais locais. Ao longo do século XX, as populações rurais sertanejas, para além de teorias de isolamento, estariam dialogando ativamente com a chegada de novos produtos e a forja de outras práticas de consumo, domesticando forças globais em contextos específicos, persistindo em algumas atitudes, inovando em outras, o que, de modo algum, configuraria homogeneização de costumes (Souza, 2015, p. 51).

Portanto, consideramos as especificidades do sítio arqueológico Santa Clara 02, que está situado em um dos sertões que compõe o território brasileiro, o Sertão do Seridó. Esse possui uma história de formação que implica a construção e reconstrução de uma identidade particular, assim como de estratégias políticas, sociais e econômicas. Considerando esse aspecto, objetivamos entender as lógicas em torno do registro material do sítio Santa Clara 02, onde se apresentam objetos como as cerâmicas de barro juntamente com outros como as louças e vidros. Após situarmos a pesquisa contextualmente, passaremos a discussão metodológica.

2. A cerâmica de barro e a pesquisa arqueológica

2.1 Tentativas de conceituação para a cerâmica de barro na arqueologia brasileira

Segundo Igor Chmyz (1976, p. 126) cerâmica corresponde ao “artesanato de barro queimado”. A argila, matéria prima utilizada para se elaborar a cerâmica, quando misturada com água torna-se plástica podendo ser manipulada, dentro dos limites materiais, de acordo com a vontade do artesão. Quando cozida, ou seja, levada ao fogo, a argila adquire resistência podendo resultar no que Eldino Brancante chamou de “louça de adorno”, “louça utilitária” ou “materiais de construção”. Essa tecnologia teria sido inventada a partir da necessidade de objetos para reservar os líquidos e sólidos necessários à subsistência humana, bem como para cocção e consumo de alimentos. O domínio do fogo foi uma condição primordial para o estabelecimento da produção de cerâmica. Para além do formato, surge a preocupação com a aparência das cerâmicas, do que se originam as decorações plásticas e cromáticas (Brancante, 1981).

A cerâmica tem sido uma das principais classes de material abordadas em estudos da arqueologia brasileira devido, entre outras coisas, a sua durabilidade, potencial informativo e distribuição espacial pelo território (Robrahn-González, 1998). Os primeiros trabalhos preocupavam-se em conceituar e localizar espaço-temporalmente esse material. Dentro desse contexto, destacamos os conceitos de *cerâmica neobrasileira*⁹ que já aparecia em relatórios do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), e de *cerâmica de produção local/regional* (Zanettini, 2005).

A cerâmica neobrasileira, inicialmente designada como cerâmica cabocla, foi um conceito formulado por Ondemar Dias Junior (1988) no ano de 1964 e perpetuado entre outros pesquisadores por José Brochado (1974). Foi expandido para Tradição Neobrasileira no ano de 1976, correspondendo segundo Chmyz (1976) a:

Uma tradição cultural caracterizada pela cerâmica confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências, onde são diagnosticadas as decorações: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, alças, bases planas em pedestal, cachimbos angulares, discos perfurados de cerâmica e pederneiras (Chmyz, 1976, p. 145).

⁹ O conceito de neobrasileiro foi utilizado inicialmente por (Nimuendaju, 1936).

O período de preocupação com a definição e classificação da cerâmica foi seguido por mudanças paradigmáticas na arqueologia brasileira, durante os anos de 1990, que deslocaram o foco para o significado dos artefatos. É nesse contexto, e em contraposição ao conceito anterior, que Paulo Zanettini (2005) elabora a expressão *cerâmica de produção local/regional*. Esse foi aplicado para pensar cerâmicas encontradas no interior do estado de São Paulo, que possuíam características tecnológicas específicas relacionada a região em que se inseriam.

Assim, podemos perceber um contraste entre uma perspectiva que generalizava as cerâmicas encontradas em diversos sítios arqueológicos brasileiros ao longo do tempo e outra que percebia as especificidades locais e regionais. Sobre isso, Souza (2008) afirma: “[...] Uma que associa a cerâmica a sincretismos, sínteses e mosaicos culturais, e outra que a relaciona com grupos particulares, que foi definida como uma abordagem do ‘tudo ou nada’” (Souza, 2008, p. 143)¹⁰.

Não deixamos de considerar a importância do conceito para o contexto, mas as principais críticas entorno da designação *cerâmica neobrasileira* dizem respeito a grande generalização da cerâmica dos sítios arqueológicos históricos das mais diversas regiões ao longo de mais de 500 anos; a ideia de “novo brasileiro”, que pressupõe a existência de “primeiros brasileiros”, desconsiderando a alteridade dos grupos que vivenciaram o período colonial e a aplicação da concepção de “brasileiro” que só vai passar a se consolidar ao longo do século XIX; além disso, a pressuposição de uma representação de síntese de culturas, muito associada ao contexto, em que se discutiam conceitos como antropofagia e democracia racial (Souza, 2008).

O conceito elaborado por Zanettini passa a considerar as especificidades tecnológicas regionais, de forma que desencadeou a percepção de que a materialidade traz informações sobre quem a produziu e utilizou. Em relação as críticas ao conceito de cerâmica de produção local/regional Herbert Rego (2013) afirma:

Já os trabalhos que foram desenvolvidos através de novas problemáticas conceituais, denominados de “ou tudo ou nada”, tem atentado para assimetrias de cor, gênero, status social, resistência ou background cultural, entre a cultura material e os agentes sociais de contexto específicos, compreendendo, em

¹⁰ “[...] Una que asocia la cerámica con sincretismos, síntesis y mosaicos culturales, y otra que la relaciona con grupos particulares, que fue definida como abordaje del “todo o nada” (Souza, 2008, p. 143).

geral, o artefato como um instrumento de discurso de classe (Rego, 2013, p. 33).

Além desses termos que alcançaram maior visibilidade e força de aplicação nos trabalhos, apontamos a existência de outros para designar cerâmicas de barro históricas, como: simples, tradicional, popular, utilitária, vermelha, artesanal, colonial, louça ou loiça, panelas de barro, cerâmica etc. Cada um desses termos, como também os dois primeiros, carrega consigo críticas, situação que marca uma falta de consenso sobre como nomear essa classe de material. Isso é apenas um dos problemas que acabam se tornando tabus em trabalhos que utilizam a cerâmica como objeto e que embarreiram renovações metodológicas.

Em nossa opinião, mesmo que um consenso não seja alcançado, é importante refletir acerca dos conceitos utilizados para designar as cerâmicas de barro históricas, uma vez que essa classe de material se faz muito presente nos sítios arqueológicos brasileiros. Conceituar de forma responsável ajudaria a fortalecer os trabalhos realizados, uma vez que as cerâmicas de barro históricas são acometidas com uma hierarquização, com base na antiguidade, em relação a outros artefatos, muito comum na arqueologia. Como são objetos que são ainda produzidos e utilizados em muitos espaços o valor de informação que podem trazer é considerado baixo e sua abordagem desnecessária. Nesse sentido, refletiremos acerca de alguns dos conceitos mencionados.

Inicialmente destacamos a nomenclatura *cerâmica simples*, utilizada por Camila Agostini (1998a) para designar cerâmicas históricas, englobando o grupo classificado como neobrasileira e tipos sem tratamento de superfície e produzidos de forma artesanal. Essa denominação pode trazer uma associação de valor menor para a cerâmica que abarca. Dizer que um tipo de cerâmica é simples, pressupõe que exista uma cerâmica complexa, por exemplo.

O conceito *cerâmica* é utilizado por exemplo por Camila Moraes (2007), Symanski (2008) e Souza (2008). Entretanto, esse pode desencadear problemas de compreensão, uma vez que cerâmica corresponde a uma classe de material que comporta diversas formas como cerâmica de barro, a faiança portuguesa, a faiança fina, a porcelana, o grés, telhas e tijolos e até mesmo o vidro. Além disso, em alguns locais, como o Seridó do Rio Grande do Norte, designa além dos tijolos e telhas, o espaço onde eles são produzidos.

Cerâmica vermelha corresponde a recipientes de pequeno porte, com paredes finas e pasta de cor avermelhada. Além disso, apresentam bases, bordas e bojos com muitos detalhes decorativos (Etchevarne, 2011). Com esse sentido, tal nomenclatura é empregada para artefatos cerâmicos importados, sobretudo de Portugal, mas pode ser utilizada também como sinônimo de *cerâmica utilitária*. Além disso, em alguns lugares é empregada para se referir aos materiais construtivos como telhas e tijolos, que na maioria das vezes vão apresentar uma coloração avermelhada (Barga; Del Fabbro; Reis, 2016).

Panelas de barro é um conceito adotado por Rego (2013) para designar as cerâmicas utilitárias de uso doméstico produzidas local ou regionalmente. Em seu trabalho o autor realiza uma reflexão entre o objeto e seu uso e opta por um conceito já utilizado por produtores e consumidores de cerâmica de sua área de pesquisa, localizada em Pernambuco. Trata-se de uma denominação restritiva as cerâmicas de uso doméstico, mais especificamente ao âmbito culinário.

Dentro desse mesmo estado trazemos o conceito de *louça de barro* ou *loiça de barro*, empregado por Daniella Amaral (2012; 2019). Em seu trabalho, que defende uma arqueologia descolonizada e reflete acerca da variabilidade artefactual, através de uma comparação entre cerâmicas arqueológicas e etnográficas, essa autora também opta por utilizar a designação adotada pelos produtores de cerâmica de sua área de pesquisa, o agreste pernambucano. É necessário mencionar que a palavra louça tem uma forte associação com a faiança portuguesa, a faiança fina, o grés e a porcelana. Além disso, trata-se de uma forma de denominação local para um tipo de objeto associada com um uso específico, também o âmbito culinário.

Cerâmica popular abrange os objetos que são produzidos por grupos sociais pertencentes a comunidades ou municípios pequenos, ou seja, pertencentes a contextos específicos e cujo conhecimento se baseia em uma tradição. O aprendizado é passado no interior do âmbito familiar. Dentro do conjunto das *cerâmicas populares* estão as *cerâmicas utilitárias*, conceito ligado a função do objeto, mais especificamente ao uso cotidiano como a cocção e o armazenamento, abrangendo geralmente objetos produzidos a mão, por mulheres a partir de tradições de produção que remetem a origem indígena. Essa denominação se contrapõe a *cerâmica figurativa e decorativa*. A ideia de popular pode trazer uma associação de valor menor para a cerâmica que abarca. Dizer que um tipo de cerâmica é popular, pressupõe que existe uma cerâmica erudita, por exemplo.

Cerâmica utilitária relaciona-se também com o conceito de *louça* e *loiça de barro*, vistos como sinônimos (Allen; Rego, 2015; Santos; Medeiros; Castro, 2017).

Cerâmica colonial é uma designação utilizada para contrapor ao conceito de *cerâmica indígena* ou *pré-colonial*, sendo empregada para abarcar cerâmicas produzidas durante o período colonial brasileiro (1500-1822). Essas teriam sido influenciadas pelos elementos que caracterizaram o processo de colonização como o contato entre europeus, indígenas e africanos (Cardoso, 2018; Aguiar, 2019). Apesar da referência cronológica, acreditamos que essa denominação é imprecisa, na medida em que é difícil mencionar o início e a finalização da produção daquele tipo de cerâmica.

Por sua vez, *cerâmica tradicional* consiste em objetos que são resultado de uma produção a partir de uma tradição técnica particular, por exemplo de um grupo ou região (Simões, 2016). Abrange materiais como tijolos, telhas, louças, azulejos e vidros. A ideia de tradicional pode trazer uma associação de valor negativo para a cerâmica que abarca. Dizer que um tipo de cerâmica é tradicional, pressupõe que existe uma cerâmica inovadora, por exemplo. *Cerâmica artesanal* nomeia os objetos feitos a partir da prática do artesanato, ou seja, de produção manual. É utilizado, por exemplo para designar cerâmicas de barro feitas a partir do método acordelado e destinadas ao uso cotidiano, ou seja, utilitárias (Aguiar, 2019).

Além do problema conceitual, ao pensar sobre trabalhos de arqueologia histórica desenvolvidos no Brasil, Marcos Souza (2008) destaca o risco de incorrer em essencialismos, ou seja, na naturalização de significados que são na verdade socialmente construídos, atribuído a essa classe de material. Segundo o autor, uma coisa relaciona-se diretamente com a outra, uma vez, na América a produção e utilização se fazia em nível local ou regional, por pessoas que mais tarde comporiam os estados pós-coloniais, os trabalhos, especialmente aqueles que abordam o período colonial, carregam concepções de identidade nacional. Tal fato é uma exemplificação do caráter político da arqueologia histórica, discussão que passou a se fazer mais forte a partir de meados do século XX. Sobre isso, Souza (2008) destaca:

As ideias relacionadas com a nação evocam pertencimento, identificação, memórias partilhadas, continuidades e mitos de origem, e a arqueologia mobiliza estas concepções através das suas práticas. Numa outra perspectiva, a arqueologia funciona como uma reserva de referências para a criação de vínculos que legitimam ou conferem identidade, e dos quais se baseiam os Estados-nação ou as comunidades. Nesse sentido, a prática arqueológica tem inevitavelmente uma conotação política e, portanto, também uma dimensão

aplicada, para além do que é habitualmente reconhecido (Souza, 2008, p. 143)¹¹.

Acreditamos que é importante analisar o contexto, de onde, quando e sobre quem se fala, uma vez que entendemos que as técnicas se relacionam com as dimensões sociais, de forma que a cerâmica pode ser um caminho para se pensar os contatos culturais que aconteceram no período colonial da história brasileira e marcaram a história da produção cerâmica. Mesmo que muitas vezes os produtores de cerâmica de barro utilizem elementos técnicos que são marcantes na história de um determinado grupo, como por exemplo o acordelado para os indígenas, sem se autodenominar indígena, acreditamos que seria relevante mapear esses usos e possíveis significados na tentativa de entender as mudanças de estilos ao longo do tempo. Entretanto, defendemos que a arqueologia não deve fazer associações diretas que não estejam embasadas em um conhecimento profundo do contexto e o apoio de outras ciências na formação de argumentos sólidos.

Neste trabalho designamos como *cerâmica de barro* todos os utensílios domésticos, tais como panelas, tigelas, pratos, jarras, potes, cuscuzeiras, cachimbos etc., produzidos a partir do trabalho com o barro cozido. Entre outras coisas, esses utensílios diferenciam-se do que se convencionou chamar de louça (faiança portuguesa, faiança fina, grés e porcelana) por aspectos tecnológicos, tal como a temperatura de queima, ligados a manufatura, sendo esta última acrescida de mais etapas, processos e materiais para se chegar ao resultado. Diferenciam-se também das cerâmicas construtivas, entre outras coisas, em razão da sua função e manufatura.

Ressaltamos o potencial dos estudos de cerâmica histórica. No Brasil, quando se pensa no período histórico predominam análises de louças e vidros, materiais que possibilitam respostas “mais fáceis” quanto a origem, período de fabricação e associação com o grupo. Poucos estudos dedicam-se a pensar cerâmicas históricas. Aqueles que o fazem concentram-se em áreas preservadas ou com grande apelo como sobrados, casas grandes e fortificações.

Alguns usos para as cerâmicas utilitárias coletadas em contextos históricos no Brasil são serviços, cocção, consumo de alimentos, transferência e/ou armazenamento de

¹¹ Ideas relacionadas a nación evocan pertenencia, identificación, memorias compartidas, continuidades y mitos de origen, Y la arqueología moviliza a través de sus prácticas esas concepciones. Desde otra perspectiva la arqueología funciona como reserva de referencias para la creación de nexos que legitimen o confieran identidad, y de los cuales los Estados-nación o las comunidades se nutren. En ese sentido, la práctica arqueológica inevitablemente tiene una connotación política y por lo tanto también una dimensión aplicada, más allá de lo que suele reconocerse (Souza, 2008, p. 143).

líquidos ou sólidos. A atribuição de um uso hipotético de cada peça parte do estudo, entre outras coisas da forma do artefato (Shepard, 1956; Rice, 1987; Orton; Hughes, 2013). No presente trabalho analisamos essa classe de material arqueológico pensando a característica da variabilidade formal, associando esse conceito com o de estilo tecnológico.

2.2 Por que as coisas variam?

Na arqueologia brasileira, as discussões envolvendo tecnologia¹² estiveram muito influenciadas pelas tradições anglo-americana e francesa. A primeira analisou a variação em produtos finalizados, já a última trabalhou a variação durante a produção. Dentro das discussões sobre tecnologia, uma pergunta de grande importância para a arqueologia é o quanto a materialidade influencia a vida humana e o quanto da influência humana pode ser percebida nessa materialidade. Em contextos arqueológicos, os vestígios materiais constituem um caminho para o entendimento do passado no presente, constituindo uma possibilidade de responder essa pergunta (Stark, 1999).

Em relação à tradição anglo-americana no Brasil destacamos o trabalho do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, que se desenvolveu entre 1965 e 1970 no território brasileiro, objetivando realizar uma definição de quadros culturais de ocupação. Isso realizou-se, sobretudo, seguindo a orientação teórica do histórico-culturalismo, por meio do qual descreveu-se diversas *fases* e *tradições*, sem, contudo, esclarecer esses conceitos de forma sólida. Segundo o histórico-culturalismo, a variabilidade dos artefatos estava associada com grupos étnicos, podendo ser explicada através de processos de migração e difusão. O processualismo, corrente teórica que desponta por volta dos anos de 1960, enxergou a tecnologia como ferramenta de adaptação ao meio natural. A tradição anglo-americana de estudos sobre tecnologia,

¹² Tecnologia e técnica são palavras com origem etimológica semelhante e que por ter significados relacionados podem ser vistas como sinônimos, de forma que necessitam ser diferenciadas. No caso da arqueologia, a cerâmica de barro é uma tecnologia arqueológica (material) que é produto de uma técnica (imaterial). Os estudos utilizam a primeira para entender a segunda ou a segunda para entender a primeira. Tecnologia é um conceito amplo que se relaciona com outros como função, matéria-prima, técnica, indivíduo e sociedade.

produziu os conceitos de *estilo* e *função* para pensar a variabilidade dos artefatos arqueológicos e esteve associada com essas discussões teóricas (Stark, 1999).

A partir de 1980, surgem questionamentos em países de língua inglesa acerca da natureza da variabilidade tecnológica e a relação dessa com o registro arqueológico. A tradição francesa de estudos de tecnologia, que não segue diretamente as escolas teóricas de arqueologia americana, traz uma perspectiva diferente, considerando a relação entre a cognição, as escolhas tecnológicas e a sequência de manufatura dos artefatos. Diferente da anterior, que tinha uma forte aproximação da antropologia, a tradição francesa vai se aproximar fortemente da etnologia. Apesar de seguir caminhos diferentes, a preocupação principal de ambas trata do comportamento tecnológico e sua conexão com as relações sociais (Stark, 1999).

Em nossa pesquisa utilizamos as duas perspectivas, objetivando entender o comportamento tecnológico que pode ou não desencadear variabilidade nos artefatos arqueológicos e entender, dentro dos limites, o sentido dela. Utilizamos para isso o conceito de *variabilidade*, *cadeia operatória*, *identidade* e *estilo tecnológico*. Trabalhamos a partir de Michael Schiffer e James Skibo (1997), André Leroi-Gourhan (1965), Pierre Lemonnier (2006), Lewis Binford (1989), James Sackett (1975), Polly Wiessner (1983), Siân Jones (1997) e Fredrik Barth (1998).

A *variabilidade* consiste na diversificação (semelhanças e diferenças) no espaço e tempo das características presentes nos artefatos. Até o século XX mudanças evolutivas e afiliação cultural eram aspectos utilizados para explicar essa qualidade. As arqueologias processual, comportamental e pós-processual vão contribuir para uma preocupação maior com os aspectos explicativos, aumentando o leque discursivo. Nesse sentido, Schiffer e Skibo (1997) afirmam a importância de refletir sobre a natureza e a causa da *variabilidade* para explicá-la. Os autores distinguem quatro dimensões da *variabilidade artefactual* de acordo com a formação do registro arqueológico, sendo elas: formal, quantitativa, espacial e relacional. A *variabilidade formal* consiste na diversificação nas propriedades físicas, observáveis e/ou mensuráveis, de um artefato, por exemplo: tratamentos de superfície, antiplástico, espessura, peso etc. Por análises preliminares, essa é a dimensão de variabilidade predominante no sítio Santa Clara 02, por isso damos mais enfoque a ela, aplicando-a nas cerâmicas de barro. Schiffer e Skibo (1997) constroem uma explicação para a razão da variabilidade artefactual de dimensão formal com base no comportamento humano, abarcando a relação entre artefatos e pessoas. Eles pontuam a importância das

escolhas técnicas dos artesãos, que vão ser direcionadas, sobretudo pelo desempenho e capacidades específicas (mecânicas, químicas, térmicas, sensoriais) que se almeja alcançar para aquele artefato.

Cada artefato vai apresentar um ciclo de vida que é marcado por uma sequência de atividades individuais que compõe a *cadeia comportamental*. As atividades individuais, escolhas técnicas para o caso dos processos de aquisição e manufatura, determinam as propriedades formais dos artefatos, que vão estar relacionadas com as características de desempenho. Os efeitos dessa relação entre escolhas técnicas, propriedades formais e características de desempenho é chamado de *correlato* (Schiffer; Skibo, 1997).

Sobre o conceito de escolhas tecnológicas Lemonier (2006) pontua:

As Escolhas Tecnológicas tratam da adoção ou rejeição por uma sociedade de certas inovações tecnológicas e dos processos culturais que resultam nesta seleção. Demonstra que, em qualquer sociedade, tais escolhas resultam de valores culturais e de relações sociais, e não de benefícios inerentes à própria tecnologia. Este ponto de vista revolucionário tem implicações cruciais para as sociedades ocidentais atuais (Lemonier, 2006, p. 2).¹³

A variabilidade relacionada a cerâmicas tem sido um tema abordado na arqueologia brasileira (Silva, 2000; Silva, 2007; Moraes, 2007; Rebellato, 2007; Silva, 2015; Schuster, 2018; Aguiar, 2019; Lima, 2022) em contextos pré-coloniais ou coloniais. Podemos destacar, por exemplo os trabalhos de Cláudia Oliveira (2000), Daniella Amaral (2012) e Silvana Zuse (2014). Oliveira (2000) argumenta que a variabilidade cerâmica do seu contexto de pesquisa, três sítios situados na região do Parque da Serra da Capivara estado do Piauí, relaciona-se com a expressão cultural de cada grupo étnico que ocupa aquele espaço. Amaral (2012), por sua vez, trabalha a variabilidade das cerâmicas, etnográficas e arqueológicas, de dois sítios do agreste pernambucano, associando-a com a resistência em relação a economia capitalista. Zuse (2014), em contrapartida, associa a variabilidade cerâmica de seu contexto de pesquisa, discutindo quatorze sítios arqueológicos no alto do Rio Madeira como um símbolo da diversidade cultural.

¹³ Technological Choices deals with the adoption or rejection by a society of certain technological innovations and the cultural processes which result in this selection. It demonstrates that in any society, such choices result from cultural values and social relations, rather than inherent benefits in the technology itself. This revolutionary viewpoint has crucial implications for current western societies (Lemonier, 2006, p. 2).

Por influência do processualismo, a arqueologia encarou as escolhas tecnológicas como determinadas pelas condições naturais, sejam elas químicas, físicas ou econômicas. Entretanto, esse cenário vem mudando. A partir de Lemonier, Sander van der Leeuw conceitua *técnica* como uma “ação socializada sobre a matéria [...]”. Assim, o autor defende que consiste em uma mediação entre o materialmente possível, mas também aspectos da organização social, como conceitos, representações, símbolos etc. Sobre a percepção da técnica associada a sociedade, Leeuw (2006) afirma:

Ao incluir assim o contexto social na análise da(s) técnica(s), a tecnologia (estritamente falando, o estudo das técnicas) recebe um papel muito diferente e potencialmente muito mais central na pesquisa antropológica e arqueológica, porque se torna um caminho amplo e conveniente à compreensão dos princípios organizacionais e representacionais subjacentes à sociedade que os utiliza (Leeuw, 2006, p. 20)¹⁴.

O estudo das técnicas e sua relação com a sociedade, por muito tempo não teve foco nas técnicas por si mesmas, mas nos efeitos que elas podiam desencadear na vida cotidiana da sociedade, em uma relação de possibilitar a subsistência. O conceito de *cadeia operatória*, ou seja, as etapas seguidas na transformação de uma matéria prima em produto, é então introduzido pensando no estudo das técnicas por elas mesmas. Sobre isso, o autor argumenta que:

[...] Em vez disso, argumentarei que não a natureza, mas a cultura é a principal restrição da técnica. Se o oleiro é realmente crucial para reunir tudo, então o conhecimento e a abordagem do oleiro decidem como isso é feito. Assim, a análise da produção de cerâmica antiga deve centrar-se nas escolhas que o oleiro faz, tanto sobre o uso do seu ambiente e das matérias-primas que contém, como sobre o uso que faz das ferramentas e das suas próprias capacidades técnicas. As escolhas, e não os materiais e ferramentas, são cruciais para determinar a natureza e a forma do seu produto, a sua eficácia e a sua esperança de vida (Leeuw, 2006, p. 241)¹⁵.

Sobre o conceito de cadeia operatória, Leroi-Gourhan (1965) afirma:

A formação das cadeias operatórias levanta, nas suas diferentes etapas, o problema do indivíduo e sua relação com a sociedade. O progresso está submetido à acumulação das inovações, mas a sobrevivência do grupo é condicionada pela inscrição do capital coletivo, apresentado aos indivíduos no âmbito de programas vitais de caráter tradicional. A constituição das cadeias operatórias baseia-se no jogo de proporções entre a experiência, que faz eclodir

¹⁴ By thus including the social context in the analysis of technique(s), technology (strictly speaking the study of techniques) is given a very different, and potentially much more central role in anthropological and archaeological research, because it becomes a convenient and broad avenue to understanding the organizational and representational principles underlying the society which uses them (Leeuw, 2006, p. 20).

¹⁵ [...] Instead, I will argue that not nature but culture is the main constraint of technique. If the potter is truly crucial in bringing it all together, then the potter's knowledge and approach decide how this is done. Thus, analysis of ancient pottery-making should focus on the choices the potter makes, both about the use of his environment and the raw materials it contains, and about the use he makes of tools and of his own technical capabilities. The choices, rather than the materials and tools, are crucial in determining the nature and shape of his product, its effectiveness and its life expectancy (Leeuw, 2006, p. 241).

no indivíduo um condicionamento por ensaio e erro idêntico ao do animal, e a educação, na qual a linguagem ocupa um lugar variável mas sempre determinante (Leroi-Gourhan, 1965, p. 25).

Acerca da importância do estudo das técnicas e suas possibilidades informativas para o estudo da trajetória humana, Leroi-Gourhan (1971) pontua:

[...] Quando se recua no passado, os diferentes ramos de informação etnológica morrem mais ou menos rapidamente: as tradições orais desaparecem com a mesma geração que as transmitiu, as tradições escritas depressa escasseiam e o século XVI é já mudo para a grande maioria dos povos e são apenas os produtos das técnicas e da arte que permitem recuar mais no tempo, sempre que as circunstâncias permitiram a sua sobrevivência. A própria arte desaparece bem depressa e para além dos – 50000, só as técnicas permitem subir a corrente humana até as suas origens, a um ou dois milhões de anos de distância do tempo presente (Leroi-Gourhan, 1971, p.11).

Essa perspectiva insere as escolhas e as alternativas como potencialmente informativas, uma vez que para além do que é escolhido, o que não é escolhido também pode ser colocado em reflexão sobre como, mas também porque, as coisas são feitas de determinadas maneiras. Além da descrição dos artefatos, entender os indivíduos que fabricaram e/ou utilizaram aqueles materiais é possível, entre outras coisas, a partir dos vestígios de uso e/ou fabricação deixados no material e o estudo interdisciplinar, como por exemplo através da etnografia (Leeuw, 2006).

Trabalhar com cerâmica é trabalhar com aspectos tecnológicos e conhecimento reproduzido, que podem ser observados no processo de produção e nos vestígios do uso. A ideia de cadeia operatória, ou seja, uma sequência de resolução de um problema, é um caminho muito utilizado para entender esses aspectos, uma vez que analisa as diversas etapas componentes do processo produtivo. Esse processo técnico, desempenhado pelo/pela ceramista conta com influências ecológicas, sociais e históricas. Sobre isso, Maurício Hepp (2021) afirma:

De modo mais geral, as escolhas tecnológicas decorrem como um resultado de um processo de aprendizado, onde os ceramistas tendem a trabalhar e transformar a matéria a partir do que lhes foi ensinado. Esses comportamentos técnicos são ressignificados e incorporados nos modos de tradições intimamente ligados a alguns aspectos da identidade social e que definem determinados estilos (Hepp, 2021, p. 80).

É necessário considerar que os modos de fazer não são imutáveis e que o número de etapas componentes das cadeias operatórias varia de acordo com a sociedade que as pratica. Assim, a tecnologia é vista como possuidora de significado uma vez que é resultado de escolhas dentro de uma prática continuada (Hepp, 2021). Em nossa pesquisa trabalhamos dentro da perspectiva da cadeia operatória, pois acreditamos que as escolhas

técnicas podem ou não obedecer a uma tradição que pode definir *estilos*. Observamos os artefatos, ou seja, o resultado da sequência de operações, a partir de análises macroscópicas visando entender o conjunto cerâmico. Depois disso, tentamos traçar hipóteses que expliquem a variabilidade, que acreditamos ocorrer devido a uma forma particular de produzir cerâmica, ou seja, um *estilo*.

Sobre as tradições, Leroi-Gourhan (1965) pontua:

Quando do seu nascimento, o indivíduo encontra-se em presença de um corpo de tradições próprias à sua etnia, e, desde a infância estabelecer-se-á um diálogo em diversos níveis entre ele e o organismo social. A tradição é biologicamente tão indispensável à espécie humana quanto o condicionamento genético o é às sociedades de insetos: a sobrevivência étnica baseia-se na rotina, enquanto que o diálogo que vem a estabelecer-se suscita o equilíbrio entre rotina e progresso, simbolizando a rotina o capital necessário à sobrevivência do grupo, enquanto o progresso representa as intervenções das inovações individuais tendo em vista uma sobrevivência melhorada (Leroi-Gourhan, 1965, p. 23).

Considerando os aspectos envolvidos no processo de produção e uso dos materiais, ao estudar a relação entre *estilos tecnológicos e identidade social*, Olivier Gosselain (2000) percebe a identidade como um processo, levantando a possibilidade de trabalhar conceitos como gênero, classe social, etnia, resistência, dominação, migração e cultura. Dentro dessa relação entre coisas e pessoas, o autor afirma:

Uma noção importante no campo emergente da biografia cultural das coisas é que os objetos podem adquirir uma ampla gama de significados durante a sua fabricação e uso, à medida que passam pelas mãos de vários indivíduos, inseridos em diferentes estratégias e redes sociais (por exemplo, Appadurai, 1986; Gosden and Marshall, 1999; Hoskins, 1998). Assim, os objetos acumulam histórias e têm a capacidade de contar múltiplas histórias sobre as pessoas. Este conceito pode ser facilmente estendido a cadeias operatórias (Leroi-Gourhan, 1965; Tixier, 1967), ou sequências de produção. [...] (Gosselain, 2000, p. 189)¹⁶.

Para aprofundar esse raciocínio, o autor utiliza o conceito de *identidade técnica*, que se embasa em uma distribuição espacial das etapas do processo de fabricação das cerâmicas e se relaciona com a *identidade* do oleiro e as redes de interação social em que ele está inserido. O *processo técnico* permite, portanto, manipulação e escolhas por parte

¹⁶ An important notion in the emerging field of the cultural biography of things is that objects may acquire a wide range of meanings during their manufacture and use, as they pass through the hands of various individuals, embedded in different social strategies and networks (e.g., Appadurai, 1986; Gosden and Marshall, 1999; Hoskins, 1998). Thus, objects accumulate histories and have the ability to tell multiple stories about people. This concept may be extended easily to chaînes opératoires (Leroi-Gourhan, 1965; Tixier, 1967), or production sequences. [...] (Gosselain, 2000, p. 189).

dos indivíduos. Esses aspectos não são monolíticos, mas construídos social e historicamente. Sobre a produção e o uso de artefatos, Gosselain pontua:

Embora tal abordagem abra novos caminhos para a reconstrução de sociedades passadas, ela também nos obriga a desviar a nossa atenção das estruturas ou características para os processos reais de enculturação, isto é, a compreender como e por que as pessoas passam a fazer as coisas de uma determinada maneira ou consomem mercadorias específicas, e como e por que tais comportamentos podem estar relacionados com a produção e reprodução de fronteiras sociais. O desenvolvimento de ferramentas teóricas fiáveis e úteis exige que coloquemos as nossas questões e pressupostos em termos mais gerais (Gosselain, 2000, p. 209)¹⁷.

Ao pensar sobre a produção de cultura material, o autor argumenta que os comportamentos técnicos são construídos e reproduzidos nas mesmas redes de interação social em que se constroem e reproduzem as identidades. Os indivíduos adquirem habilidades ou gostos específicos relacionando-se com grupo ou grupos aos quais pertencem ou interagem. Os bens que são produzidos ou reproduzidos nesse contexto podem ser utilizados como símbolos de diferenciação ou pertencimento. Acerca da fluidez e flexibilidades das redes de interação social, Gosselain (2000) afirma:

Em primeiro lugar, as tradições técnicas podem incorporar elementos de múltiplas origens, uma vez que alguns são transmitidos entre pessoas que pertencem ao mesmo grupo social, enquanto outros são emprestados de pessoas pertencentes a outros grupos. Esta articulação constitui o núcleo de qualquer construção cultural e explica por que tais construções são, tal como a identidade, fenómenos heterogêneos e profundamente dinâmicos. Em segundo lugar, todos os elementos culturais não evoluem necessariamente da mesma forma. Alguns, por exemplo, são mais difíceis de modificar ou menos conscientemente investidos ou ambos como símbolos de pertença a um grupo, enquanto outros podem ser mais fáceis de alterar ou mais frequentemente marcados ou ambos como “bandeiras étnicas”. Dependendo do comportamento técnico levado em consideração, portanto, pode-se ser capaz de diferenciar entre facetas conspícuas, flutuantes e superficiais da identidade, por um lado, e facetas mais sutis, porém difundidas e enraizadas, por outro (Gosselain, 2000, p. 209)¹⁸.

¹⁷ Although such an approach opens new avenues for the reconstruction of past societies, it also compels us to shift our attention from structures or features to actual processes of enculturation, that is, to understand how and why people come to do things in a particular way or consume particular commodities, and how and why such behaviors may relate to the production and reproduction of social boundaries. The development of reliable and useful theoretical tools demands that we put our questions and assumptions into more general terms (Gosselain, 2000, p. 209).

¹⁸ First, technical traditions may incorporate elements of multiple origins, as some are transmitted between people who belong to the same social group, whereas others are borrowed from people belonging to other groups. This articulation constitutes the core of any cultural construct and explains why such constructs are, like identity, heterogeneous and profoundly dynamic phenomena. Second, all cultural elements do not necessarily evolve in the same way. Some, for instance, are more difficult to modify or less consciously invested or both as symbols of group belonging, whereas others may be easier to change or more frequently brandished or both as “ethnic banners.” Depending on the technical behavior taken into consideration, therefore, one may be able to differentiate among conspicuous, fluctuating, and superficial facets of identity on the one hand, and more subtle yet pervasive and rooted ones on the other (Gosselain, 2000, p. 209).

Barth (1998) é leitura obrigatória quando se pensa o conceito de identidade, sobretudo étnica. Ele ressalta que a *identidade étnica* se estabelece através de uma relação dialética entre nós e eles, de forma que nessa fronteira, que pode se expandir e se contrair de acordo com a situação de interação social, é onde pode ser localizada as informações de identificação. Jones (1997) é uma leitura importante pensando a aplicação do conceito para a arqueologia. Ela se dedica por exemplo a observar o estudo da identidade na arqueologia histórica, destacando os problemas da relação com as fontes históricas, e as mudanças nas concepções desde uma perspectiva que enxergava a cultura como conjunto de símbolos cujos significados podiam ser materialmente estabelecidos, até a concepção de *habitus* de Pierre Bourdieu. Em nossa pesquisa, tratamos de uma *identidade* construída em torno de um modo de vida em um espaço comum, a região do Sertão do Seridó no estado do Rio Grande do Norte.

Acerca do estudo do conceito de *identidade* na arqueologia, Viviane Castro (2008) afirma:

[...] a formação das identidades faz parte de um processo histórico, contínuo e múltiplo, e que é construído na relação que une os indivíduos pelas semelhanças e pelas diferenças em relação aos outros, internos ao próprio grupo ou externos. Por conseguinte, as identidades no campo da arqueologia podem ser construídas pelo que pode ser observado e descrito no contexto arqueológico, nas estruturas, na recorrência de formas e de tipos de objetos e nas associações entre esses elementos (Castro, 2008, p. 184).

A autora chama atenção para a ideia de representação coletiva através da materialidade, afirmando a existência de valores, símbolos e traços próprios. Essa ideia nos é cara, uma vez que entendemos o *saber-fazer*¹⁹ cerâmico como persistente e característico na cultura do sertão seridoense, como uma construção e uma *herança* cultural próprias.

Nesse sentido, concordando com Viviane Castro e considerando a significação por trás do processo técnico de produção, que está embasado em escolhas culturais, objetivamos entender o perfil da cerâmica proveniente do sítio mencionado a partir da análise e descrição desse material. A análise comparativa desse perfil com outros trabalhos desenvolvidos na região, permitirá perceber semelhanças e diferenças, entre as cerâmicas localizadas no Sertão do Seridó. *Perfis técnicos* são compostos por análises

¹⁹ MEDEIROS, Maria Eduarda Soares Dias de; EVARISTO, Vanessa Dantas; HISSA, Sarah de Barros Viana. Cacos como patrimônio: o saber-fazer e o saber-usar. *Revista Arqueologia Pública*, **Unicamp**. v. 19. 2024.

acerca dos elementos técnicos, morfológicos e funcionais dos artefatos. A partir do estudo desses é possível entender a tecnologia dos grupos produtores (Oliveira, 2000).

Sobre o estudo da “comunicação” não-verbal através dos objetos, Lemonier (2012) pontua:

O que estes artefatos específicos evocam sem palavras trata de regras básicas, tensões ou aspectos indizíveis das relações sociais que permeiam a vida quotidiana das pessoas, as suas estratégias, práticas materiais, ansiedades e esperanças. No centro desta comunicação estão as suas dimensões materiais. São as próprias características físicas destas coisas específicas e a forma material como as pessoas as fabricam ou têm contacto com elas que unem vários domínios da cultura de uma forma que torna tangível aquilo que liga precisamente diversos aspectos das representações e práticas partilhadas das pessoas. Não há mensagem a ser decifrada no formato das decorações desses artefatos; em vez disso, se acontecer de alguns dos seus aspectos componentes “representarem” alguma outra coisa, esse pedaço de significado só pode ser percebido por causa do que os atores experimentaram na sua fabricação e utilização material, e não meramente olhando para eles (Lemonier, 2012, p. 13)²⁰.

Considerando a relação entre cultura material e sociedade como uma via de mão dupla, entendemos que a cerâmica apresenta também um aspecto imaterial, onde o objeto produzido engloba valores simbólicos da sociedade produtora. Um exemplo de estudo desenvolvido nesse sentido é o de Francisco Noelli e Mariane Sallum (2020) acerca da cerâmica paulista, sobre a qual os autores afirmam:

A produção foi uma prática persistente que englobou tanto a reprodução tecnológica como as variações estilísticas ao longo do tempo. Isso precisa ser investigado em cada lugar, para compreender como se articularam as diferenças entre as pessoas que vieram de fora, como africanos e outros europeus a partir do século XVIII. Portanto, consideramos que essa cerâmica resultou de relações ocorridas em território, contexto histórico e social específicos que podem ser mapeados e ter seus processos históricos definidos. Essa prática persistente não pertencia a uma entidade homogênea, como uma escola formando ceramistas com técnicas padronizadas. Antes, nos parece mais como uma estrutura de conhecimentos que legavam às ceramistas uma genealogia com um amplo leque de escolhas tecnológicas que resultava em vasilhas cuja morfometria e aparência produziu mais diferenças que semelhanças, a tal ponto que a diferença torna as vasilhas semelhantes. O que percebemos até agora é que as panelas e suas variações possuem uma trajetória, pautada por escolhas, ressignificações, conhecimentos e domínio da prática de cada mulher (Noelli; Sallum, 2020, p. 503).

²⁰ What these particular artefacts wordlessly evoke deals with basic rules, tensions, or unspeakable aspects of social relations that pervade people’s everyday lives, their strategies, material practices, anxieties, and hopes.¹ At the core of this communication stand their material dimensions. It is the very physical characteristics of these particular things and the material way people fabricate them or have contact with them that bring various domains of culture together in a manner that renders tangible that which precisely links diverse aspects of people’s shared representations and practices. There is no message to be deciphered in the shape of the decorations on these artefacts; rather, if it happens that some of their component aspects “stand for” something else, that piece of meaning can be perceived only because of what the actors have experienced of their fabrication and material utilisation, and not by merely looking at them (Lemonier, 2012, p. 13).

Apesar da dinamicidade inerente à cultura (Barth, 1998), os autores chamam atenção para práticas persistentes na produção ceramista, pontuando as organizações e reorganizações em torno da identidade, da tecnologia e do contexto, seja ele social, político ou econômico. A reflexão sobre as etapas de produção e o uso são de extrema importância para esse processo. Sobre isso, Noelli e Sallum (2020) pontuam:

A produção e o consumo de vasilhas com sabores e estéticas conhecidos são, simultaneamente, formas de reafirmar memórias, identidades e diferenças no espaço das interações sociais da vida cotidiana. É a alteridade que molda relações, relativas a “projetos, intenções ocasionais, eventos e agentes situados” (MONTERO, 2012, p. 22). Isso significa que as pessoas sabiam e esperavam que as panelas servissem para usos específicos. A transmissão de conhecimentos entre as gerações produzia intencionalmente vasilhas para além da mera necessidade, como um elo importante da sociabilidade, onde as pessoas esperavam compartilhar comidas e sabores associados ao cotidiano e aos eventos específicos ao longo do ano (Noelli; Sallum, 2020, p.515).

Podemos exemplificar o referido, com o caso da comunidade Negros do Riacho, localizada no município de Currais Novos, estado do Rio Grande do Norte. Nessa, a produção de cerâmica constitui ainda uma atividade ligada ao sustento econômico e a identidade dos membros. Sobre isso, Ana Coutinho, Mayara Farias e Lissa Ferreira (2019) afirmam:

[...] Entende-se que a produção da louça de barro remete a um processo histórico de formação desses quilombos que unem família a seus valores morais e étnicos possibilitando a conservação e valorização social. Em tempos áureos representou a principal atividade econômica da localidade, mas que ainda é considerada como uma das principais atividades da comunidade representando o saber fazer. Caso deixasse de fabricar deve-se considerar que algumas das 150 famílias que produzem, deixariam de ter uma renda familiar e este potencial mercadológico que se transformou a partir da miniaturização ficaria a deriva. Ademais, deve-se considerar que o saber fazer de uma comunidade estaria minando os riscos de existir como tal (Coutinho, Farias; Ferreira, 2019, p. 15).

A cultura material se apresenta ativamente na relação entre os seres humanos e o ambiente. Consiste também em uma forma pela qual os grupos humanos definem suas alteridades, possuindo as dimensões física, ecológica, funcional e histórica. Para se estudar a cultura material é importante descrevê-la fisicamente, pois isso facilita a percepção das mensagens a ela associadas. Sobre isso, Fabíola Silva (2002) afirma:

É o estudo da dimensão funcional dos objetos nos seus respectivos contextos, porém, aquela que permite entendê-los em termos dos seus diferentes papéis na vida social. Em outras palavras, é a análise contextual dos seus usos e significados o que possibilita avaliar a importância dos mesmos não apenas enquanto índices de adaptabilidade mas, também, como meios de satisfação das necessidades práticas do cotidiano e como veículos de transmissão de conteúdos simbólicos e afirmação da identidade pessoal e étnica. Neste caso, os objetos devem ser contextualizados em relação à vida econômica e cotidiana das populações estudadas e aos princípios da sua organização social, vida

ritual, cosmologia e estratégias de manutenção das identidades culturais (Silva, 2002, p. 121).

As tecnologias enquanto construções sociais estão relacionadas com as práticas e representações sociais, atuando como signos. Além dos significados materiais e pragmáticos, apresentam significados relacionados ao gênero, idade, etnia, mitologia, cosmologia e religião. Para entender a tecnologia a partir dessa perspectiva, deve-se estudá-la como um sistema tecnológico. Esse estudo deve iniciar pela descrição e análise da cadeia operatória de produção de um objeto. A esse respeito Silva (2002) pontua:

Além disso, as diferentes cadeias operatórias desenvolvidas por uma sociedade estão imbricadas umas nas outras e, da mesma forma, tendem a uma coerência estrutural. Esta estruturação e este imbricamento das diferentes cadeias operatórias, por outro lado, é estabelecido de maneira particular em cada sociedade e isso permite compreender os processos técnicos, também, como processos sociais (Silva, 2002, p. 123).

Assim, entende-se o comportamento técnico como socialmente construído, de forma que as cadeias operatórias constituem a relação entre a matéria e o conhecimento adquirido socialmente. Descrever as cadeias operatórias permite, entre outras coisas, refletir sobre as escolhas tecnológicas e o sistema cultural. Tais escolhas são resultado do aprendizado socialmente construído sobre como as coisas devem ser produzidas e utilizadas (Silva, 2002). Para exemplificar esse aspecto Amaral (2012), a partir do trabalho realizado no agreste pernambucano, afirma:

Fazer loiça de barro é um conhecimento tradicional, não apenas porque este conhecimento é reproduzido há gerações, no agreste pernambucano, em uma sociedade sertaneja em que os modos de vida e a relação com o meio, são bem particulares, mas também porque atribui a quem detém o conhecimento deste saber-fazer, a loiceira, a autoridade para criá-lo, reproduzi-lo, reinventá-lo, ensiná-lo, difundi-lo, atribuindo também identidade tanto à loiceira quanto a comunidade da qual ela faz parte e que se apropria deste conhecimento (Amaral, 2012, p. 253).

Não se pode desconsiderar as variáveis ambientais, econômicas e sociais ao pensar a elaboração do conhecimento técnico das sociedades, pois esses elementos se influenciam diretamente. Ademais, é preciso perceber as variações desse tipo de conhecimento no tempo e no espaço, uma vez que a sociedade muda e mudam também as relações humanas e com o ambiente (Silva, 2002).

Por que as coisas variam? é uma pergunta que perpassa a história da arqueologia, tendo recebido diversas explicações ao longo do tempo, por exemplo pela tradição anglo-americana e francesa de estudos de tecnologia. Entre outras coisas, neste trabalho tentamos estabelecer hipóteses para pensar a variabilidade da cerâmica de barro do sítio

arqueológico Santa Clara 02, respondendo à pergunta para aquele contexto específico. Para isso mobilizamos os conceitos apontados anteriormente e na sequência dessa seção, sobretudo variabilidade, estilo tecnológico, cadeia operatória e identidade. Tais conceitos se conectam diretamente na tentativa de entender o processo técnico de produção cerâmica, que compreendemos a partir dos aspectos sociais principalmente.

2.3 Conceitos de estilo para a arqueologia

O *estilo* é uma categoria analítica muito discutida pela arqueologia (Sackett, 1975; Wiessner, 1983; Binford, 1989) e por outras ciências; aqui passaremos por algumas de suas vertentes. Alguns fatores que determinam o estilo podem estar associados a condições e necessidades sociais e individuais utilizadas para comunicar o uso e a manufatura dos artefatos. Alguns dos determinantes do estilo são o isocrestismo (Sackett, 1975), iconografismo-simbólico (Wiessner, 1983) e a ação humana (Carr, 1995). Entretanto, é preciso também considerar a influência de elementos do contexto. Aqui destacaremos algumas das categorias de estilo discutidas na arqueologia.

Começamos pela escola iconológica de Lewis Binford (1989) e isocrética de James Sackett (1975). Binford (1989) definiu três tipos de dimensões que se relacionam com a função dos artefatos, sendo elas técnica, sócio-técnica e ideo-técnica. Considerando essas categorias funcionais o autor determinou atributos que não estavam relacionados com a *função* e com a *tecnologia* para compor o *estilo*, definindo-o como acessório. Sackett (1975), por outro lado, percebia estilo e função como intrinsicamente associados desde o processo de concepção até a produção dos artefatos. Para ele, o estilo refletia etnicidade, pois os grupos escolhiam entre várias escolhas técnicas a forma específica de produzir um artefato para o mesmo fim. Essas divergências conceituais em parte se relacionam com a concepção de cultura que os autores possuíam (Fagundes, 2004).

Posteriormente, o estilo passa a ser encarado como ativo, uma forma de comunicação de informações, mais especificamente acerca da *etnicidade*. O trabalho etnoarqueológico de Polly Wiessner vai ser primordial na definição das categorias de *estilo assertivo* (indivíduo consciente ou não) e *emblemático* (artesão consciente). Essas diferenciavam com base na capacidade dos elementos distintivos, sendo o primeiro mais

vago que o segundo. Para essa autora, o *estilo* servia para comunicar de forma autoconsciente e não-verbal a identidade individual e social, portanto ela acreditava que podia se apresentar em aspectos tanto funcionais como decorativos. Entre outras coisas, essa perspectiva contrasta da de Sackett, pois ele defendia que o estilo realizava uma comunicação passiva (Pacheco, 2008).

Um último conceito a ser aqui destacado como especialmente relevante é o de *estilo tecnológico*. Considerando a tecnologia como uma construção social, de forma que os artefatos são confeccionados de acordo com o contexto natural e cultural do artesão, o estilo também pode ser analisado mediante a categoria da tecnologia, como estilo tecnológico (Pacheco, 2008). Objetivando entender o significado da variabilidade de cerâmicas de barro do sítio arqueológico Santa Clara 02, abordaremos o conceito de *estilo tecnológico*.

A ideia de sistema tecnológico argumenta que as técnicas são constituídas sistematicamente pelas sociedades, e isso pode ser percebido uma vez que são produzidas a partir da relação entre objetos, ações, energia e conhecimento; que as diversas técnicas de uma sociedade podem se influenciar constituindo um sistema e que sistema tecnológico se relaciona com outros sistemas culturais. Os estudos sobre sistemas tecnológicos têm seguido por dois caminhos: o primeiro justificando sua existência a partir das estratégias adaptativas, concepção embasada na antropologia econômica, na ecologia cultural e na antropologia ecológica e o segundo, a partir de escolhas tecnológicas culturais, perspectiva embasada teoricamente na antropologia da tecnologia. No primeiro, o foco está no aspecto funcional da tecnologia, enquanto no segundo, volta-se para o simbólico (Dias; Silva, 2001).

Aqui pensamos sistema tecnológico a partir do segundo caminho, ou seja, de que as escolhas técnicas se relacionam com a representação social, como forma de expressão de um *estilo tecnológico*. Este conceito se aplica de forma a caracterizar uma padronização com base em todo o processo de produção, de forma que não ocorra um enfoque unicamente na morfologia ou decoração. Em relação ao conceito de estilo são estabelecidas diversas discussões, que concordam nos seguintes pontos: o estilo corresponde a uma forma de fazer, estando baseado em escolhas dentro de uma gama de possibilidades e que é próprio de um espaço e de um tempo (Dias; Silva, 2001).

A definição de estilo na cultura material se relaciona com a percepção de variabilidade, uma vez que a partir das semelhanças e diferenças, ou mesmo das características que compõem um conjunto de artefatos é possível ordená-los de forma a entendê-los durante a análise e interpretação (Runcio, 2015).

Sobre o conceito de estilo, Marcelo Fagundes (2004) afirma:

As referidas divergências, focadas sobre a natureza do conceito, derivam das diferentes perspectivas teóricas em que esses pesquisadores estão engajados, bem como sobre o tipo de material em que trabalham (lítico, cerâmico, ósseo, arte rupestre, metal, etc.); se realizaram pesquisas com sociedades vivas, no caso da etnoarqueologia (Wiessner, 1983, 1991; Dietler & Herbich, 1989, 1998; Hodder, 1977, 1979; e outros), ou sociedades não mais existentes, dessa forma trabalhando-se com vestígios materiais das mesmas (Sackett, 1982; Chasse, 1991; Oliveira, 2000; Dias, 2003; e outros); suas concepções sobre cultura, tecnologia, variabilidade artefactual, arbitrariedade das formas, símbolos, ou seja, conceitos amplamente discutidos tanto para a arqueologia quanto para a antropologia (Fagundes, 2004, p. 119).

C. Reedy e T. Reedy (1994) definem o referido conceito da seguinte maneira: “O estilo tecnológico, como a forma como as pessoas realizam o seu trabalho, inclui as escolhas feitas pelos artistas em relação aos materiais e técnicas de produção, e como essas escolhas estão relacionadas com a aparência e função dos produtos. [...]” (p. 304)²¹. Segundo esses autores, as características do *estilo* podem ser apenas técnicas, apenas visuais e intermediárias entre as duas. Nesse sentido, utilizar a concepção de estilo técnico que abrange aspectos de morfologia, materiais e produção combinada com a ideia de variabilidade atende ao objetivo de nossa pesquisa.

Ainda em relação a estilo tecnológico, Lechtman (2002) afirma:

Em qualquer grupo de produtores podemos comparar estilos tecnológicos construídos em torno de tipos físicos de materiais - como metal ou tecido - para procurar consistência na sua abordagem ao manuseamento de materiais que de outra forma seriam diferentes. Quando tal consistência está presente, procuramos isolar os componentes comportamentais subjacentes que orientaram a produção de ambos os materiais e examiná-los para ver a sua capacidade de organizar e ordenar a execução tecnológica. Isto equivale a dizer que podemos identificar no comportamento tecnológico certos princípios culturais que as pessoas utilizam para ordenar e estruturar a realidade através da execução tecnológica, bem como organizar e sistematizar o mundo através da linguagem através da construção de etnocategorias de fenômenos (Lechtman, 2002, p. 438)²².

²¹ “Technological style, as the manner of how people carry out their work, includes the choices made by artists regarding materials and techniques of production, and how those choices are related to the appearance and function of the products. [...]” (C. Reedy e T. Reedy, 1994, p. 304).

²² En todo grupo de productores podemos comparar los estilos tecnológicos elaborados en torno a clases físicas de materiales -como el metal o el tejido, para buscar la consistencia en su acercamiento al manejo de materiales de otro modo distintos. Cuando dicha consistencia está presente, procuramos aislar los componentes conductuales subyacentes que guiaron la producción en ambos materiales y a escudriñar éstos para ver su capacidad de organizar y ordenar la ejecución tecnológica. Esto equivale a decir que podemos

Entender a variabilidade estilística passa por entender os cenários que a acarretam. Um desses pode ser a necessidade de se diferenciar pessoal ou socialmente (Barth, 1998), que passa pelas ações em prol de se assemelhar ou diferenciar de certos grupos. O estilo é um caminho não verbal, que pode ser utilizado para isso: “[...] O estilo, ao transmitir aspectos da identidade pessoal e social, será afetado pelo processo de comparação social e deverá estar sujeito às condições que determinam o seu resultado, conduzindo a expressões de semelhança ou diferenciação. [...]” (Wiessner, 1983, p. 257)²³.

Consideramos entender o estilo a partir do comportamento, ou seja, relacionado ao processo de produção tecnológica em todas as suas etapas e os comportamentos envolvidos em cada uma delas. Esse comportamento seria direcionado por modos de fazer, que devem ser analisadas considerando o contexto cultural específico, que orientariam as escolhas técnicas dentro das opções em uso. Um ponto importante é diferenciar a ideia de estilo tecnológico daquilo que é defendido por Sackett:

Alguns estudiosos podem questionar como o estilo tecnológico difere do isocrestismo e do estilo passivo. Isso acontece de duas maneiras. Primeiro, enquanto ambas as teorias tratam de todo o processo de produção e consideram as partes igualmente, o estilo tecnológico apoia a visão funcional do estilo nas relações sociais. Procura explicar como e porquê todas as ações separadas são integradas num desempenho coerente e padronizado e determinar que informação é comunicada. A teoria do isocrestismo descreve principalmente as relações entre a etnicidade e os resultados materiais das escolhas de produção ditadas pela tradição (Childs, 1991, p. 336)²⁴.

Ao trabalhar a temática de estilo em uma pesquisa, é consensual que em alguma medida sejam feitas discussões sobre função. Estilo e função são conceitos cujos significados são fortemente debatidos na história da arqueologia desde o final do século XIX. Como trabalhamos a partir da ideia de variabilidade estilística, discorreremos acerca dessa questão. As primeiras discussões foram estabelecidas com base na teoria histórico-culturalista, de forma que as duas características analíticas eram entendidas a partir de

identificar en la conducta tecnológica a ciertos principios culturales que los pueblos utilizan para ordenar y estructurar la realidad a través de la ejecución tecnológica, así como organizar y sistematizar el mundo mediante el lenguaje al construir etnocategorías de fenómenos (Lechtman, 2002, p. 438).

²³ “[...] Style, in transmitting aspects of personal and social identity, will be affected by the social comparison process and should be subject to the conditions that determine its outcome, leading to expressions of similarity or differentiation. [...]” (Wiessner, 1983, p. 257).

²⁴ Some scholars might question how technological style differs from isochrestism and passive style. It does in two ways. First, whereas both theories deal with the entire production process and regard the parts equally, technological style supports the functional view of style in social relations. It seeks to explain how and why all the separate actions are integrated into a coherent, patterned performance and to determine what information is communicated. The theory of isochrestism primarily describes the relationships between ethnicity and the material results of production choices dictated by tradition (Childs, 1991, p. 336).

uma relação dicotômica. As características estilísticas corresponderiam a etnicidade e poderiam ser observadas por atributos de decoração e morfologia da cultura material, enquanto as funcionais diziam respeito a utilidade (Mageste; Loures Oliveira, 2011).

Entre as décadas de 1960 e 1970 surge a arqueologia processualista, ou Nova Arqueologia, que vai desencadear uma nova proposta sobre as discussões de estilo e função, sobretudo na figura de Binford. Esse autor percebia a tecnologia como um elemento para a adaptação humana, de forma que a funcionalidade recebia maior importância. A relação dicotômica ainda imperava em sua obra de forma que as características estilísticas só podiam ser observadas em partes específicas do artefato, que não tinham conexão com o papel funcional. Além disso, Binford defendia que o *estilo* possuía valores simbólicos e ideológicos²⁵ (Mageste; Loures Oliveira, 2011).

Sackett foi um crítico ao trabalho desse autor. Para Sackett²⁶ estilo correspondia a uma forma de se fazer algo, abarcando todo o processo de produção, particular a um contexto. Ele não acreditava na dicotomia entre estilo e função, defendendo uma relação de complementaridade. Robert Dunnell, outro autor que escreveu sobre a temática, defendeu a relação dicotômica, mas destacou-a como fundamentalmente teórica. Dunnell definia a *função* em associação com a adaptação, determinada pela seleção natural, enquanto o *estilo* corresponderia as características que não tem relação com a adaptação (Mageste; Loures Oliveira, 2011).

Sobre a discordância entre Binford e Sackett, Fagundes (2004):

Essa discordância, por sua vez, criou dois campos de interpretação: a) que o estilo é algo acessório, portanto, visto como simbólico e adjunto; b) ou que o estilo é algo inerente e subjacente aos aspectos de produção e, por não ser um domínio distinto da forma, reflete etnicidade (Llamazares & Slavutsky, 1990:30). Sackett (1982) nomeia esses campos como sendo as escolas: iconológica, encabeçada por Lewis R. Binford; e a escola isocréstica, sendo liderada por ele próprio (Fagundes, 2004, p. 120).

Consideramos esse debate como infrutífero e por isso, em nossa pesquisa entendemos uma coisa de forma interrelacionada com a outra, não dedicando tempo a diferenciá-las. Comungamos das ideias até agora expressas no que tange a tecnologia, percebendo-a para além das relações com a economia e com a adaptabilidade ao meio, sem desconsiderar o efeito dessas sobre os significados atribuídos por quem a produz e quem a utiliza. Assim, entendemos o sistema tecnológico como possível meio de

²⁵ Escola iconológica.

²⁶ Escola isocréstica.

expressão cultural. Como já mencionado, a materialidade aqui trabalhada consiste nas cerâmicas de barro do sítio arqueológico Santa Clara 02, sendo a problemática da pesquisa entender a variabilidade existente nas mesmas. Unindo os conceitos até aqui apresentados seguimos a seguinte lógica:

Partindo da reflexão teórica sobre o conceito de estilo tecnológico, pode-se sugerir que a variabilidade artefactual associada a distintos contextos de uma dada área resulta de escolhas tecnológicas que são culturalmente determinadas. Os estilos tecnológicos estão representados nestas escolhas, que se refletem na seleção das matérias primas, nas técnicas e seqüências de produção escolhidas e nos resultados materiais destas escolhas, representados pelas diferentes categorias de artefatos produzidos. O estilo tecnológico pode ser entendido como produto de uma tradição cultural e seu estudo, relacionado a outros aspectos de ordem contextual, pode servir como indicador de identidades sociais representadas no registro arqueológico. Contudo, esta percepção demanda um suporte contextual de análise na medida em que um estilo tecnológico só adquire sentido quando compreendido como parte de um sistema tecnológico e este, por sua vez, de um sistema cultural mais amplo (Dias, 2007, p. 65).

A escala da análise intra-sítio justifica-se pelo curto tempo de mestrado, 24 meses. Estamos cientes da particularidade e limitação de um estudo de caso, mas trazemos dados de outros pesquisadores para entender o contexto de produção cerâmica do Sertão do Seridó. Defendemos como de suma importância a criação de um banco de dados sobre cerâmicas históricas para todo o território brasileiro, que é rico em especificidades. Assim, a arqueologia poderia dar um passo a mais no caminho do entendimento acerca dessa classe material.

2.4 As cerâmicas de barro no Seridó

A arqueologia no Rio Grande do Norte, tem seu marco de início associado com a criação do Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atual Museu Câmara Cascudo, no ano de 1961. Já a pesquisa sistemática definida como arqueologia histórica teve início com o trabalho de Paulo Tadeu de S. Albuquerque, desenvolvido no ano de 1991, estudando as faianças portuguesas na cidade de Vila Flor em sítio arqueológico de mesmo nome. O foco desse trabalho foi a caracterização daquela classe de material, dos séculos XVI ao XIX, formando um valioso catálogo. Até as primeiras décadas do século XXI, ainda se apresenta esse contexto em que instituições de pesquisa tem grande papel na arqueologia norte-rio-grandense. Entretanto, somam-se a elas as ações de arqueologia preventiva. A arqueologia no RN conta com uma grande

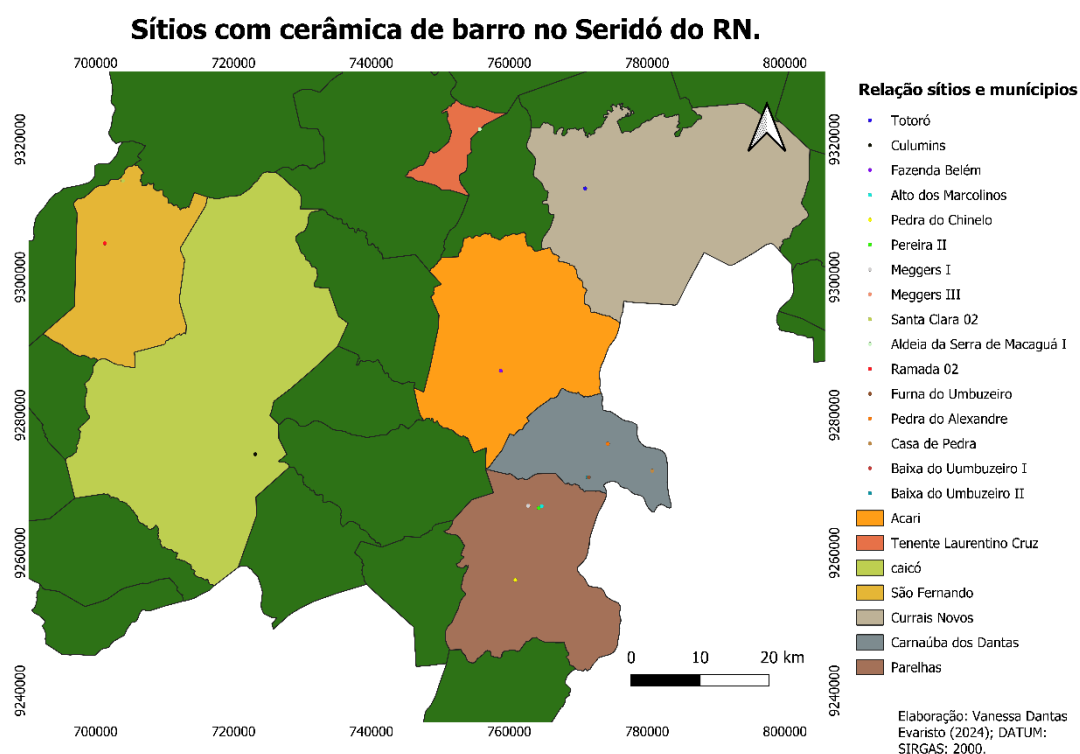
diversidade de sítios arqueológicos distribuídos pelas micro e mesorregiões, caracterizando ocupações pré-coloniais e históricas. O interior do estado, conhecido como Seridó está dividido em ocidental e oriental e tem se inserido nesse contexto (Miller, 2021).

A arqueologia desenvolvida nessa região segue o padrão brasileiro, dividindo-se em pré-colonial e histórica. Em relação à primeira cronologia, os vestígios comumente trabalhados são restos funerários, cerâmicas, líticos, pinturas e gravuras rupestres; sobre a segunda, são trabalhadas a materialidade associada ao cotidiano das casas de fazenda, importantes estruturas da história de ocupação daquele território. Os municípios de Parelhas e Carnáúba dos Dantas, situados no Seridó oriental, contam com grande atenção, sendo trabalhados desde 1980, devido ao grande conjunto de sítios arqueológicos com registros rupestres. Os registros rupestres e os abrigos têm direcionado o interesse de pesquisas da arqueologia seridoense. Vale destacar o sítio Pedra do Alexandre que possibilitou datações de 9.410 a 2.620 anos antes do presente, trazendo informações acerca da ocupação dessa área. O sítio Mirador também possibilitou como datação mais antiga 9.410 anos (Arqueorocha, 2019).

Muitas pesquisas são encabeçadas por universidades, sendo exemplos a Universidade Federal de Pernambuco, a partir de ações do Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a partir de ações do Laboratório de Arqueologia do Seridó (LAS), respectivamente. No entanto, é necessário destacar também os trabalhos de licenciamento ambiental. Trabalharemos com material cerâmico recuperado no âmbito do licenciamento, em campanhas de coleta de superfície e escavação no sítio arqueológico Santa Clara 02, situado no município de São Fernando.

Revisitaremos alguns trabalhos acadêmicos que tem abordado esse objeto de pesquisa direta ou indiretamente na região do Seridó (Figura 14), objetivando ter um panorama de quais olhares a arqueologia local tem lançado sobre as cerâmicas de barro. Os sítios em questão são tanto pré-coloniais, quanto históricos. É necessário observar, entretanto a falta de continuidade de trabalhos nos locais estudados, apesar do grande potencial dos sítios arqueológicos e a pouca quantidade de trabalhos, fatores que inviabilizam uma análise mais estruturada. Além disso, a segmentação temporal em períodos, fator que dificulta uma reflexão acerca da ocupação continuada do Sertão do Seridó e uma síntese acerca da arqueologia na região.

Figura 14: Sítios cerâmicos no Seridó.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Organizaremos nossa exposição por ordem de antiguidade. Começando por sítios pré-coloniais temos o trabalho de Mauro Alexandre Farias Fontes (2003), que em sua dissertação de mestrado aborda os sítios arqueológicos Pedra do Alexandre, Casa de Pedra e Pedra do Chinelo, objetivando caracterizar os perfis técnicos cerimonial, relativo às cerâmicas associadas aos restos funerários e cotidiano, abrangendo as demais cerâmicas de cada sítio. Vale destacar que trata-se do perfil técnico dos sítios, uma diferenciação técnica, morfológica, estilística e funcional e não dos grupos étnicos, por isso o autor analisa isoladamente os casos.

O sítio arqueológico Pedra do Alexandre é um abrigo sob rocha situado no município de Carnaúba dos Dantas. Datado de 9.400 ± 35 anos AP [CSIC 967] até 2.620 ± 60 [CSIC 1061] anos AP, sendo por isso classificado como pré-colonial. Sua coleção de cerâmicas apresenta 17 fragmentos, dos quais o autor analisa 6. Segundo Fontes (2003), o sítio:

[...] foi utilizado como cemitério de 9.400 ± 35 anos AP [CSIC 967] até 2.620 ± 60 [CSIC 1061] anos AP, data da ocupação final, que é assinalada pela

presença de fogueiras reutilizadas, material lítico formado por lascas de quartzo e sílex, raspadores, e um machado polido coletado na primeira camada de ocupação. Neste sítio foram realizados ritos funerários diversos com enterramentos primários e secundários, e fogueiras rituais, que em alguns casos, não chegaram a queimar os cadáveres. No total, até o momento, foram exumados restos de esqueletos. Neste sítio, foram encontrados ainda: peças líticas, restos faunísticos, enxoval funerário diverso, cerâmicas e pinturas rupestres (Fontes, 2003, p. 46).

Sobre o material do sítio Pedra do Alexandre algumas das características gerais são: pasta com aditivo de areia (6)²⁷; tratamento de superfície alisado (6) interna e externamente; técnica de confecção acordelado; queima oxidante e incompleta em maior quantidade, havendo casos de queima redutora; entre as formas reconstituídas estão elipsóide horizontal (1) e ovóide invertido (1); de tamanhos grande (1) e muito grande (1).

Fábio Mafra Borges (2010), em sua tese de doutorado, analisa os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro (abrigo sob rocha), apontado como pré-colonial com datação de +/- 2480 anos AP, e Baixa do Umbuzeiro (céu aberto), com datação de 3761 +/- 811 anos AP, localizados no município de Carnaúba dos Dantas, objetivando caracterizar um novo padrão de assentamento para a região do Seridó. Em relação ao estudo da cultura material encontrada ele aborda líticos, ossos humanos, restos vegetais, fogueiras e cerâmicas. Sobre esse último tipo de vestígio, descreve o perfil técnico dos sítios, apresentando as características gerais. A coleção de cerâmicas do Baixa do Umbuzeiro foi formada por 29 fragmentos e todos foram analisados, enquanto a coleção de cerâmicas do Furna do Umbuzeiro foi formada por 54 fragmentos, dos quais 40 foram analisados. Esses sítios são classificados pelo autor como possivelmente pertencentes a tradição ceramista Pedra do Caboclo, subtradição Papeba.

A tradição Pedra do Caboclo foi definida inicialmente por François Laroche a partir de escavação realizadas em Pernambuco, no sítio de mesmo nome e nas cavernas do Monte do Angico. A datação mais antiga associada a essa tradição foi 2800 +/- 95 anos, enquanto as mais recentes variam entre 580 e 458 anos BP. Acerca das características emblemáticas da tradição Pedra do Caboclo:

[...] caracteriza-se pela pasta com antiplástico de areia fina, carvão, cacos moídos e óxido de ferro, dureza 3 ou 3,5; espessura de parede entre 3 a 13,5 mm, formas ovóides, semi-esféricas, como potes e tigelas em "formato de sacola" com alças perfuradas verticais ou horizontais ou ainda tigelas em forma de cuias; bicos ou apêndices perfurados, lábios biselados e planos; e bases

²⁷ Entre parênteses destacamos as quantidades destacadas pelos autores. Em alguns casos os autores o fazem a partir de percentual ou não destacam o valor.

arredondadas ou apontadas. Alguns fragmentos possuem decoração em negativo, linhas paralelas e divergentes sob um revestimento preto ou marrom. Ocorrem também o brunido, o banho, o polimento, duas vasilhas decoradas com entalhes, faixas circulares e pintadas de vermelho, com linhas onduladas ou concêntricas. Associadas a esta cerâmica existem uma machadinha polida, peças picoteadas, machados bifaciais, raspadores, cunhas, cavadores, pesos de redes, quebra-coquinhos, clavas "moletes" e "virotas", blocos, lascas, raspadores, seixos (alguns pintados com ocre) e uma ponta de projétil (Oliveira, 2002, p. 211).

Brochado associa a tradição Pedra do Caboclo com as Cerâmica Mina, Cerâmica Periperi, Cerâmica Ananatuba, o Estilo Pedra do Caboclo, o Estilo Una, o Estilo Jataí, o Estilo Itararé, o Estilo Taquara e o Estilo Taquaraçu. Segundo Brochado (1984) a cerâmica da Tradição Pedra do Caboclo teria se originado de uma cerâmica amazônica simples. A difusão dos estilos associados aconteceu pelo interior e pelo litoral através de diferentes formas de adaptação seguindo a orientação Norte-Sul (Brochado, 1984).

Uma das fases que se relacionam com essa tradição é a Papeba. Segundo Oliveira (2002, p. 209) essa se caracteriza por: “[...] presença de banho vermelho, apêndices verticalmente vazados, pequenas perfurações circulares nas paredes dos vasilhames; formas esféricas e meia esfera, com diâmetro de 12 a 34 cm; lábios planos, redondos ou biselados”. A referida classificação recebe a definição de cerâmica regional, uma vez que não pode ser filiada a outras tradições. Essa fase foi proposta por Nássaro A. de Souza Nasser em uma aldeia situada no município de Senador Georgino Avelino, estado do Rio Grande do Norte. A cerâmica Papeba foi datada por carbono 14 obtendo-se resultados entre 250-350 d.C.

Passando para as características gerais da cerâmica, no sítio Baixa do Umbuzeiro a pasta foi composta principalmente pelo tipo 2 (62%), seguida pelo tipo 3 (28%) e tipo 1 (10%) em menor quantidade. Os tratamentos de superfície externa foram alisado (80%), pintado de vermelho (12%), polido + pintado de vermelho (4%) e pintado de branco (4%); os tratamentos de superfície interna, por sua vez observados foram alisado (52%), polido (20%), pintado de vermelho (20%) e polido + pintado de vermelho (8%). Em relação as características de borda todas foram diretas com lábio arredondado. Todos os fragmentos foram produzidos a partir da técnica de manufatura roletado. A queima incompleta (27) predominou sobre a queima completa (4). Entre as formas reconstituídas estiveram a elipsóide horizontal (1) de tamanho grande (7,3 litros). O autor realiza também uma reflexão relacionando a posição dos artefatos líticos e cerâmicos para a interpretação sobre o tipo de sítio pontuando um novo tipo, que seria habitacional (Borges, 2010).

Mônica Almeida Araújo Nogueira (2017) em sua tese de doutorado objetiva entender o padrão de assentamento empregado no Vale do Rio da Cobra, mais especificamente nos municípios de Parelhas e Carnaúba dos Dantas. A autora estuda dezenove sítios arqueológicos a céu aberto, de forma particular, inicialmente e de forma conjunta, posteriormente. Entre os critérios de análise estão a materialidade lítica, cerâmicas e estruturas de combustão, além disso, aspectos relativos ao sítio arqueológico e sua inserção na paisagem. A análise do material cerâmico objetivou estabelecer o perfil cerâmico de cada assentamento, destacando elementos técnicos semelhantes ou diferentes. Com isso, a autora objetivava responder antes do padrão de assentamento, se a indústria tecnológica era semelhante. Os seis sítios escolhidos dentro do conjunto totalizaram 901 fragmentos analisados. A autora diferenciou dentro dos conjuntos fragmentos e objetos, mas aplicou os mesmos elementos de análise. Nogueira (2017) conclui que os sítios arqueológicos estudados apresentam perfis cerâmicos comuns, uma vez que as diferenças são mais de ordem quantitativa do que qualitativa, podendo estar associadas a diferenças de funcionalidade dos vasilhames.

O sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro I, localizado no município de Carnaúba dos Dantas, possui uma datação de ocupação de 3.760 ± 811 A.P, sendo por isso classificado como pré-colonial, conta com cerâmicas e líticos em superfície e sete estruturas de combustão. O sítio enfrenta a ação da erosão natural e está posicionado em área de terraço fluvial. A coleção de cerâmicas desse sítio foi composta por 104 fragmentos. O conjunto cerâmico analisado apresenta pastas dos três tipos, mas em maior quantidade do primeiro tipo (46%), seguida pelo tipo 3 (28%) e tipo 2 (26%). As pastas foram diferenciadas a partir da textura, quantidade, tamanho, distribuição de aditivo e porosidade da cerâmica. A autora diferencia as pastas da seguinte maneira:

Pasta 1: apresentando uma textura fina, caracteriza-se pela presença de grãos de quartzo e feldspato menores que 3mm, e em pequena quantidade em relação à argila, variando entre 30% a 50%; Pasta 2: caracteriza-se pela presença de grãos de areia composto por quartzos e feldspatos de tamanhos variando entre menores de 3mm e maiores de 3 cm, não sendo observado uma distribuição homogênea do antiplástico em relação a argila. Pasta 3: caracteriza-se por uma textura grossa e pela presença de grãos de areia (quartzo e feldspato) de tamanhos grandes ($> 3\text{cm}$) e sua distribuição em relação à argila variando entre 50% e 75% (Nogueira, 2017, p. 185).²⁸

²⁸ Essa descrição de pasta corresponde aos sítios Baixa do Umbuzeiro I, Baixa do Umbuzeiro II, Alto dos Marcolinos, Meggers I e Meggers III, Pereira II.

O tipo de queima predominante foi a incompleta (98), seguida pela completa (4). Na maior parte dos fragmentos não foi possível identificar a morfologia. Naqueles que permitiram perceber-se maior quantidade de bordas (12%), seguidos de bojos (9%) e por último bases (1%). Todas as bordas foram classificadas como diretas e os lábios como arredondados. Os bojos possuíam contorno simples e a base foi caracterizada como do tipo plano-convexa. Em relação a variação da espessura os valores estavam entre 0,3 e 0,7 centímetros. Como tratamento de superfície externa a autora identificou predominância do alisado (43), seguida do engobado (26) e engobado + polido (1), quadro que se repete para a superfície interna. Foram reconstituídas hipoteticamente duas vasilhas nas formas oval e elipsóide horizontal (Nogueira, 2017).

O sítio Meggers III, datado entre 1.300±30 e 2.820±30 A.P. e classificado como pré-colonial, localiza-se no mesmo município e forma de relevo do sítio Meggers I. Conta com duas estruturas de combustão e material cerâmico e lítico em superfície. Sua coleção de cerâmicas foi formada por 441 fragmentos.

Quanto aos tipos de pastas, o conjunto analisado apresenta uma maior quantidade de pastas do tipo 2 (49%), seguida do tipo 3 (30%), tipo 1 (21%). Morfologicamente foi observado maior quantidade de bojos (143), seguidos de bordas (33), bases (11) e fragmentos de base com bojo (4). Todas as bordas foram classificadas como diretas. Já os lábios foram caracterizados como arredondados (22) predominante e apontados (2). Os bojos apresentaram contorno simples e as bases foram classificadas como plano-convexas. Todos os fragmentos foram produzidos a partir da técnica de manufatura acordelada. O tipo de queima predominante foi a incompleta (180), havendo casos de queima completa (70). Em relação ao tratamento de superfície externa a autora identificou o alisado (106) e o engobo vermelho (57), esse quadro se repete para a superfície interna. Foram reconstituídas sete vasilhas com as formas oval e elipsóide-horizontal (Nogueira, 2017).

No sítio Furna do Umbuzeiro a pasta predominante foi do tipo 1 (68%), mas houveram casos do tipo 2 (32%). Acerca da diferenciação das pastas (Borges, 2010) afirma:

Pasta 1: caracteriza-se pela presença de pequenos grãos de areia de quartzo e feldspato (< 3mm) e em pouca quantidade, apresentando uma textura fina, variando em relação à argila de 30% a 50%; Pasta 2: diferencia-se da Pasta 1 pela quantidade e tamanho dos grãos de areia, também compostos por quartzo e feldspato (entre 3mm e 3cm), apresentando uma textura grossa,

demonstrando uma baixa seletividade nas fontes de matéria-prima. Em relação à argila, o antiplástico varia entre 50% e 75% (Borges, 2010, p. 236).

Continuando a caracterização do conjunto cerâmico o autor aponta como tratamentos de superfície externa alisado (67%), polido (19%), pintado de vermelho (6%), polido + pintado de vermelho (5%), brunido + pintado de vermelho (3%). Já quanto aos tratamentos de superfície interna alisado (56%), polido (25%), polido + pintado de vermelho (11%), pintado de vermelho (5%) e brunido + pintado de vermelho (3%). Em relação as características de bordas todas foram do tipo direta com lábio arredondado. A técnica de manufatura roletado foi a única utilizada na produção dos fragmentos. Predominou o tipo de queima incompleta (27), havendo casos de queima completa (4). Entre as formas tigelas elipsóides horizontais (5) de tamanhos grande (entre 4 e 16 litros) e extra grande (entre 16 e 50 litros).

Pedra do chinelo também é um abrigo sob rocha utilizado como cemitério, há pelo menos 2000 anos A.P., sendo por isso classificado como pré-colonial, mas localizado no município de Parelhas. Sua coleção de cerâmicas foi formada por 540 dos quais o autor analisa 365. Segundo Fontes (2003):

O sítio arqueológico Pedra do Chinelo foi ocupado por grupos humanos que conheciam a técnica de fabricação cerâmica, além de utilizarem o sítio como cemitério, a pelo menos 2.000 anos AP. Esta data foi obtida através do C-14 proveniente de um enterramento encontrado em um dos estratos arqueológicos do referido sítio. Além dos esqueletos, que estão em péssimo estado de conservação, foram encontrados vários fragmentos cerâmicos, peças líticas, restos faunísticos, desde a superfície atual até -100 cm de profundidade (Fontes, 2003, p. 48).

Em relação as cerâmicas cotidianas do sítio Pedra do Chinelo algumas características gerais são: pasta com aditivo de areia (123) em maior quantidade, mas também casos de pasta com aditivo de areia e mica (38). Tratamento de superfície externa alisado (134) predominantemente, mas também casos de escovado (17), polido (6) e inciso (4) e tratamento de superfície interna alisado (140), escovado (14) e polido (7). Técnica de confecção acordelado para todos os fragmentos. Tipo de queima oxidante e incompleta em maior quantidade, havendo casos também de queima redutora. Entre as reconstituições observou-se formas elipsóide horizontal (5) e ovóide invertido (1); de tamanhos grande²⁹ (3) e muito grande³⁰ (3).

²⁹ Segundo Fontes (2003, p. 67): “diâmetro entre 22 e 35 cm, e altura variando em média entre 5 e 15 cm;”

³⁰ Segundo Fontes (2003, p. 67): “diâmetro entre 36 e 55 cm, e altura variando em média entre 12 e 28 cm.”

O sítio arqueológico Alto dos Marcolinos, datado de 900±30 A.P., sendo por isso classificado como pré-colonial, situa-se no município de Parelhas em área de relevo com suave ondulação. A materialidade é composta de seis estruturas de fogueira, material lítico e cerâmico. O sítio é acometido pela erosão pluvial. Sua coleção de cerâmicas apresenta 83 fragmentos (Nogueira, 2017).

Quanto ao conjunto cerâmico analisado predominou a pasta do tipo 1 (72%), seguida do tipo 2 (17%) e tipo 3 (11%). A queima predominante foi a incompleta (71 fragmentos), enquanto a queima completa foi observada em 7 fragmentos. Todo o conjunto foi produzido a partir da técnica acordelada. Em relação aos aspectos morfológicos predomina os casos em que não foi possível realizar a identificação. Nos casos em que foi possível, observou-se maior quantidade de bojos (21%), seguidos de bojos com base e por último, bases (5%). Não foram identificados fragmentos de bordas. Os bojos foram classificados como de contorno simples e as bases como plano-convexas. Os primeiros apresentaram espessura variando entre 0,3 e 1,0 cm e tamanhos entre 2,0 x 1,5 cm e 3,1 x 3,0 cm; as bases, por sua vez, uma espessura variando entre 0,7 e 1,0 cm e tamanhos entre 3,0 x 2,6 cm e 5,8 x 4,6 cm; já os bojos/bases apresentaram uma espessura de 0,5 cm e tamanhos entre 2,3 x 3,0 cm e 3,4 x 2,5 cm. Em relação ao tratamento de superfície externa a autora identificou a técnica do alisamento (25) e do engobo vermelho (25). Em relação ao tratamento de superfície interna foram identificados engobo em vermelho (33) e alisamento (25). Foi reconstituída uma vasilha com a forma elipsóide horizontal (Nogueira, 2017).

Mônica Almeida de Araújo Nogueira (2011), em sua dissertação de mestrado, aborda sistematicamente as cerâmicas do sítio arqueológico Serra do Macaguá I, apontado como de cronologia histórica e pré-colonial, localizado no município de Tenente Laurentino Cruz, buscando identificar seu perfil e compará-lo com o sítio Aldeia do Baião, localizado em Pernambuco, onde a tecnologia cerâmica associa-se a tradição Tupinambá. O sítio estudado é do tipo lito-cerâmico a céu aberto e apresenta quatro manchas húmicas. Entre as materialidades encontradas estão a cerâmica, adornos, fusos, líticos, louças, grés, telhas, vidros e malacológico. A coleção de cerâmicas desse sítio foi composta por 9.386 fragmentos dos quais 6.131 foram analisados.

Em relação ao perfil cerâmico, a autora pontua que foram identificados 3 tipos de pasta que se diferenciaram no tamanho, distribuição e tipos de grãos (quartzo, feldspato, bolo de argila e cacos de cerâmica) presentes na argila. A pasta 2 obteve maior

predominância (50%), seguida da pasta do tipo 1 (35%) e da pasta do tipo 3 (15%).

Nogueira (2011) caracteriza as pastas da seguinte maneira:

Pasta 1: apresenta textura grossa, porém mais fina que a pasta 2. Apresenta um equilíbrio entre a quantidade de massa de argila e de aditivo. A pasta caracteriza-se pela presença de grãos de quartzo e feldspato de tamanhos menores que 3 mm. Pasta 2: pasta de textura grossa onde existe uma grande quantidade de minerais dispostos na massa de argila. Na maioria dos fragmentos analisados pode-se observar que os minerais afloravam na superfície externa e interna. Caracteriza-se pela presença de grãos de quartzo e feldspato de tamanhos variados (menores que 3 mm e maiores de 3 mm), não sendo observado uma distribuição homogênea do aditivo em relação à argila. Pasta 3: textura grossa, semelhante a pasta 1. Contudo, foi observada a presença de bolos de argila e cacos de cerâmica como aditivo. Também é composta por uma quantidade pequena de grãos de quartzos e feldspatos, apresentando mais massa de argila que minerais. Os grãos, em sua maioria, são muito pequenos (< 3 mm) (Nogueira, 2011, p.121).

Dando continuidade a descrição das cerâmicas do sítio arqueológico Aldeia da Serra de Macaguá em relação a morfologia dos fragmentos a autora pontua bojo (2314), borda (1798), base (47), bojo + base (46), alça (7) e asa (1). A técnica de manufatura observada predominantemente foi o roletado, mas os apêndices e fusos foram produzidos a partir do modelado. Já o tratamento de superfície externa mais frequente foi o pintado (2040), mas outros tipos foram alisado (1489), engobo (23), polido (2) e escovado (5). Quanto aos tratamentos de superfície interna a autora descreve pintado (2487), alisado (1273), engobo (56) e polido (2). A decoração variou em diferentes motivos (Figura 15) com associação de cores (vermelhas, branca e preta) e formas (linhas, faixas e desenhos geométricos), pertencendo principalmente ao grupo 1 (35%), seguido pelo grupo 3 (33%) e grupo 3 (32%).

Figura 15: Grupos de motivos decorativos, Aldeia da Serra de Macaguá I.

Grupo 1 - Composição de linhas retas:

- 1 - Associação de linhas horizontais e verticais (1,98%);
- 2 - Associação de linhas verticais com faixa ou banda em vermelho (33,66%).

Grupo 2 - Composição de linhas curvas:

- 1 - Associação de semi-círculos (29,7%);
- 2 - Associação livre de linhas curvas (1,98%).

Grupo 3 - Composição de linhas retas e curvas:

- 1 - Associação de linhas verticais curvas (8,91%);
- 2 - Associação de linhas horizontais e curvas (5,94%);
- 3 - Associação de linhas oblíquas e curvas (1%);
- 4 - Associação de linhas verticais, horizontais e curvas (3,96%);
- 5 - Associação de linhas horizontais, oblíquas e curvas (2,97%);
- 6 - Associação livre de linhas retas e curvas (9,9%).

Fonte: Nogueira, 2011, p.139.

A queima foi caracterizada como incompleta (4194) na maioria dos fragmentos, seguida pelos casos de queima completa (19). Quanto a morfologia, Nogueira (2011) descreve uma maior quantidade de bordas reforçadas (1492), mas também casos do tipo direta (279), extrovertida (17), dobrada (7) e introvertida (2). Com lábios do tipo predominantemente arredondado (1469), mas também apontado (66), plano (22), ungulado (10), talhado (1). Os bojos foram classificados como de contorno simples (2180), carenado (13) e reforçado (13). As bases, por sua vez, como arredondadas (18), cônicas (11) e planas (8). Ainda em relação a aspectos morfológicos a autora identificou um possível fragmento de tampa, fusos e vasilhas. Com a reconstituição observou-se 6 formas distintas sendo do tipo elipsóide horizontal, ovóide e cônica, todas abertas. Esse sítio é classificado pela autora como pertencente a Tradição Polícroma Amazônica, Subtradição Tupinambá.

A Tradição Policroma Amazônica, foi identificada por Howard (1947). É uma tradição com ampla dispersão geográfica, desde o rio Amazonas até próximo aos Andes e temporal, desde 400 A.D. até o período colonial. Acerca das características emblemáticas dessa tradição ceramista temos que:

Os elementos característicos das cerâmicas da TPA são a pintura vermelha e/ou preta sobre engobo branco, mas também outras técnicas decorativas, como incisão, excisão, acanalado e retocado sobre superfícies simples ou engobadas, bordas espessas, reforçadas externamente, cambadas ou vazadas; e as urnas antropomorfas (Barreto et al., 2016, p. 625).

Algumas fases, ou variações regionais no conjunto de características emblemáticas, que compõem essa tradição são Marajoara; Miracanguera, Guarita; Tefé; Borba, Jatuarana; São Joaquim e Pirapitinga; Zebu; Nofurei; Caimito; e Napo (Barreto et.al., 2016).

Brochado estuda sua distribuição a partir da relação com a expansão dos grupos falantes de línguas Tupi. Segundo ele:

[...] o que impropriamente se descreve com "Tradição Tupiguarani (...) são na realidade duas extensões distintas da Tradição Policroma Amazônica no leste da América do Sul e portanto deve ser dividida em duas subtradições que representem as cerâmicas produzidas por dois grupos Tupi distintos os Guaraní e os Tupinambá os quais tiveram histórias totalmente separadas durante os últimos dois mil anos (Brochado, 1984, p. 566).

A subtradição tupinambá se associa a tradição Polícroma Amazônica. Em relação as características daquela podemos citar:

[...]o uso do acordelado; a queima incompleta; um alisamento nem sempre perfeccionista (muitas vezes atrapalhado por antiplásticos de grande dimensão); engobos (ou banhos) brancos, vermelhos ou marrons (barbotina); formas angulosas, incluindo carenas, ombros e bordas cambadas (suportes de tampa?); bordas reforçadas e lábios arredondados. Os ângulos dividiam os vasilhames em segmentos e delimitam os campos decorativos, principalmente na face externa também podiam ser ressaltados por faixas vermelhas, brancas e/ou pretas. As pintadas (vermelhas, pretas, brancas, marrons e às vezes amarelas) eram feitas em ambas as faces dos vasos. Na face interna, uma pintura poderia cobrir toda a superfície; na face externa, ela geralmente ficava restrita ao bojo superior. As decorações plásticas, em geral, eram feitas apenas na face externa, incluindo os lábios (digitados e/ ou ungulados). O destaque plástico, assim como nas demais Subtradições, é o corrugado, ainda que digitados, escovados, roletados (i.e. a face externa sem alisamento) e ungulados sejam comuns e por vezes até predominantes (Barreto et al., 2016, p. 184).

Outros aspectos emblemáticos são:

a presença de rodas de fuso (ou seja, a reciclagem de fragmentos de vaso), bordas vazadas e um uso alternativo dos ungulados, com a função de criar superfícies mais aderentes entre os roletes na hora de confeccionar os vasos. Pequenas vasilhas com um acabamento de superfície malfeita e fragmentos com incisões irregulares e assimétricas remetem ao processo de ensino-

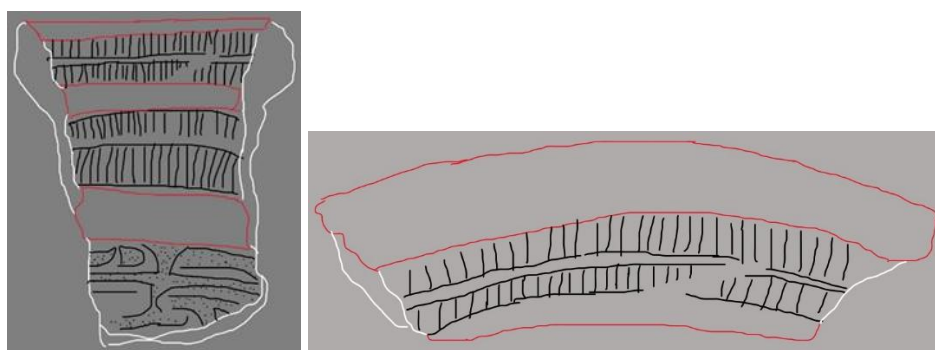
aprendizagem das pequenas artesãs (cf. Almeida, 2013a). Também foi observado o uso de placas de argila em determinadas partes dos vasos, como bases e carenas, um reforço nas partes mais frágeis dos vasilhames. A recorrência de fragmentos com muitas perfurações sugere que esses grupos possuíam vasos tipo “cuscuzeiros” (Barreto et al., 2016, p. 184).

Vivian Karla de Sena (2013) em sua tese de doutorado retoma os estudos no sítio arqueológico Serra do Macaguá I, situado cronologicamente entre a segunda metade do século XVI e primeira metade do século XVII. Ela insere outras materialidades como o vidro e o lítico e traz maior enfoque para o contexto histórico objetivando entender a relação entre as coisas, os grupos e o lugar, refletindo o sítio como espaço de contato. Acerca dos resultados do trabalho a autora pontua:

A tradução que se deu desses contextos foi o da presença de duas ocupações espacialmente e temporalmente dissociadas: a do sítio Macaguá I representada por vestígios de ocupação de grupos indígenas durante o período inicial da colonização do Nordeste; a do sítio Tapera do Marcolino, cujo registro arqueológico revelou a presença de estruturas de uma moradia de arquitetura vernácula, cujo contexto temporal observado a partir das análises dos artefatos vítreos e louça se formou após o início do século XX (Sena, 2013, p. 254).

Quanto ao perfil das cerâmicas destaca: a pasta de maior predominância foi de areia (70,11%), seguida de bolo + areia (29,89%). A queima mais comum foi do tipo completa redutora, mas houveram casos de queima incompleta oxidante (22,49%) e incompleta redutora (16,93%). A técnica de manufatura predominante, por sua vez foi a roletada (83,05%), seguida de modelada (16,95%). Como acabamento de superfície apareceu predominantemente alisado (61,56%), mas também pintado (26,42%), polido (1,06%) e rolete aparente (0,4%). A autora destaca a presença de vasilhas (97%), fusos (2,5%) e apêndices (0,5%) como classes de objetos. Sena (2013) realiza ainda uma análise dos vasilhames com decoração pintada. Ela destaca a presença de duas técnicas sendo elas a monocromia, nas cores vermelha ou branca e a policromia, a partir de motivos decorativos em vermelho e preto com fundo branco. Um exemplo de motivo do grupo 1 está destacado na Figura 16.

Figura 16: Exemplos de motivos decorativos, Aldeia da Serra de Macaguá I.



Adaptado de Sena (2013).

Maria Eduarda Soares Dias de Medeiros e Lourdes Castro Pereira (2022) em um resumo apresentado a evento trabalham as cerâmicas históricas do sítio arqueológico multicomponencial Ramada 02, localizado no município de São Fernando. A coleção de cerâmicas foi composta por 457 fragmentos. As características gerais desse conjunto artefactual foram: modo de produção acordelado (83%), seguido de modelado (4%) e acordelado + modelado (2%). Acabamento de superfície externa alisado (34%), polido, banho, resina, esfumado, escovado, inciso. Em relação a superfície interna as autoras destacam os mesmos acabamentos com exceção do escovado, inciso, estocado e resina. O antiplástico predominante foi o mineral (92%), mas houveram casos de mineral + carvão, mineral + caco moído e caco moído. O núcleo de cor clara (47%), de cor escura (39%), de cor escura em seu centro (8%), de cor escura na superfície interna (3%) e de cor escura na superfície externa (3%). O comprimento predominante esteve entre 11 e 30 mm (65%), a largura entre 11 e 30 mm (85%) e a espessura entre 4 a 6 mm (50%) (Medeiros; Pereira, 2022).

As cerâmicas de barro provenientes da campanha realizada no ano de 2024 no sítio Santa Clara 02 foram estudadas por Maria Eduarda Araújo Dutra e Hozana Danize Lopes de Souza. A coleção foi formada a partir de coleta de superfície e escavação, resultando em um total de 488 fragmentos. A análise buscou compreender aspectos ligados a manufatura e uso, para isso os atributos destacados foram: modo de produção, acabamentos das superfícies interna e externa, tipos de borda e contornos. Os resultados apontaram uma predominância do modo de produção acordelado, da queima redutora, do tratamento de superfície alisado com baixa presença de polimento e da técnica de decoração plástica escovado e inciso. As autoras destacam que os fragmentos

corresponderiam possivelmente a vasilhas de pequeno e médio porte utilizadas para a cocção e armazenamento de água.

Karla Bianca da Silva Oliveira (2021) em sua dissertação de mestrado reflete acerca da prática escravagista tendo como cenário as fazendas de gado do Seridó, a partir do olhar da história e da arqueologia. Ela trabalha mais especificamente o sítio Belém, município de Acari e o sítio Totoró, município de Currais Novos, situados cronologicamente através de documentação histórica entre os séculos XVIII e XIX, sendo por isso definidos como históricos. A autora divide as áreas de intervenção arqueológica na Fazenda Belém de A até D. Destaca a presença das seguintes materialidades cerâmica, vidro, louça, metal, lítico, ósseo e construtivo. Em relação a prática arqueológica, seu trabalho não aborda quantitativamente uma materialidade específica, mas destacaremos as informações acerca das cerâmicas.

Na área “a” pontua que “[...] A cerâmica, em sua maioria, apresenta superfície lisa e sem decoração, com exceção de alguns fragmentos com decoração escovada (c) e um único fragmento com decoração incisa.” (p. 193). Já na área “b” foram encontrados “[...] 14 fragmentos cerâmicos com decoração escovada [...]” (p. 194). Na área “c” são encontrados fragmentos de cerâmica torneados. Em relação a área “d”, ela afirma que os modos de produção perpassam o torneado e o acordelado e as decorações são inciso, escovado e alisado (Oliveira, 2021). As cerâmicas desse sítio voltam a ser trabalhadas por Diógenes Santos Saldanha e Juscelino Aguiar dos Santos Junior em um resumo apresentado a um evento (Saldanha; Santos Junior, 2022). Alguns dos elementos destacados pelos autores são: técnica de produção acordelado; tratamento de superfície alisado; antiplástico mineral e núcleo de cor clara.

Hozana Souza e Pedro Augusto Formiga (2022) em um resumo apresentado a evento trabalham as cerâmicas históricas do sítio arqueológico histórico Totoró, localizado no município de Currais Novos. As características gerais desse conjunto artefactual são: modo de produção acordelado; acabamento de superfície alisado e banho vermelho; decoração incisa e escovada e antiplástico mineral (Souza; Formiga, 2022).

Esse material volta a ser trabalhado no Projeto Arqueologia em Casas de Fazenda na Região do Seridó: Espacialidades, Temporalidades e Sociabilidades no Sertão do Rio Grande do Norte. As características destacadas das cerâmicas de barro são: morfologia parede (91%) e borda (9%). Modo de produção acordelado (74%) e modelado (4%).

Estado de conservação não erodido (89%), erodido FE (7%), erodido AF (1%), erodido FI (3%). Tratamento de superfície alisado em ambas as faces (89%), alisado FI (8%) e alisado FE (2%). Banho ou pintura em ambas as faces (48%), banho FI (19%), Banho FE (7%). Polimento ausente (68%), polimento AF (16%), polimento FI (8%), polimento FE (8%). Decoração plástica ausente (86%), escovado (10%), inciso (3%), escovado + inciso (1%) ungulado e digitado. Antiplástico mineral (97%), mineral + carvão (2%), mineral + caco moído (1%). Composição do antiplástico quartzo. Queima ausente (36%), completa, com núcleo - 2 faixas claras (35%), incompleta (12%), FI clara – FE escura (10%), FI escura - FE clara (5%), com núcleo – 2 faixas escuras (2%). Sinais de uso ausente (73%), fuligem externa (19%), fuligem interna (4%), fuligem externa + fuligem interna (4%). Marcas de uso ausente (89%), atrito (9%), raspagem (1%) e furo (1%). Características de borda forma ausente (91%), direta (5%), introvertida (3%), extrovertida (1%); inclinação ausente (91%), vertical (5%), inclinada interna (3%), inclinada externamente (1%) e espessura ausente (92%), normal (6%), contraída (2%), reforçada externamente. Características de lábio ausente (93%), arredondado (4%), plano (3%) e apontado (Relatório de projeto..., 2022).

Hozana Danize Lopes de Souza (2021), em sua dissertação de mestrado, objetiva entender o consumo através da materialidade presente em uma unidade habitacional sertaneja, mais especificamente as faianças finas e cerâmicas utilitárias do sítio arqueológico de cronologia histórica Culumins. Segundo a autora a data média de ocupação do referido sítio foi 1831. Quanto as materialidades encontradas no sítio, a autora pontua:

Entre o material coletado, contabilizou em 6420 categorias de objetos, integrando cerâmicas utilitárias (67,79%), louças históricas (10,28%), ósseos (17,12%), vidros (4%). Foram encontradas também outros tipos de vestígios que representou uma porcentagem consideravelmente menor, como: metais (0,38%), malacológico (0,10), moedas (0,09), madeira (0,07%), louça com furo e como peça lúdica (0,06%), lítico (0,03%), construtivo (0,01%), conta (0,01%) (Souza, 2021, p. 78).

Em relação as cerâmicas algumas características gerais apontadas pela autora são: técnica de produção acordelado (72,65%), modelado (10,52%), modelado + acordelado (0,3%). Antiplástico mineral (93, 84%), argila (0,1 %), mineral + argila (1,5%), carvão (0,1%), mineral + carvão (1, 49%), caco moído (2,04%), mineral + caco moído (0,6%). Composição mineral quartzo (43,88%), feldspato (18,33%), hematita (16,84%), quartzo + hematita (12,66%), quartzo + feldspato + hematita (2,32%), quartzo + feldspato (1,47%), feldspato + hematita (1,01%). Quanto ao tipo de queima oxidante ou completa

(46,76%), queima incompleta (10,59%), com núcleo e duas faixas claras (26,72%), com núcleo e duas faixas escuras (5,21%), FI clara + FE escura (6,25%), FI escura + FE clara (4,43%). Tratamento de superfície alisado AF (80,37%), alisado FI (11,71%), alisado FE (3,12%); polimento ausente (79,20%); polimento AF (8,31%), polimento FE (7,12%), polimento FI (5,30%). Decoração plástica ausente (86,21%), escovado (9,19%), inciso (4,15%), escovado + inciso (0,4%). Banho ou pintura em ambas as faces (46,78%), banho ou pintura FI (14,31%), banho ou pintura FE (13,21%). Quanto as morfologias parede (90,76%), borda (8,18%), base (0,3%), asa + alça (0,45%), gargalo (0,2%) e roda de fuso (0,2%). Em relação as características de borda Forma direta (76,33%), introvertida (20%), extrovertida (3,09%); inclinação da borda vertical (76,92%), inclinada interna (21,12%), inclinada externa (3,66%); espessura da borda normal (93,23%), reforçada externa (3,66%), reforçada internamente (1,97%), expandida (0,8%). Características dos lábios arredondado (57,30%), plano (37,92%), apontado (3,93%) e biselado (1,12%). Classificação das bases pedestal (50%), plana (28,57%), anelar (14,28%), cônica (7,14%). Apêndice do tipo asa (77,7%) e alça (22,2%). Estado de conservação não erodido (84,60%), erodido FE (10,29%), erodido FI (3,65%), erodido AF (1,44%). Sinais de uso ausente (82,14%), fuligem FE (14,38%), fuligem AF (1,93%), fuligem FI (1,50%). Marcas de uso ausente (87,10%), atrito (9,37%), raspagem (0,2%), furo (0,2%) (Souza, 2021).

O sítio arqueológico Casa de Pedra é um abrigo sob rocha localizado no município de Carnaúba dos Dantas. Nele foram encontrados cerâmica, lítico, pinturas e gravuras. O sítio não possui datação associada. A coleção de cerâmicas foi composta por 79 fragmentos dos quais o autor analisa 25. O conjunto de cerâmicas do sítio Casa de Pedra tem por características gerais: pasta com aditivo de areia e mica (13), pasta com aditivo de areia (12). Tratamento de superfície externa alisado (25); tratamento de superfície interna alisado (21) e escovado (4). Técnica de confecção acordelado. Queima oxidante e incompleta principalmente, mas houveram também casos de queima redutora. Entre as formas reconstituídas observou-se a esférica (4) e os tamanhos grande (3) e médio³¹ (1) (Fontes, 2003).

O Baixa do Umbuzeiro II localiza-se a 300 metros do sítio Baixa do Umbuzeiro I, em uma área plana. A materialidade encontrada consiste em dezoito fogueiras e material

³¹ Segundo Fontes (2003, p. 67): “diâmetro entre 14 e 21 cm, e altura variando em média entre 1,5 e 11,5 cm”;

lítico e cerâmico em superfície. O sítio arqueológico enfrenta ação natural da erosão pluvial e antrópica do uso do solo para pecuária. Esse sítio não apresenta datação associada. A coleção cerâmica apresenta 69 fragmentos (Nogueira, 2017).

Todo o conjunto cerâmico analisado foi produzido a partir da técnica do acordelado. Os fragmentos pertenciam em maior quantidade a pasta 2 (46%), tipo 3 (33%) e tipo 1 (21%). O tipo de queima predominante foi a incompleta (51), seguida da completa (16). A maior quantidade de fragmentos não possibilitou a identificação morfológica. Entre os que possibilitaram percebeu-se um maior número de bojos (18%), seguidos de bases (6%) e por último bordas (3%). Todas as bordas identificadas foram classificadas como diretas e os lábios como arredondados. Os bojos foram classificados como simples e as bases como plano-convexas. Os primeiros apresentam espessura variando entre 0,5 e 1,0 cm e tamanhos entre 2,3 x 2,4 cm e 7,5 x 5,0 cm, as segundas, uma espessura entre 0,5 e 0,7 cm e tamanhos entre 3,5 x 3,0 cm e 4,2 x 3,4 cm. Em relação ao tratamento de superfície externa foi identificado apenas o alisado (24). Na superfície interna foi identificado além do alisado (24), a técnica do engobo em vermelho (8). Duas vasilhas foram reconstituídas com a forma elipsóide horizontal (Nogueira, 2017).

Pereira II é um sítio localizado no município de Parelhas, em área de relevo de suave ondulação. Não apresenta datação associada. É composto por quatro fogueiras. O sítio apresenta elevado estado de degradação devido a fatores naturais e antrópicos. Foram identificados apenas 2 fragmentos em subsuperfície. As características desses foram: pasta do tipo 1; tratamento de superfície alisado, queima do tipo incompleta, técnica de manufatura acordelada (Nogueira, 2017).

O sítio Meggers I também se localiza no município de Parelhas, em uma área de terraço fluvial. Conta com três fogueiras e material cerâmico e lítico. O sítio é impactado com erosão pluvial, uso do solo para pecuária e disposição de entulhos pelos moradores do entorno. Sua coleção de cerâmicas foi composta por 201 fragmentos (Nogueira, 2017).

Em relação aos tipos de pastas a autora observou maior quantidade do tipo 2 (58%), seguidas do tipo 3 (32%) e do tipo 1 (10%). Quanto a morfologia, a maior quantidade de fragmentos não pode ser identificada. Nos que permitiram identificação a autora observou maior quantidade de bojos (90), seguidos de bordas (20), bases (3) e por último fragmentos de base com bojo (2). A maioria das bordas foram classificadas como diretas (18), mas foram identificados casos de bordas introvertidas (2). Os lábios, por sua

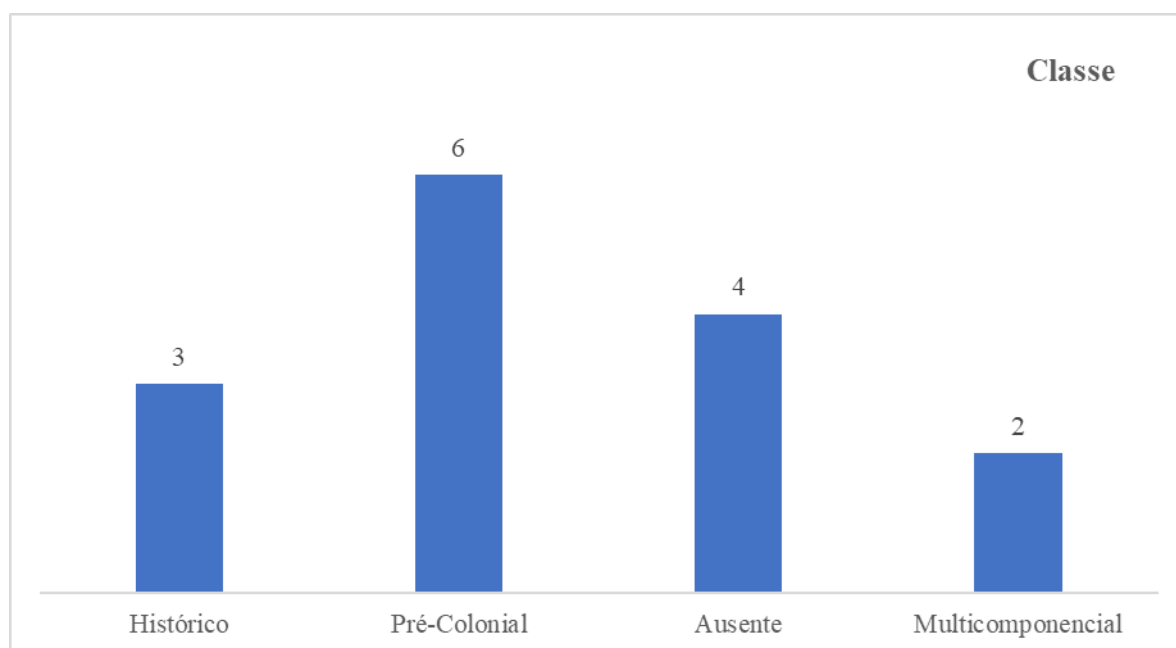
vez, foram classificados como arredondados (12) principalmente, mas também plano (2) e apontado (2). Os bojos apresentavam contorno simples. As bases foram caracterizadas como do tipo plano-convexas (4) e plana (1). Todo o conjunto analisado foi produzido a partir da técnica do acordelado. O tipo de queima predominante foi a incompleta (118) e completa (83). Em relação ao tratamento de superfície externa Nogueira (2017) identifica engobo vermelho (69), alisado (54), polido (4), engobo vermelho + polido (3) e escovado (2). Quanto a superfície interna alisado (73), engobado de vermelho (51), polido (6), polido + engobo em vermelho (3). Dois objetos foram reconstituídos hipoteticamente apresentando as formas cônica e oval (Nogueira, 2017).

Apesar da pouca quantidade de trabalhos desenvolvidos no Seridó do Rio Grande do Norte, percebemos certa semelhança nas características gerais apresentadas pelos autores acerca do material arqueológico cerâmico, por exemplo, no que tange a técnica de produção acordelada, ao antiplástico mineral, com predominância de areia, a queima redutora, ao tratamento de superfície alisado, a ausência de decorações cromáticas e plásticas, bordas com forma direta e lábio arredondado e predominância da morfologia elipsóide horizontal. Destacamos que os trabalhos foram feitos com objetivos diferentes, por autores diferentes, em períodos diferentes e com metodologias e teorias distintas, por isso essa revisão bibliográfica tem limitações. Porém, entendemos ela como de suma importância para um melhor entendimento do contexto.

Como visto, os trabalhos analisados nesse breve apanhado do contexto regional cerâmico abordam sítios a céu aberto, abrigos, sítios multicomponenciais e casas de fazenda, distribuídos nos municípios de Parelhas, Carnaúba dos Dantas, São Fernando, Acari, Currais Novos, Tenente Laurentino e Caicó o que nos permite nos debruçar sobre um panorama geral. Observamos que as cerâmicas aqui levantadas apresentam alguns elementos técnicos em comum, o que pode sugerir, ainda que de modo tentativo e preliminar, um padrão regional. Abaixo descreveremos as características predominantes elencadas nos trabalhos.

Entre os trabalhos descritos observamos (Figura 17) maior predominância de sítios pré-coloniais, seguidos de sítios em que não se tem uma cronologia definida, sítios históricos e por último sítios multicomponenciais.

Figura 17: Classe, proveniente de sítios cerâmicos.

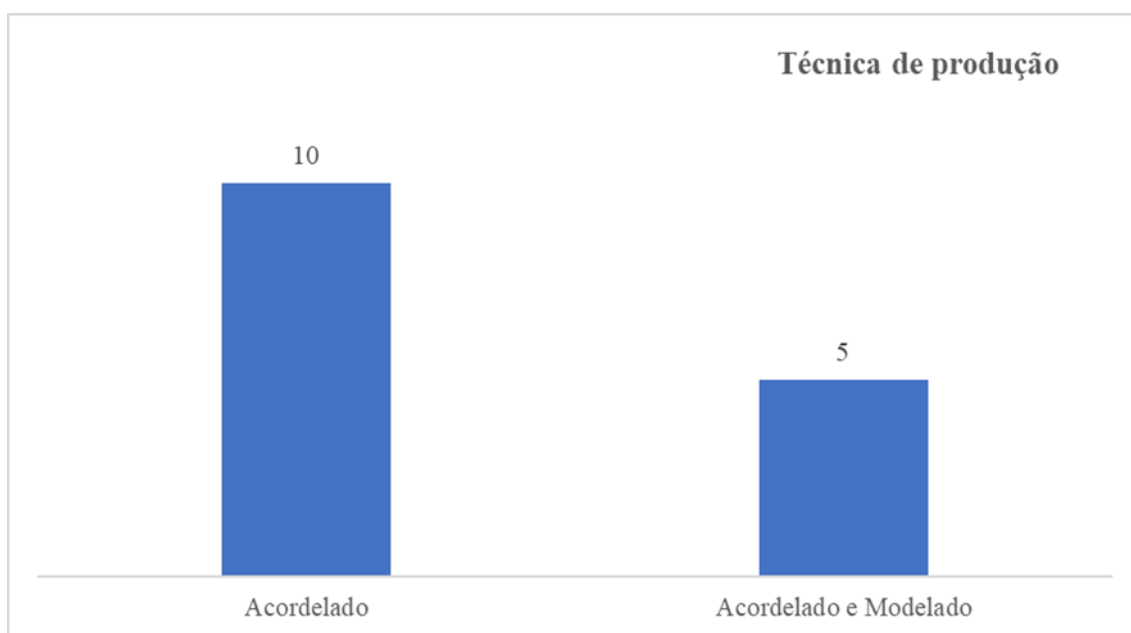


Fonte: Elaboração própria (2024).

Optamos por incluir sítios e ocupações pré-coloniais neste levantamento para atenuar a grave ruptura entre pré-história e história, que já vem sendo problematizada (Lightfoot, etc.). Isso poderá evidenciar continuidades de técnicas indígenas na região também nos períodos pós-contato.

A técnica de produção (Figura 18) mais comum nos sítios arqueológicos cerâmicos do Seridó descritos nos trabalhos citados anteriormente é o acordelado. Entretanto, em alguns sítios também aparece o modelado.

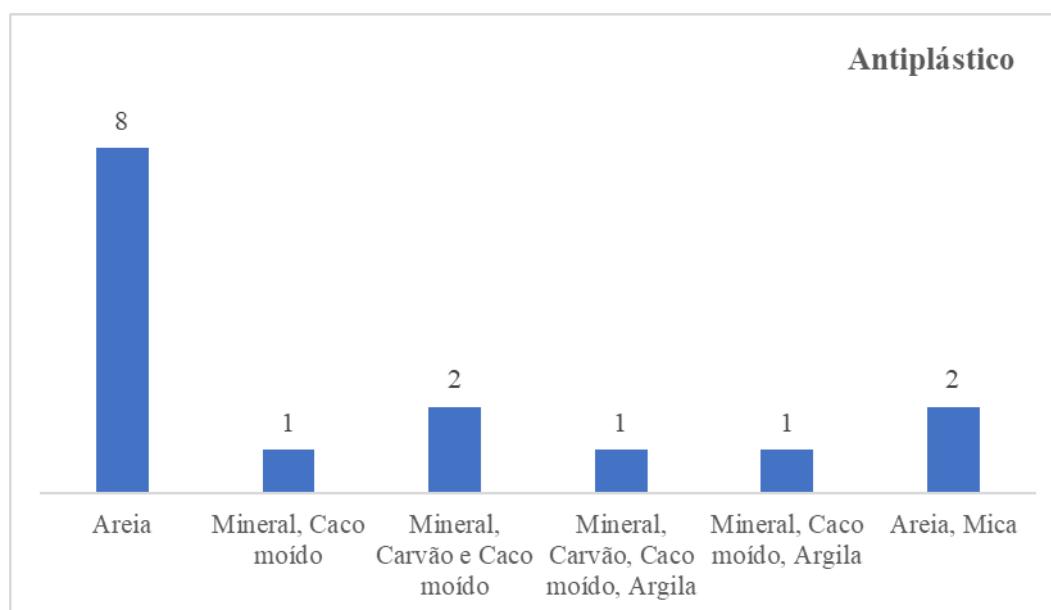
Figura 18: Técnica de produção, proveniente de sítios cerâmicos.



Fonte: Elaboração própria (2024).

O antiplástico (Figura 19) mais predominante é a areia. É importante mencionar que o aditivo de areia predomina em oito sítios arqueológicos. Em segundo lugar destacam-se dois sítios com antiplástico de areia e antiplástico de mica e dois sítios com antiplástico de mineral, de carvão e de caco moído. Em terceiro, sítios com antiplástico de mineral e antiplástico de caco moído; com antiplástico de mineral, de carvão, de caco moído e de argila e sítios com antiplástico de mineral, de caco moído e de argila.

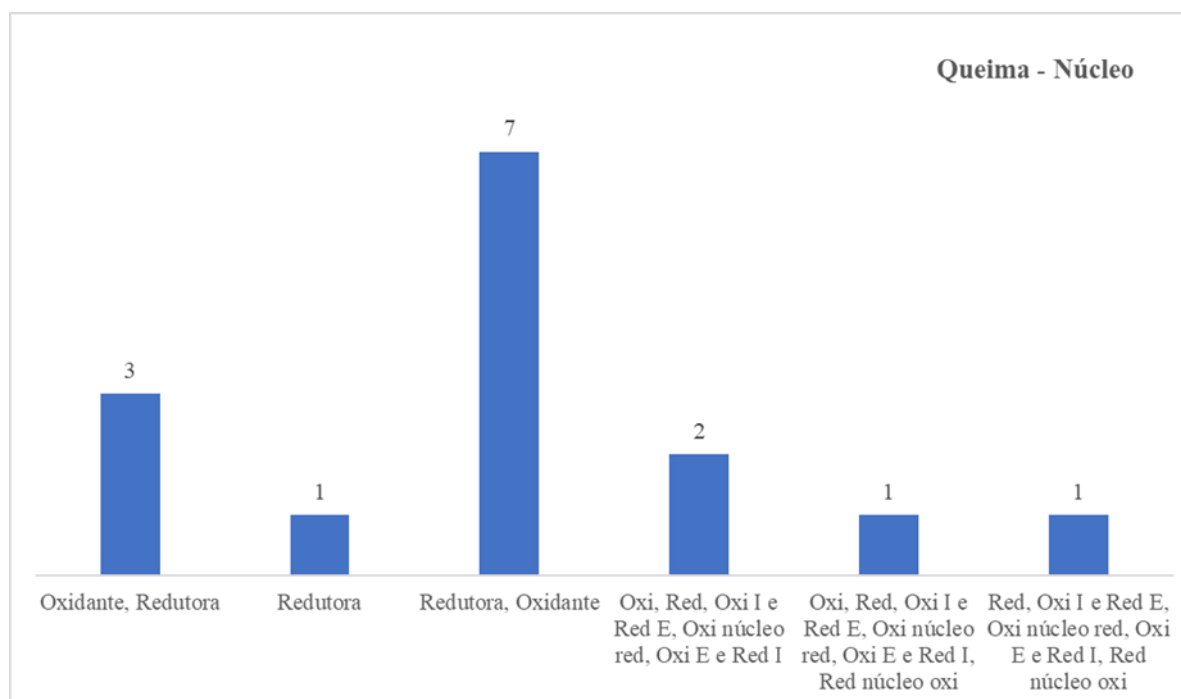
Figura 19: Antiplástico, proveniente de sítios cerâmicos.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Os tipos de queima (Figura 20) mais comuns nos sítios arqueológicos descritos anteriormente são a redutora e oxidante, respectivamente. Em segundo lugar destacam-se sítios onde predomina a queima oxidante sobre a redutora.

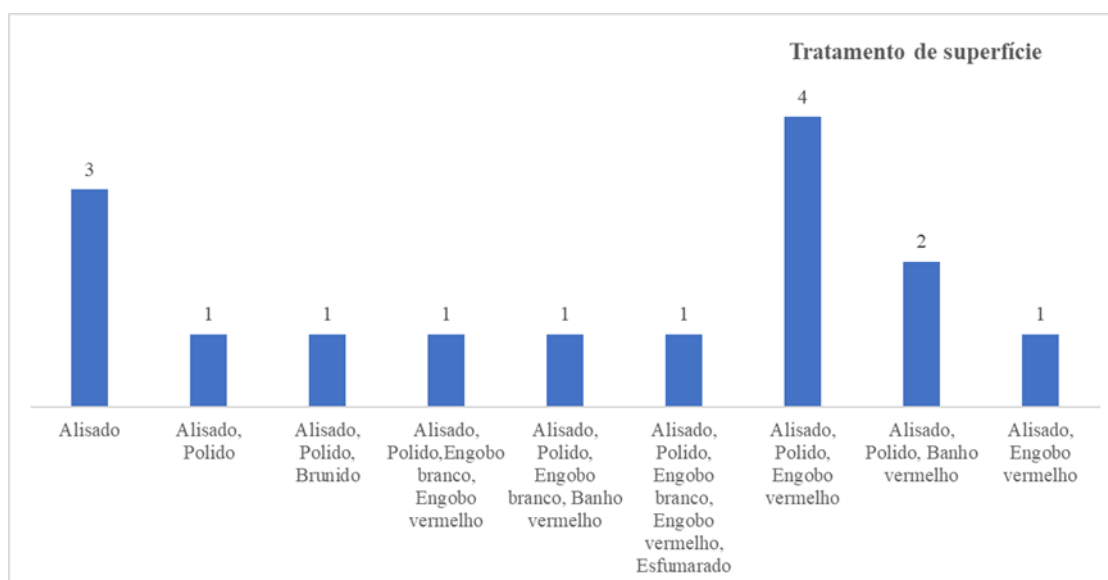
Figura 20: Queima, proveniente de sítios cerâmicos.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Predominam sítios arqueológicos onde aparecem os tratamentos de superfície (Figura 21) alisado, polido e engobo vermelho. Em segundo lugar destacamos sítios onde aparecem o tratamento de superfície alisado e em terceiro, sítios onde aparecem os tratamentos de superfície alisado, polido e banho vermelho. Outros casos de tratamento de superfície são brunido, engobo branco e esfumarado.

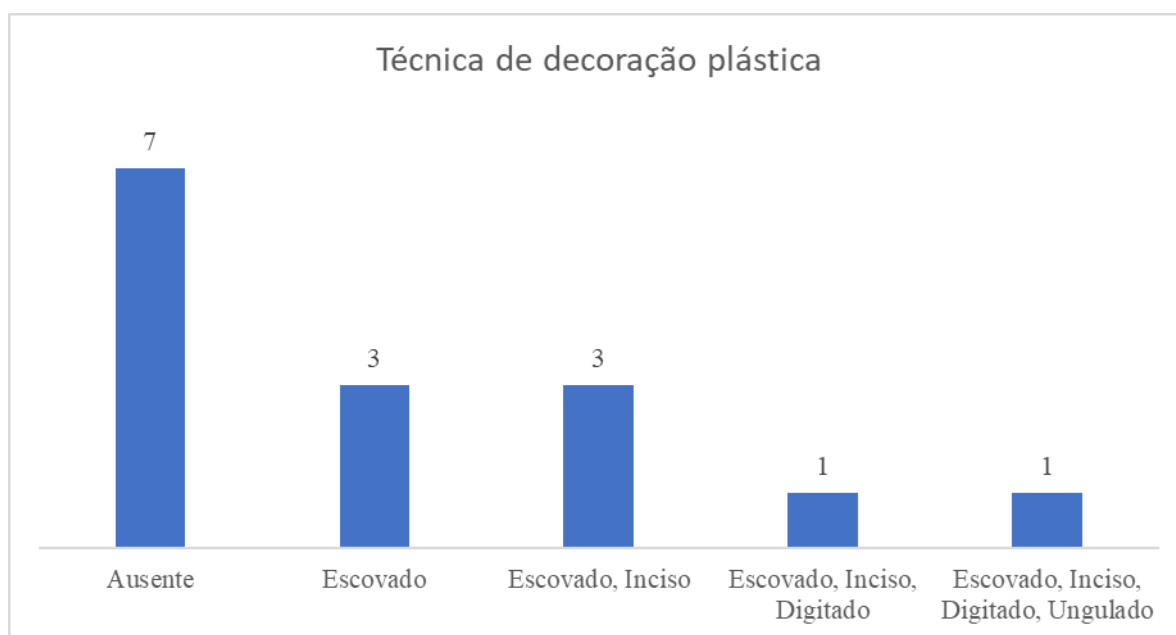
Figura 21: Tratamentos de superfície, proveniente de sítios cerâmicos.



Fonte: Elaboração própria (2024).

As técnicas de decoração plástica (Figura 22) não aparecem na maioria dos sítios arqueológicos cerâmicos descritos nos trabalhos anteriormente mencionados. Onde elas aparecem, predominam sítios com a técnica escovado, seguido de sítios com a técnica escovado e inciso. Além disso, sítios com escovado, inciso e digitado e sítios com escovado, inciso, digitado e unglado.

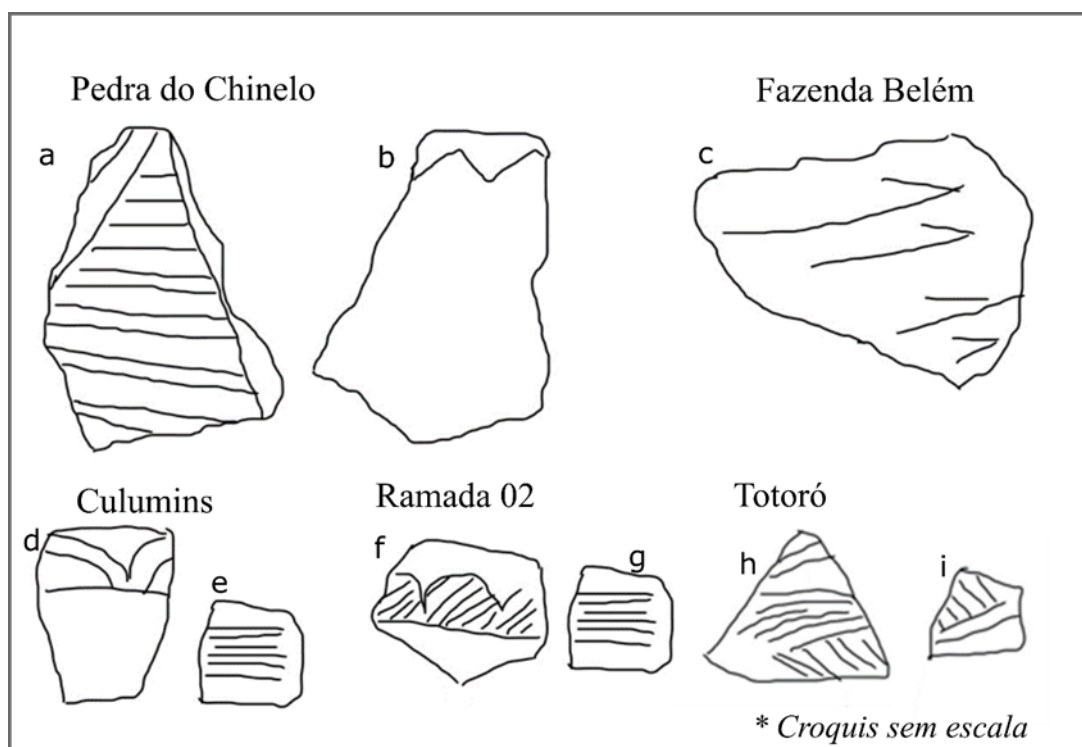
Figura 22: Técnica de decoração plástica, proveniente de sítios cerâmicos.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Na Figura 23 podemos observar decorações plásticas presentes nos sítios arqueológicos Pedra do Chinelo, Fazenda Belém, Culamins, Ramada 02 e Totoró: a – inciso; b – escovado; c – escovado; d – inciso; e – escovado; f – inciso; g – escovado; h – escovado; i – escovado. O motivo decorativo não é um elemento costumeiramente observado nos trabalhos onde a cerâmica de barro é o objeto de estudo, sobretudo quando se pensa nos motivos associados com técnicas de decoração plástica. Isso talvez se deva pela multiplicidade de composições presentes em um mesmo sítio. Em decorrência disso, não foi possível elaborar um levantamento detalhado de motivos decorativos presentes nas cerâmicas utilitárias dos sítios da região.

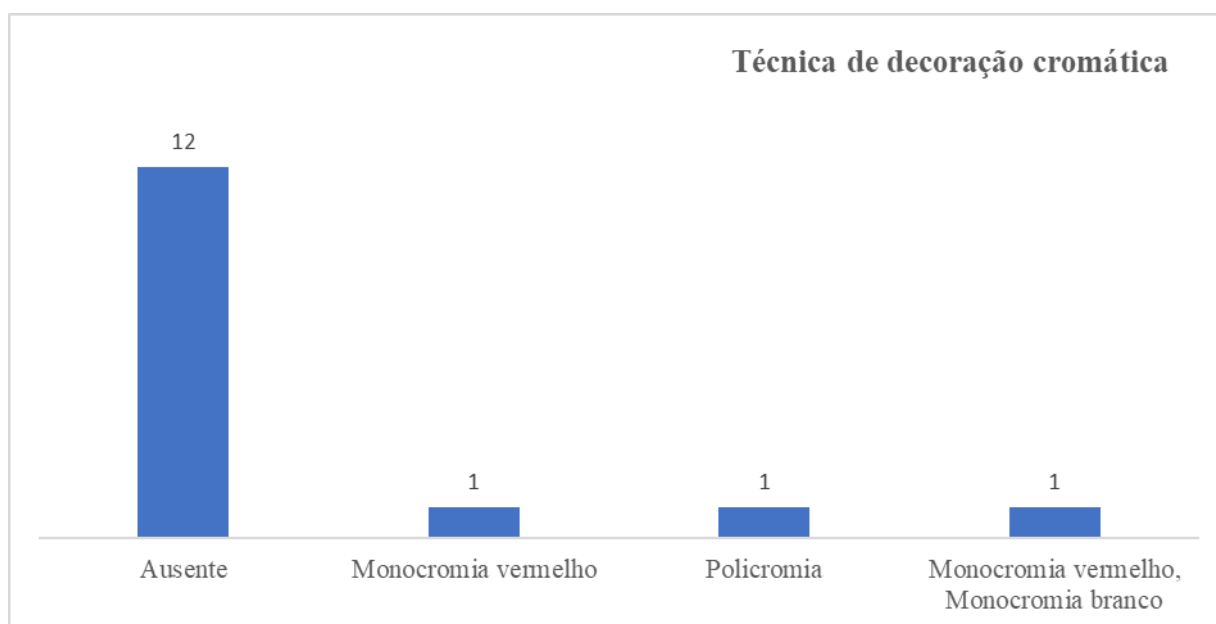
Figura 23: Decorações de fragmentos cerâmicos dos sítios arqueológicos considerados aqui como contexto regional do sítio Santa Clara 02.



Adaptado de Fontes (2003); Oliveira (2021); Souza (2021); Medeiros, Castro (2022); Relatório de projeto...(2022).

As técnicas de decoração cromática (Figura 24) não aparecem na maioria dos sítios arqueológicos cerâmicos descritos nos trabalhos anteriormente mencionados. Nos sítios onde elas aparecem tem-se a pintura nas técnicas de monocromia na cor vermelha, monocromia na cor branca e vermelha e policromia nas cores branco, vermelho e preto. Os sítios arqueológicos Furna e Baixa do Umbuzeiro são associados a tradição ceramista Pedra do Caboclo, subtradição Papeba e o sítio Aldeia da Serra de Macaguá I é associado tradição Polícroma Amazônica, subtradição tupinambá.

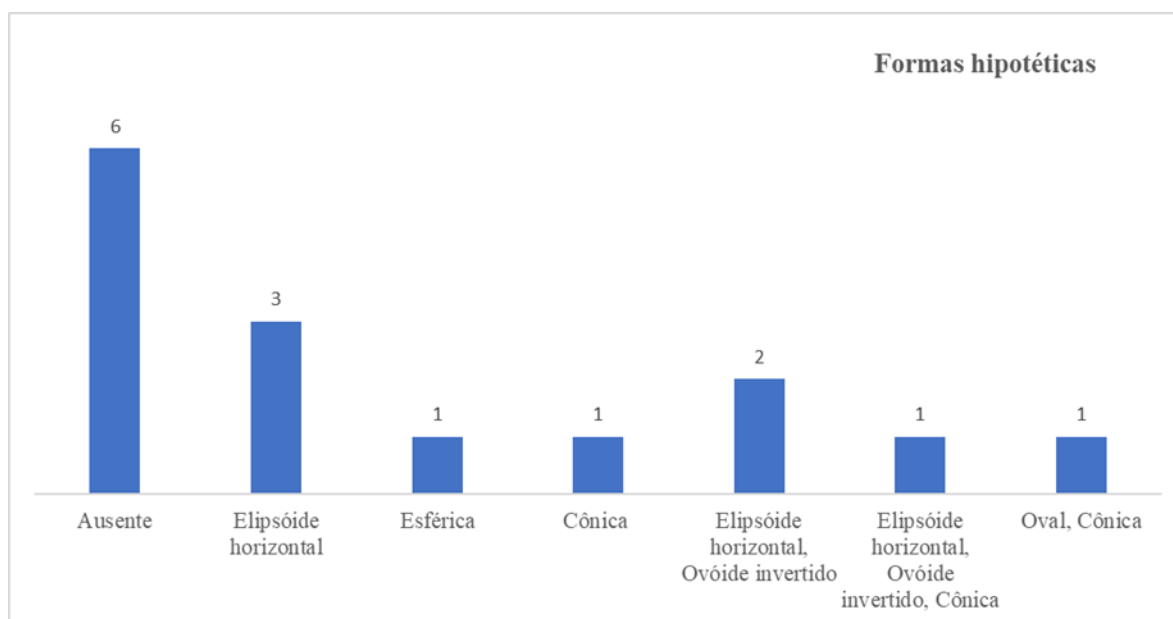
Figura 24: Técnica de decoração cromática, proveniente de sítios cerâmicos.



Fonte: Elaboração própria (2024).

A forma hipotética (Figura 25) mais predominante nos sítios arqueológicos cerâmicos elencados foi a elipsóide horizontal. Em segundo lugar temos sítios onde aparecem a forma elipsóide horizontal e ovóide invertido. Outros casos são formas esférica, cônica e oval.

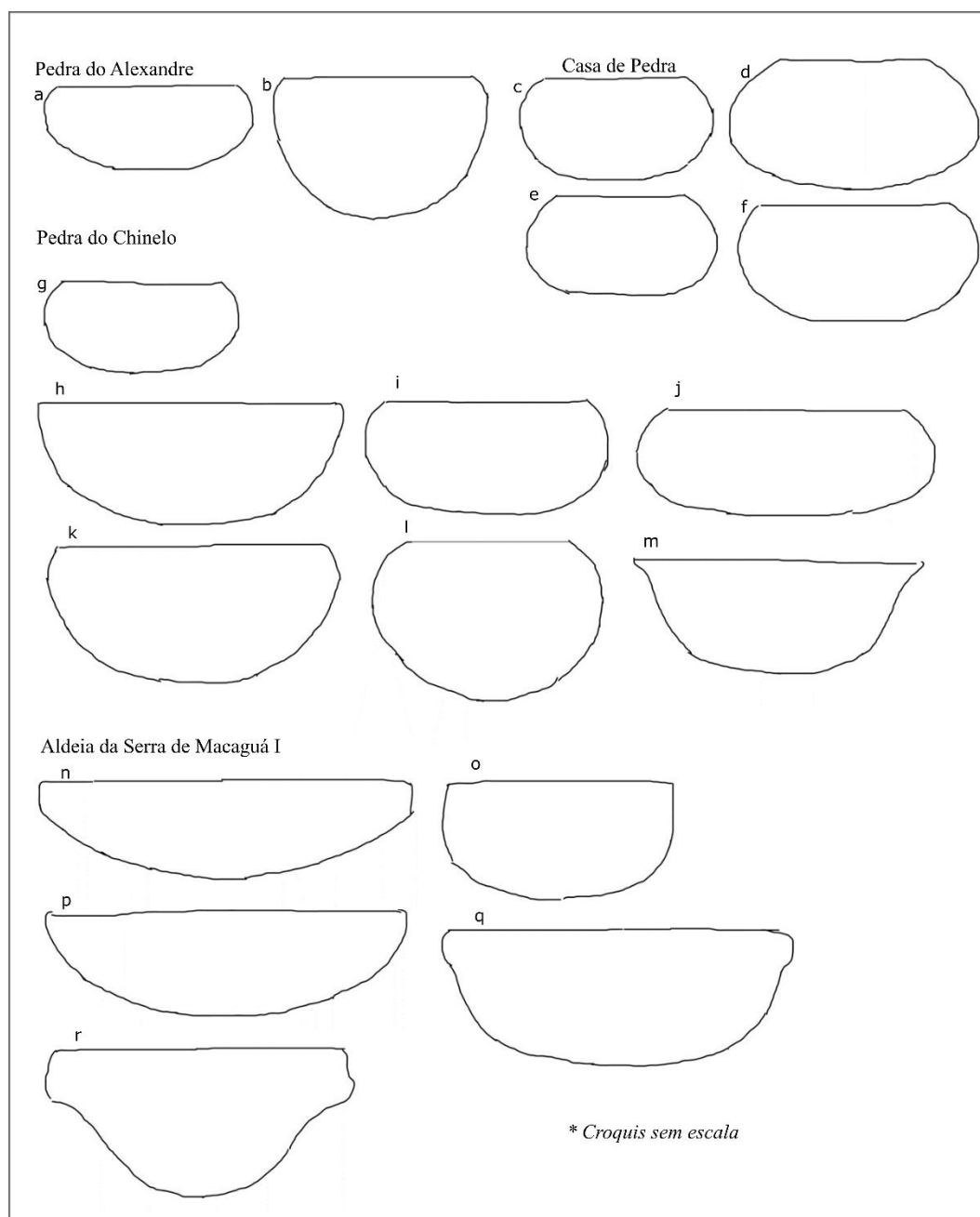
Figura 25: Formas hipotéticas, proveniente de sítios cerâmicos.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Na Figura 26 podemos observar reconstituições hipotéticas de formas presentes nos sítios arqueológicos Pedra do Alexandre, Casa de Pedra, Pedra do Chinelo, Aldeia da Serra de Macaguá, Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro: a e b – elipsóide horizontal e ovóide invertido; c, d, e, f – esférica; g, h, i, j, k, l, m – elipsóide horizontal e ovóide invertido; n, o, p, q, r elipsóide horizontal, ovóide e cônica; s, t, u, v, w – elipsóide horizontal; x – elipsóide horizontal.

Figura 26: Formas estimadas de vasilhas dos sítios arqueológicos considerados aqui como contexto regional do sítio Santa Clara 02.



Adaptado de Fontes (2003) e Nogueira (2011).

Os gráficos apresentados funcionam como uma estratégia de descrição das características mais predominantes em cada sítio arqueológico descrito, de forma que os valores numéricos são relativos à quantidade de sítios onde o atributo aparece. A análise dessas informações nos permite refletir sobre mudanças e continuidades no saber-fazer

cerâmico do Seridó. É preciso destacar que esse levantamento não foi feito diretamente com os fragmentos, mas a partir das pesquisas referenciadas.

Panich (2013) apresenta discussões acerca da arqueologia da persistência, um caminho pensado como forma de evitar essencialismos culturais e apagamentos acerca da história dos povos nativos da América no contexto colonial. Esse contexto foi por muitas vezes descrito como uma ruptura com o passado que modificou completamente as sociedades indígenas.

Acerca do conceito de persistência ela argumenta:

Persistência, no uso comum, refere-se a uma continuação da existência diante da oposição. Como uma observação geral, esta definição funciona bem para descrever aqueles grupos indígenas que intencionalmente mantiveram identidades distintas de colonos e colonos euro-americanos. Mas persistência não deve implicar estagnação ou passividade, pois em muitos casos as identidades indígenas foram reinterpretadas e transformadas mesmo quando foram perpetuadas. Qualquer conceito de persistência deve, portanto, também lidar com mudança e ajuste, deixando espaço para a negociação ativa das várias formas de oposição — guerra, doença, deslocamento e políticas de assimilação, para citar apenas algumas — que os povos nativos encontraram nos últimos cinco séculos. [...] (Panich, 2013, p. 107)³².

A arqueologia da persistência atua nesse sentido, não dicotomizando mudança e continuidade, mas colocando uma como possibilidade da outra, pensando uma continuidade em mudança. Alguns conceitos importantes utilizados nas reflexões são identidade, contexto e prática. Panich (2013) conceitua a identidade como construção social; a prática como um meio para entender as mudanças e permanências cotidianas e o contexto, a partir da análise de grandes escalas de tempo. Assim, possibilita entender a dinamicidade da cultura e da identidade. Dessa forma:

Uma maneira de superar narrativas terminais e as deficiências das abordagens essencialistas é enquadrar nossas discussões sobre negociações indígenas de colonialismo dentro do contexto de trajetórias históricas de longo prazo. Conforme sugerido por Ferris (2009:XIV), precisamos desenvolver maneiras de vincular histórias antigas a histórias recentes. As culturas nativas não eram estáticas antes da chegada dos colonos europeus, nem o momento do contato congelou as sociedades nativas em um presente etnográfico a-histórico no qual a mudança cultural de qualquer forma necessariamente equivale a uma perda de autenticidade (Silliman, 2009). Por meio de um exame cuidadoso do contexto das mudanças nas sociedades indígenas, podemos ajudar a combater

³² Persistence, in common usage, refers to a continuation of existence in the face of opposition. As a general observation, this definition works well for describing those indigenous groups that intentionally maintained identities distinct from Euro-American colonists and settlers. But persistence should not imply stasis or passivity, as in many cases indigenous identities were reinterpreted and transformed even as they were perpetuated. Any concept of persistence must therefore also deal with change and adjustment, leaving room for the active negotiation of the various forms of opposition— warfare, disease, dislocation, and policies of assimilation, to name but a few— native peoples have encountered in the past five centuries. Persistence, then, acknowledges the physical and symbolic. [...] (Panich, 2013, p. 107).

os tropos de dependência, assimilação e extinção cultural que tão frequentemente enquadram a discussão sobre povos indígenas e seus envolvimento com empreendimentos coloniais euro-americanos (Ferris 2009; Martindale 2009; Mitchell e Scheiber 2010) (Panich, 2013, p. 109)³³.

Segundo Lightfoot (1995) a arqueologia tem o potencial de cumprir importante papel nos estudos de contato cultural, uma vez que pode estabelecer pontes entre a pré-história e a história. Acerca disso, o autor afirma:

No entanto, o potencial total da arqueologia para contribuir com os estudos de contato cultural é dificultado pela prática atual de dividir a pré-história e a história em subcampos separados. As escalas temporais nas quais os arqueólogos trabalham devem ser definidas pelos problemas de pesquisa sendo abordados, em vez de subcampos criados arbitrariamente. Os estudos de contato cultural necessitam de uma abordagem integrada à pré-história e à história. No entanto, o cisma atual na arqueologia está contribuindo para problemas sistêmicos no estudo de mudanças de longo prazo. Esses problemas incluem: (1) a prática contínua de usar registros históricos como análogos históricos diretos, (2) o privilégio de documentos escritos sobre materiais arqueológicos, (3) a implementação de diferentes agendas de pesquisa e estratégias de campo cujos resultados não são comparáveis em contextos pré-históricos e históricos, (4) a dependência apenas de proporções de artefatos para medir a mudança cultural em cenários coloniais e (5) a crescente especialização entre estudantes de arqueologia em períodos de tempo e regiões locais específicos (Lightfoot, 2013, p. 211)³⁴.

Assim, dentro dos limites dos dados acessados, podemos sumarizar alguns padrões. Nos sítios arqueológicos pré-coloniais do Seridó do RN Pedra do Alexandre, Pedra do Chinelo, Furna do Umbuzeiro, Baixa do Umbuzeiro, Alto dos Marcolinos e Meggers III, alguns elementos técnicos comuns nos trabalhos mencionados são por exemplo o antiplástico com aditivo de areia, o modo de produção acordelado, queima redutora ou oxidante e o tratamento de superfície alisado. A forma elipsóide-horizontal

³³ One way to overcome terminal narratives and the shortcomings of essentialist approaches is to frame our discussions of indigenous negotiations of colonialism within the context of long-term historical trajectories. As suggested by Ferris (2009:XIV), we need to develop ways to link ancient histories to recent histories. Native cultures were not static prior to the arrival of European colonists, nor did the moment of contact freeze native societies in an ahistorical ethnographic present in which culture change of whatever form necessarily amounts to a loss of authenticity (Silliman, 2009). Through a careful examination of the context of changes in indigenous societies, we can help counter the tropes of dependency, assimilation, and cultural extinction that so often frame discussion of indigenous peoples and their entanglements with Euro-American colonial enterprises (Ferris 2009; Martindale 2009; Mitchell and Scheiber 2010) (Panich, 2013, p. 109).

³⁴ However, the full potential of archaeology to contribute to culture contact studies is hindered by the current practice of dividing prehistory and history into separate subfields. The temporal scales at which archaeologists work should be defined by the research problems being addressed, rather than by arbitrarily created subfields. Culture contact studies necessitate an integrated approach to prehistory and history. Yet the current schism in archaeology is contributing to systemic problems in the study of long-term change. These problems include: (1) the continued practice of using historical records as direct historic analogues, (2) the privileging of written documents over archaeological materials, (3) the implementation of different research agendas and field strategies whose results are not comparable in prehistoric and historic contexts, (4) the reliance on artifact ratios alone to measure culture change in colonial settings, and (5) increasing specialization among students of archaeology in particular time periods and local regions (Lightfoot, 2013, p. 211)³⁴.

aparece em alguns sítios, assim como a técnica de decoração plástica escovado e inciso, a técnica de decoração cromática pintado na cor vermelha e pintado na cor branca e o tratamento de superfície engobo na cor vermelha. Os sítios arqueológicos Pereira II, Meggers I, Casa de Pedra e Baixa do Umbuzeiro II apesar de não ter datação associada compartilham as características mencionadas.

Nos sítios arqueológicos históricos do Seridó Fazenda Belém, Culumins e Totoró algumas características comuns são a técnica de produção acordelado; os tratamentos de superfície alisado, polido e banho vermelho; a presença das técnicas de decoração plástica escovado e inciso mesmo que em baixa expressão; o antiplástico mineral com quartzo e feldspato e a queima do tipo oxidante. Os sítios arqueológicos multicomponenciais Ramada 02 e Aldeia da Serra de Macaguá I apresentam como características comuns técnica de produção acordelada, tratamento de superfície alisado e o antiplástico mineral.

Na tentativa de relacionar a coleção de cerâmicas de barro do Santa Clara 02 com o contexto cerâmico da região do Seridó do RN, nós estamos cientes de questões como a diferença de cronologia entre os sítios arqueológicos, tipos de sítios, temáticas dos trabalhos acadêmicos observados, método, objetivo, quantidade de material analisado e atributos elencados para análise. O que foi feito aqui não é uma análise final, nem definitiva, mas um passo inicial na direção de um banco de dados sobre cerâmica nessa região. Um esforço de levantamento bibliográfico que não dispensa a observação física do material, que não foi possível devido ao tempo curto de uma pesquisa de mestrado e também não dispensa o diálogo com outras ciências como a história, antropologia e etnografia na tentativa de responder se é possível falar de um estilo tecnológico seridoense a partir da cerâmica de barro.

Pensando em diferenças em relação ao conjunto de cerâmicas do Santa Clara 02 e de outros sítios cerâmicos da região nós elencamos alguns elementos: a inexistência de pintura no material do SC02 e a presença em sítios de cronologia mais recuada; a presença de grande quantidade de fragmentos brunidos no SC02, maior do que a quantidade de fragmentos polidos, enquanto nos outros sítios o polido é mais comum, estando o brunido presente em apenas um sítio arqueológico entre os descritos; além das técnicas de decoração plástica inciso e escovado que se apresentam em grande número, o que não acontece de forma expressiva nos outros sítios mencionados, aparecem também o pontado, o digitado e o dígito-ungulado nas cerâmicas de barro do Santa Clara 02 em quantidade mais considerável.

Destacamos ainda, os motivos decorativos. Apesar da diferença das técnicas de decoração, plástica no caso do Santa Clara 02 e cromática no caso do sítio arqueológico Aldeia da Serra de Macaguá I, semelhança entre os motivos envolvendo linhas e pontos, mais especificamente “Inciso arco tracejado”, “Inciso linhas e pontos” e “Inciso linhas convergentes com ponteados” e o motivo representado na Figura 16. Além disso, o motivo “Inciso arcos convergentes” com a incisão representada na Figura 25a, presente no sítio arqueológico Culumins e na Figura 25f, presente no sítio Ramada 02. E o “Inciso zigue-zague” com a incisão representada na Figura 25b, presente no sítio Pedra do Chinelos.

Em relação as semelhanças o acordelado como técnica de produção predomina no SC02 e em todos os sítios elencados. A presença do tratamento de superfície alisado de forma expressiva é comum entre as cerâmicas do SC02 e dos outros sítios da região. Outro tratamento de superfície que aparece no Santa Clara 02 e em outros sítios da região é o engobo na cor branca e na cor vermelha. Existe uma semelhança também no que tange a queima, onde o tipo redutor que predomina no Santa Clara 02 tem grande expressão em outros sítios da região. Portanto, as diferenças são mais quantitativas do que qualitativas e por isso acreditamos que as cerâmicas do Santa Clara 02 convergem com esse panorama do Seridó. Por outro lado, não deixamos de ressaltar a variabilidade intra-sítio, que se expressa nas diferentes características formais como a coloração da cerâmica, os tratamentos de superfície, as técnicas de decoração plástica, motivo decorativo e as dimensões (comprimento, largura, espessura e diâmetro da borda) dos fragmentos.

Podemos dizer que o Santa Clara 02 é um sítio potencial dentro desse contexto, sobretudo em relação a quantidade e variabilidade do material arqueológico em superfície e subsuperfície. Sobre essa característica falaremos mais propriamente do caso das cerâmicas de barro, mas acreditamos que uma análise unindo as classes de materiais presentes no sítio poderia trazer uma leitura mais ampla no futuro. Tal fato nos levou a pensar a questão da variabilidade para esse sítio. Essa temática é comumente abordada em contextos pré-coloniais ou de ocupação continuada, que muitas vezes são amparados por documentação histórica. Situação que é diferente da realidade desse trabalho.

3. Métodos, resultados e discussões

3.1 Questões de método de análise cerâmica

Considerando que todo trabalho em arqueologia começa com a colocação de perguntas (Gamble, 2002), apresentaremos as questões que guiaram nossa pesquisa. Existe variabilidade formal no conjunto de cerâmicas utilitárias históricas do sítio arqueológico Santa Clara 02? Qual(is) o(s) seu(s) sentido(s)?

Os materiais que são foco do trabalho são as cerâmicas de barro, escolhidas com o objetivo de descrever a variabilidade formal nessa categoria de artefatos e, na medida do possível, aventar e discutir seus sentidos. Essa pergunta surgiu a partir da observação preliminar do material em laboratório onde foi percebido uma variação nos aspectos formais dele. Como aspectos formais não entendemos apenas a morfologia, mas aquelas características observáveis do conjunto de artefatos, como por exemplo a técnica de produção, a decoração, o antiplástico etc. Sendo as diferenças dentro de uma mesma categoria de materiais uma das principais perguntas da arqueologia, trabalhamos a partir do conceito de estilo tecnológico (Dias, 2007).

Um trabalho em arqueologia geralmente realiza-se a partir de uma combinação de métodos. Esses são utilizados objetivando responder determinadas perguntas. O método de análise utilizado foi o macroscópico. Esperávamos conseguir trabalhar a ideia de uma expressão identitária sertaneja, baseada em um “*saber-fazer*” cerâmico, que pode ser explicado por um conhecimento perpassado na forma de herança cultural ancestral e/ou práticas artesãs relacionadas com aspectos econômicos das populações que ali habitavam.

As cerâmicas podem ser utilizadas no âmbito funerário, cotidiano e doméstico. Alguns aspectos a serem considerados na análise dessa classe de material segundo a literatura são: a morfologia, as dimensões, tipo de pasta, queima, antiplástico, técnicas de acabamento e decoração (Domingo; Burke; Smith, 2015). Após a discussão contextual e conceitual que embasou nossa pesquisa, apresentaremos diretamente como pensamos realizar nossos objetivos através da etapa de análise, ou seja, o momento que conecta a teoria, metodologia e os resultados de um trabalho.

A análise macroscópica, ou seja, desenvolvida a olho nu, seguindo uma ficha³⁵ de atributos pré-estabelecidos permitiu entender o perfil técnico das cerâmicas do sítio arqueológico Santa Clara 02, destacando informações sobre a técnica, morfologia, função e decoração. O tamanho da chave justifica-se pela necessidade de entender as características (semelhanças e diferenças) do conjunto de cerâmicas de barro. A ficha foi preenchida através do programa Excel, o que possibilitou gerar gráficos ao fim do trabalho.

A cerâmica acompanha a história da arqueologia brasileira, tendo perpassado por suas diversas fases. Constitui uma das principais classes de materiais abordadas em estudos de arqueologia brasileira, pois trata-se de um vestígio quase universal, aparecendo em contextos temporais e espaciais diversos, durável, devido a suas propriedades físicas e com grande potencial interpretativo, uma vez que se relaciona com atividades cotidianas coletivas, usos específicos e restritos, podendo informar sobre fenômenos culturais diversificados. Nesse sentido, algumas possibilidades de análise são quanto a tipologia, tecnologia, morfologia, estilo/decoração, função e cronologia (Robrahn-González, 1998).

Alguns problemas acerca de trabalhar com essa classe de material no Brasil, mais especificamente em relação a arqueologia histórica, são a falta de manuais de cerâmica histórica produzidos nacionalmente, de forma que são utilizados os mesmos clássicos da cerâmica pré-colonial, e a inexistência de um banco de dados onde os pesquisadores possam acessar informações para uma leitura ampla da produção, desde um cenário micro até um cenário macro. Esses relacionam-se com os conflitos de ideias, que vão desde a forma de conceituação do material até a metodologia de trabalho e impõe obstáculos a renovações metodológicas e até mesmo ocasionam a criação de tabus em torno de temas e métodos adotados. Outro aspecto é a necessidade de construção de uma consciência sobre abertura de espaço para o diálogo com outras ciências e seus métodos, por exemplo a química e a física, que enriqueceria a análise cerâmica.

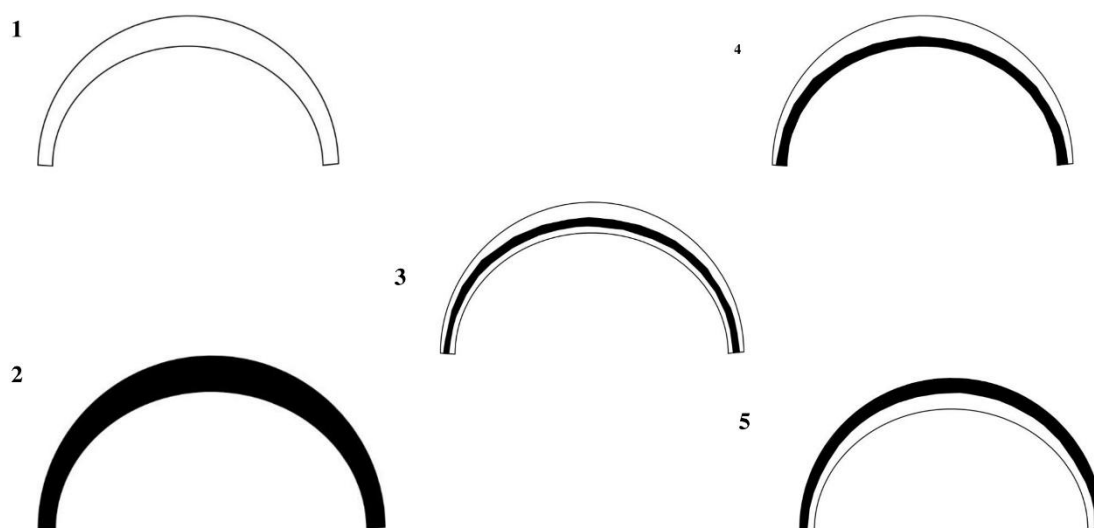
A partir dessas escolhas, definiremos os atributos tecnológicos, morfológicos, decorativos e tafonômicos pensados para a análise da coleção cerâmica estudada nessa pesquisa. Destacamos que alguns atributos foram analisados quanto a face interna e

³⁵ Chamamos de ficha o documento que é preenchido mediante o andamento da análise e de chave (gabarito) o referencial que contém os atributos e as variáveis desses.

O *antiplástico* corresponde aos materiais presentes na pasta objetivando conseguir condições técnicas específicas, não há um consenso sobre a terminologia desse atributo. Os tipos podem ser identificados microscopicamente ou macroscopicamente, no caso de nossa pesquisa, fizemos o uso de uma lente para auxiliar a leitura. Existem diferentes nomenclaturas para esse termo: tempero ou desengordurante corresponde a inclusões adicionadas, enquanto antiplástico diz respeito a grãos presentes na pasta de origem indeterminada. Considerando a função do tipo de antiplástico no objeto final, outra nomenclatura utilizada é carga, uma vez que nem sempre os grãos objetivam diminuir a plasticidade da pasta. Alguns tipos de materiais utilizados como antiplásticos são: areia, rochas, cacos de outras cerâmicas, materiais orgânicos. Algumas características observadas acerca do antiplástico são o tipo, o tamanho, angulosidade e a organização. Entre as variações desse atributo destacamos o mineral, caco moído e carvão. O tipo de antiplástico mineral aparece mais frequentemente nas cerâmicas locais, como descrevemos em tópico anterior. Assim, pensamos o atributo composição do antiplástico mineral objetivando especificá-lo. Entre as variações desse atributo destacamos o mineral félsico, correspondente àqueles de cor clara, e o mineral máfico, correspondente àqueles de cor escura (verde, marrom, preto) (Druc; Chavez, 2014).

A *queima* é o processo responsável por transformar a argila em cerâmica, as mudanças físicas e químicas começam a ocorrer por volta de 550-600 ° C. Trata-se de um atributo que gera muitas discussões, devido a fragmentação do material arqueológico. Algumas condições importantes a se considerar nessa etapa da produção cerâmica são a atmosfera, a temperatura e a duração. A análise da queima pode ser feita a partir da cor, dureza, porosidade e encolhimento. Quanto a atmosfera a queima pode ser classificada em oxidante, redutora e neutra. Essa classificação ocorre com base na relação entre a quantidade de oxigênio e de combustível utilizado na queima. É um atributo complexo quando se avalia um fragmento, considerando a possibilidade de variação da condição. Quando a quantidade de oxigênio durante o processo de queima é insuficiente, a queima é classificada como redutora. Por sua vez, quando a proporção entre oxigênio e combustível é equilibrada a queima é neutra. Se o oxigênio for fornecido em excesso se produzem condições oxidantes. Cada um desses tipos de queima irá deixar uma coloração no núcleo do fragmento de cerâmica, exemplificados na Figura 28.

Figura 28: Posição da cor no núcleo da cerâmica.



Fonte: Rice (1987).

Quanto a variação de cor no núcleo da cerâmica de barro destacamos as possibilidades: 1 – cor uniforme de tonalidade clara, variando do branco ao vermelho tijolo; 2 – cor uniforme de tonalidade escura variando do cinza ao preto; 3 – núcleo central escuro e camadas externa e interna claras; 4 – camada clara próxima a superfície externa e camada escura próxima a superfície interna; 5 – camada escura próxima a superfície externa e camada clara próxima a superfície interna. Relacionando a atmosfera e a cor temos que queimas em ambientes oxidantes resultam em cerâmicas com núcleo de coloração clara, enquanto queimas em ambientes redutores resultam em cerâmica com núcleo de coloração escura, geralmente cinza ou preta. É possível que uma mesma queima possa ser oxidante e redutora ocasionando variação de cores no núcleo no que diz respeito ao centro, superfície externa e superfície interna.

Quanto aos métodos de queima destacam-se a aberta, que pode alcançar temperatura máxima 1000° C e que não permite o controle das condições e a que ocorre em fornos ou fechada, que atinge temperaturas abaixo de 1000° C e que possibilita maior controle das condições após o início do processo de queima. Na queima aberta o combustível e o material estão em contato imediato, e o aquecimento ocorre rapidamente, tornando o processo curto, enquanto na fechada, estão separados, o aquecimento ocorre de forma gradual e o processo mais lento.

A *coloração da cerâmica* foi um atributo analisado em relação a superfície externa e interna das cerâmicas e não de seu núcleo. Consideramos também a diferenciação em relação a acabamentos de superfície cromáticos ao observar essa coloração. Entre as variações desse atributo elencamos as cores: preta; marrom; cinza; ocre; avermelhada; amarelada.

O *estado de conservação* diz respeito a condição de preservação em que se encontra o fragmento tendo passado pelos processos pós-deposicionais. Entre as variações desse atributo elencamos bem conservado, erodido, rachadura. O atributo *marcas de produção* diz respeito aos vestígios do processo de produção do objeto deixados em sua superfície. Entre as variações desse atributo elencamos digitais ou dedos, estrias de alisamento e tecido. As estrias de alisamento diferenciam-se daquelas que são resultado da técnica de decoração plástica do escovado, uma vez que são resultado do processo de alisamento, que pode ser feito apenas com as mãos dos artesãos ou com objetos como panos, seixos etc. As *marcas de uso*, por sua vez, correspondem aos vestígios do uso do objeto deixados em sua superfície. A cerâmica pode ser utilizada para serviços, armazenamento e cocção. Entre as variações desse atributo elencamos fuligem, descamação e furo.

Existem discussões acerca do que considerar como *tratamento de superfície* ou decoração. É possível que algumas técnicas agrupem elementos decorativos ou funcionais, mas acreditamos que o principal objetivo do tratamento de superfície seja homogeneizar a superfície das paredes dos objetos, retirando irregularidades provenientes do processo de fabricação. Além da melhora da textura da superfície, a cor pode ser modificada e brilho pode ser adicionado, por exemplo. Entre as variações desse atributo destacamos alisado, polido, engobo branco, engobo vermelho, esmalte e brunidura. Relacionado a isso, há ainda uma discussão conceitual em torno do uso da palavra tratamento e acabamento para esse atributo.

As *técnicas de decoração* podem desempenhar funções utilitárias ou simbólicas e aparecer combinadas nos objetos. Elas podem ser divididas em dois tipos: técnicas decorativas plásticas e técnicas decorativas cromáticas. A decoração consiste em um processo para além da formação do recipiente e do acabamento de superfície.

Técnicas de decoração plástica dizem respeito às técnicas que modificam tridimensionalmente a superfície da cerâmica. Entre as variações desse atributo

elencamos o exciso, inciso, escovado, roletado, digitado, dígito-ungulado, unguido, pontado e acanalado. Destacaremos o que entendemos por escovado e inciso, devido aos resultados da análise, onde essa técnica decorativa apareceu consideravelmente.

Entendemos o escovado como uma técnica de decoração plástica que consiste na fricção das múltiplas extremidades de um, ou mais, objetos na superfície do pote cerâmico, resultando em estrias com profundidade, paralelismo e proximidade semelhantes, podendo ocupar uma parte ou toda a superfície do recipiente. Na coleção analisada percebemos desde casos em que as estrias apresentam regularidade de profundidade e direção, até casos em que predomina a irregularidade. Vale mencionar que entendemos as estrias que são resultado do escovado como diferentes daquelas causadas por alguns casos de alisamento.




Pensamos o inciso também como uma técnica de decoração plástica em que um objeto é puncionado sobre a superfície do pote cerâmico fazendo um corte que pode resultar em motivos em relevo. As incisões podem variar em comprimento, largura e profundidade, ser regulares ou irregulares de acordo com a textura e grau de humidade da pasta quando a técnica é realizada, do instrumento utilizado, do ângulo e direção da pressão exercida, assim como da habilidade do oleiro. Trata-se de uma técnica que pode alcançar resultados muito variáveis. Em nossa análise da coleção estudada percebemos uma ampla variação de motivos quanto a profundidade, direção e regularidade, mas também quanto aos elementos representados.






Rice (1987) entende o escovado como um tipo de incisão. Apesar do princípio semelhante de passar um objeto sobre o vasilhame, em nossa opinião, o escovado diferencia-se do inciso, sobretudo no resultado da técnica, que pode ocorrer na forma de estrias no primeiro caso e de motivos variáveis no segundo e no próprio processo técnico de realização, friccionar uma superfície na outra no primeiro caso e cortar uma superfície com a outra no segundo. Em nossa coleção percebemos que ambas as técnicas de decoração apresentam grande variação sobretudo quanto a profundidade, direção e regularidade. Entretanto, o inciso apresenta uma maior quantidade de motivos, aparecendo inclusive associado com outras técnicas plásticas como o pontado e o digitado.






A *decoreção cromática* é uma técnica que pode ser monocromática, bicromática ou policromática, compor motivos ou revestir parcialmente ou totalmente a superfície. Entre as variações desse atributo elencamos a pintura de cor preta, branca e vermelha.





Os *motivos decorativos* são o resultado gráfico de pinturas e decorações plásticas, como inciso. Podem se apresentar em posições diversas e de formas diversas como linhas, pontos, arcos, círculos, triângulos etc. No caso do Santa Clara os tipos são identificados na Figura 29. A bibliografia arqueológica classifica os motivos como simples, complexos, compostos, geométricos ou figurativos (Zuse, 2014).




Figura 29: Motivos decorativos observados no sítio arqueológico Santa Clara 02.

Nome	Descrição	Foto
1. Escovado fino unidirecional regular	Estrias superficiais dispostas em uma única direção de forma regular.	
2. Escovado médio unidirecional irregular	Estrias de profundidade média dispostas em uma única direção de forma irregular.	
3. Escovado médio multidirecional irregular	Estrias de profundidade média dispostas em várias direções de forma irregular.	

Nome	Descrição	Foto
4. Escovado médio multidirecional regular	Estrias de profundidade média dispostas em várias direções de forma regular.	
5. Escovado fundo unidirecional regular	Estrias de profundidade alta dispostas em uma única direção de forma regular.	
6. Escovado fundo bidirecional regular convergente	Estrias de profundidade alta dispostas em duas direções de forma regular e que se tocam.	
7. Escovado fundo multidirecional regular	Estrias de profundidade alta dispostas em várias direções de forma regular.	
8. Escovado irregular	Estrias de profundidade irregular dispostas de forma irregular.	

Nome	Descrição	Foto
9. Inciso fino bidirecional convergente regular	Linhas superficiais dispostas em duas direções de forma regular e que se tocam.	
10. Inciso médio bidirecional regular	Linhas de profundidade média dispostas em duas direções de forma regular.	
11. Inciso médio bidirecional irregular	Linhas de profundidade média dispostas em duas direções de forma irregular.	
12. Inciso não identificado	Linhas em disposição não identificada.	
13. Inciso médio multidirecional irregular	Linhas de profundidade média dispostas em várias direções e de forma irregular.	

Nome	Descrição	Foto
14. Inciso Arcos convergentes	Linhas formando arcos convergentes.	
15. Inciso arco tracejado	Linhas formando um arco com tracejado em seu interior.	
16. Inciso arcos e linhas irregulares	Linhas formando arcos e tracejados de tamanho irregular.	
17. Inciso axial	Linhas que partem de um eixo.	

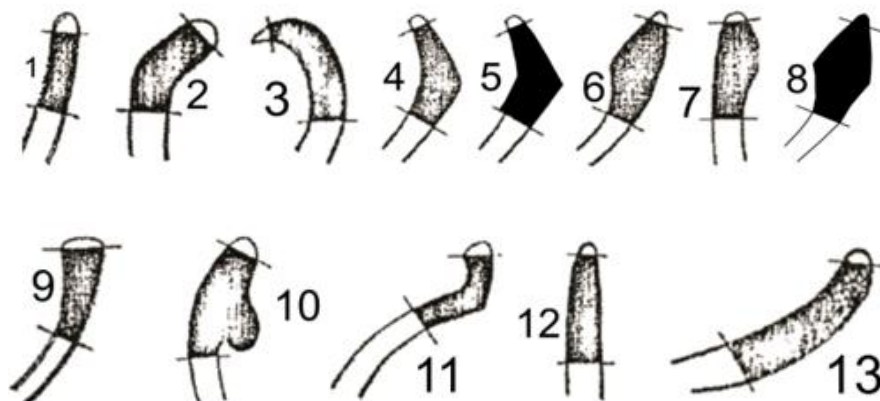
Nome	Descrição	Foto
18. Inciso zigue-zague	Linhas em zigue-zague.	
19. Inciso linhas e pontos	Linhas formando uma composição de tracejados e pontos.	
20. Inciso linhas convergentes com ponteados	Linhas convergentes com a presença de uma sequência de pontos.	

Fonte: Elaboração própria (2024).

O atributo *tipo de apêndice* é uma especificação das características morfológicas do apêndice. Entre as variações desse atributo elencamos alça; asa; flange labial; flange mesial; flange basal; aplique na borda.

O tipo de borda corresponde a uma especificação das características morfológicas, de inclinação e espessura da borda. Em relação a *forma da borda* temos as seguintes variações especificadas: direta; extrovertida; introvertida; cambada. Quanto a *inclinação da borda* elencamos as seguintes variações vertical; inclinada externa e inclinada internamente. Sobre o *espessamento da borda* pontuamos as seguintes variações: normal; expandida; reforçada externamente; reforçada internamente; dobrada; contraída. A Figura 30 exemplifica essas variações.

Figura 30: Tipos de borda.

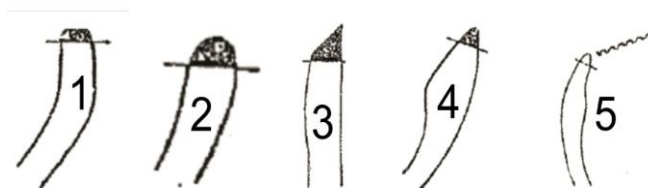


Fonte: Chmyz (1976).

O *diâmetro da borda* é um atributo dimensional coletado com o auxílio do ábaco. O fragmento de borda é posicionado onde melhor se encaixe com o arco e assim se tem o valor hipotético do raio, ou seja, metade do diâmetro do fragmento quando em sua completude. Entre as variações desse atributo elencamos: 1. < 5 cm; 2. de 5 a 10 cm; 3. de 10,1 a 15 cm; 4. de 15,1 a 20 cm; 5. de 20,1 a 25 cm; 6. de 25,1 a 30 cm; 7. > 30, 1 cm.

O *tipo de lábio* corresponde a uma especificação das características morfológicas do lábio. Entre as variações desse atributo elencamos: 1 – plano; 2 – arredondado; 3 – biselado; 4 – apontado e 5 – serrilhado. A Figura 31 exemplifica essas variações.

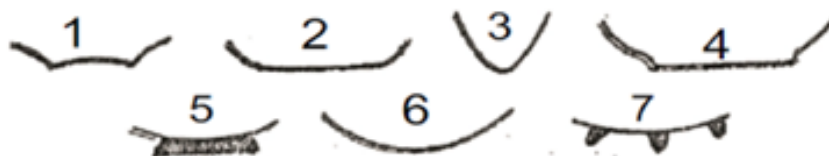
Figura 31: Tipo de lábio



Fonte: Chmyz (1976).

O *tipo de base* corresponde a uma especificação das características morfológicas da base. Entre as variações desse atributo elencamos: 1. Convexa; 2. Plana; 3. Cônica; 4. Anelar; 5. Pedestal; 6. Côncava e 7. Com pés. A Figura 32 exemplifica essas variações.

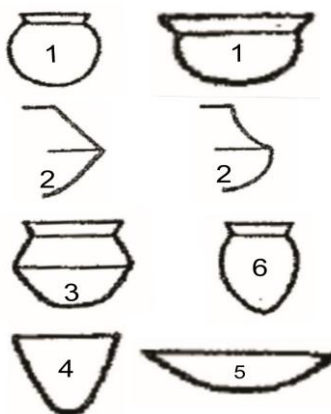
Figura 32: Tipo de base.



Fonte: Chmyz (1976).

O *tipo de corpo* corresponde a uma especificação das características morfológicas do corpo. Entre as variações desse atributo elencamos: 1. Globular; 2. Carenado; 3. Escalonado; 4. Piriforme; 5. Meia calota e 6. Ovóide. A Figura 33 exemplifica essas variações.

Figura 33: Tipo de corpo.



Fonte: Shepard (1956).

O atributo *forma* corresponde a característica de abertura do vasilhame com relação ao diâmetro do corpo. As variações elencadas para esse são: aberta, quando o diâmetro da boca é maior ou igual ao diâmetro do corpo e fechada, quando o diâmetro da boca é menor que o diâmetro do corpo.

Os atributos de dimensão foram medidos em centímetros com o auxílio do paquímetro. O *comprimento* corresponde a maior medida de distância entre dois pontos da superfície do fragmento. A *largura* é medida em pontos inversos ao comprimento. A *espessura*, por sua vez, corresponde a medida de distância entre as faces interna e externa.

O *uso estimado* é um atributo que relaciona a forma do objeto com sua função, para isso é necessário considerar um conjunto de atributos como por exemplo as dimensões, técnica de produção e marcas de uso. Entre as variações desse atributo elencamos: serviço, armazenamento e cocção.

Considerando a grande quantidade de cerâmicas de barro existentes no Santa Clara 02, algumas escolhas precisaram ser feitas recortando o número de material a ser analisado. Não foram analisados fragmentos construtivos, apesar de constituírem um tipo de cerâmica comum nos sítios arqueológicos da região. O tamanho mínimo de análise foi de três centímetros, uma vez que fragmentos menores que isso podem trazer informações incertas. O conjunto de artefatos não incluídos nesta análise foi contabilizado ao final (Aguiar, 2019; Schurster, 2018).

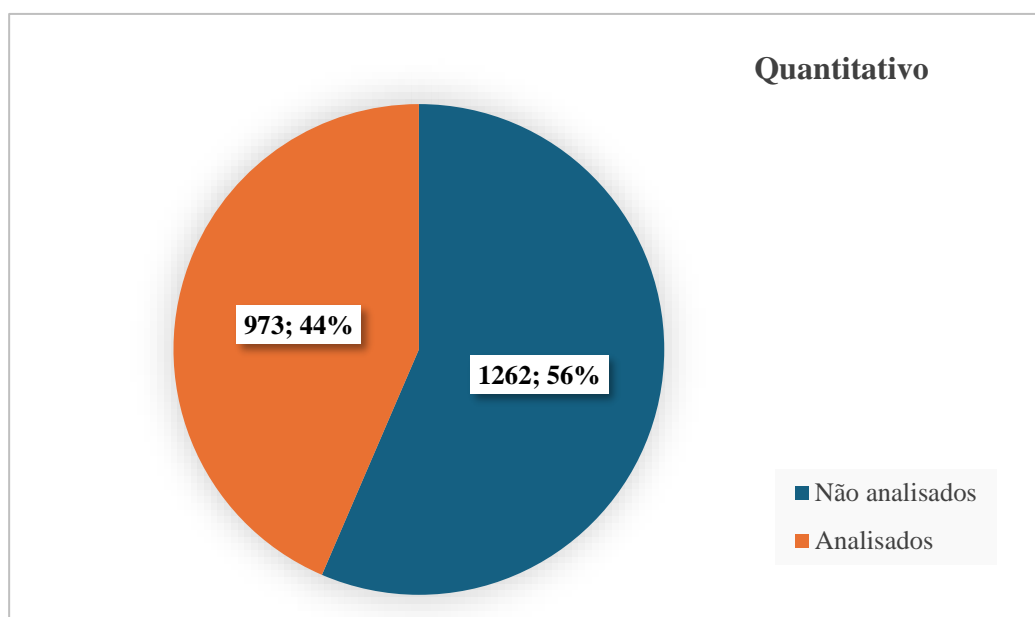
Um ponto importante do processo de análise foi definir se o trabalho iria se orientar através do número mínimo de fragmentos, em que a análise foca no fragmento, ou pelo número mínimo de peças, onde ocorre o agrupamento de fragmentos em conjuntos que podem pertencer a um mesmo objeto. Ambas as formas são tentativas de aproximação da realidade e apresentam pontos positivos e negativos (Oliveira, 2000; Zuse, 2009; Rebellato, 2007; Amaral, 2012; Zuse, 2014; Silva, 2015; Aguiar, 2019). Trabalhamos a partir do número mínimo de fragmentos. O material apresentou um alto nível de fragmentação e ausência de peças diagnósticas, o que atrapalhou uma precisão da verificação das formas. Além disso, destacamos a realização da remontagem como etapa inserida no processo de curadoria do material e questões relativas ao tempo e espaço disponíveis para a realização da etapa de análise como justificativas para a nossa escolha. Dentro do possível, realizamos a reconstituição virtual da forma (Martin; Santos, 2013) objetivando fazer inferências acerca de suas possíveis funções.

Optamos por analisar materiais provindos da escavação de forma quantitativa e da coleta de superfície de forma qualitativa. Isso porque o material de escavação, no caso do referido sítio, apresenta a informação dos níveis artificiais, o que permite algumas reflexões e dimensões maiores que os de coleta de superfície.

3.2 As cerâmicas do sítio Santa Clara 02, em São Fernando

No sítio arqueológico Santa Clara 02 foram contabilizados 2.235 fragmentos de cerâmica coletados na campanha de escavação. Desse quantitativo (Figura 34), apenas 973 foram analisados. Devido ao nível de fragmentação do material arqueológico foi estabelecido o limite de análise para fragmentos maiores que três centímetros, o que significou subtrair das análises um total de 1.262 fragmentos.

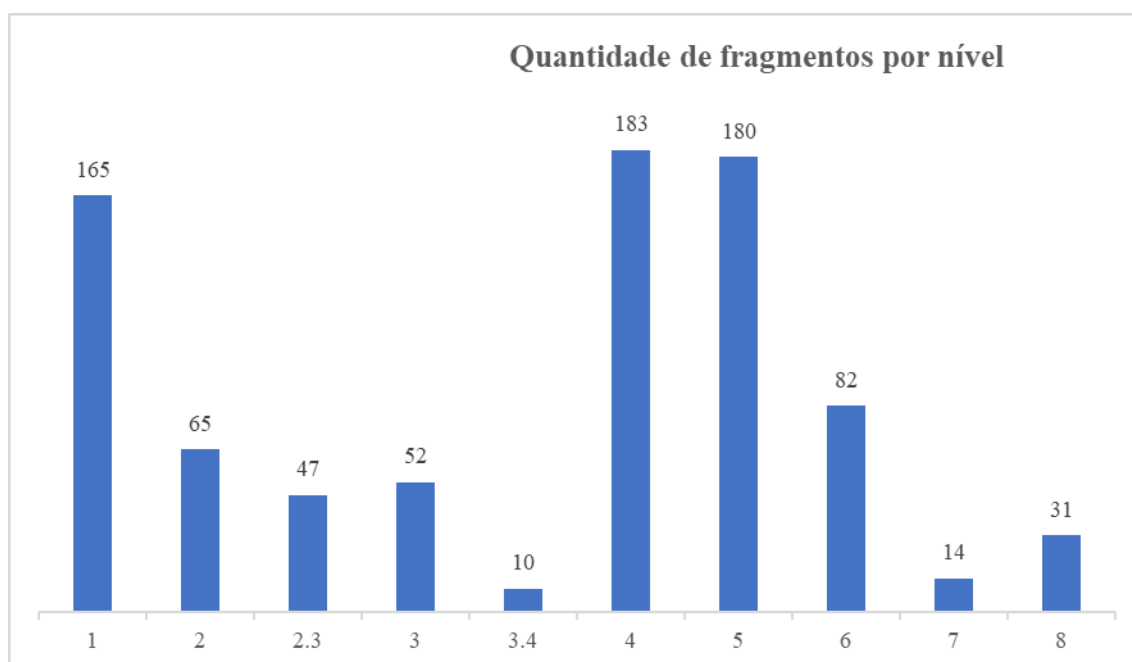
Figura 34: Quantitativo do material analisado, proveniente da escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

A área de escavação por superfície ampla trabalhada no ano de 2022 chegou a um metro de profundidade. A Figura 35 mostra a relação entre a quantidade de fragmentos de cerâmica de barro por nível artificial. O nível artificial 4, ou seja, entre 31 e 40 centímetros, apresentou a maior quantidade de fragmentos, seguido pelo nível artificial cinco (41-50 centímetros) e pelo nível artificial um (0-10 centímetros). Enquanto entre os níveis artificiais 3 (21-30 centímetros) e 4 (31 - 40 centímetros) ocorreu uma menor quantidade. É necessário destacar que 143 fragmentos foram posicionados em retificação.

Figura 35: Quantitativo de material por nível artificial, proveniente da escavação.



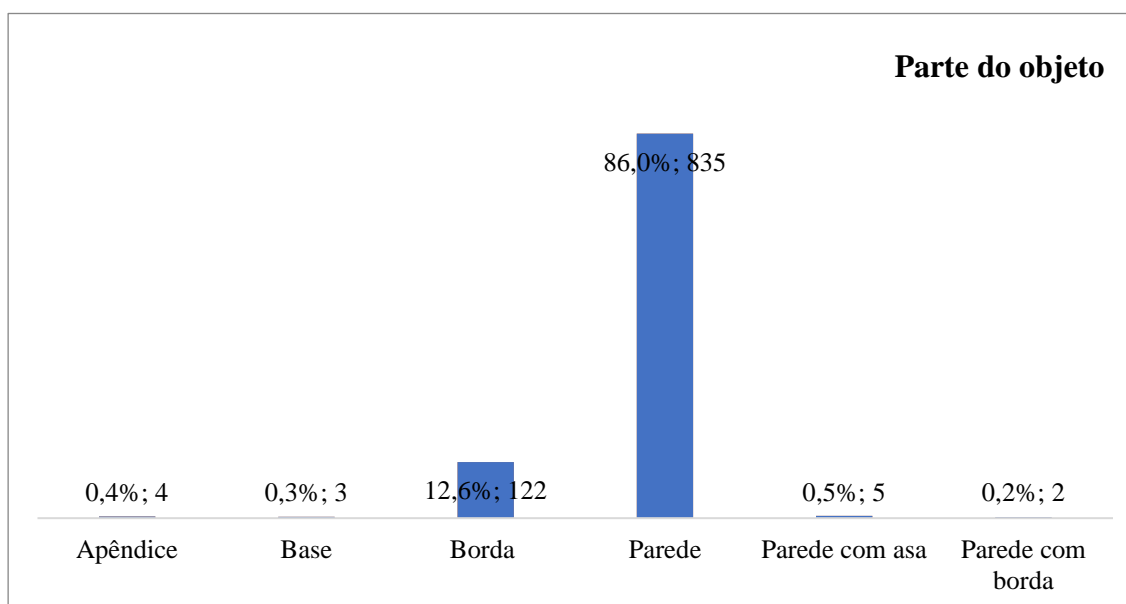
Fonte: Elaboração própria (2024).

Iniciaremos a descrição dos resultados por atributos morfológicos³⁶. Em relação à parte do objeto (Figura 36) tivemos uma maior quantidade de paredes, seguidos por bordas, apêndices e bases. Além disso, destacamos os casos sem leitura³⁷, mais precisamente dois para esse atributo, devido a fatores como o tamanho e o estado de conservação do fragmento.

³⁶ Em relação a informação nos gráficos, temos primeiro o valor percentual e segundo o valor absoluto.

³⁷ Optamos por retirar a informação do atributo sem leitura dos gráficos de todos os atributos, mantendo-a apenas no texto para melhorar a visualização.

Figura 36: Parte do objeto identificada, proveniente da escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Observamos enorme desproporção ao comparar a quantidade de cada *parte do objeto*, sobretudo em relação as bases. Sobre elas destacamos dois fragmentos (Figura 37) que destoam do restante da coleção por suas dimensões e superfícies. Eles apareceram no nível artificial 3 (21-30 centímetros), próximo à fogueira e associados com outros materiais como ossos, cerâmicas e carvão. Em ambas as superfícies, especialmente a externa, observamos uma camada de argila extra, diferente da argila da pasta, que é avermelhada e na superfície externa está presente a decoração plástica escovada. Em um dos fragmentos, que será mencionado mais adiante, também observamos um furo.

Figura 37: Base, proveniente da escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

A fragmentação do material de escavação não permitiu a observação do atributo *tipo de objeto*, assim pudemos identificar apenas uma tampa e alguns fragmentos de cachimbo de tamanho muito reduzido (Figura 38).

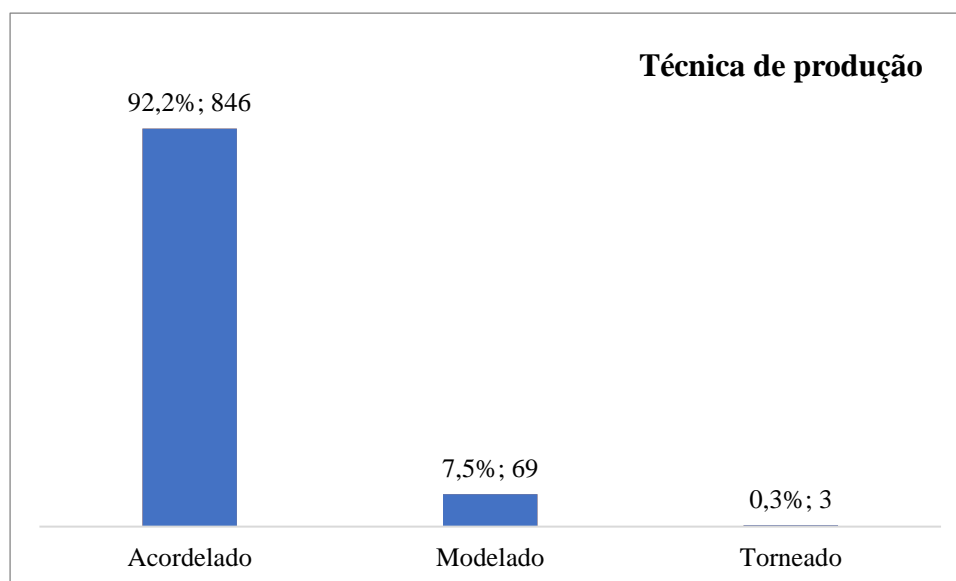
Figura 38: Tampa a esquerda e cachimbo a direita, proveniente da escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Em relação aos atributos técnicos, mais precisamente sobre a *técnica de produção* (Figura 39), tivemos uma maior quantidade de acordelado, seguida de modelado e torneado. Assim, podemos afirmar que as cerâmicas passaram por um processo de produção mais artesanal que poderia ou não ser desenvolvido localmente, com poucas cerâmicas vidradas e torneadas. Além disso, 55 fragmentos foram classificados como sem leitura, devido a fatores como o tamanho e o estado de conservação.

Figura 39: Técnica de produção identificada, proveniente da escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Acerca da técnica de produção acordelado, Hepp, Azevedo e Monteiro (2019) pontuam:

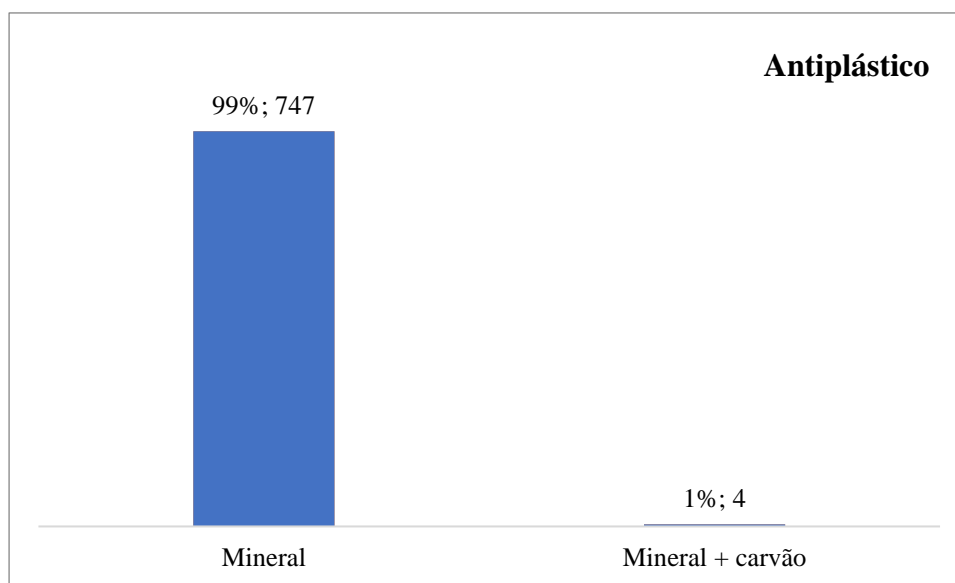
[...] A técnica, muito comum na cerâmica pré-histórica, e que exigia um maior controle do artesão no que tange às dimensões e características físicas do vasilhame. Também por ser uma técnica que exige certa margem de tempo e perícia por parte do oleiro (a), diferente da cerâmica produzida em oficinas especializadas, pode-se pensar que não estaria amplamente difundido entre a população cativa, visto que a maioria dedicava-se ao labor da lavoura, e poucos poderiam ser detentores desse conhecimento herdado de antepassados. Essa produção, então, estaria relacionada a poucos indivíduos, talvez não os mesmos que trabalhassem nas olarias, o que pode ser pensado através da variabilidade que os vasilhames representariam dentro do universo total. A produção artesanal, em contrapartida do modelo padronizado das oficinas, resultaria em vasilhames com certo grau de diferenciação, alguns deles evidentes no tamanho e no acabamento da peça (Hepp; Azevedo; Monteiro, 2019, p. 121).

Morales (2001) associa a técnica de produção acordelado aos povos indígenas e africanos. Considerando os dados do contexto regional de produção cerâmica do Seridó

anteriormente mencionado, desde sítios com cronologias mais recuadas até sítios com cronologias mais recentes, é possível pensar que trata-se de uma técnica que perpassa o tempo no Seridó. Tal fato pode estar associado aos produtores de cerâmica de barro, as exigências do mercado, a função a que os objetos seriam destinados etc.

Acerca do *antiplástico* (Figura 40), obtivemos uma quase totalidade do tipo mineral, mas também alguns casos de mineral e carvão. Devido ao método adotado, macroscópico, não foi feita uma análise granulométrica dos fragmentos. Entretanto foi possível perceber qualitativamente uma variação na quantidade, distribuição (núcleo ou faces do fragmento), tamanho e tipo dos grãos. Isso poderia indicar que as cerâmicas de barro foram produzidas a partir de diferentes fontes de argila. Os grãos pequenos poderiam fazer parte da pasta, enquanto aqueles grandes teriam sido adicionados (Souza; Lopes, 2014). Além disso, 222 fragmentos foram classificados como sem leitura, devido a fatores como o tamanho e o estado de conservação.

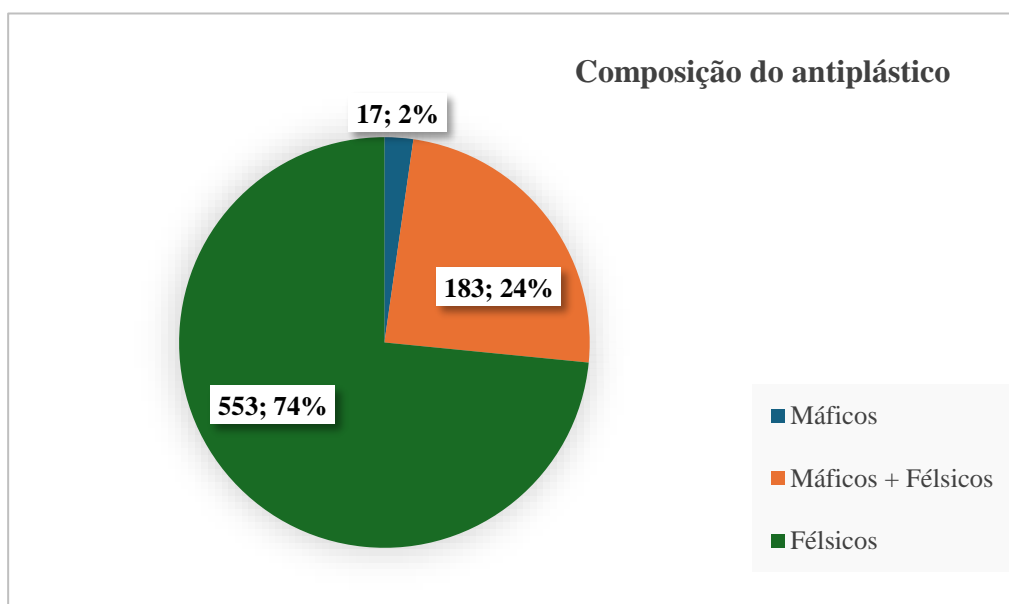
Figura 40: Antiplástico, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Quanto a *composição do antiplástico mineral* (Figura 41), obtivemos uma maior quantidade de minerais félsicos. Em seguida um maior número de máficos e félsicos. Por fim, máficos. O feldspato foi bastante presente na amostra. Além disso, 222 fragmentos foram classificados como sem leitura, devido a fatores como o tamanho e o estado de conservação.

Figura 41: Composição do antiplástico, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Na Figura 42 podemos observar variação no antiplástico inserido no núcleo dos fragmentos, quanto ao tipo, tamanho e distribuição dos grãos.

Figura 42: Antiplástico, proveniente de escavação.

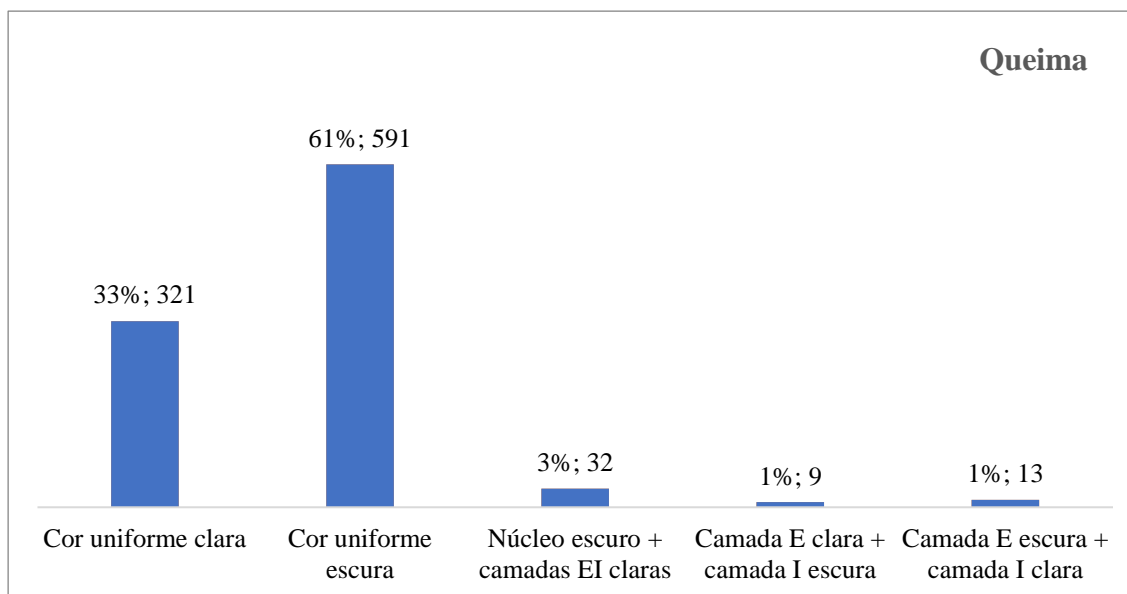


Fonte: Elaboração própria (2024).

Quanto à *queima* (Figura 43) obtivemos uma maior quantidade de núcleos de cor uniforme escura; seguida numericamente de cor uniforme clara; núcleo central escuro e

camadas externa e interna claras; camada interna escura e camada externa clara no mesmo fragmento e camada externa clara e camada interna escura no mesmo fragmento. Além disso, sete fragmentos classificados como sem leitura, devido a fatores como o tamanho e o estado de conservação. De forma geral, um núcleo uniformemente escuro indica uma queima redutora, enquanto um núcleo de cor uniformemente clara indica uma queima oxidante.

Figura 43: Queima, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Na (Figura 44) observamos variações nos tipos de queima: a esquerda na linha superior, observamos um fragmento com camada escura próximo a superfície externa e camada clara próximo a superfície interna e na linha inferior um fragmento com núcleo central escuro. No centro observamos um fragmento com núcleo central escuro com as faces externa e interna claras. A direita na linha superior podemos ver um fragmento com camada clara próximo a superfície externa e camada escura próximo a superfície interna e na linha inferior um fragmento com núcleo central claro.

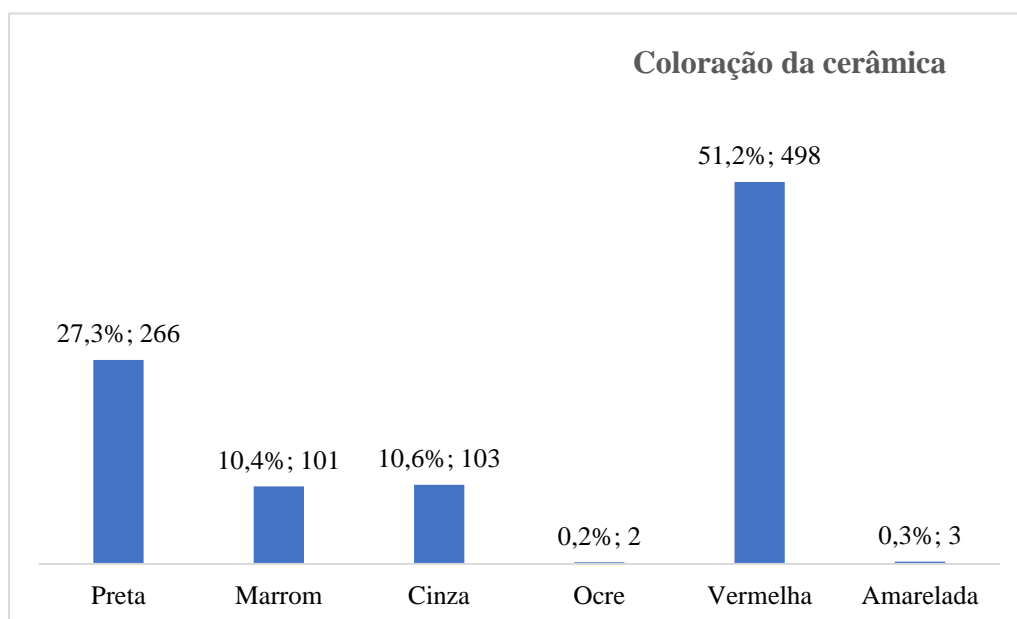
Figura 44: Variação de cor do núcleo, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

A respeito da *coloração da cerâmica* (Figura 45) da cerâmica obtivemos uma maior quantidade de cerâmicas vermelhas, mas também preta, marrom, cinza, amarela e ocre. Além da relação com a queima, diferenças de cor podem indicar também uma fonte de argila diferente. Faz sentido pensar por esse caminho, pois a região do Seridó é conhecida pela produção de cerâmica, sobretudo de telhas e tijolos, o que necessita de grandes quantidades de fontes de argila (Formiga et al., 2013). Alguns fragmentos possuíam cores diferentes em ambas as faces, devido a técnica de decoração ou tratamento de superfície.

Figura 45: Cor da cerâmica, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Na Figura 46 da esquerda para a direita na linha superior observamos respectivamente fragmentos de cor ocre, marrom e preta. Na linha inferior observamos fragmentos de cor amarelada, cinza e vermelha respectivamente.

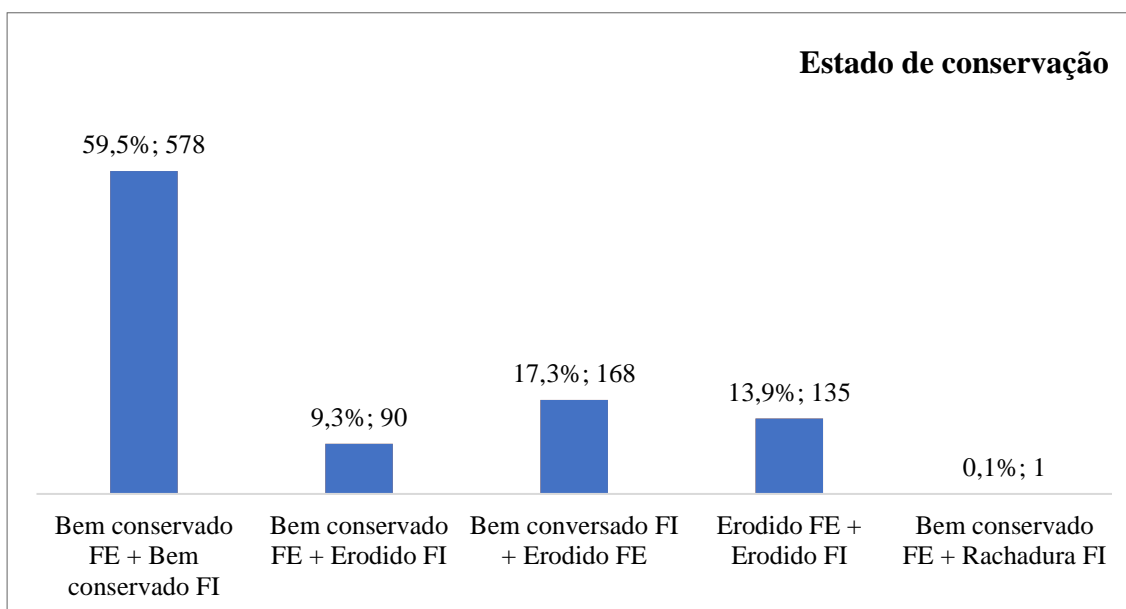
Figura 46: Coloração da cerâmica, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Em relação ao *estado de conservação* (Figura 47) obtivemos cerâmicas predominantemente bem conservadas em suas faces externa e interna, mas também bem conservadas na face interna e erodidas na face externa; erodidas nas faces externa e interna e bem conservadas na face externa e erodidas na face interna.

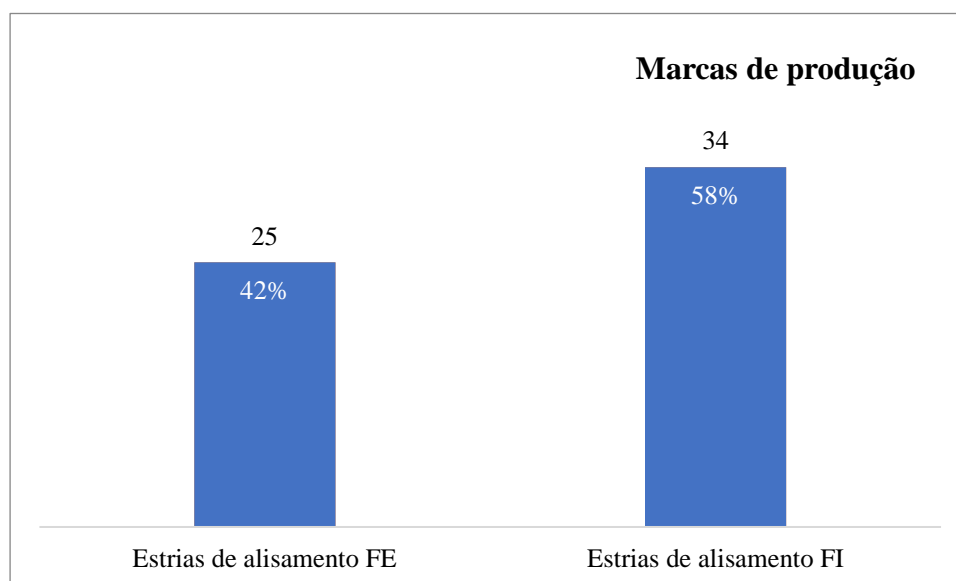
Figura 47: Estado de conservação, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Obtivemos poucas ocorrências de *marcas de produção* (Figura 48), estando ausentes em 900 fragmentos. Os casos identificados foram estrias de alisamento na face interna em maior quantidade, seguidas de estrias de alisamento na face externa. Além disso, 14 fragmentos foram classificados como sem leitura, devido a fatores como o tamanho e o estado de conservação. A baixa expressão de marcas de produção poderia indicar a existência de uma tradição antiga de produção, que apesar de artesanal garantiria um resultado com quase ausência de vestígios do processo produtivo.

Figura 48: Marcas de produção, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

A Figura 49 mostra exemplo de um fragmento com estrias de alisamento em ambas as faces.

Figura 49: Estrias de alisamento em ambas as faces, proveniente de escavação.

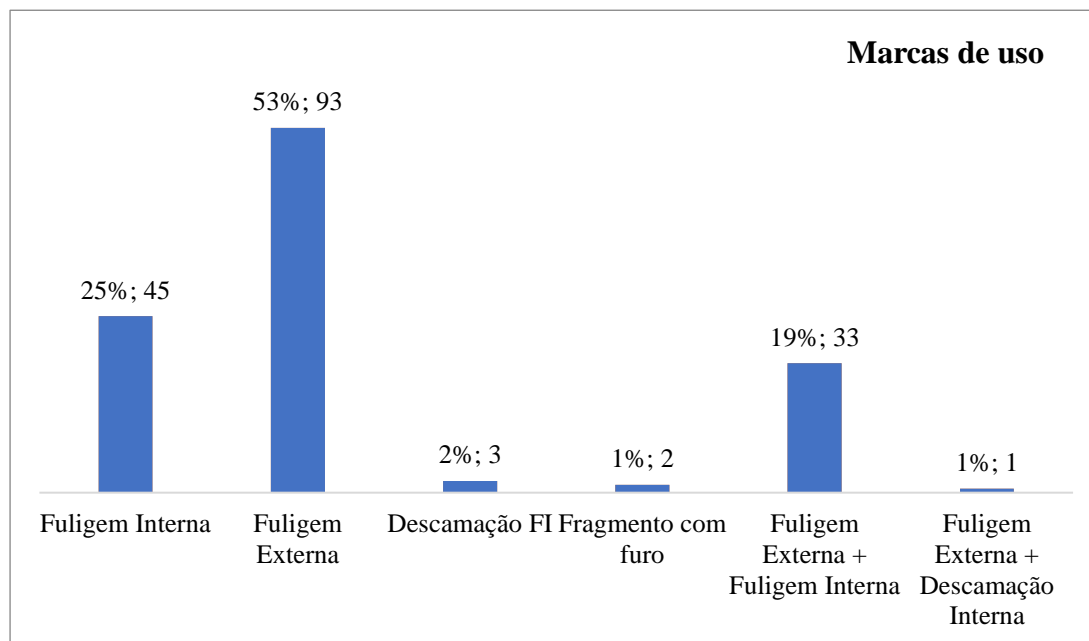


Fonte: Elaboração própria (2024).

Passando para *marcas de uso* (Figura 50), também obtivemos poucas ocorrências estando ausentes em 793 fragmentos. A maior quantidade foi de fuligem na face externa; seguida de fuligem na face interna; fuligem em ambas as faces; descamação na face

interna; fragmento com furo e fuligem na face externa e descamação na face interna. As marcas de uso possibilitam obter informações acerca do uso real dos objetos. Objetivamos realizar a reconstituição desses a partir dos fragmentos de borda para entender o uso pretendido (Skibo, 2015).

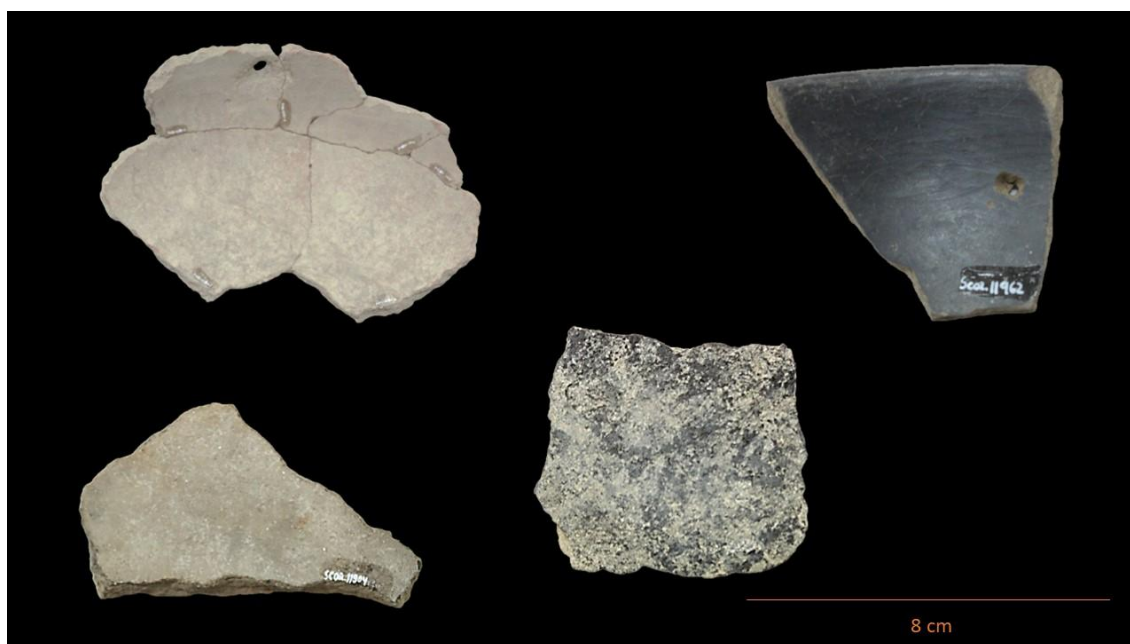
Figura 50: Marcas de uso, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Na Figura 51 da esquerda para a direita observamos na linha superior dois fragmentos com furo. Na linha inferior observamos um fragmento com descamação na face interna e com fuligem na face externa.

Figura 51: Fragmentos com marcas de uso, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

O atributo *tratamento de superfície* (Figura 52) foi verificado em ambas as faces e percebeu-se uma grande quantidade, desde técnicas isoladas até técnicas combinadas. Obtivemos alisamento, brunidura, polimento, banho vermelho, engobo branco, engobo vermelho e esmalte. Vidrado, engobo vermelho e brunidura são tratamentos associados a tradição europeia (Souza; Lopes, 2014). Alisado em ambas as faces; alisado com banho e polido com banho foram as combinações de técnicas mais frequentes na coleção. É interessante mencionar que a técnica da brunidura em ambas as faces contabiliza um número maior que o polimento em ambas as faces. Além disso, destacar a pouca presença de fragmentos com esmalte e engobo, seja ele branco ou vermelho.

Figura 52: Contabilidade de tratamentos de superfície, proveniente de escavação.

Tratamento de superfície	Quantidade
Alisado FE + Alisado FI + Banho Vermelho FE + Banho Vermelho FI	293
Alisado FE + Alisado FI	203
Alisado FE + Alisado FI + Banho Vermelho FI	124
Polido FE + Polido FI + Banho Vermelho FE + Banho Vermelho FI	74
Brunidura FE + Brunidura FI	56

Tratamento de superfície	Quantidade
Polido FE + Polido FI	37
Alisado FE + Alisado FI + Banho Vermelho FE	20
Alisado FI	19
Alisado FI + Banho Vermelho FE + Banho Vermelho FI	17
Alisado FI + Banho Vermelho FI	12
Polido FE + Polido FI + Banho Vermelho FI	8
Alisado FE + Banho Vermelho FE + Banho Vermelho FI	7
Polido FE + Polido FI + Banho Vermelho FE	7
Alisado FE	6
Alisado FI + Banho Vermelho FI + Brunidura FE	6
Polido FI + Banho Vermelho FI + Brunidura FE	6
Alisado FE + Alisado FI + Engobo Branco FI	5
Alisado FI + Polido FE + Banho Vermelho FE + Banho Vermelho FI	5
Alisado FE + Polido FI + Banho Vermelho FI	4
Alisado FE + Polido FI	3
Alisado FE + Banho Vermelho FE	3
Polido FE + Brunidura FE	3
Polido FE + Brunidura FI	3
Polido FE + Polido FI + Banho Vermelho FI + Brunidura FE	3
Polido FI	3
Banho Vermelho FI	3
Brunidura FI	3
Alisado FI + Brunidura FE	3
Polido FI + Banho Vermelho FE + Banho Vermelho FI	3
Polido FE	2
Banho Vermelho FE	2
Alisado FE + Brunidura FI	2
Banho Vermelho FE + Banho Vermelho FI	2
Alisado FI + Polido FE	2
Alisado FI + Polido FE + Banho Vermelho FI	2
Polido FI + Banho Vermelho FI	2
Polido FI + Brunidura FE	2
Brunidura FE	1
Alisado FI + Banho Vermelho FE	1
Alisado FE + Alisado FI + Engobo Branco FE	1
Alisado FE + Alisado FI + Engobo Vermelho FI	1
Alisado FE + Polido FI + Banho Vermelho FE + Banho Vermelho FI	1
Alisado FE + Engobo Branco FI	1
Esmalte FE + Esmalte FI	1
Polido FE + Polido FI + Brunidura FE	1
Polido FE + Banho Vermelho FE + Banho Vermelho FI	1
Polido FE + Banho FE + Brunidura FI	1
Banho Vermelho FE + Brunidura FI	1
Engobo Branco FI	1
Esmalte FI	1

Tratamento de superfície	Quantidade
Alisado FI + Engobo Branco FI + Banho Vermelho FI + Brunidura FE	1
Alisado FI + Engobo Branco FI + Brunidura FE	1
Alisado FI + Banho Vermelho FE	1
Polido FI + Banho Vermelho FI + Brunidura FI	1

Fonte: Elaboração própria (2024).

Na Figura 53 podemos observar na linha superior da esquerda para a direita fragmentos com vidrado, engobo branco, engobo vermelho e banho vermelho respectivamente. Na parte inferior, por sua vez fragmento polido, brunidura e alisado respectivamente.

Figura 53: Tratamentos de superfície, proveniente de escavação.

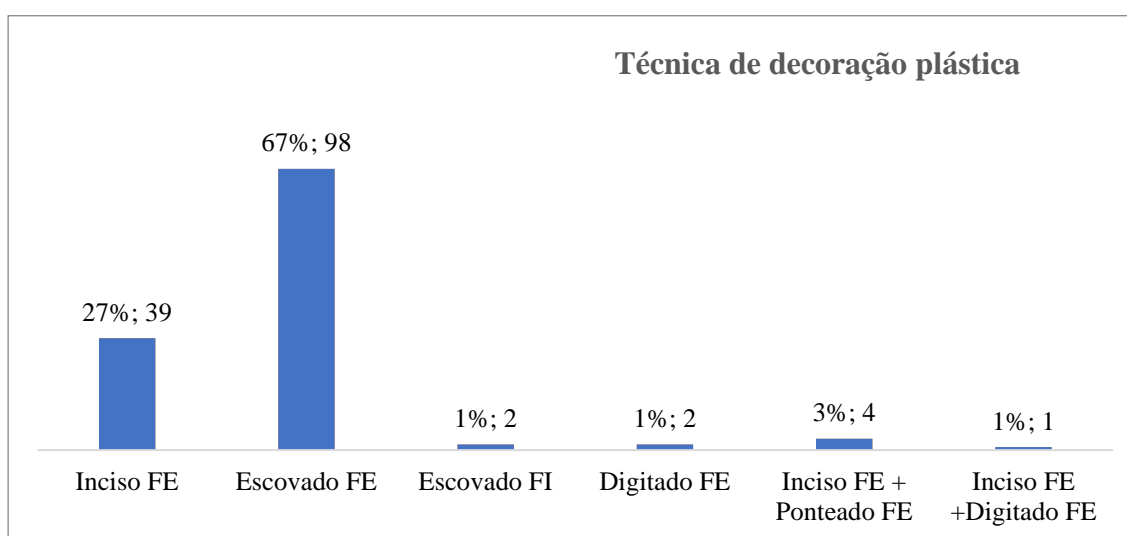


Fonte: Elaboração própria (2024).

Não foram observados fragmentos com pintura que compusessem o atributo *técnica de decoração cromática*. Já sobre a *técnica de decoração plástica* (Figura 54), obtivemos uma maior quantidade de escovados, seguida de incisos e digitados. Lopes e Souza (2014) associam o escovado a grandes recipientes destinados ao armazenamento. Por sua vez, Morales (2001) associa o inciso e ponteados aos povos africanos. Identificamos também mais de uma decoração em um único fragmento que foi o caso do

ponteado com inciso³⁸ e do inciso com digitado. Nota-se também que há, como esperado, uma grande maioria de ocorrências de decoração plástica na face externa em detrimento da face interna (sendo que essa recebeu apenas escovado e em dois fragmentos). Além disso, a decoração plástica esteve ausente em um total de 817 fragmentos e foi classificado como sem leitura em outros 10, devido a fatores como o tamanho e o estado de conservação.

Figura 54: Técnica de decoração plástica, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Os *motivos decorativos*, tendo como referencial a tabela disposta na Figura 29, foram classificados de acordo com variação de profundidade, direção e regularidade das linhas, estando associados com as técnicas de decoração plástica inciso e escovado. Nesse sentido, foi estabelecido um princípio geral que não foi idêntico em todos os fragmentos. Nem todos os fragmentos que tiveram a sua decoração identificada puderam ter o motivo tabulado, uma vez que a fragmentação atrapalhou a leitura. Em relação a isso, temos consciência de que o resultado gráfico observado não está completo.

³⁸ Destacamos a diferença dessa em relação a tradição da indústria cerâmica incisa-ponteada, caracterizada por: “[...] decorações incisas e ponteadas, que muitas vezes também possuem elementos modelados. As decorações modeladas são geralmente adornos antropomorfos, zoomorfos ou geométricos. O tratamento de superfície mais comum nessas cerâmicas é o engobo vermelho. Os temperos utilizados são o cauixi, o caco moído, a rocha triturada e/ou o caraipé. [...]” (Barreto; Lima; Betancourt, 2016, p.622)

Na Figura 55 podemos observar quais motivos decorativos aparecem em quais níveis artificiais. Destacamos a presença da técnica de decoração plástica inciso combinada com o ponteadado no nível 8 (71-80 centímetros), ou seja, no nível mais profundo.







Figura 55: Relação motivo decorativo e nível artificial.






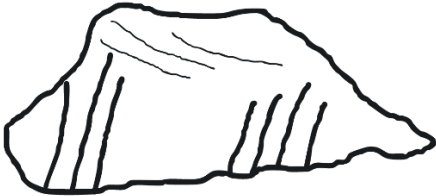


Motivo decorativo	Nível
Escovado fino unidirecional regular	1, 2.3, 4, 5, 6, 8, Retificação
Escovado médio unidirecional irregular	1, 2, 2.3, 4, 5, 6, 8, Retificação
Escovado médio multidirecional irregular	2, 7, Retificação
Escovado médio multidirecional regular	4
Escovado fundo unidirecional regular	1, 2.3, 4, 5, Retificação
Escovado fundo bidirecional regular convergente	Retificação
Escovado fundo multidirecional regular	1, 2
Escovado irregular	1, 2, 2.3, 4, 5, Retificação
Inciso fino bidirecional convergente regular	Retificação
Inciso médio bidirecional regular	1, 2.3
Inciso médio bidirecional irregular	1, 2, 2.3, 3, 4, Retificação
Inciso não identificado	3
Inciso médio multidirecional irregular	2, 2.3, Retificação
Inciso arcos convergentes	4, Retificação
Inciso arco tracejado	Retificação
Inciso arcos e linhas irregulares	Retificação
Inciso axial	4
Inciso + ponteadado: linhas e pontos	8
Inciso + ponteadado: linhas convergentes com ponteadado	3, 8
Inciso zigue-zague	2
Inciso linhas	4, 6, 8







Fonte: Elaboração própria (2024).

A quantidade de ocorrências de cada motivo decorativo foi disposta na Figura 56, onde se observa uma predominância do ‘escovado fino unidirecional regular’, seguido do ‘escovado médio unidirecional irregular’. Além disso, o motivo decorativo esteve ausente de um total de 817 fragmentos e foi classificado como sem leitura em outros 30, devido a fatores como o tamanho e o estado de conservação. Os fragmentos com motivo começam a aparecer no nível artificial 1 (0-10 centímetros) e vão até o nível 8 (71-80 centímetros).

Figura 56: Motivos decorativos, proveniente de escavação.

Motivo decorativo	Desenho	Quantidade
Escovado Fino Unidirecional Regular		38
Escovado Médio Unidirecional Irregular		25
Escovado Fundo Unidirecional Regular		11
Escovado Irregular		11
Escovado Médio Multidirecional Irregular		3
Escovado Fundo Multidirecional Regular		2

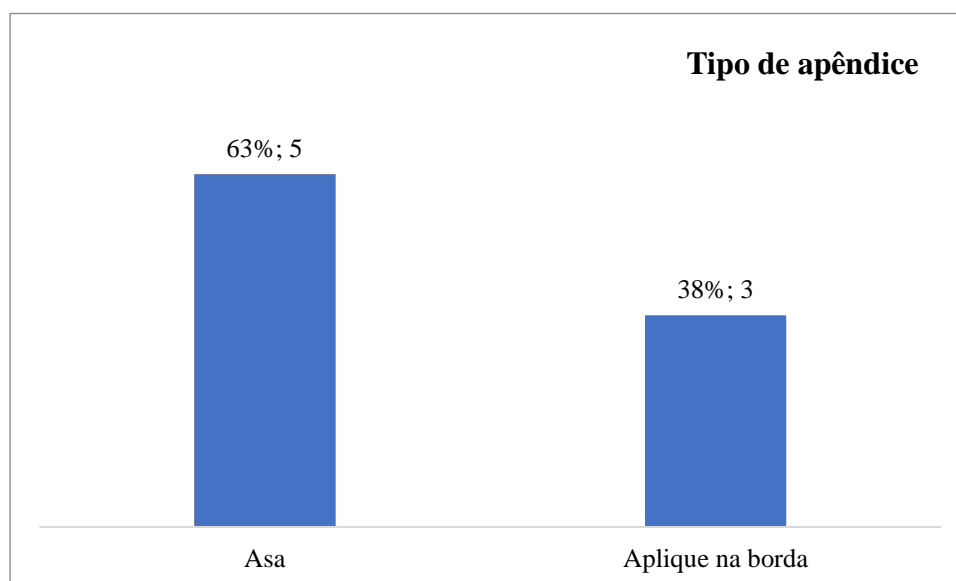
Motivo decorativo	Desenho	Quantidade
Escovado Fundo Bidirecional Regular Convergente		1
Escovado Médio Multidirecional Regular		1
Inciso Médio Bidirecional Irregular		7
Inciso Médio Multidirecional Irregular		6
Inciso Fino Bidirecional Convergente regular		2
Inciso Médio Bidirecional Regular		2
Inciso Arcos Convergentes		2
Inciso Arcos e linhas irregulares		2

Motivo decorativo	Desenho	Quantidade
Inciso + Ponteados: Linhas e Pontos		2
Inciso + Ponteados: Linhas Convergentes com Ponteados		2
Inciso Zigue-Zague		1
Inciso Axial		1
Inciso Arco Tracejado		1
Inciso Não Identificado		1

Fonte: Elaboração própria (2024).

Quanto ao *tipo de apêndice* (Figura 57), obtivemos uma baixa expressão, estando ausentes em 964 fragmentos. Os tipos identificados foram asa e aplique na borda. Morales (2001) associa apêndices, pegadores, alças e gargalos as cerâmicas de barro produzidas por africanos e europeus. Asa, alça ou outros apêndices seriam elementos pensados para a manuseabilidade do vasilhame permitindo move-lo de posição mais facilmente. Em contextos coloniais isso geralmente se aplica para vasilhames destinados a cocção (Hepp; Azevedo; Monteiro, 2019).

Figura 57: Tipo de apêndice, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Na Figura 58 podemos observar a variação morfológica dos apêndices identificados.

Figura 58: Variações nos tipos de apêndice, proveniente de escavação.

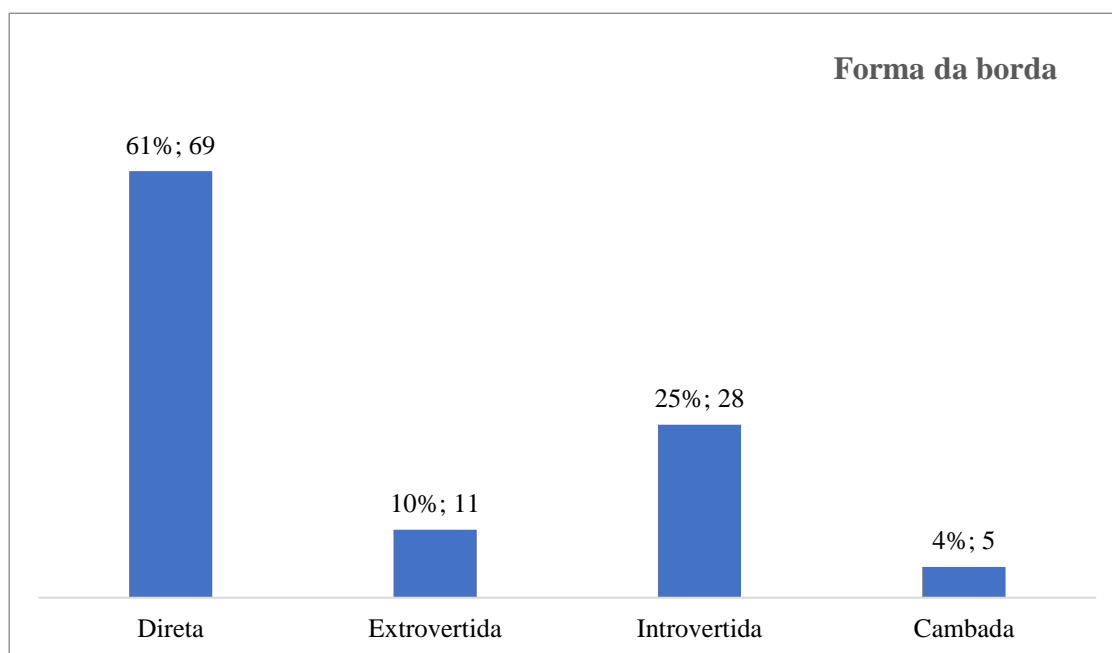


Fonte: Elaboração própria (2024).

Acerca do atributo *forma da borda* (Figura 59), pudemos identificar uma maior quantidade de bordas diretas, seguida de introvertidas, extrovertidas e cambada. Além

disso, 10 fragmentos onde não foi possível fazer a leitura e 852 fragmentos que não eram bordas.

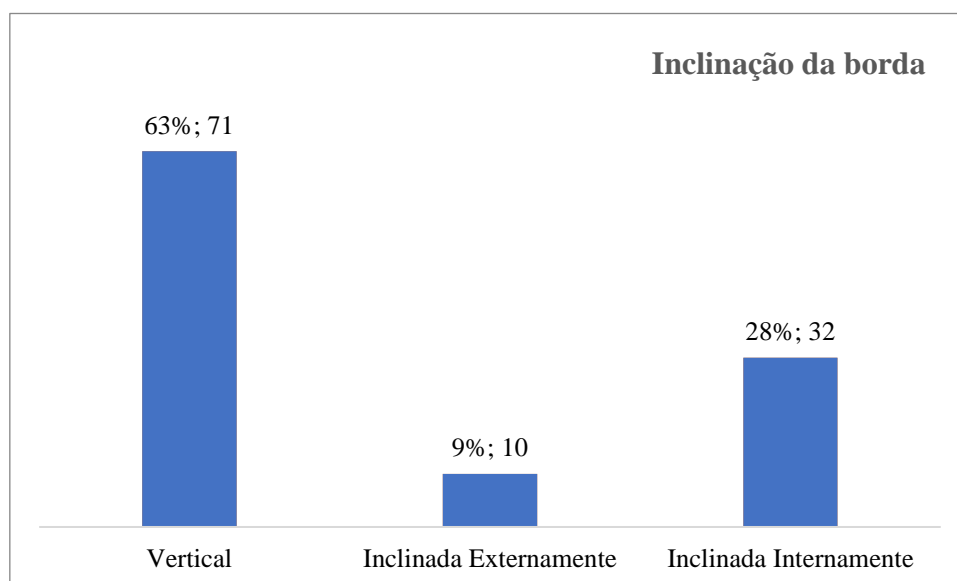
Figura 59: Forma da borda, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Sobre a *inclinação da borda* (Figura 60) observamos maior quantidade de fragmentos de inclinação vertical. Em segundo lugar, fragmentos inclinados internamente e em terceiro, inclinados externamente. Além disso, 10 fragmentos onde não foi possível fazer a leitura e 852 fragmentos que não eram bordas.

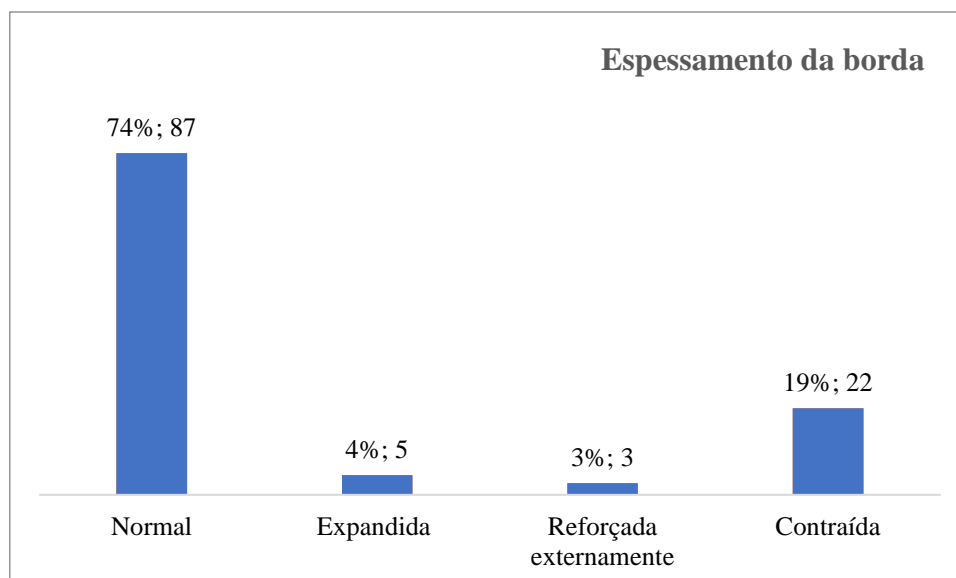
Figura 60: Inclinação da borda, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Quanto ao *espessamento da borda* (Figura 61) identificamos em maior medida fragmentos com espessamento normal. Em segundo lugar, fragmentos contraídos. Em menor medida fragmentos expandidos e com reforço externo. Além disso, 5 fragmentos sem leitura e 852 que não eram bordas.

Figura 61: Espessamento da borda, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Na Figura 62 podemos observar uma variação morfológica dos fragmentos de bordas a partir das suas superfícies externa e interna ou da lateral.

Figura 62: Forma da borda, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

A borda representada na Figura 63 destoa das demais por suas dimensões maiores (comprimento, largura e espessura), coloração e formato. Ela foi encontrada no mesmo nível das bases destoantes citadas anteriormente (Figura 37). Em sua superfície externa apresenta a decoração digitada. Podemos observar um desgaste na borda em sua superfície interna. Devido a sua inclinação vertical acreditamos que pode tratar-se de um tacho.

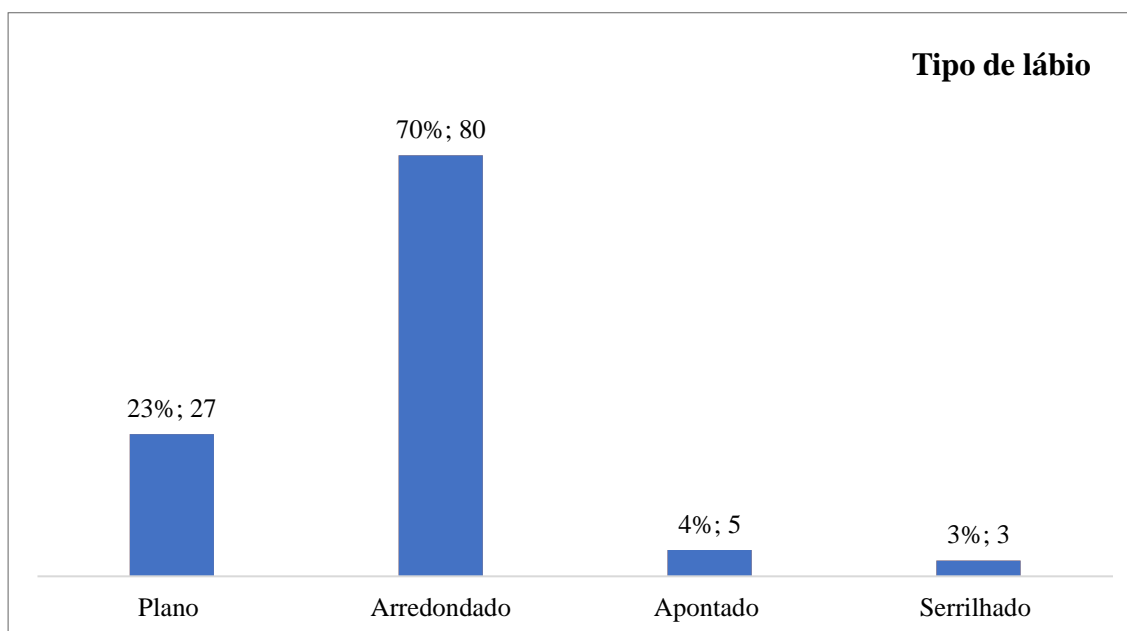
Figura 63: Borda com características particulares, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

No que tange o tipo de lábio (Figura 64), identificamos uma maior quantidade do tipo arredondado, seguida de plano, apontado e serrilhado. Além disso, cinco fragmentos foram classificados como sem leitura e 852 não eram bordas para possuir lábios.

Figura 64: Tipo de lábio, escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Na Figura 65, a partir de uma vista superior ou lateral conseguimos observar variações morfológicas no tipo de lábio.

Figura 65: Tipos de lábio, escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Ainda em relação as características morfológicas do lábio, observamos em alguns fragmentos a presença de uma linha (Figura 66), que acreditamos se tratar de um subproduto do alisamento.

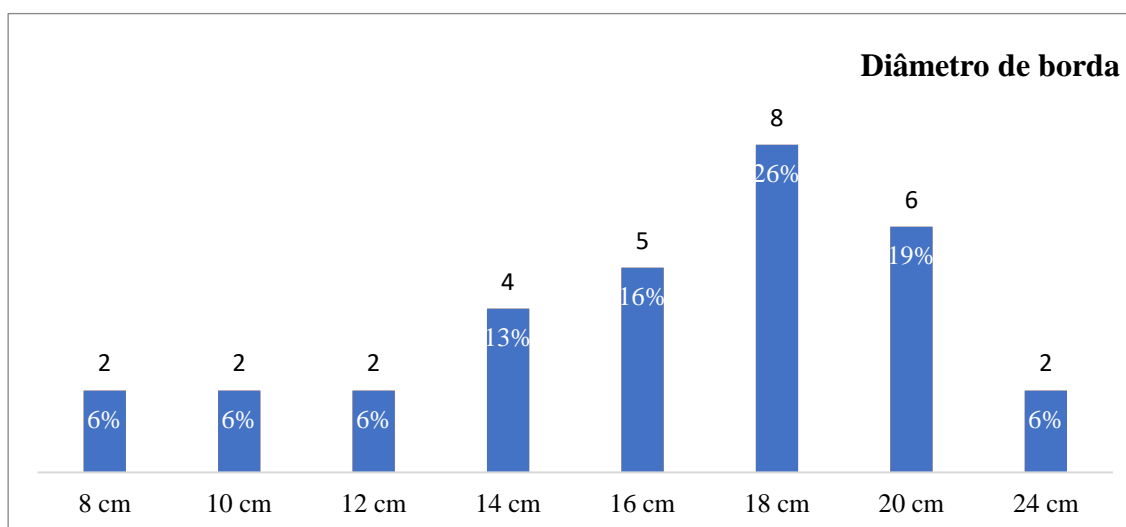
Figura 66: Linha no lábio, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Devido à fragmentação, nem toda borda identificada possibilitou a leitura do *diâmetro* (Figura 67). Identificamos casos entre oito e vinte e quatro centímetros. Além disso, 88 fragmentos foram classificados como sem leitura e 851 não eram bordas. A análise dos atributos *tipo de corpo*, *forma* e *uso estimado* não possibilitaram dados. Isso foi decorrente do alto grau de fragmentação da amostra, que ficará evidente nos gráficos de comprimento e largura que se seguirão.

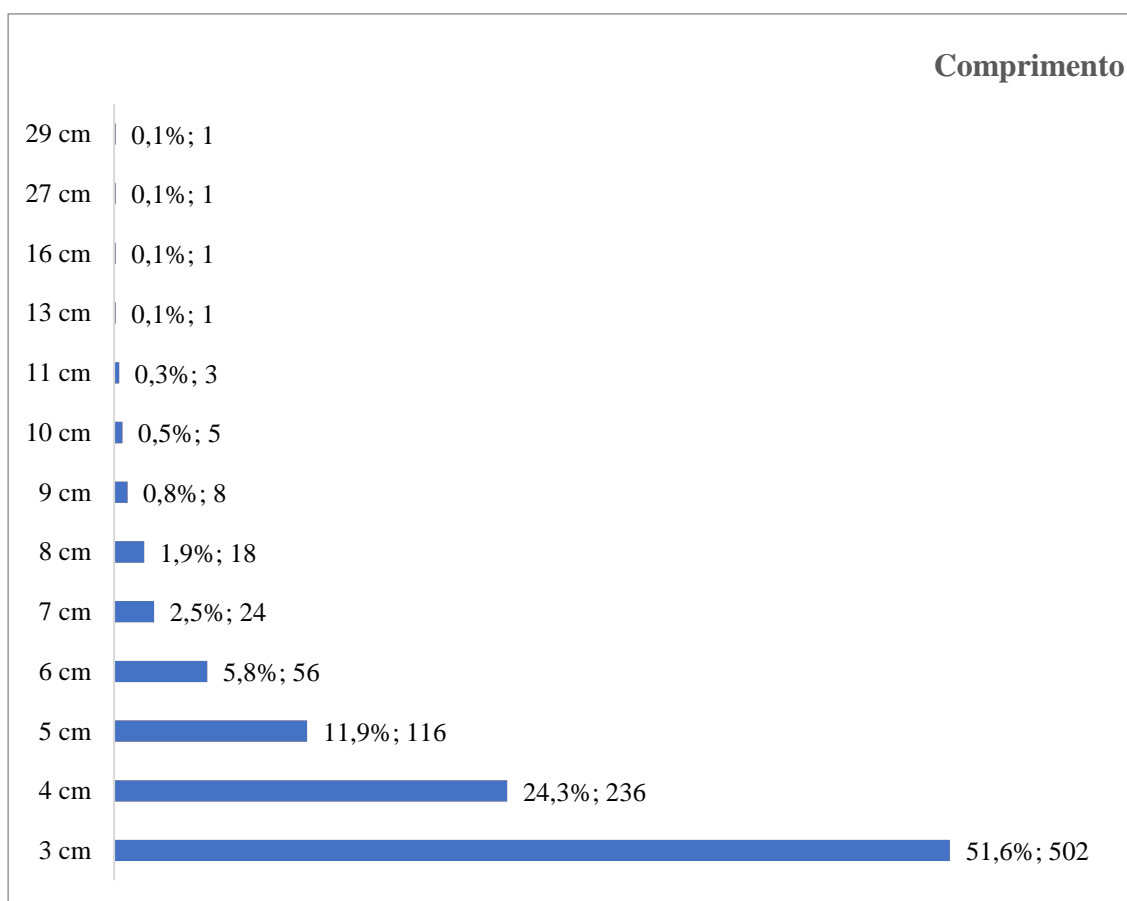
Figura 67: Diâmetro de borda, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Em relação ao *comprimento* (Figura 68), obtivemos uma variação de fragmentos entre três e vinte e nove centímetros. Quase todos os fragmentos apresentam menos do que 10 centímetros o que demonstra a grande fragmentação, lembramos ainda dos 1.262 fragmentos que não foram incluídos nessa análise por serem menores que três centímetros.

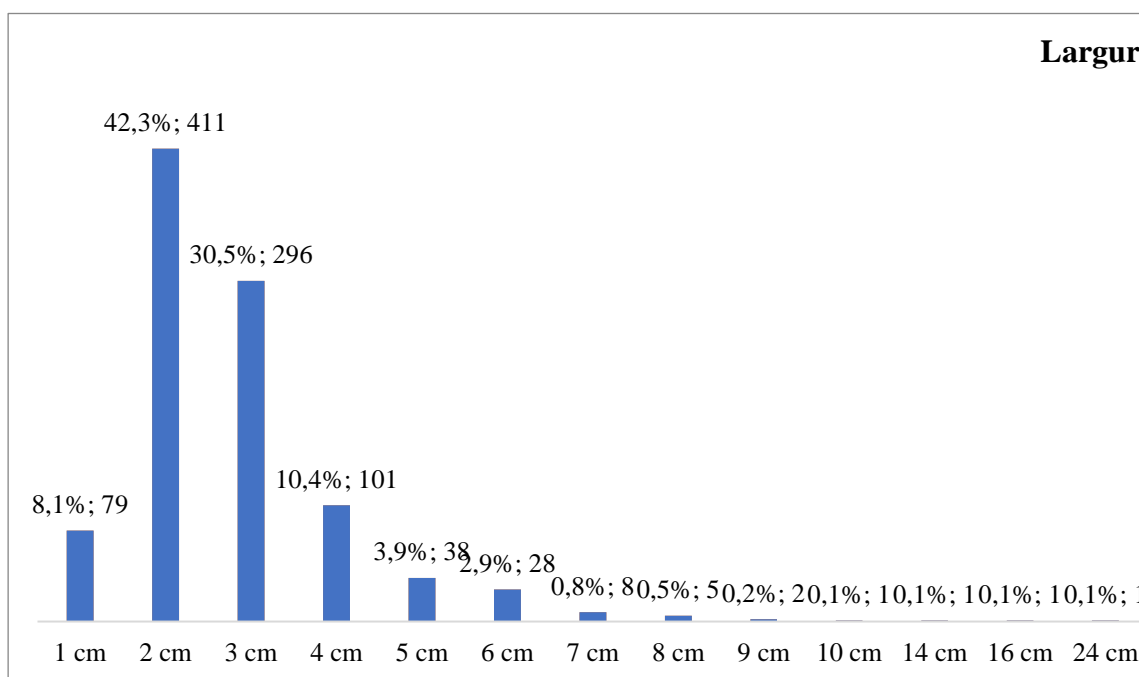
Figura 68: Comprimento, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Quanto à *largura* (Figura 69) obtivemos uma variação entre um e vinte e quatro centímetros de largura. Novamente, quase todos os fragmentos apresentam menos do que 10 centímetros.

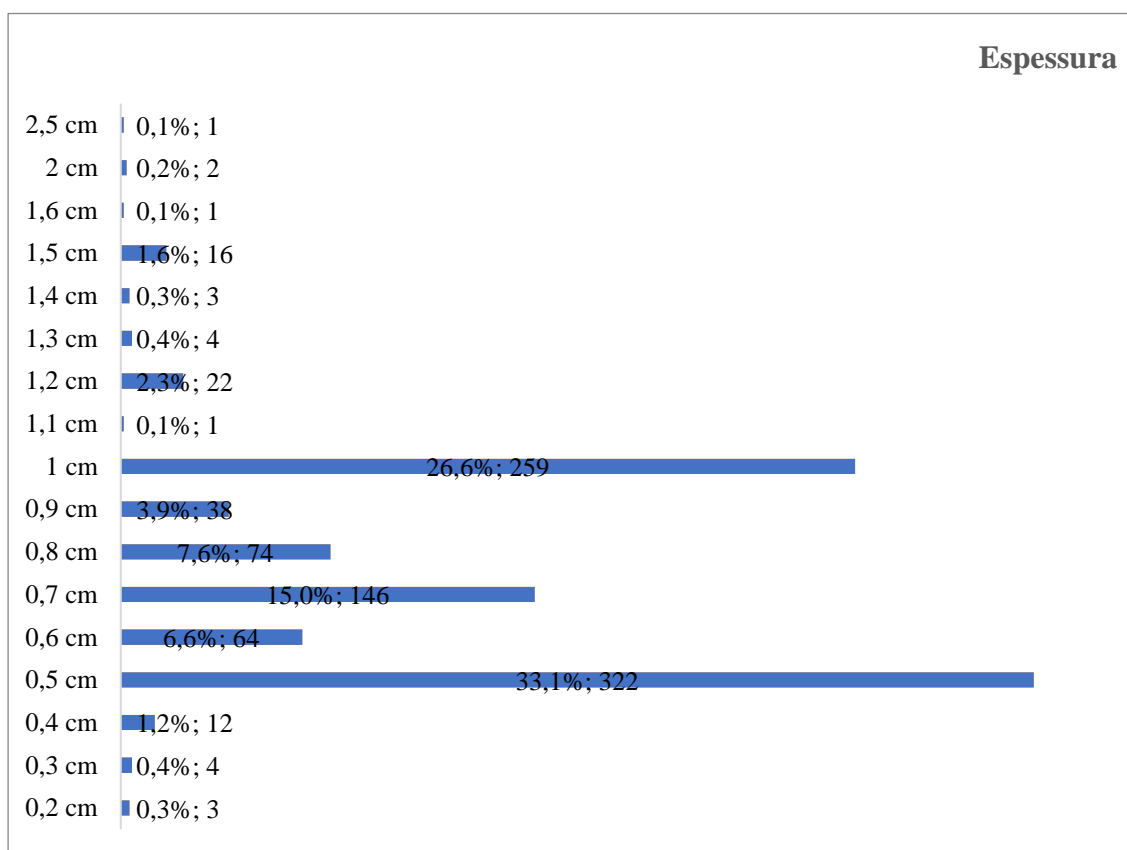
Figura 69: Largura, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Em relação à *espessura* (Figura 70) obtivemos uma maior quantidade de fragmentos de dimensão menor que um centímetro, seguidos por aqueles de um e dois centímetros.

Figura 70: Espessura, proveniente de escavação.



Fonte: Elaboração própria (2024).

O sítio arqueológico Santa Clara 02 apresenta grande quantidade de material, o que foi percebido através das intervenções arqueológicas. Foram analisados os materiais provindos das campanhas de escavação e coleta de superfície. Os primeiros de forma quantitativa e os segundos de forma qualitativa.

Inicialmente fizemos a análise quantitativa e a partir dos resultados dessa, partimos para a análise qualitativa buscando semelhanças e diferenças. A coleta de superfície contabilizou um total de 3717 fragmentos de cerâmica de barro. A amostra apresentou-se ainda mais fragmentada que a de escavação. Abordaremos alguns aspectos de forma geral.

Quanto ao atributo *parte do objeto* percebemos um cenário igual: maior quantidade de paredes, alguns números de bordas e um único exemplo de base plana. Acerca do *tipo de objeto* (Figura 71) observamos cachimbos muito fragmentados, um fragmento de tampa e de cabo.

Figura 71: Tipo de objeto, proveniente de coleta de superfície.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Sobre o atributo *técnica de produção* pudemos perceber situação semelhante a escavação: maior quantidade de acordelado, alguns exemplos de modelado e poucos casos de torneado. Também no atributo *antiplástico* (Figura 72) observamos semelhanças: maior quantidade de minerais do tipo félsicos, mas também alguns máficos e alguns exemplos de mineral + carvão. Os grãos se apresentavam no núcleo ou nas superfícies do fragmento de forma evidente ou não.

Figura 72: Antiplástico, proveniente de coleta de superfície.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Em relação a *queima*, o *estado de conservação*, a *coloração da cerâmica* (Figura 73) e as *marcas de produção* (Figura 74) o material se comportou de forma semelhante a escavação.

Figura 73: Coloração da cerâmica, coleta de superfície.



Fonte: Elaboração própria (2024).

As *marcas de produção* (Figura 74) se expressam como estrias de alisamento de forma semelhante a escavação.

Figura 74: Marcas de produção, proveniente de coleta de superfície.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Sobre as *marcas de uso* identificamos apenas casos de fuligem. Quanto ao *tratamento de superfície* (Figura 75) conseguimos observar alguns dos que aparecem na escavação: brunidura; polimento; alisamento; vidrado; engobo branco, engobo vermelho e muito banho vermelho. Os tons do vermelho utilizado eram variáveis. É interessante mencionar que a brunidura ocorre em menor quantidade que o polimento, diferente do material de escavação.

Figura 75: Tratamento de superfície, proveniente de coleta de superfície.



Fonte: Elaboração própria (2024).

A respeito da *técnica de decoração plástica* (Figura 76) observamos maior quantidade de escovado do que de inciso e maior quantidade de escovado de forma geral. Entretanto, isso pode ser justificado devido ao nível de fragmentação e natureza desse tipo de decoração que ocupa uma parte ou todo o objeto cerâmico. Devido ao nível de fragmentação é difícil e não recomendado pensar motivos decorativos para entender a forma como a decoração é feita, mas a variação da decoração é perceptível em relação a profundidade e direção. Algumas possibilidades podem ser devido a força aplicada, ao instrumento utilizado ou ao objetivo. Em alguns casos o escovado não cobria todo o fragmento. Além do escovado, aparece também digitado e dígito unglado nos lábios e bordas e um exemplo de ponteados.

Figura 76: Técnica de decoração plástica, proveniente de coleta de superfície.



Fonte: Elaboração própria (2024).

É relativamente mais fácil identificar o *motivo decorativo* da técnica de decoração plástica inciso, uma vez que os elementos gráficos podem ser ainda observados em caso de fragmentos muito pequenos. Observamos em um fragmento da coleta de superfície (Figura 77) o motivo 'Inciso arco tracejado' que foi caracterizado no material de escavação. Esse se apresenta de forma igual, linhas formando um arco com tracejado em seu interior, em uma cerâmica de pasta diferente. Além disso, destacamos a presença de elementos gráficos componentes de outros motivos: linhas convergentes formando vértices com tracejado interno e linhas que parecem formar arcos com tracejado interno.

Figura 77: Motivo decorativo, proveniente de coleta de superfície.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Em relação ao *tipo de apêndice* (Figura 78), diferente da amostra proveniente da escavação, a de coleta de superfície apresentou alguns fragmentos de alças. Esses fragmentos apareceram com pedaços da parede ou sem. Em alguns casos observamos fragmentos de borda com asa. Além disso, destacamos os diferentes formatos e tamanhos de asa e a presença de um aplique na borda semelhante a um encontrado no material de escavação.

Figura 78: Tipo de apêndice, proveniente de coleta de superfície.



Fonte: Elaboração própria (2024).

A respeito das bordas (Figura 79) percebemos grande maioria de fragmentos muito pequenos que não possibilitaram a definição da *inclinação*. Naqueles que possibilitaram obtivemos bordas: direta, extrovertida, introvertida, carenada. Acerca da *espessura* percebemos bordas expandidas, com reforço externo, com reforço interno.

Figura 79: Tipo de borda, proveniente de coleta de superfície.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Quanto ao *tipo de lábio*, semelhante a escavação, alguns lábios (Figura 80) apresentavam linhas. Sobre esses, os tipos identificados foram: arredondado e plano, semelhante a escavação. Alguns lábios apresentaram decoração digitada e dígito ungulada.

Figura 80: Tipo de lábio, proveniente de coleta de superfície.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Acerca das *dimensões*, como já mencionamos anteriormente o material de superfície se apresentou ainda mais fragmentado que o de escavação. Portanto, destacaremos apenas a variação de espessura. O conjunto apresentou fragmentos variando entre 0,3 e 1,7 centímetros de espessura.

Após apresentar os resultados das análises quantitativas, realizadas no material de escavação e qualitativas, realizadas no material de coleta de superfície cruzaremos atributos buscando entender predominâncias na coleção cerâmicas e apresentaremos os resultados gráficos das reconstituições hipotéticas, realizadas objetivando discutir o uso pretendido.

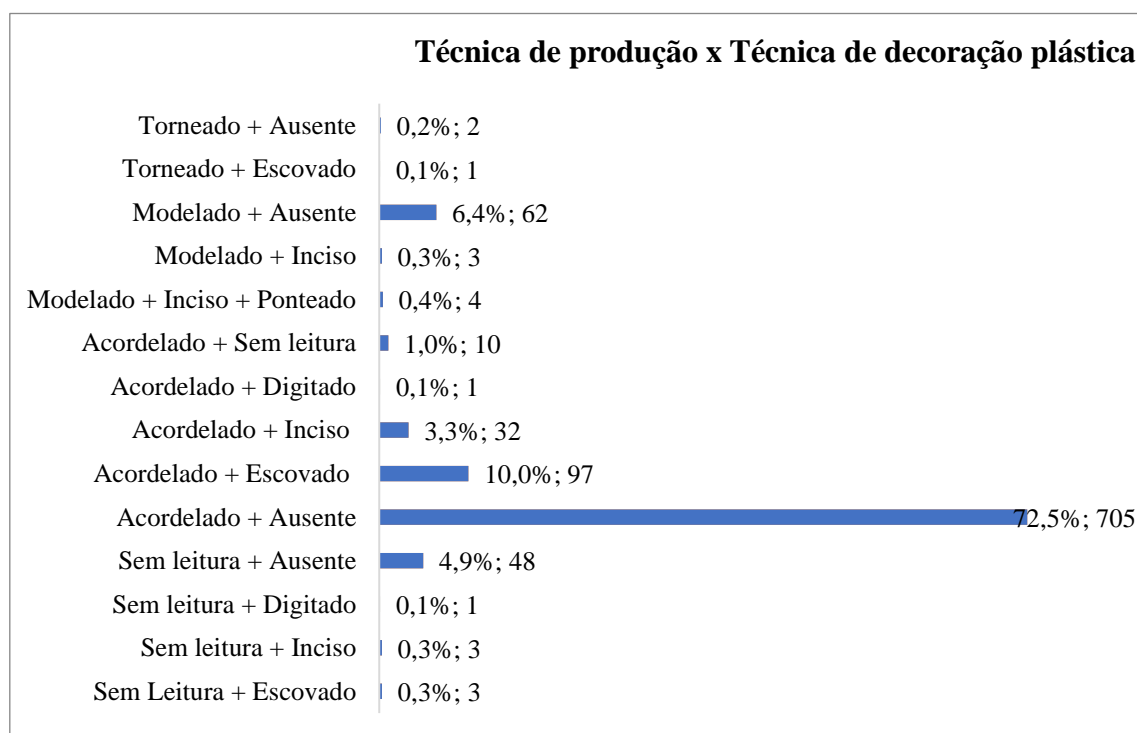
3.3 Atributos de análise cruzados

Os atributos destacados em uma análise macroscópica de material arqueológico são pensados de forma que juntos ou isoladamente, guardados os limites de cada acervo, possam permitir traçar hipóteses para entender essa materialidade, respondendo perguntas de pesquisa. Nos parágrafos seguintes tentaremos fazer algumas conexões, considerando os limites que nos são colocados para aprofundar o entendimento da amostra.

A maior parte dos fragmentos foi produzida a partir da técnica de manufatura do acordelado, que produz peças mais resistentes. Relacionando esse atributo com o estado de conservação, a análise da coleção nos permitiu observar que a maioria dos fragmentos está bem conservado em suas faces interna e externa.

Cruzando o atributo *técnica de produção* com *técnica de decoração plástica* (Figura 81) podemos observar qual modo de produção recebe qual tipo de decoração na coleção em estudo. Percebemos uma maior quantidade de fragmentos produzidos a partir da técnica do acordelado e sem técnica de decoração plástica. A segunda maior relação quantitativa observada é do modo de produção acordelado com a decoração plástica escovada. Em terceiro lugar destacamos a técnica de modelado com ausência de decoração plástica e por último, o acordelado combinado com o inciso. Aparecem de forma pouco expressiva as seguintes combinações: o modo de produção modelado e as técnicas de decoração inciso e ponteados juntas; modelado e inciso; torneado sem técnicas de decoração plástica; torneado combinado com escovado e acordelado com digitado.

Figura 81: Técnica de produção x Técnica de decoração plástica.

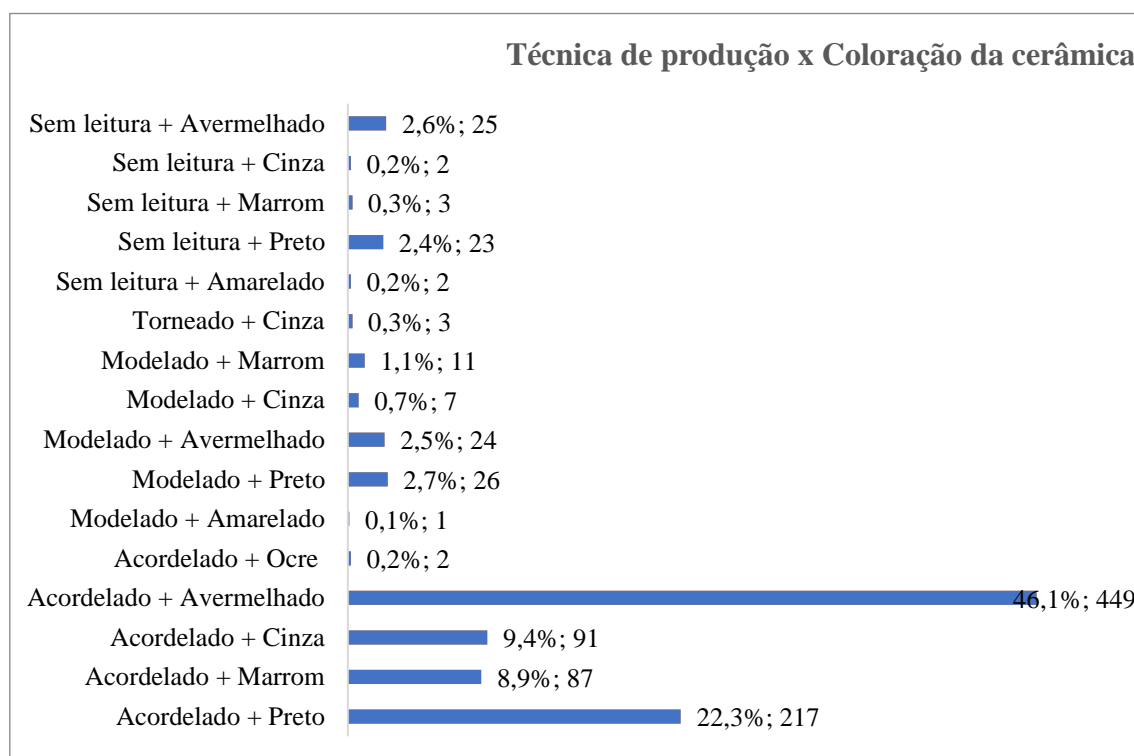


Fonte: Elaboração própria (2024).

Ainda quanto ao atributo *técnica de produção*, o grande número de fragmentos produzidos a partir do acordelado merece um destaque. Se observarmos a relação numérica entre as técnicas que aparecem na amostra analisada, podemos levantar a hipótese de uma preferência por essa forma de produzir cerâmica que se associa aos povos indígenas talvez devido aos usos a que essas cerâmicas seriam destinadas.

A relação entre os atributos *técnica de produção* e *coloração da cerâmica* (Figura 82) pode informar qual cor recebe cada fragmento produzido a partir de cada técnica de produção na coleção em estudo. Identificamos uma maior quantidade de fragmentos produzidos a partir do modo de produção acordelado e de cor avermelhada. A segunda maior ocorrência identificada foi de fragmentos produzidos a partir do acordelado e que possuíam cor preta; a terceira de acordelado com fragmentos de cor cinza e a quarta de acordelado com fragmentos de cor marrom. Passando para o modo de produção modelado tivemos a seguinte sequência: fragmentos de cor preta; fragmentos de cor avermelhada; fragmentos de cor marrom e fragmentos de cor cinza. Podemos citar ainda fragmentos produzidos a partir do torneado que possuem cor cinza; produzidos a partir do acordelado e com a cor ocre e modelado com cor amarelada.

Figura 82: Técnica de produção x Coloração da cerâmica.



Fonte: Elaboração própria (2024).

A *cor da cerâmica* pode se associar com o processo de queima bem como com a fonte de argila utilizada. No caso das cerâmicas do sítio arqueológico em estudo nós observamos queimas predominantemente redutoras, em que as cores resultado geralmente variam entre o cinza e o preto. Mas também uma boa quantidade de fragmentos com queima oxidante, em que as cores resultado geralmente variam entre o branco e o vermelho.

O *antiplástico* observado foi predominantemente mineral. Em relação a esse tipo é difícil definir se trata-se de algo que estava presente na argila desde a sua coleta ou que foi adicionado no processo de produção objetivando permitir que o objeto alcance alguma característica de desempenho. O mineral possibilita por exemplo uma alta resistência ao choque térmico, mas fragiliza o objeto quanto a impacto.

As ocorrências observadas no material em relação ao atributo marcas de uso, ajudam os arqueólogos a aventarem possibilidades de uso para o material. Em relação a nossa coleção, a fuligem aparece em muita quantidade, nas faces interna e externa e em ambas, o que nos leva a pensar na cocção como uso estimado. A localização desse elemento pode ajudar a inferir se o objeto cerâmico foi levado ao fogo diretamente,

quando aparece na face externa, ou indiretamente, quando aparece na face interna. A presença de furos, que são marcas de uso posteriores ao momento de fabricação, aparece em uma borda com tratamento de superfície brunido e em uma base de morfologia plana. Essa característica geralmente se associa ao reuso de objetos e a suspensão dos mesmos. A descamação, por sua vez, é relacionada na bibliografia arqueológica, entre outras coisas, com a fermentação ou armazenamento de bebidas, o que pode ser o caso das ocorrências identificadas no material do Santa Clara 02, uma vez que a descamação se apresenta na superfície interna.

Realizamos a reconstituição hipotética de algumas formas a partir de fragmentos de borda presentes na coleção de coleta de superfície e escavação do sítio arqueológico Santa Clara 02. Com isso, tentaremos responder as seguintes questões: são formas abertas ou fechadas; diferentes ou semelhantes às dos outros sítios cerâmicos do Seridó; classificação em relação a geometria; possíveis usos.

Associando forma e função, com base em uso pretendido no âmbito alimentar Souza e Lopes (2014) pontuam:

1. Consumo – formas abertas para fácil acesso ao conteúdo, caracterizadas como recipientes pequenos, em geral rasos, com predomínio de designs em meia calota e diâmetro que varia entre 12 e 24 cm. Aproximam-se das formas dos pratos europeus. Predominam os engobos vermelhos.
2. Serviço – formas abertas, semifechadas e fechadas caracterizadas enquanto recipientes com função de servir, alimentos líquidos ou sólidos, com presença de formas com engobos vermelhos e decorações plásticas. Variam entre formas que lembram formas europeias e algumas que seguem tradição indígena de produção.
3. Cocção – vasilhas arredondadas ou globulares caracterizadas como recipientes utilizados para o preparo de alimentos (cooking pots), cujos designs lembram formas bastante indígenas.
4. Armazenamento – formas semifechadas e profundas caracterizadas enquanto grandes recipientes, provavelmente utilizados para armazenamento de grãos ou água, predominando a decoração escovada (Symanski; Lopes, p. 207, 2014).

Também pensando a relação entre forma e função Panachuk e Cruz (p. 24, 2010) afirmam que “[...] As formas irrestritas são empregadas em atividades que exigem o uso da mão dentro do vaso, ou para mostrar ou secar o conteúdo. As formas restritas tem bom desempenho em reter líquidos, nos casos de cocção ou armazenar líquidos ou sólidos. [...]”. Formas irrestritas também podem ser chamadas de abertas e formas restritas também podem ser chamadas de fechadas. Utilizaremos essas classificações para pensar as cerâmicas do Santa Clara 02.

O primeiro fragmento (Figura 83) pertence ao material de coleta de superfície. Consiste em uma forma fechada que pode corresponder a uma bacia ou tigela. Associando com a forma geométrica podemos classificar como elipsóide. Seus usos podem ser o preparo, armazenamento ou serviço. Destacamos a presença do apêndice, que teve baixa frequência na coleção, o que pode ter razões decorativas ou funcionais, para movimentação. Esse tipo de forma foi identificada em outros sítios cerâmicos do Seridó onde os pesquisadores realizaram a reconstituição hipotética a partir de fragmentos de borda.

Figura 83: Forma do fragmento SC02.03485.



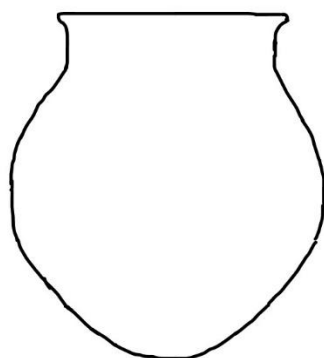
SC02.03485
Diâmetro 30 cm

3 cm

Fonte: Elaboração própria (2024).

O segundo fragmento (Figura 84) pertence ao material de coleta de superfície. Consiste em uma forma fechada que pode corresponder a um pote ou vaso. Não conseguimos fazer associação com uma forma geométrica. Seus usos podem ser o armazenamento de líquidos ou a cocção de alimentos. A presença do “pescoço” ajuda nessa funcionalidade. Esse tipo de forma não foi identificada nos sítios cerâmicos do Seridó aqui apresentados, onde os pesquisadores realizaram a reconstituição hipotética a partir das bordas.

Figura 84: Forma do fragmento SC02.03489.



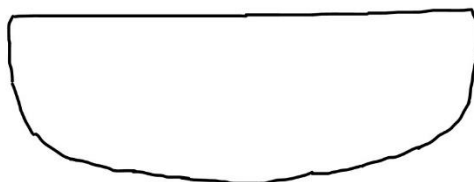
SC02.03489
Diâmetro 14 cm

3 cm

Elaboração: Diógenes Saldanha (2024).

O terceiro fragmento (Figura 85) pertence ao material de coleta de superfície. Consiste em uma forma aberta que pode corresponder a uma bacia ou tigela. Associando com a forma geométrica podemos classificar como elipsóide. Seus usos podem ser o preparo, armazenamento ou serviço. Esse tipo de forma foi identificada em outros sítios cerâmicos do Seridó onde os pesquisadores realizaram a reconstituição hipotética a partir de fragmentos de borda.

Figura 85: Forma do fragmento SC02.03803.



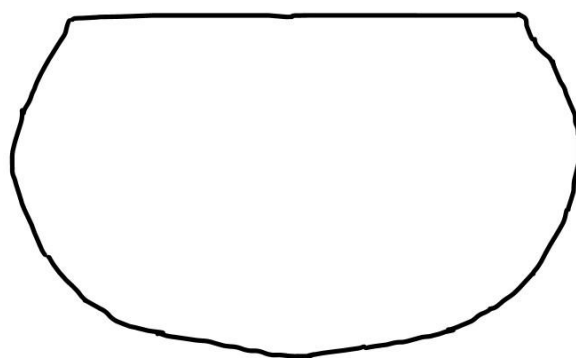
SC02.03803
Diâmetro 26 cm

3 cm

Elaboração própria (2024).

O quarto fragmento (Figura 86) pertence ao material de escavação. Consiste em uma forma fechada. Devido ao diâmetro pequeno não conseguimos pensar em uma denominação específica. Associando com a forma geométrica podemos classificar como esférica. Esse tipo de forma foi identificada em outros sítios cerâmicos do Seridó onde os pesquisadores realizaram a reconstituição hipotética a partir de fragmentos de borda. Destacamos a presença de técnica de decoração plástica incisa, que resulta em motivo referido anteriormente, somada a um tratamento de superfície brunido.

Figura 86: Forma do fragmento SC02.11823.



SC02.11823
Diâmetro 11 cm

3 cm

Elaboração Diógenes Saldanha (2024).

O quinto (Figura 87) fragmento pertence ao material de escavação. Consiste em uma forma fechada que pode corresponder a uma bacia ou tigela. Associando com a forma geométrica podemos classificar como elipsóide. Seus usos podem ser o preparo, armazenamento ou serviço. Esse tipo de forma foi identificada em outros sítios cerâmicos do Seridó onde os pesquisadores realizaram a reconstituição hipotética a partir de fragmentos de borda.

Figura 87: Forma do fragmento SC02.12049.



SC02.12049
Diâmetro 26 cm

3 cm

Elaboração própria (2024).

O sexto fragmento (Figura 88) pertence ao material de escavação. Consiste em uma forma aberta que pode corresponder a um prato ou frigideira. Associando com a forma geométrica podemos classificar como calote. Seus usos podem ser o consumo de alimentos ou a cocção. Esse tipo de forma não foi identificada em outros sítios cerâmicos do Seridó onde os pesquisadores realizaram a reconstituição hipotética a partir de fragmentos de borda.

Figura 88: Forma do fragmento SC02.12050.



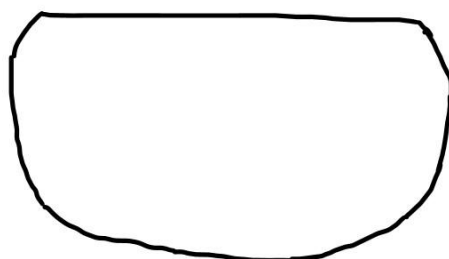
SC02.12050
Diâmetro 22 cm

4 cm

Elaboração: Maria Eduarda Araújo Dutra (2024).

O sétimo fragmento (Figura 89) pertence ao material de escavação. Consiste em uma forma fechada. Devido ao diâmetro pequeno não conseguimos pensar em uma denominação específica. Associando com a forma geométrica podemos classificar como esférica. Esse tipo de forma foi identificada em outros sítios cerâmicos do Seridó onde os pesquisadores realizaram a reconstituição hipotética a partir de fragmentos de borda.

Figura 89: Forma do fragmento SC02. 12246.



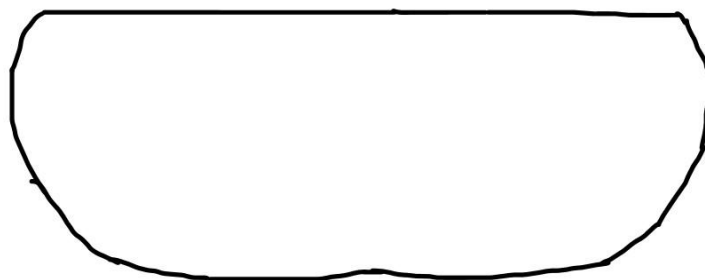
SC02.12246
Diâmetro 12 cm

3 cm

Elaboração própria (2024).

O oitavo fragmento (Figura 90) pertence ao material de escavação. Consiste em uma forma fechada que pode corresponder a uma bacia ou tigela. Associando com a forma geométrica podemos classificar como elipsóide. Seus usos podem ser o preparo, armazenamento ou serviço. Esse tipo de forma foi identificada em outros sítios cerâmicos do Seridó onde os pesquisadores realizaram a reconstituição hipotética a partir de fragmentos de borda. Destacamos a presença de engobo branco na parte interna do recipiente.

Figura 90: Forma do fragmento SC02.12351.



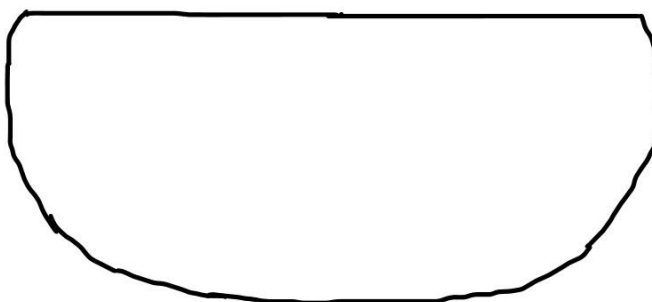
SC02.12351
Diâmetro 18 cm

3 cm

Elaboração Diógenes Saldanha (2024).

O nono fragmento (Figura 91) pertence ao material de escavação. Consiste em uma forma fechada que pode corresponder a uma bacia ou tigela. Associando com a forma geométrica podemos classificar como elipsóide. Seus usos podem ser o preparo, armazenamento ou serviço. Esse tipo de forma foi identificada em outros sítios cerâmicos do Seridó onde os pesquisadores realizaram a reconstituição hipotética a partir de fragmentos de borda.

Figura 91: Forma do fragmento SC02.12837.



SC02.12837
Diâmetro 20 cm

3 cm

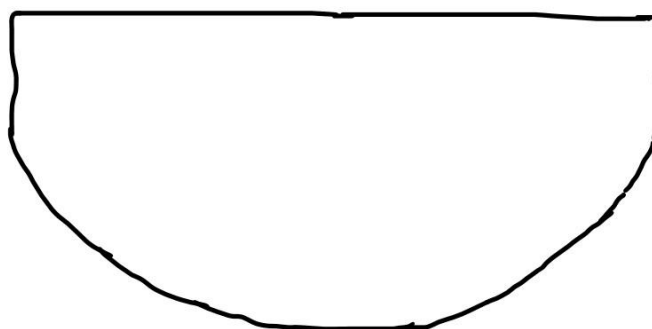
Elaboração própria (2024).

O décimo fragmento (Figura 92) pertence ao material de escavação. Consiste em uma forma aberta. Devido a “curva” na parede não conseguimos identificar uma possível denominação. Associando com a forma geométrica podemos classificar como hemisférica. Seus usos podem ser o preparo, armazenamento ou serviço. Destacamos a presença do apêndice, que teve baixa frequência na coleção, o que pode ter razões decorativas ou funcionais, para movimentação. Esse tipo de forma foi não identificada

em outros sítios cerâmicos do Seridó onde os pesquisadores realizaram a reconstituição hipotética a partir de fragmentos de borda.

Figura 92: Forma do fragmento SC02.12885.

Etiqueta 582 – Tombo SC02.12885



Diâmetro 20,1 cm
SC02. 12885

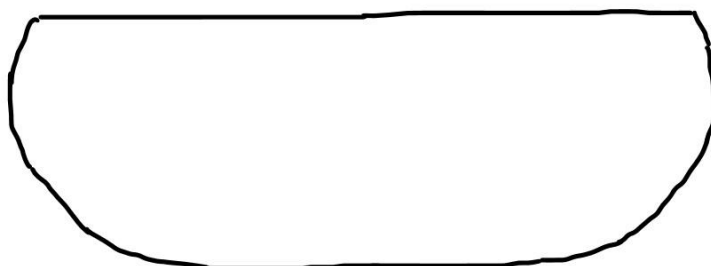
4 cm

Elaboração Diógenes Saldanha (2024).

O décimo primeiro fragmento (Figura 93) pertence ao material de escavação. Consiste em uma forma fechada que pode corresponder a uma bacia ou tigela. Associando

com a forma geométrica podemos classificar como elipsóide. Seus usos podem ser o preparo, armazenamento ou serviço. Esse tipo de forma foi identificada em outros sítios cerâmicos do Seridó onde os pesquisadores realizaram a reconstituição hipotética a partir de fragmentos de borda.

Figura 93: Forma do fragmento SC02.13275.



SC02. 13275
Diâmetro 20 cm

3 cm

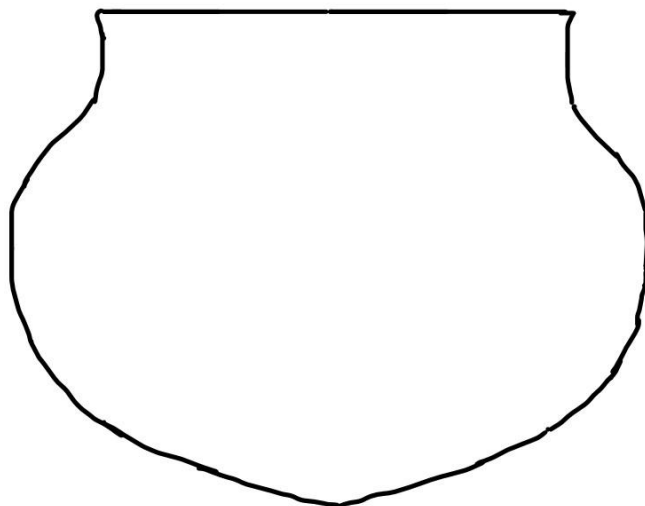
Elaboração própria (2024).

O décimo segundo fragmento (Figura 94) pertence ao material de escavação. Consiste em uma forma fechada que pode corresponder a um pote ou vaso. Não conseguimos fazer uma associação com forma geométrica. Seus usos podem ser o armazenamento de líquidos ou a cocção de alimentos. A presença do “pescoço” ajuda nessa funcionalidade dificultando a passagem do conteúdo. Esse tipo de forma não foi

identificada em outros sítios cerâmicos do Seridó onde os pesquisadores realizaram a reconstituição hipotética a partir das bordas.

Figura 94: Forma do fragmento SC02.13492.

Etiqueta 599 – Tombo SC02.13492



SC02.13492
Diâmetro 20 cm

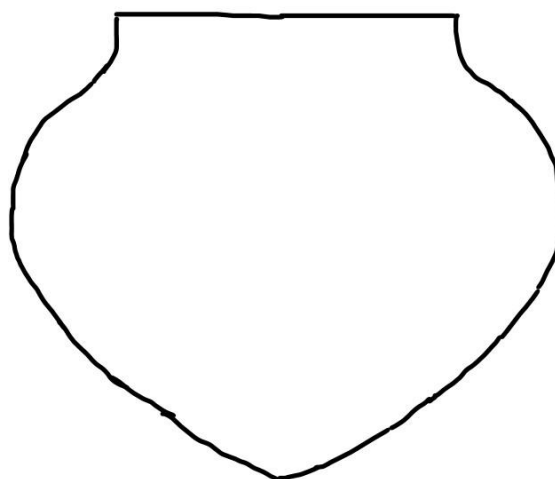
3 cm

Elaboração Diógenes Saldanha (2024).

O décimo terceiro fragmento (Figura 95) pertence ao material de escavação. Consiste em uma forma fechada que pode corresponder a um pote ou vaso. Não conseguimos fazer uma associação com forma geométrica. Seus usos podem ser o armazenamento de líquidos ou a cocção de alimentos. A presença do “pescoço” ajuda nessa funcionalidade. Esse tipo de forma não foi identificada em outros sítios cerâmicos do Seridó onde os pesquisadores realizaram a reconstituição hipotética a partir das bordas.

Figura 95: Forma do fragmento SC02.13499.

Etiqueta 599 – Tombo SC02.13499



SC02.13499
Diâmetro 18 cm

3 cm

Elaboração Diógenes Saldanha (2024).

As reconstituições hipotéticas nos retornaram como possibilidades as formas: bacia ou tigela, prato ou frigideira e pote ou vaso. Predominaram formas fechadas o que faz sentido, já que a maioria no atributo *forma da borda* foi de bordas introvertidas. Isso pode dever-se ao uso na cocção ou armazenamento, fazendo com que o conteúdo líquido ou sólido se mantivesse dentro do recipiente. Em relação aos usos estimados temos o da cocção, armazenamento e serviço. Os vasilhames apresentaram como menor diâmetro de borda 11 centímetros e como maior 30 centímetros. daquelas, as que apareceram em

outros sítios cerâmicos onde o método de reconstituição foi aplicado por outros pesquisadores foram bacia ou tigela e as que não apareceram foram prato ou frigideira, pote ou vaso. Assim, como a maioria das formas não aparece em outros sítios cerâmicos é possível que sejam produzidas localmente. Algumas dessas, aparecem em outros sítios arqueológicos do Seridó o que pode indicar uma aquisição por comércio.

Pratos e tigelas pequenas podem ser recipientes utilizados para o serviço. Tigelas podem também estar relacionadas ao preparo a frio, ou seja, trata-se de um recipiente não levado ao fogo. Formas globulares e elipsóides com bordas restritas proporcionam maior eficiência na manutenção do calor o que poderiam indicar uso no preparo de alimentos cozidos como caldos e ensopados (Hepp; Azevedo; Monteiro, 2019).

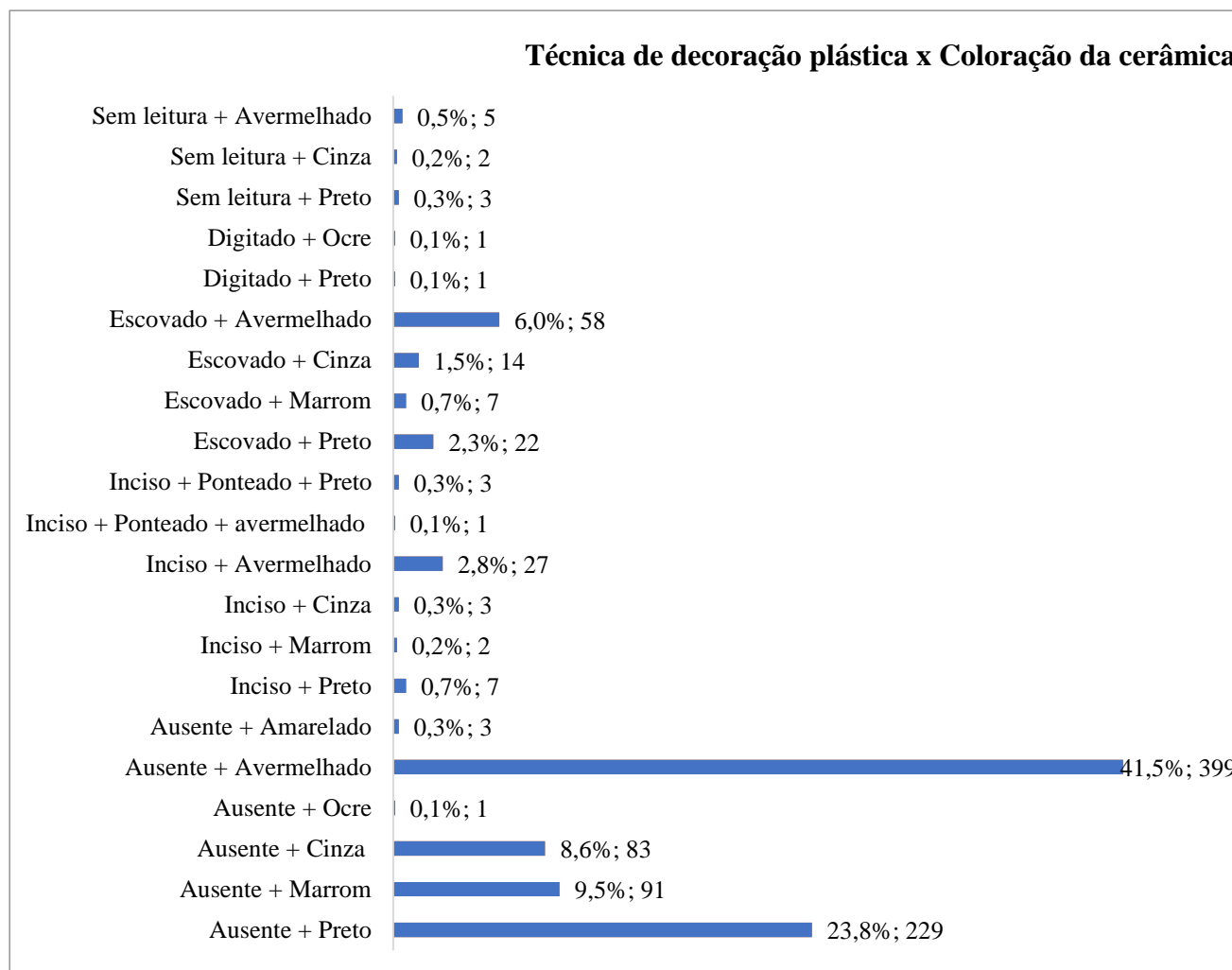
Retornando a reflexão acerca dos atributos combinados pensando os atributos *tratamentos de superfície* e *técnica de decoração* cromática, que são associados com a aparência dos vasilhames percebemos que se apresenta na coleção baixa expressão de tratamentos de superfície cromáticos como o engobo branco ou vermelho e nenhum caso de técnica de decoração cromática.

Em relação à *técnica de decoração plástica* obtivemos casos em que a técnica aparecia isolada e onde aparecia de forma conjunta, sendo as principais o inciso e o escovado. O inciso, o ponteadado e o digitado aparecem unicamente na face externa. O escovado, por sua vez aparece também internamente. Essas técnicas foram utilizadas de forma a produzir resultados gráficos distintos, o que nomeamos como motivos decorativos. A técnica incisa apresentou uma maior variação. Os motivos apareceram predominantemente em fragmentos com a técnica de produção acordelada e coloração vermelha, marrom, preta, mas também em fragmentos produzidos a partir do modelado com a mesma coloração.

Relacionando o atributo *técnica de decoração plástica* com *coloração da cerâmica* (Figura 96) podemos observar qual a cor recebe cada fragmento com cada técnica de decoração plástica na coleção em estudo. Obtivemos uma maior quantidade de fragmentos sem técnica de decoração plástica e de cor avermelhada, seguidos respectivamente de fragmentos sem técnica de decoração plástica e de cor preto, marrom e cinza. A maior ocorrência de fragmentos possuindo decoração plástica foi de escovados e avermelhados e fragmentos incisos e avermelhados. Podemos destacar ainda fragmentos escovados e de cor preto; escovados e de cor cinza respectivamente. Em

menor expressão identificamos fragmentos com decoração escovada e de cor marrom; incisa e de cor preta; com decoração plástica ausente e cor amarelada; incisa e de cor cinza; fragmentos com decoração plástica incisa e ponteados combinados e cor preta; incisa e de cor marrom; sem decoração plástica e de cor ocre; com decoração plástica incisa e ponteados combinados e cor avermelhada; digitada e de cor preta e digitada e de cor ocre.

Figura 96: Técnica de decoração plástica x Coloração da cerâmica.

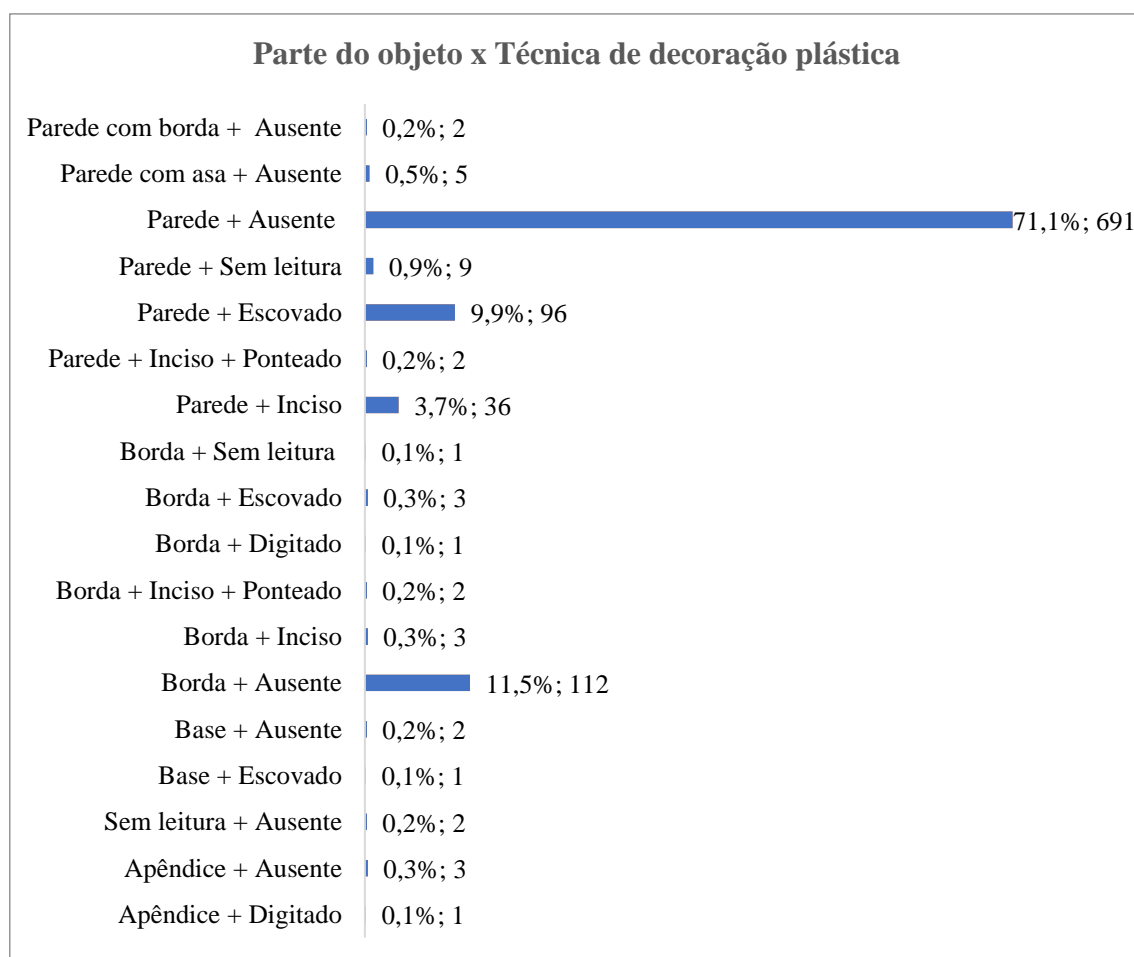


Fonte: Elaboração própria (2024).

Relacionando o atributo *parte do objeto* com *técnica de decoração plástica* (Figura 97) podemos observar qual parte do objeto costuma ter qual tipo de decoração na coleção em estudo. Obtivemos uma maior quantidade de parede sem decoração plástica. A segunda maior relação quantitativa observada foi de borda sem decoração plástica. Em terceiro lugar paredes com a técnica de decoração plástica escovado, por último podemos destacar as ocorrências de parede com inciso. De forma menos expressiva podemos citar:

parede com asa sem decoração plástica; apêndice sem decoração plástica; borda com inciso; borda com escovado; base sem decoração plástica; borda combinada com as decorações plásticas inciso e ponteadas juntas; parede com as decorações plásticas inciso e ponteadas juntas; parede com borda sem decoração plástica; apêndice com decoração plástica digitado; base com escovado e borda com digitado.

Figura 97: Parte do objeto x Técnica de decoração plástica.

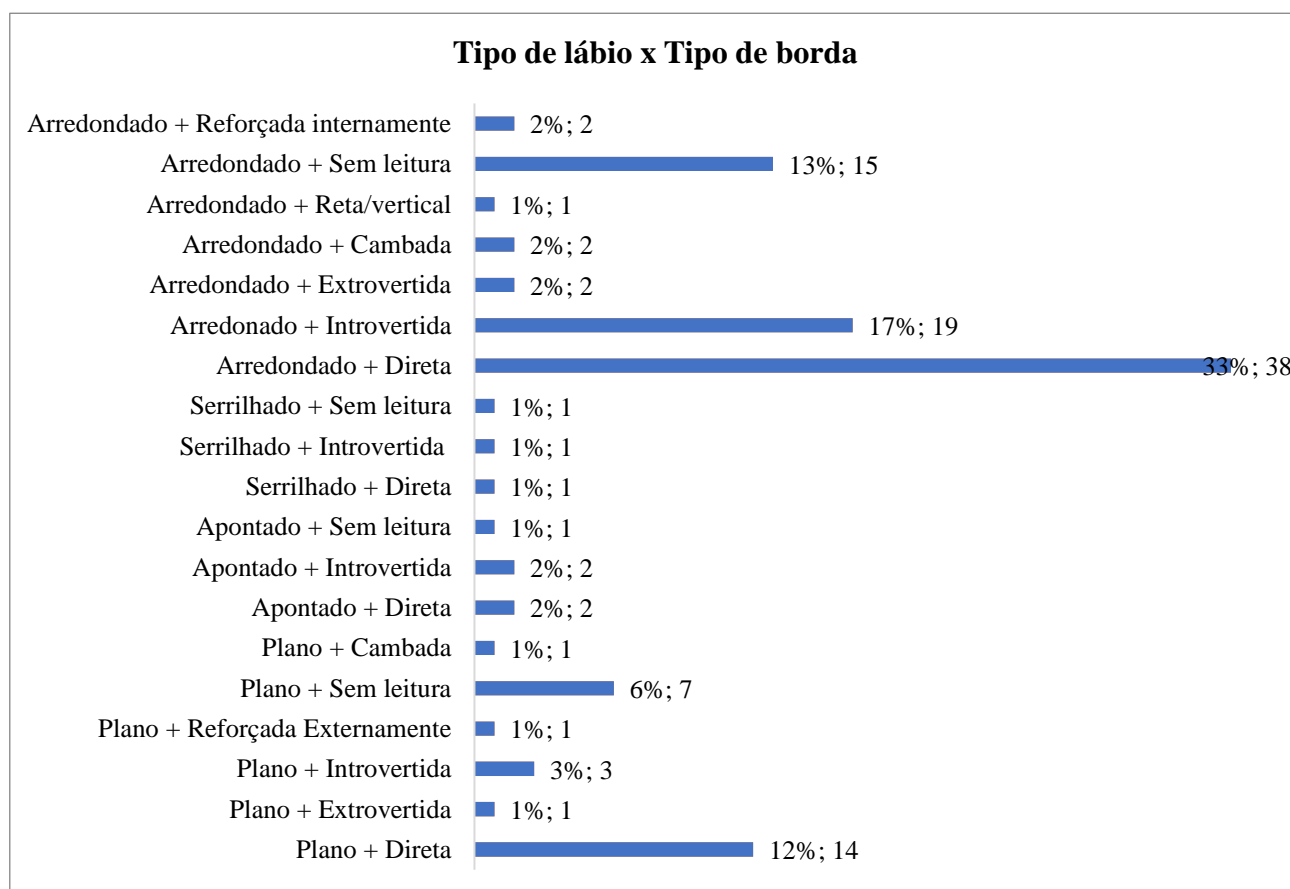


Fonte: Elaboração própria (2024).

Cruzar os atributos *tipo de lábio* e *tipo de borda* (Figura 98) nos permite saber qual tipo de lábio se associa com qual tipo de borda na coleção em estudo. Identificamos um maior número de lábios arredondados e bordas diretas. A segunda maior ocorrência é de lábios arredondados e bordas introvertidas. Em terceiro lugar temos lábios planos e bordas diretas. Com menor expressão temos as seguintes ocorrências: lábio plano com borda introvertida; apontado com borda direta; apontado com borda introvertida; arredondado com extrovertida; arredondado com cambada; arredondado com reforçada internamente; plano com direta; plano com extrovertida; plano com reforçada

externamente; plano com cambada; serrilhado com direta; serrilhado com introvertida e arredondado com reta/vertical.

Figura 98: Tipo de lábio x Tipo de borda.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Fazendo um resumo daqueles elementos mais predominantes no material de escavação obtivemos: a parte do objeto que mais aparece são fragmentos de paredes, a técnica de produção mais frequente é o acordelado; o antiplástico predominante é do tipo mineral fêlsico; a queima produz núcleos principalmente de cor uniforme escura; as cerâmicas apresentam principalmente superfícies de cor vermelha; de modo geral o estado de conservação é bom em ambas as faces; as marcas de produção mais recorrentes são estrias de alisamento em ambas as faces; as marcas de uso mais recorrentes são fuligem externa em ambas as faces; o tratamento de superfície mais predominante é o alisado com banho vermelho; a técnica de decoração plástica principal é o escovado face externa; o motivo decorativo mais frequente é escovado fino unidirecional regular; o tipo de apêndice mais comum é asa; a principal forma da borda é direta; a inclinação predominante da borda é vertical; o espessamento predominante da borda é normal; o

diâmetro de borda mais recorrente é de 18 centímetros; o tipo de lábio mais comum é o arredondado; o comprimento predominante é de 3 centímetros; a largura, de 2 centímetros e a espessura, de 0,5 centímetros.

Nessa descrição elencamos apenas aquilo que é predominante dentro da coleção de cerâmicas de barro do Santa Clara 02. Entretanto, é necessário mencionar que os fragmentos são muito variáveis entre si no que tange aos seus aspectos formais, ou seja, relacionados ao corpo, aquilo que se pode observar do objeto. Por exemplo em relação a coloração da cerâmica, aos tratamentos de superfície, as técnicas de decoração plástica, motivo decorativo e as dimensões (comprimento, largura, espessura e diâmetro da borda). Por isso, é possível falar de uma variabilidade formal intra-sítio. Algumas hipóteses para a existência dessa variabilidade são a presença de vários oleiros, a ocorrência de várias ocupações, a influência do ambiente nas funções a que os objetos seriam destinados e/ou a prática de importações. Essas hipóteses poderiam ser comprovadas com realização de outros tipos de estudos no sítio arqueológico e material como por exemplo análises arqueométricas, trabalhos etnográficos, históricos etc.

Retomando o disposto na seção 2.4, há um perfil que se repete entre as cerâmicas do Seridó, cuja síntese aqui apresentada é inédita. E as peças do Santa Clara 02 se encaixam harmonicamente nesse perfil. Como dito anteriormente, em relação as semelhanças o acordelado como técnica de produção predomina no SC02 e em todos os sítios elencados; a presença do tratamento de superfície alisado de forma expressiva é comum entre as cerâmicas do SC02 e dos outros sítios da região; outro tratamento de superfície que aparece no Santa Clara 02 e em outros sítios da região é o engobo na cor branca e na cor vermelha; existe uma semelhança também no que tange a queima, onde o tipo redutor predomina. Portanto, as diferenças são mais quantitativas do que qualitativas e por isso acreditamos que as cerâmicas do Santa Clara 02 convergem com esse panorama do Seridó.

Considerando esse contexto regional das cerâmicas arqueológicas do Seridó, e o perfil do que predomina nas cerâmicas do Santa Clara 02, observamos que há recorrências significativas inter-sítios, o que deve ser observado nos estudos arqueológicos posteriores na região.

Após descrever os métodos utilizados para pensar o material de escavação e superfície e os resultados obtidos para presença de atributos morfológicos, técnicos e decorativos isolados e combinados na amostra, partiremos para as hipóteses para a existência da variabilidade identificada.

3.4 Hipóteses para a existência da variabilidade identificada

Nesse tópico apresentaremos algumas hipóteses para a existência da variabilidade identificada. A variabilidade consiste em uma característica da tecnologia. O significado dessa nos artefatos arqueológicos é plurissemântico, ou seja, apresenta diferentes sentidos ou significados, por exemplo de ordem simbólica e/ou de ordem prática que não se excluem. A coleção de cerâmicas do sítio arqueológico Santa Clara 02 varia em relação ao tratamento de superfície, técnica de decoração plástica, técnica de produção, coloração, antiplástico e dimensões, ou seja, apresenta variabilidade em relação a suas características formais. Assim, tentamos refletir acerca dos sentidos dessa variabilidade.

O atributo tratamento de superfície apresenta alta variação: alisado, banho vermelho, engobo vermelho, engobo branco, vidrado, polido, brunido. A técnica de decoração plástica apresenta baixa variação: escovado, inciso, pontado, digitado e digito-ungulado. Os motivos decorativos compostos por essa técnica, entretanto, são muito variáveis, tendo sido identificados 20 tipos. A técnica de produção predominante é o acordelado, apresentando baixa variação. A coloração da cerâmica se dispõe de forma variável: avermelhado, marrom, cinza, preto, ocre, amarelado. O antiplástico predominante é o mineral, possuindo baixa variação, o que varia é o tipo, tamanho e distribuição dos grãos que o compõem. Em relação às dimensões, a amostra se apresentou muito fragmentada: o comprimento varia entre 3 e 29 centímetros, a largura varia entre 1 e 24 centímetros, a espessura varia entre 0,2 e 2,5 centímetros e o diâmetro de borda varia entre 8 e 24 centímetros. Por isso, consideramos alta expressão de variabilidade intra-sítio.

A ação das/dos diferentes ceramistas pode influenciar a variabilidade, uma vez que as especificidades formais podem se associar a um estilo individual, baseado na experiência e conhecimento pessoal. A transmissão dos conhecimentos envolvendo o processo de produção cerâmica ocorre dentro dos grupos domésticos. Assim, é possível

notar variabilidade ao comparar cerâmicas de barro de diferentes origens. É necessário destacar que apesar da forma tradicional de produzir, as/os ceramistas conseguem expressar sua individualidade, uma vez que a produção não é um processo fechado que inibe a criatividade individual.

A cerâmica de barro consiste em um exemplo de objeto produzido a partir do saber-fazer seridoense, sendo por isso associado a identidade e marcado pela qualidade, arte, tradição e inovação. Trata-se de um símbolo da cultura regional produzido artesanalmente, que apesar de fazer parte do cotidiano, não recebe um valor comercial e simbólico considerável. Algumas formas são o pote, a panela, a chaleira, o prato, a xícara, a bilha, o alguidar, a bacia, a leiteira e os objetos de decoração que variam de acordo com a necessidade e/ou preferência do cliente. Na amostra conseguimos reconstituir algumas formas que poderiam ser de panelas, potes e bacias que variaram em suas características formais, quanto as dimensões, tratamento de superfície, técnica de decoração plástica, tipo de apêndice e técnica de produção. Essas poderiam estar associadas ao âmbito alimentar, seja de cocção ou consumo de alimentos e serviço.

As decorações constituem elementos que possibilitam muitas variações dentro da cadeia operatória de produção cerâmica e por ser elemento visível e externo, recebe uma ampla gama de significações no estudo da variabilidade. A coleção de cerâmicas do Santa Clara 02 conta com uma grande quantidade de motivos decorativos relacionados a técnica de decoração plástica. Os motivos variaram em relação a profundidade, direções e formatos da composição visual. Isso pode se relacionar com o instrumento, o objetivo, a função etc. pretendida pela/pelo ceramista e/ou sobre quem ela/ele é. Acerca disso, surgem algumas questões: Qual a razão dessa variabilidade decorativa? Por que a associação dessa com vasilhames destinados para cocção? Por que a preferência por decorações plásticas como o escovado e o inciso e a ausência de decorações cromáticas?

Symanski (2010) destaca a significância dos motivos decorativos presentes nas cerâmicas nos engenhos de Chapada dos Guimarães – MT:

Embora os escravos africanos não tivessem possibilidade de reproduzir esses signos no corpo de seus descendentes, eles o fizeram no corpo de seus vasilhames cerâmicos. Nesse sentido, quando aplicavam esses motivos na cerâmica, eles não somente estavam reproduzindo uma estética e cosmologias de origem africana, mas também um corpo africano ideal, que não poderia mais ser biologicamente reproduzido neste novo ambiente. Ashmore e Knapp (1999, p. 14) lembram que conceitos míticos ou cosmológicos são embutidos na memória coletiva de um grupo e na memória individual de seus membros. Tais memórias são frequentemente os meios de organizar, usar e viver na paisagem.

Ou seja, a paisagem é reapropriada e traduzida através da memória de um grupo. Nesse sentido, a cerâmica dos engenhos de Chapada e seus motivos decorativos tiveram o propósito de manter e reproduzir memórias, representações e sistemas de crenças de origem africana (Symanski, p. 308, 2010).

A quantidade e o sexo das/dos ceramistas também podem se relacionar proporcionalmente com a percepção da variabilidade. Uma maior quantidade de ceramistas poderia estar associada com maior variabilidade. É comum também que a produção cerâmica seja uma tradição matrilinear, sendo passada de mãe para filha. Além disso, a etnicidade dos ceramistas também pode ser um fator determinante, uma vez que as escolhas técnicas podem estar associadas, além do contexto ambiental, ao seu universo cultural.

Considerando um estilo cerâmico particular, a variabilidade observada no material cerâmico de uma área pode estar associado com a ocupação de grupos diferentes em um largo espaço de tempo. No caso do Santa Clara 02, a datação feita a partir de uma cerâmica remonta 200 anos, ou seja 1764 (Datação, Comércio e Prestação de Serviços LTDA. Relatório de ensaio. São Paulo, 2024, p. 1-3). Nesse tempo o sítio provavelmente contou com a ocupação de variados grupos. Considerando o contexto histórico da região é possível que entre esses estivessem indígenas, africanos, afrodescendentes e colonizadores.

A presença de diferentes grupos domésticos ocupando o sítio arqueológico é um fator determinante da variabilidade. Os diferentes sujeitos produtores de cerâmica que compartilham o espaço atuam sobre a argila empregando elementos do seu universo cultural compondo a cerâmica de barro a partir da influência mutua, interação e/ou negociação. Considerando a tecnologia como um elemento social, que se relaciona com os âmbitos religioso, econômico, político, cultural e simbólico, a variabilidade pode ser desencadeada por mudanças sociais vivenciadas pelos grupos humanos. Devido ao caráter tradicional da tecnologia, isso pode ser percebido através das mudanças ou recorrências nas características formais da cerâmica de barro.

Em relação a isso podemos mencionar o caso do atributo técnica de produção. Na coleção do Santa Clara 02, observamos a maior predominância da técnica acordelada, associada historicamente ao saber-fazer cerâmico indígena e a técnica do torneado, que é visto como um conhecimento inserido pelos colonizadores. É necessário lembrar que no

Seridó a presença de povos indígenas³⁹ compõe a história da região, bem como a recorrência do acordelado na cerâmica arqueológica, conforme apresentado na seção 2.4 desta dissertação. Seria então a predominância do acordelado uma escolha técnica associada a memória seridoense, ao seu saber-fazer cerâmico com influência indígena? Estamos cientes de que não é possível associar diretamente a cultura material a uma matriz étnica apenas, e da enorme generalização de atribuir um aspecto tecnológico à produção indígena, africana ou europeia, uma vez que dentro desses grandes grupos existem inúmeros povos com culturas e identidades heterogêneas, bem como houve frequentes, intensas e variadas interações culturais durante os períodos colonial e imperial. Dessa forma, pontuamos essas associações históricas.

Queiroz (2015) estudando potes de barro do Ceará, mais especificamente uma sociedade agropastoril do semiárido, percebe uma permanência no uso do que ele caracteriza como tratamento de superfície escovado na produção de cerâmica de barro local. Isso seria motivado pela concepção dos consumidores de que potes com escovado conservavam a água mais fria ou a esfriam de forma mais rápida. Portanto, tratava-se de uma pressão do mercado de consumo regional sobre os produtores de cerâmica de barro. O gosto pessoal também influencia o senso comum de que a água do pote de barro é mais fria. A partir de testes em laboratório o autor afirma que não há relação entre o resfriamento e o tratamento de superfície escovado, mas esse significado se estabelece nas relações cotidianas dos sertanejos. Queiroz (2015) afirma que a manutenção do saber e fazer artesanal tradicional funciona como uma resistência a influência da economia mundial através de significados que são próprios de um contexto com modo de vida particular.

Acerca disso, Symanski (2008) pontua:

Finalmente, deve ser considerado que diferentes grupos podem atribuir significados econômicos, sociais e simbólicos diferenciados aos mesmos itens, de modo que a cultura material deve ser contextualmente avaliada. Assim, em contextos determinados, alguns artefatos ou categorias de artefatos podem ter um valor simbólico, o qual será determinante para a afirmação de identidades e a formação da consciência das desigualdades estruturais de um sistema (Kearney, 1995:158). Conforme afirma Kearney (1995:168-169), tais símbolos, quando consumidos, “...nutrem a identidade de classe do consumidor o qual, dessa forma, consome valor de acordo com estratégias de

³⁹ “Os povos indígenas que habitavam a capitania do Rio Grande do Norte dividiam-se entre Potiguares, no litoral, e Tarairiús (Jandui) e Cariris, no interior. O Seridó abrigava cinco grupos: canindés, jenipapos, sücurus, cariris, pegas” (M. Macedo, 2005, p. 35).

resistência – resistência que é freqüentemente integral para a reprodução das diferenças de classe” (Symanski, 2008, p.83).

A funcionalidade ao qual seria destinado o objeto cerâmico no sítio arqueológico é um fator determinante da variabilidade formal. Determinadas funções exigem que os objetos possuam determinadas características que podem diferencia-los dentro de um conjunto. Uma alimentação diversificada, por exemplo, exigiria uma diversificação no formato dos objetos de cerâmica de barro destinados ao âmbito culinário, seja para cozinhar ou consumir os alimentos. No Santa Clara 02 observamos a presença de fuligem e descamação como marcas de uso. Nesse sentido, podemos pensar que as cerâmicas seriam associadas ao âmbito alimentar de cocção, consumo e reserva de comidas e bebidas. Além disso, destacamos a presença de fogueiras na área onde o material cerâmico foi coletado e vestígios zooarqueológicos.

Segundo a historiografia local, as cerâmicas, na forma da quartinha, da jarra e do pote, eram utilizadas para transportar água das cacimbas e poços durante o período das secas e reservar o líquido na casa dos seridoenses. Entre as formas hipotéticas da amostra estão alguns potes que poderiam ser utilizados para reservar água ou para outros fins. Não identificamos quartinha ou jarra, apenas formas que poderiam ser potes. Ou seja, que apresentavam a boca com diâmetro menor que o corpo.

Outro uso possível para a cerâmica de barro no Santa Clara 02 consiste na preparação dos remédios medicinais a partir dos conhecimentos da farmacologia popular, por exemplo chás, compressas, infusões e lambedores. As cerâmicas de barro poderiam ser utilizadas durante a preparação, para levar os remédios ao fogo ou para armazená-los temporariamente.

Outros elementos que podem variar de acordo com a função do objeto cerâmico são as dimensões, antiplástico, tratamento de superfície e a técnica de produção. Determinadas funções podem requerer objetos mais ou menos compridos, mais ou menos espessos, mais largos ou mais estreitos; com determinados tipos de antiplástico distribuídos com frequência, qualidade e tamanho específicos que vão contribuir para a performance do objeto; trabalhados em sua superfície de forma particular e produzidos a partir de uma técnica que vai gerar objetos mais fortes e com menos capacidade de transmitir calor ou mais frágeis e mais propensos a passagem do calor.

Rego (2013) associa as permanências no padrão morfológico nas cerâmicas de barro de Pernambuco desde o século XIX ao XXI ao seu uso, mais especificamente aos

hábitos alimentares. Para isso o autor reflete acerca da manufatura nas olarias, distribuição nas feiras e utilização nas cozinhas dos mesmos de forma a construir uma ponte entre panelas de barro, hábitos alimentares pernambucanos e agentes sociais.

A alimentação sertaneja era rica de diferentes texturas e consistências: sólidas, líquidas, pastosas e coalhadas por exemplo na forma de carnes, massas, bebidas, queijos, doces, frutas, laticínios, raízes, pratos como diferentes tipos de feijão, mugunzá, pirão, paçoca, xerém, fubá, cuscuz, comidas de milho etc. Os hábitos alimentares sertanejos se estabeleciam a partir da opção por uma alimentação substanciosa. Como vimos anteriormente esse é um aspecto da formação social do Seridó. As cerâmicas de barro se relacionam diretamente com esse aspecto através de uma memória gustativa que atribui valor ao sabor do barro. Entre as reconstituições hipotéticas observamos formas abertas e fechadas que poderiam ser destinadas a cocção, armazenamento ou consumo desses alimentos.

Acreditamos que as cerâmicas de barro do sítio arqueológico Santa Clara 02 podem ser classificadas como utilitárias ou de uso cotidiano. Elas seriam destinadas ao âmbito alimentar devido a suas características morfológicas, técnicas e marcas de uso. Em relação a morfologia temos bacia ou tigela, prato ou frigideira, pote ou vaso; sobre as características técnicas observamos tratamento de superfície, antiplástico e dimensões que podem ser associadas a essa função; quanto as marcas de uso podemos pontuar a fuligem e a descamação, respectivamente associadas a cocção e fermentação. Além disso, podemos pontuar o contexto deposicional com a presença de algumas fogueiras onde apareciam vestígios ósseos, louças, vidro e cerâmicas de barro próximos aos restos do alicerce da casa o que poderia funcionar como espaço para processamento e consumo de alimentos. Entretanto, é necessário mencionar que Fontes (2003) pontua a semelhança intra-sítio no perfil técnico das cerâmicas cerimoniais, associadas com enterramentos ou no entorno desses e cotidianas a partir do estudo dos sítios arqueológicos Casa de Pedra, Pedra do Alexandre e Pedra do Chinelo na região do Seridó. Dessa forma, também é possível que as cerâmicas de barro tenham sido utilizadas para outras funções além das que foram mencionadas. Isso poderia justificar a presença de diferentes motivos decorativos em algumas cerâmicas da coleção.

Apesar da fragmentação do material cerâmico do Santa Clara 02 conseguimos observar como tipos de objetos cerâmicos cachimbos, tampas, cabo, assador ou tacho. Com exceção dos cachimbos, os demais objetos se associam ao âmbito culinário. Aqueles

foram historicamente associados pela documentação arqueológica com grupos étnico-culturais afrodescendentes (Lima et al, 1993; Agostini, 2007b; Hissa, 2022). O fragmento de borda que acreditamos ser de um assador ou tacho diferencia-se do restante do conjunto de cerâmicas do Santa Clara 02 pelas dimensões (comprimento, largura e espessura) e pela decoração plástica, é possível que esse corresponda a uma cerâmica de produção indígena. Por questões técnicas não conseguimos realizar a reconstituição hipotética da forma.

O comércio, mais especificamente a compra de objetos cerâmicos de diferentes localidades também pode ser a razão da variabilidade. Isso devido a ampliação das possibilidades de aquisição de objetos cerâmicos com diferentes características formais, como dimensões, decorações, tratamento de superfície etc. cuja compra se relaciona com a necessidade ou gosto pessoal do cliente.

A capitania do Rio Grande estabelecia relações comerciais com as capitanias de Pernambuco, Paraíba, Bahia e Ceará. As feiras funcionavam como espaço para venda e também de compra. As cerâmicas de barro nesse sentido podem ter sido um dos produtos comercializados nessa situação. Esse fator pode ter marcado a circulação do produto, seja a chegada ou importação de cerâmicas de barro externas para o Seridó ou a saída ou exportação de cerâmicas de barro do Seridó para outros espaços.

Ainda dentro dessa lógica, a variabilidade pode estar associada a ocorrência de inovações tecnológicas, como outras possibilidades materiais para a realização das mesmas funções como a louça e o vidro. Em 1808 ocorre a abertura dos portos, evento que modifica o âmbito doméstico com a possibilidade de importações desse tipo de produto.

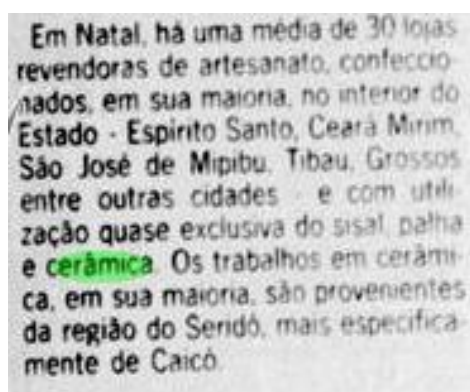
Após refletir sobre hipóteses para a existência da variabilidade, continuemos com a interpretação da coleção de cerâmicas do Santa Clara 02. Comparando a quantidade de cerâmicas de barro com outros materiais arqueológicos como a louça (faiança fina, faiança portuguesa, grés e porcelana) percebemos uma predominância daquelas (Figura 3). Ao longo dos níveis artificiais a presença do material oscila, sendo os níveis 4 e 5 aqueles onde aparecem maiores quantidades de cerâmicas de barro. O nível mais profundo é o 8, o que nos leva a refletir a razão desse comportamento do material (Figura 35). É preciso destacar que o sítio se apresenta revolvido de forma que a coleta de superfície apresentou maior quantidade de material que a escavação.

Considerando as semelhanças presentes nas cerâmicas de barro locais e regionais, acreditamos ser possível falar de um estilo cerâmico seridoense. Esse estilo seria composto por características técnicas comuns nos artefatos que podem estar associadas a uma tradição de produção cerâmica que direciona as escolhas técnicas. Essas características seriam técnica de produção, tratamento de superfície, queima e antiplástico. Quando falamos de tradição de produção cerâmica, não nos referimos ao conceito histórico-culturalista de cultura arqueológica, mas queremos dizer compartilhamento e manutenção de um conhecimento local ou saber-fazer. Seria interessante fazer análise química ou física com foco na diferenciação ou aproximação das pastas para confirmar essa hipótese.

Acreditamos que a origem das cerâmicas do Santa Clara 02 seja de produção local principalmente, mas também de origem externa. A análise bibliográfica dos sítios cerâmicos do Seridó nos mostrou semelhanças em algumas características formais em sítios de cronologias diferentes. Isso pode indicar uma continuidade no modo de fazer cerâmica de barro no Seridó. Acreditamos que o estilo tecnológico seria resultado de escolhas, dentro da cadeia operatória de produção de cerâmica de barro, estabelecidas a partir do contexto econômico, político, cultural e social, como uma tradição local herdada. Nesse sentido, é importante considerar a formação de uma identidade particular apontada pelo discurso regionalista. Assim, é possível que o conjunto de características semelhantes percebidas, dentro da variabilidade de cada sítio arqueológico componha o estilo tecnológico seridoense, no qual estão inseridas as cerâmicas do Santa Clara 02 e que todas sejam fruto de uma autonomia material da região.

Podemos pensar também em relação ao contexto colonial, onde a necessidade cotidiana ligada as práticas alimentares ou de consumo e a dificuldade de acesso de objetos caminhariam juntas, uma vez que a abertura dos portos vai acontecer apenas em 1808, ocasionando a presença de cerâmicas de barro com tais características. Ainda em relação a hipótese de uma produção local, o jornal Diário de Natal em edição de 05 de janeiro de 1980 publica notícia acerca do artesanato regional, onde destaca a produção de cerâmica do Seridó, mais especificamente de Caicó como principal local de origem (Figura 99).

Figura 99: Diário de Natal (1980).



Fonte: Hemeroteca Digital (2024).

Produção essa que perdurou. Mesmo atualmente, década de 20 do século XXI, existem produtores de cerâmica espalhados pelo Seridó do Rio Grande do Norte produzindo objetos destinados a diversas finalidades. É importante destacar que trata-se de um elemento da cultura local que apesar de diminuído, não foi apagado com a passagem do tempo e com o surgimento de produtos destinados aos mesmos fins.

Em relação a origem externa, considerando a ação dos tropeiros mascates que levavam produtos aos diversos lugares e a existência das feiras onde o gado, mas também outros produtos eram comercializados, elementos associados com a economia pecuária e sua necessidade de movimento. É também possível que as cerâmicas do Santa Clara 02 estejam associadas a essa origem e que o consumo seja o caminho para entender essa materialidade. O Seridó estabelecia relações comerciais com as capitanias de Pernambuco, Paraíba e Ceará. Em relação a origem, é interessante observar a diferença de valoração entre algo que é produzido interna ou externamente a região. Geralmente o que é externo recebe maior reconhecimento.

A historiografia seridoense destaca a presença da cerâmica de barro na região do Seridó, em relação ao uso e produção desse material no cotidiano. Nesse sentido, é possível pensar nas possibilidades de uma produção local, relacionada a uma autonomia material, mas também na compra desse material através do comércio com outras capitanias através das feiras. Ambas as situações podem apontar para uma expressão, a primeira de forma mais direta, uma vez que seria desempenhada pelas próprias pessoas; a segunda, por sua vez seria desempenhada a partir do consumo, ou seja das escolhas particulares.

O emprego da ideia de estilo tecnológico como expressão da identidade do Seridó apresenta limites e possibilidades. Em relação aos limites podemos citar o fato de que os estudos de cerâmica por muito tempo foram reféns de procurar uma categoria teórica/analítica, por exemplo função, estilo, fase, tradição e acabavam se prendendo a ela em conflitos infinitos de ideias que não contribuíam em responder à questão principal acerca da razão da variabilidade entre os artefatos. É necessário que a discussão seja aprofundada para validar ou não a hipótese de existência de um estilo tecnológico seridoense. Algumas dessas ciências são a arqueologia (experimental, arqueometria), a antropologia, a etnografia, a história etc. Além disso, podemos mencionar que a ideia de estilo traz associado o sentido de restrição, homogeneidade e congelamento, o que é difícil associar a tecnologia, uma vez que essa está sempre em adaptação. Outro limite, entre as que podemos pensar é a pressuposição de uma adoção consciente, o que necessita ser investigado para que não se torne na verdade uma definição externa. Por último, citamos a definição de quais fatores definiriam um estilo tecnológico.

Já quanto às possibilidades do uso do conceito de estilo tecnológico aplicados a região do Seridó do RN podemos mencionar o valor simbólico e não apenas utilitário que pode ser associado com a cerâmica de barro. Além disso, trabalhar com estilo faz requerer uma descrição do material arqueológico, aspecto que tem sido demonizado pela arqueologia, etapa importante no processo de tentativa de entendimento do passado, que pode ser seguida por exemplo pela classificação, atribuição de significado etc. O uso da categoria conceitual/analítica de estilo tecnológico permite uma relação entre as pessoas, a tecnologia e o meio ambiente associando as dimensões social, material e natural. Também contribuiria para diminuir a generalização em torno do conceito de cerâmica neobrasileira e produzir uma descrição mais precisa acerca da cerâmica de produção local. Podemos mencionar ainda a ideia de uma resistência a economia mundial fruto de uma lógica particular de modo de viver, elemento que contribuiria para combater estereótipos de congelamento ou adoção sem reflexão dos produtos industrializados.

Considerações finais

A história de formação da atual região do Seridó aponta as casas de fazenda como elementos importantes do espaço. Elas vão compor sítios arqueológicos históricos que trazem informações acerca da ocupação da área. O Santa Clara 02 corresponde a um desses sítios, com vestígios do alicerce de uma habitação. A datação obtida a partir do material cerâmico foi 1764. Fazendo relação com o contexto, o sítio estaria inserido no processo de repovoamento do Seridó, após o fim da Guerra dos Bárbaros. É necessário destacar que Caicó, a principal municipalidade da região do Seridó, tornou-se cidade no ano de 1788. O sítio arqueológico Santa Clara 02 já estava ativo no ano de 1764, portanto, possivelmente faz parte dos momentos iniciais da história da região.

Considerando o Seridó como um dos sertões que compõem o território brasileiro, possuidor de uma identidade construída e reconstruída a partir das experiências histórico-culturais, acreditamos que as cerâmicas de barro do Santa Clara 02 e de outros sítios arqueológicos locais possam compor um elemento informativo acerca da identidade seridoense, que se expressaria na forma de refletir, produzir, utilizar e/ou consumir essa materialidade.

A cerâmica de barro é um material que acompanha a história da arqueologia brasileira, tendo sido trabalhada a partir de diferentes frentes teóricas, metodológicas e temáticas. A perspectiva adotada nesse trabalho consiste em pensar a cerâmica de barro como elemento tecnológico, a partir das tradições anglo-americana e francesa. Com a constatação da diferença de características formais dessa classe de material durante o trabalho de laboratório, decidimos utilizar os conceitos de variabilidade e estilo tecnológico para caracterizar a amostra coletada em campanhas de escavação e coleta de superfície e entender seus possíveis sentidos. Realizamos também uma revisão bibliográfica dos trabalhos de outros pesquisadores envolvendo cerâmicas, observando sobretudo as caracterizações das amostras na intenção de perceber semelhanças e diferenças. Isso nos possibilitou ter uma ideia geral acerca das características das cerâmicas no Seridó, de forma que lançamos a hipótese de um possível estilo tecnológico seridoense.

Fazendo um resumo daqueles elementos mais predominantes no material de escavação do Santa Clara 02, obtivemos: a parte do objeto que mais aparece são

fragmentos de paredes, a técnica de produção mais frequente é o acordelado; o antiplástico predominante é do tipo mineral félsico; a queima produz núcleos principalmente de cor uniforme escura; as cerâmicas apresentam principalmente superfícies de cor vermelha; de modo geral o estado de conservação é bom em ambas as faces; as marcas de produção mais recorrentes são estrias de alisamento em ambas as faces; as marcas de uso mais recorrentes são fuligem externa em ambas as faces; o tratamento de superfície mais predominante é o alisado com banho vermelho; a técnica de decoração plástica principal é o escovado face externa; o motivo decorativo mais frequente é escovado fino unidirecional regular; o tipo de apêndice mais comum é asa; a principal forma da borda é direta; a inclinação predominante da borda é vertical; o espessamento predominante da borda é normal; o diâmetro de borda mais recorrente é de 18 centímetros; o tipo de lábio mais comum é o arredondado; o comprimento predominante é de 3 centímetros; a largura, de 2 centímetros e a espessura, de 0,5 centímetros.

O atributo tratamento de superfície apresenta alta variação, se expressando nas formas: alisado, banho vermelho, engobo vermelho, engobo branco, vidrado, polido, brunido. A técnica de decoração plástica apresenta baixa variação, se expressando nas formas: escovado, inciso, ponteadado, digitado e dígito-ungulado. Os motivos decorativos compostos por essa técnica, entretanto, são muito variáveis, tendo sido identificados 20 tipos. A técnica de produção predominante é o acordelado, apresentando baixa variação. A coloração da cerâmica se dispõe de forma variável, se expressando nas formas: avermelhado, marrom, cinza, preto, ocre, amarelado. O antiplástico predominante é o mineral, possuindo baixa variação; o que varia é o tipo, tamanho e distribuição dos grãos que o compõem. Em relação às dimensões, a amostra se apresentou muito fragmentada: o comprimento variou entre 3 e 29 centímetros, a largura variou entre 1 e 24 centímetros, a espessura variou entre 0,2 e 2,5 centímetros e o diâmetro de borda variou entre 8 e 24 centímetros. Por isso, consideramos alta expressão de variabilidade intra-sítio.

Em relação aos sítios cerâmicos localizados, dentro dos limites dos dados acessados, podemos sumarizar alguns padrões. Nos sítios arqueológicos pré-coloniais do Seridó do RN Pedra do Alexandre, Pedra do Chinelo, Furna do Umbuzeiro, Baixa do Umbuzeiro, Alto dos Marcolinos e Meggers III, alguns elementos técnicos comuns nos trabalhos mencionados são por exemplo o antiplástico com aditivo de areia, o modo de produção acordelado, queima redutora ou oxidante e o tratamento de superfície alisado.

A forma elipsóide-horizontal aparece em alguns sítios, assim como a técnica de decoração plástica escovado e inciso, a técnica de decoração cromática pintado na cor vermelha e pintado na cor branca, o tratamento de superfície engobo na cor vermelha. Os sítios arqueológicos Pereira II, Meggers I, Casa de Pedra e Baixa do Umbuzeiro II apesar de não ter datação associada compartilham as características mencionadas.

Nos sítios arqueológicos históricos do Seridó Fazenda Belém, Culumins e Totoró algumas características comuns são a técnica de produção acordelado; os tratamentos de superfície alisado, polido e banho vermelho; as técnicas de decoração plástica escovado e inciso; o antiplástico mineral com quartzo e feldspato e a queima do tipo oxidante. Os sítios arqueológicos multicomponenciais Ramada 02 e Aldeia da Serra de Macaguá I apresentam como características comuns técnica de produção acordelada, tratamento de superfície alisado e o antiplástico mineral.

Pensando em diferenças em relação ao conjunto de cerâmicas do Santa Clara 02 e de outros sítios cerâmicos da região nós elencamos alguns elementos: a inexistência de pintura no material do SC02 e a presença em sítios de cronologia mais recuada; a presença de grande quantidade de fragmentos brunidos no SC02, maior do que a quantidade de fragmentos polidos, enquanto nos outros sítios o polido é mais comum, estando o brunido presente em apenas um sítio arqueológico entre os descritos; além das técnicas de decoração plástica inciso e escovado que se apresentam em grande número, o que não acontece de forma expressiva nos outros sítios mencionados, aparecem também o ponteadado, o digitado e o dígito-ungulado nas cerâmicas de barro do Santa Clara 02.

Destacamos ainda, os motivos decorativos. Apesar da diferença das técnicas de decoração, plástica no caso do Santa Clara 02 e cromática no caso do sítio arqueológico Aldeia da Serra de Macaguá I, semelhança entre os motivos envolvendo linhas e pontos, mais especificamente “Inciso arco tracejado”, “Inciso linhas e pontos” e “Inciso linhas convergentes com ponteadado” e o motivo representado na Figura 16. Além disso, o motivo “Inciso arcos convergentes” com a incisão representada na Figura 25a, presente no sítio arqueológico Culumins e na Figura 25f, presente no sítio Ramada 02. E o “Inciso zigue-zague” com a incisão representada na Figura 25b, presente no sítio Pedra do Chinelo.

Em relação as semelhanças o acordelado como técnica de produção predomina no SC02 e em todos os sítios elencados; a presença do tratamento de superfície alisado de forma expressiva é comum entre as cerâmicas do SC02 e dos outros sítios da região; outro

tratamento de superfície que aparece no Santa Clara 02 e em outros sítios da região é o engobo na cor branca e na cor vermelha; existe uma semelhança também no que tange a queima, onde os tipos oxidante ou redutora que aparecem no Santa Clara 02 tem grande expressão em outros sítios da região. Portanto, as diferenças são mais quantitativas do que qualitativas e por isso acreditamos que as cerâmicas do Santa Clara 02 convergem com esse panorama do Seridó. Por outro lado, não deixamos de ressaltar a variabilidade intra-sítio, que se expressa nas diferentes características formais como a coloração da cerâmica, os tratamentos de superfície, as técnicas de decoração plástica, motivo decorativo e as dimensões (comprimento, largura, espessura e diâmetro da borda) dos fragmentos.

O presente trabalho não teve a intenção de esgotar os estudos em torno do sítio arqueológico Santa Clara 02 e do material cerâmico. Nesse sentido, algumas ações que podem ser realizadas em outras pesquisas são: análise combinada de outros vestígios arqueológicos como faianças finas, faianças portuguesas, grés, porcelana, vidro, lítico e ossos de forma a ter uma dimensão geral da materialidade; análise do material dos adensamentos estabelecidos na coleta de superfície, o que poderia informar acerca das diferentes áreas funcionais do sítio arqueológico; realização de um trabalho etnográfico nas feiras ou outros espaços de produção cerâmica atuais, de forma a perceber continuidades e mudanças e a realização de uma discussão acerca da produção cerâmica do Seridó como patrimônio cultural tradicional; analisar as cerâmicas de barro de outros sítios arqueológicos, buscando em relatórios de prática arqueológica em empreendimentos de licenciamento ambiental ou outras fontes, realizando uma comparação mais ampla acerca do estilo tecnológico seridoense; realizar trabalhos combinados com outras ciências como a etnografia, a história, a química através da arqueometria, sedimentologia, petrografia e a arqueologia experimental para fortalecer a hipótese de um estilo tecnológico seridoense; busca por documentação histórica que ajude a refletir quem eram as pessoas que ocuparam o sítio; correlação entre os hábitos alimentares e a cerâmica de barro, buscando entender a dimensão social da tecnologia.

Mesmo sem esgotar as possibilidades analíticas e interpretativas de um possível estilo seridoense de se fazer cerâmicas, esse trabalho consiste em uma contribuição para a história da região do Seridó do RN, uma vez que a cerâmica de barro se conecta com a ocupação da região, com as identidades, atividades econômicas, seja a subsistência, as trocas e/ou redes de comércio das populações de produtores ou consumidores que ali se

desenvolveram. Nesse sentido, trazemos uma contribuição em forma de reflexão sobre a produção e uso dessa materialidade na região, que pode ter funcionado como uma importante atividade econômica.

Referências bibliográficas

Agency and individuals in long term processes. In: Marcia Anne Dobres y John E. Robb eds. **Agency in Archaeology**, 2000: Routledge, Londres. Traducción: Matías Lepori, 2016.

AGOSTINI, C. RESISTÊNCIA CULTURAL E RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: UM OLHAR SOBRE A CULTURA MATERIAL DE ESCRAVOS DO SÉCULO XIX. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2007(b). Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2063>. Acesso em: 9 jan. 2025.

AGOSTINI, Camilla. Padrões de decoração em vasilhames cerâmicos no Rio de Janeiro, século XIX. **Revista de Arqueologia**, 11: 15-25, 1998a.

ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza. **A Faiança Portuguesa**: Demarcador Cronológico na Arqueologia Brasileira. Dissertação. Programa da Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 1992.

ALENCAR, Júlio César Vieira de. **Para que enfim se colonizem esses sertões**: a câmara de Natal e a guerra dos bárbaros (1681-1722). Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2017.

ALLEN, S; REGO, H.M. O gosto do barro: memória culinária e morfologia das cerâmicas utilitárias de Pernambuco. **Vestígios**, v. 9, n. 2, p. 9-32, Julho- Dezembro. 2015.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Uma Leitura Etnogeográfica do Brasil Sertanejo. **GeoTextos**, vol. 18, n. 2, dezembro 2022.

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.

AMARAL, Daniella Magri. **Loiça de barro do Agreste**: um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana. 2012. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ARAÚJO, F. S. G.; MIGUEL, J. D. Arquitetura rural e cultura sertaneja no Rio Grande do Norte. **Encontro de História da Arte**, Campinas, SP, n. 4, p. 43–54, 2008.

Arqueorocha. Reprospecção Arqueológica na Área da Bacia Hidráulica Barragem Oiticica. **Relatório final - volume 1**. Mossoró/RN, abril de 2019.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. **Entre a cultura e a política**: uma geografia dos "currais" no sertão do Seridó Potiguar. 2007. 476 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

BARGA, Carlos; DAL FABBRO, Thainá; REIS, Elton Aparecido Prado dos. Cerâmica Vermelha: definição e aplicação. **ETIC**, 2016.

BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; BETANCOURT, Carla Jaimes (org.). **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia**: rumo a uma nova síntese. Belém: IPHAN, 2016.

BEZERRA, José de Anchieta Alves. **A Pecuária e sua importância para o repovoamento do Seridó (do final do século XVII ao final do século XVIII)**. Monografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005.

BINFORD, L. Styles of style. **Journal of Anthropological Archaeology**, 8: 51-67. 1989.

BINFORD, Lewis R. **Em busca do passado: decifrando o registro arqueológico**. Editorial crítica: Barcelona, 1988.

BORGES, Ariane Magda. **Vernaculares: a casa de fazenda seridoense do século XIX como exemplo de adaptação ao clima semiárido**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Tecnologia, Departamento em Arquitetura. Natal. 2016.

BORGES, Fábio Mafra. **Os Sítios Arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro: caracterização de um padrão de assentamento na área arqueológica do Seridó Carnaúba dos Dantas RN, Brasil**. 2010. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

BRANCANTE, Eldino da Fonseca. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo, 1981.

CARDOSO, Rosemary Aparecida. **Resistência indígena na capitania de Pernambuco: estudo sobre o contato através da tecnologia cerâmica na Sesmaria Jaguaribe no Litoral Norte**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2018.

CARR, C. Building a unified middle-range theory of artifact design – historical perspectives and tactics. In: CARR, C.; NEITZEL, J.E. (Eds.). **Style, society and person: archaeological and ethnological perspectives**. New York: London Plenum Press, 1995. p. 151-170.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão** [recurso eletrônico]. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. O uso do conceito de identidade na Arqueologia. **Clio Arqueológica**. v. 23, n. 1, 2008.

CHILDS, S. Terry. Style, Technology, and Iron Smelting Furnaces in Bantu-Speaking Africa. **Journal of Anthropological Archaeology**, n.10, p. 332-359, 1991.

CHMYZ, Igor. (1976) Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, 1(1):119-147.

COPE, S. M. ; ROSA, C. A. D. B. A Arqueologia como uma prática interpretativa sobre o passado no presente: perspectivas teórico-metodológicas. In: Céli Regina Jardim Pinto; Cesar A. Barcellos Guazzelli. (Org.). **Ciências Humanas: Pesquisa e Método**. 1ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. v. I, p. 97-124.

COUTINHO, Ana Catarina Alves; FARIAS, Mayara Ferreira; FERREIRA, Lissa Valéria Fernandes. Louças de Barro como Patrimônio Cultural? Um estudo na comunidade Quilombola Negros do Riacho – Currais Novos/RN. **Revista Turydes: Turismo y Desarrollo**, n. 26, junio/junho 2019.

CRUZ, Maria da Conceição; CORREIA, Virgílio Hipólito. **Cerâmicas utilitárias**. Instituto dos Museus e da conservação, 2007.

DEETZ, James. **In small things forgotten: an archaeology of early american life.** Anchor Books: EUA, 1996.

DIAS JR., Ondemar. A cerâmica Neo-Brasileira. In: Arqueo-IAB. Textos Avulsos, nº 1. Rio de Janeiro: **IAB**, 1988, p. 03-19.

DIAS, A.S., SILVA, F.A. Sistema tecnológico e estilo: as implicações desta interrelação no estudo das indústrias líticas. do sul do Brasil. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 11: 95-108, 2001.

DIAS, Adriana Schmidt. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Belém, v. 2, n. 1, p. 59-76, jan-abr. 2007.

DINIZ, Marco Túlio Mendonça; MEDEIROS, Diogo Bernardino Santos de; OLIVEIRA, George Pereira de. Condicionantes naturais e distribuição espacial das economias fundantes do Rio Grande do Norte: sucroultura e pecuária nos séculos XVII e XVIII. **Revista GeoUECE**, Fortaleza/CE, v.4, nº 7, p.126-152, jul./dez. 2015.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Velhas fazendas da Ribeira do Seridó**. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

DOMINGO, Inés; BURKE, Heather; SMITH, Claire. A documentação arqueológica de sítios pré-históricos. In: _____. **Manual do campo do arqueólogo**. Barcelona: Ariel, 2015. p. 253-318.

DOMINGO, Inés; BURKE, Heather; SMITH, Claire. La búsqueda de yacimientos. In: _____. **Manual do campo do arqueólogo**. Barcelona: Ariel, 2015. p. 100-133.

DOMINGO, Inés; BURKE, Heather; SMITH, Claire. Técnicas básicas de excavación. In: _____. **Manual do campo do arqueólogo**. Barcelona: Ariel, 2015. p. 179-252.

DRUC, Isabelle; CHAVEZ, Lisenia. Pastas cerâmicas em lupa digital: componentes, textura e tecnologia. Wisconsin: Deep University Press, 2014.

DUARTE, Francisco Wellington. Reflexões sobre o Processo Histórico de Formação do Rio Grande Do Norte. **Revista de Economia Regional Urbana e do Trabalho**, v. 10, n. 2, (2021). pp. 47-64.

ELOISE DA SILVA, Tatiane. Negócios do Sertão: Economia Rural e Circuitos Mercantis na Vila do Príncipe (Capitania do Rio Grande do Norte, Séc. XVIII). **X Congresso de História Econômica**. São Paulo, 2019.

ETCHEVARNE, Carlos. Cerâmica Vermelha Fina, Do Século XVII, Em Salvador Da Bahia. **Clio**, 2011.

FAGUNDES, Marcelo. O conceito de estilo e sua aplicação em pesquisas arqueológicas. In: DINIZ, José Alexandre Filizola (ed). **Canindé**, Xingó, nº4, dez 2004.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte**. Sebo vermelho: Natal, 2009.

FONTES, Mauro Alexandre Farias. **A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do Seridó/RN**. 2003. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

FORMIGA, Felipe L.; ANDRADE, Jean C. S.; ARAÚJO, Pedro A. S.; MACEDO, Daniel A. de; MARTINELLI, Antônio E.; NASCIMENTO, Rubens M. do; PASKOCIMAS, Carlos A. Indústrias Cerâmicas da Região do Seridó (RN): Panorama Sócio-econômico e Caracterização Tecnológica de Matérias-primas. **Cerâmica Industrial**, 18 (4) Julho/Agosto, 2013.

GAMBLE, Clive. Conceitos básicos. In: _____. **Arqueologia básica**. Barcelona: Ariel Pré-história, 2002. p. 57 a 83.

GOMES, Francisco B. Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural. **Arqueologia & História**, Vol. 70, 2020.

GOSSELAIN, O. P. Materializing identities: an African perspective. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 7, n. 3, p. 187-217, sep. 2000.

HCOUTINHO, pesquisa e desenvolvimento. **Relatório parcial 1**. Resgate arqueológico e educação patrimonial na área da bacia hidráulica da barragem de Oiticica, municípios de Jardim de Piranhas, São Fernando e Jucurutu, no Rio Grande do Norte. Teresina/PI, fev. 2022.

HCOUTINHO, Pesquisa e Desenvolvimento. Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial na Área da Bacia Hidráulica da Barragem de Oiticica, municípios de Jardim de Piranhas, São Fernando e Jucurutu, no Rio Grande do Norte. **Relatório final** – volume i – Contextos, Metodologias de Campo/Laboratório e Síntese dos Dados por Tipologia de Material. Teresina/PI, junho de 2022.

HEPP, Mauricio. **A emergência e dispersão do caraipé na cerâmica arqueológica da Amazônia e cerrado brasileiro: temporalidade, relações sociais, identidade, resistência e cultura material**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Fafich, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belo Horizonte, 2021.

HEPP, Maurício; AZEVEDO, Paula de Aguiar Silva; MONTEIRO, Victor Gomes. Práticas e usos da cerâmica artesanal na senzala do Colégio dos Jesuítas. In: SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; Flávio dos Santos Gomes (Org.). **Arqueologias da escravidão e liberdade: Senzalas, Cultura material e pós-emancipação na Fazenda do Colégio, campos dos Goytacazes, séculos XVIII a XX**. Brazil Publishing, 2019.

HISSA, Sarah de Barros Viana. **Os cachimbos barrocos: materialidades arqueológicas entre o sagrado, o artístico e a vida vivida**. 33ª Reunião Brasileira de Antropologia. 2022.

HODDER, Ian. **Interpretação em Arqueologia**. Crítica: Barcelona, 1994.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **História**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/sao-fernando/historico>. Acesso em: 17/06/2024.

JOHNSON, Mathew. **Teoría arqueológica: una introducción**. Tradução de Josep Ballart. Barcelona: Ariel Historia, 2000.

JONES, S. **The Archaeology of ethnicity: constructing identities in the past and present**. Londres: Routledge, 1997. 180 pp.

LAMARTINE, Juvenal. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.

LAMARTINE, Oswaldo. **Sertões do Seridó**. Brasília: 1980.

LANATA, José Luis; GURÁIEB, Ana Gabriela. **Las bases teóricas del conocimiento científico**. 2005.

LECHTMAN, Heather. Tejido y metal: la cultura de la tecnología. In: FLORES ESPINOZA, Javier F., (ed.) **El hombre y los Andes**. Lima: PUCP, 2002. p. 437-251.

LEEuw, Sander van der. Giving the potter a choice: conceptual aspects of pottery techniques. In: LEMONNIER, Pierre. **Technological Choices: Transformation in material cultures since the Neolithic**. New York: Routledge, 2006.

LEMONIER, Pierre. **Mundane Objects: Materiality and Non-verbal Communication**. Estados Unidos: LEFT COAST PRESS, 2012.

LEMONIER, Pierre. **Technological choices: transformation in material cultures since the neolithic**. New York: Routledge, 2006.

LEROI-GOURHAN, André. **Evoluções e técnicas: o homem e a matéria**. Tradução de Fernanda Pinto Basto. v. 1. ed. 2. Lisboa: Edições 70, 1971.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra: memórias e ritmos**. Tradução de Emanuel Godinho. v. 2. Lisboa: Edições 70, 1965.

LIGHTFOOT, Kent G. Culture contact studies: redefining the relationship between prehistoric and historical archaeology. **American Antiquity**, Vol. 60, No. 2 (Apr., 1995), pp. 199-217.

LIMA, Ana Rosa Silva. **Os Traços no Barro e o Barro nos Traços: a Variabilidade Artefactual de Cerâmicas e Cachimbos Escavados do Quintal da Casa de Chica da Silva, em Diamantina – MG**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2022.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.-abr. 2011.

LIMA, Tania Andrade; BRUNO, Maria Cristina O.; FONSECA, Marta P. R. da. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, Séc. XIX: fazenda São Fernando, Vassouras, RJ Exploração arqueológica e museológica. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 179–206, 1993.

LOPES, Fátima Martins. Potiguara, franceses e portugueses: disputa pelo litoral. In: LOPES, Fátima Martins. **Índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte**. Natal, RN: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2003, p. 57-82. Disponível: <https://indiosnonordeste.com.br/wp-content/uploads/2014/11/182061675-Indios-Colonos-e-Missionarios.pdf>.

LYRA, A. Tavares de. **Domínio holandês**. História do Rio Grande do Norte. 3ª ed. Natal, RN: EDUFRN, 2008, p. 67-125.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Colonos Portugueses e Luso-Brasílicos na Formação de Agrupamentos Familiares na Freguesia do Seridó (1788-1811). **CLIO – REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA**, n. 29.2 (2011).

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó: Historicidade e Produção do Território. **Rev. Espacialidades** [online]. 2008, v. 1, n.0.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Outras famílias do Seridó: genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (séculos XVIII-XIX)**. Recife, 2013. 360 f. Tese (doutorado) - UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, 2013.

MACÊDO, Muirakytan K. de. **A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense**. Natal - Campina Grande: EDUFRN- EDUEPB, 2012. 238 p.

MACÊDO, Muirakytan K. de. Áridos Cabedais: Família, Patrimônio e Cotidiano na Ribeira do Seridó Colonial. **XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, 2009.

MACÊDO, Muirakytan K. Tratos e Caminhos da Capitania do Rio Grande do Norte: Comércio e Consumo na Ribeira do Seridó. **EMBORNAL**. Fortaleza, Vol. VIII, Nº 16 – julho - dezembro, 2017.

MACHADO, Juliana Salles. Os significados dos sistemas tecnológicos: classificando e interpretando o vestígio cerâmico. **Arqueologia Sul-americana**. 2007.

MAGESTE, L.E.C.; LOURES OLIVEIRA, A. P. P. Dicotomia ou complementaridade? O eterno debate acerca dos conceitos de estilo e função. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 11: 125-131, 2011.

MANFRINI, Marcelo. **Cacos fragmentados em uma sociedade conectada: Produção e distribuição de cerâmica utilitária na São Paulo colonial**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

MARTÍN, Andrea Moreno; SANTOS, David Quixal. BORDES, BASES E INFORMES: EL DIBUJO ARQUEOLÓGICO DE MATERIAL CERÁMICO Y LA FOTOGRAFÍA DIGITAL. **Arqueoweb**, 14, 2012-2013.

MCGUIRE, Randall H. Edificando o poder na paisagem de cultural do condado de Broome, Nova York (1880-1940). **Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**. v. 2, n. 2. Jul – Dez 2008.

MEDEIROS, Maria Eduarda Soares Dias de; PEREIRA, Lourdes Castro. **Análise de fragmentos de cerâmica histórica do sítio arqueológico Ramada 02, em São Fernando, Rio Grande do Norte**. In: V Jornada Nacional de História dos Sertões - Caicó-RN, 2022. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/anais/jnhs2022/trabalho/251382>>.

MILLER, Tom Oliver. Arqueologia no Rio Grande do Norte: balanços e perspectivas. In: **Arqueologia do Rio Grande do Norte: balanços e perspectivas**. Organizadoras: Márcia Severina Vasques, Francisca Miller. Natal, RN: EDUFRN, 2021.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão: um outro geográfico, **Terra Brasilis**, 4 – 5, 2003.

MORAES, Camila Azevedo de. **Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo**: um estudo de variabilidade artefactual. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2007.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Seridó Norte-rio-Grandense: Reestruturação e planejamento Regional. **XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**. Salvador, 2005.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia da resistência [recurso eletrônico]. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2020.

MORALES, Walter Fagundes. A cerâmica “Neo-Brasileira” nas Terras Paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na Vila de Jundiá do século XVIII. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, S. Paulo, 77: 165-187, 2001.

MUNIZ, Tiago Silva Alves; GOMES, Denise Maria Cavalcante. Identidades materializadas na Amazônia colonial: a cerâmica dos séculos XVIII e XIX do sítio aldeia, Santarém, PA. **Vestígios**. V. 11, N. 2, Jul – Dez 2017.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. **Politeia: História e Sociologia**, Vitória Conquista, v. 3, n. 1, p. 153-162, 2003.

NIMUENDAJU, Curt. **Journal de la Société des Américanistes**. 1936.

NOELLI, Francisco Silva; SALLUM; Marianne. Para cozinhar...: as panelas da cerâmica paulista. **Habitus**. Goiânia. v. 18, n. 2, p. 501-538, jul./dez. 2020.

NOGUEIRA, Monica Almeida Araújo. **A cerâmica tupinambá na serra de Santana-RN**: O sítio arqueológico aldeia da serra de Macaguá I. Recife, 2011. 194 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, 2011.

Nogueira, Mônica Almeida Araújo. **Ocupações pré-históricas a céu aberto no Vale do Rio da Cobra** – Carnaúba dos Dantas e Parelhas – RN. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Recife, 2017.

OLIVEIRA, Cláudia Alves de. **Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no sudoeste do Piauí** – Brasil. 2000. 301 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Karla Bianca da Silva. **Escravidão e terras de criar gado em um lugar denominado sertão**: uma arqueologia das moradas de casas e miudezas cotidianas do Seridó Potiguar, séculos XVIII e XIX. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

ORTON, Clive; HUGHES, Michael. **Pottery in Archaeology**. Cambridge University Press: London, 2013.

- PACHECO, M. L. A. F. As diferentes abordagens sobre estilo e função em arqueologia. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 48/49, p. 389-425, 2008.
- PANACHUK, L; CRUZ, D. **Documento de Trabalho Scientia**. Belém, 2010.
- PANICH, Lee M. Archaeologies of persistence: reconsidering the legacies of colonialism in native North America. **American Antiquity**, v. 78, n. 1, 2013, pp. 105–12.
- PEIXOTO, Sílvia; NOELLI, Francisco; SALLUM, Marianne. De São Vicente a Jacarepaguá: uma genealogia de mulheres Tupiniquim e a itinerância da Cerâmica Paulista. **Cadernos do Lepaarq**, v. XIX, n.37, p. 326-355, Jan-Jun. 2022.
- POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: ed. UNESP, 1998.
- PUNTONI, Pedro. **A guerra dos bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720**. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.
- QUEIROZ, Luiz Antonio Pacheco de. **Água Fria é no Pote do Cariri Cearense**. 2015. 266 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.
- REBELLATO, Lilian. **Interpretando a Variabilidade Cerâmica e as Assinaturas Químicas e Físicas do Solo no Sítio Arqueológico Hatahahra - AM**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, 2007.
- REEDY, C.; REEDY, T. Relating visual and technological styles in Tibetan sculpture analysis. **World Archaeology**, 25 (3): 304-320, 1994.
- REGO, Herbert Moura. **As panelas de barro de Pernambuco – do século XIX ao XXI**. Recife, 2013. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- RENFREW, C. e BAHN, P. **Arqueologia: teorias, métodos y práctica**. Madrid: Akal, 2000.
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Que queda? La variedad de la evidencia. IN: _____. **Arqueología: Teorias, métodos y Práctica**. Madri: Akal, 2000.
- RICE, P. M. (1987). **Pottery Analysis**. Chicago: The University of Chicago Press. Chicago and London.
- ROBRAHN GONZÁLEZ, E. M. (1998). Teoria e métodos na análise cerâmica em Arqueologia. **Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia**, (8), 287-294.
- RUNCIO, María Andrea. Estilo y Decoración: Metodología para el Relevamiento de Vasijas Cerámicas de la Quebrada de Humahuaca (Provincia de Jujuy, Argentina). **Arqueología y Sociedad**, nº 30, 2015: 239-255.
- RYE, Owen S. **Pottery Technology**. Washington: Taraxacum, 1981.
- SACKETT, J. R. Meaning of style in archaeology: a general model. **American Antiquity**, v. 42, n. 3, p. 369-380, 1975.

SALDANHA, Diógenes Santos; JUNIOR, Juscelino Aguiar dos Santos. **Práticas arqueológicas no Seridó Potiguar: um estudo sobre a materialidade na Fazenda Belém Acari/RN**. In: V Jornada Nacional de História dos Sertões - Caicó-RN, 2022. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/anais/jnhs2022/trabalho/249086>>.

SANTOS, Evandro. Memória, escrita de si e identidade nos sertões: ensaio sobre a busca por novas alteridades nas fronteiras. **Projeto História**, São Paulo, v. 69, pp. 347-381, Set.-Dez., 2020.

SANTOS, R. J. dos; MEDEIROS, R. P. de; CASTRO, V.M.C.de. Estudo Etnoarqueológico da Cerâmica Utilitária do Município de Tracunhaém, Pernambuco. **Fumdhamentos**, (2017), vol. XIX. PP. 100-129.

SCHIFFER, M. B.; SKIBO, J. M. The explanation of artifact variability. **American Antiquity**, v. 62, n. 1, 1997.

SCHIFFER, Michael B. Contexto arqueológico y contexto sistêmico. **Boletín de Antropología Americana**. n. 22. 1990. p. 81-93.

SCHUSTER, Adriana Jussara. **Variabilidade Cerâmica do Sítio Cipó – AL, XINGÓ**. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

SENA, Vivian Karla de. **Reconsiderando a materialidade no sítio arqueológico Macaguá I**. Recife, 2013. 277 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, 2013.

SHEPARD, A. O. (1956). **Ceramics for the Archaeologist**. Washington D.C.: Carnegie Institution of Washington.

SILVA, Cliverson Gilvan Pessoa da. **Os contextos arqueológicos e a variabilidade artefactual da ocupação Jatuarana no alto rio Madeira**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Pará, 2015.

SILVA, Fabíola A.; APPOLONI, Carlos R.; QUIÑONES, Fernando R. E.; SANTOS, Ademilson O.; SILVA, Luzeli M. da; BARBIERI, Paulo F.; NASCIMENTO FILHO, Virgílio F. A arqueometria e a análise de artefatos cerâmicos: um estudo de fragmentos cerâmicos etnográficos e arqueológicos por fluorescência de Raios X (EDXRF) e transmissão Gama. **Revista de Arqueologia**, 17: 41-61, 2004.

SILVA, Fabíola Andrea da. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Cateté. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas. Belém/PA, v. 2, n. 1, p. 91-103, jan-abr. 2007.

SILVA, Fabíola Andréa. As tecnologias e seus significados. **Canindé**, Xingó, n. 2, dez 2002.

SILVA, Fabíola Andréa. **As tecnologias e seus significados**: um estudo da cerâmica dos Asurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica. Tese (Doutorado), Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2000.

SILVA, S. B. DA Lista de atributos para cerâmicas arqueológicas: uma proposta tecnológica. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, 8(2):149-158, 1994-95.

SILVA, T. E. da. Nos limites da Norma: casamentos consanguíneos na Freguesia da Gloriosa Senhora Sant'Ana (séc. XVIII–XIX). **Revista Galo**, n. 5, p. 105–114, 1 maio 2022.

SIMÕES, Iaçanã Costa. **A cerâmica tradicional de Maragogipinho**. 179 f. il. 2016. Dissertação (Mestrado) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador 2016.

SKIBO, J. (2015). Pottery Use-Alteration Analysis. In: Marreiros, J., Gibaja Bao, J., Ferreira Bicho, N. (eds) Use-Wear and Residue Analysis in Archaeology. Manuals in Archaeological Method, Theory and Technique. Springer, Cham.

SOARES, Maria Simone Moraes; FILHA, Maria Berthilde Moura. Expedições e Arraiais nas Ribeiras de Açú, Piranhas, Piancó, Seridó e Jaguaribe em fins do século XVII. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal, 2013.

SOUZA, Hozana Danize Lopes de. **Sítio Culumins: um olhar sobre o sertão do Seridó, séculos XVIII e XIX**. 2021. 121f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2021.

SOUZA, Hozana Danize Lopes de; DUTRA, Maria Eduarda Araújo. Aspectos qualitativos e quantitativos da cerâmica encontrada em áreas de ocupação histórica no sítio arqueológico Santa Clara 02, São Fernando/RN. Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira – Regional Nordeste. Caderno de resumos e programação [recurso eletrônico]. Delmiro Gouveia, AL: SAB NE, 2024. 237p.

SOUZA, Hozana Danize Lopes de; FORMIGA, Pedro Augusto. **Análise das cerâmicas utilitárias encontradas no sítio arqueológico Totoró, Currais Novos/RN**. In: V Jornada Nacional de História dos Sertões - Caicó-RN, 2022. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/anais/jnhs2022/trabalho/252287>>.

SOUZA, Marcos André Torres de. Esencializando la cerámica: Culturas nacionales y prácticas arqueológicas en américa. In: Félix A. Acuto; Andrés Zarankin. (Org.). **Sed non Satiata II: acercamientos Sociales em la arqueologia latino-americana**. 1 ed. Córdoba: Encuentro grupo Editor, 2008, p. 143 -157.

SOUZA, Marcos André Torres de; SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Slave Communities and Pottery Variability in Western Brazil: The Plantations of Chapada dos Guimarães. **Int J Histor Archaeol** (2009) 13:513–548.

SOUZA, Rafael de Abreu E. Globalização, Consumo e Diacronia: Populações Sertanejas sob Ótica Arqueológica. **Vestígios**. V. 9, N. 2, Julho – Dezembro 2015.

SOUZA, Rafael de Abreu e; LOPES, Marcel. Cerâmicas de produção local/regional no contexto colonial espanhol de Santiago de Xerez, Século XVII. **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá, vol. 1, n. 2, jul-dez., 2014 ISSN: 2318-5503.

STARK, Miriam T. Technical Choices and Social Boundaries in Material Culture Patterning: An Introduction. In: The Archaeology of Social Boundaries. **American Antiquity**, v. 64, n. 3, 1999.

STRAUSS, André. Um ensaio sobre a Arqueologia da Paisagem. **Revista Hawò**, v.2, 2021.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. Cerâmicas, identidades escravas e crioulização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **História Unisinos**, Vol. 14 Nº 3 - setembro/dezembro de 2010.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. Práticas econômicas e sociais no sertão cearense no século XIX: um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos. **Revista de Arqueologia**, 21, n.2: 73-96, 2008.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Práticas econômicas e sociais no sertão cearense no século XIX: um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos. **Revista de Arqueologia**, 21, n.2: 73-96, 2008.

TYLLEI, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios**. V. 8, N. 1, Janeiro – junho 2014.

VIDAL, Irma Asón. Projeto arqueológico do Seridó: escavação no sítio Pedra do Chinelo, Parelhas, Rio Grande do Norte, primeiros resultados. **Revista Clio**, n. 15, v. 1, Recife, 2002.

WIESSNER, Polly. **American Antiquity**, Vol. 48, No. 2. (Apr., 1983), pp. 253-276.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista**. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ZUSE, Silvana. **Os Guarani e Redução Jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 2009.

ZUSE, Silvana. **Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira, Rondônia**. 2014. 435 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, São Paulo, 2014.